

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

TAWNNE TEIXEIRA DE ANDRADE NARDI

O império mexica e a província de Tlapa.  
Relações políticas e tributárias nos códices mesoamericanos (1461 - 1521).

Versão corrigida

São Paulo

2019

TAWNNE TEIXEIRA DE ANDRADE NARDI

O império mexica e a província de Tlapa.  
Relações políticas e tributárias nos códices mesoamericanos (1461 - 1521).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas.

Área de concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Natalino dos Santos

Versão corrigida

São Paulo  
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

NN223i Nardi, Tawne Teixeira de Andrade  
i O império mexicana e a província de Tlapa. Relações  
políticas e tributárias nos códices mesoamericanos  
(1461 - 1521) / Tawne Teixeira de Andrade Nardi ;  
orientador Eduardo Natalino dos Santos. - São Paulo,  
2019.  
190 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:  
História Social.

1. História indígena. 2. História pré-hispânica. 3.  
Códices mesoamericanos. 4. Mexicas. 5. Tributos. I.  
Santos, Eduardo Natalino dos, orient. II. Título.



**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

**Nome do (a) aluno (a): Tawne Teixeira de Andrade Nardi**

**Data da defesa: 02/07/2019**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Eduardo Natalino dos Santos**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 16/09/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

## **DEDICATÓRIA**

Ao Centro de Estudos  
Mesoamericanos e Andinos da  
Universidade de São Paulo  
(CEMA/USP), com carinho.

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro que viabilizou a realização desta pesquisa.

À Red de Macrouiversidades, pela concessão do auxílio financeiro que possibilitou a realização de um intercâmbio na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

Ao meu orientador, Eduardo Natalino dos Santos, pelas excelentes aulas que despertaram meu interesse pelos códices mesoamericanos, e por ter confiado no potencial da minha pesquisa. Agradeço imensamente por sua dedicação, pela leitura sempre atenta, pelo rigor, e por estar sempre aberto ao debate de ideias. Seu exemplo continua sendo um constante aprendizado sobre o fazer do historiador.

Aos professores Manuel Hermann Lejarazu e Leila Maria França pela participação na minha banca de qualificação, e às muitas contribuições que deram.

À professora Ana Guadalupe Díaz Álvarez por ter sido minha tutora no México, por sua ajuda, atenção e carinho no processo do meu intercâmbio. Aos também queridos professores mexicanos Emiliano Ricardo Tisoc, que me fez gostar de Arqueologia, e ao professor Leopoldo Valiñas, que me fez aprender tanto sobre a língua nahuatl. Ao professor Federico Navarrete Linares por ter me recebido para conversar sobre minha pesquisa.

Aos professores Gerardo Gutierrez, Ana Guadalupe Díaz Álvarez e Leila Maria França pela participação na minha banca de defesa e suas contribuições.

Aos coordenadores, pesquisadores e colegas do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos (CEMA/USP), que me apoiaram, deram dicas e contribuições, compartilharam bibliografias e análises, pelas reuniões do Grupo de Estudos de Códices Mesoamericanos e Grupo de Estudos de Nahuatl. Esta dissertação não seria possível sem vocês, Charles Bosworth, Eduardo Gorobets, Ana Cristina Vasconcelos, Maria Luísa Vieira, Pedro Paulo Salles, Carla Carbone, Fernanda Bombardi, Wilbert Villca López, entre tantos outros colegas.

À minha mãe, Cláudia Sane, que apoiou meus estudos e escalou uma pirâmide comigo, e ao meu pai, Sérgio Nardi, *in memorian*, que me ensinou o amor aos livros.

Ao meu companheiro, Bruno Alves, pelo carinho, pelos cafés-da-manhã, por ter me motivado, e pelo seu interesse constante na minha pesquisa. *Nimitztlazotla!*

## RESUMO

NARDI, Tawne Teixeira de Andrade. **O império mexica e a província de Tlapa. Relações políticas e tributárias nos códices mesoamericanos (1461 - 1521)**. 2019. (191 p.). Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar um conjunto de fontes mexicas e fontes tlapanecas, com narrativas históricas e registros tributários ameríndios, para compreender as representações produzidas por mexicas e tlapanecas sobre os acontecimentos políticos e econômicos em que se estabeleceram relações de subordinação tributária entre suas elites, vigentes de 1486 a 1521. Assim, iremos contrapor e comparar como essas relações foram representadas por duas unidades que são parte de um mesmo sistema tributário no qual ocupam posições distintas, uma como cabeceira da própria Tríplice Aliança, que é México-Tenochtitlan, e outra que é cabeceira de sua província, que é Tlapa-Tlachinollan. A hipótese inicial é que mexicas e tlapanecas construíram representações históricas diferentes sobre suas relações porque baseavam-se nos interesses de promover narrativas que destacassem o poderio de suas próprias elites. Essa relação de subordinação tributária dos tlapanecas está inserida em uma superestrutura administrativa de império, aplicada pelos mexicas, na qual era importante a manutenção de certa autonomia política das elites locais na condução cotidiana das províncias, de modo a não sobrecarregar o aparato estatal mexica. Dessa maneira, propomos um estudo mais detalhado das relações regionais nesse sistema de dominação, considerando a perspectiva representada por um dos poderios locais que compôs esse império, e destacando o sistema tributário como elemento que direcionava e mantinha essas relações de domínio político e de subordinação a partir da centralização estatal controlada por algumas elites.

Palavras-chave: História indígena. História pré-hispânica. Códices mesoamericanos. Mexicas. Tributos. Tlapanecas.

## ABSTRACT

NARDI, Tawne Teixeira de Andrade. **The Mexica Empire and the Province of Tlapa. Political and tributary relations in the Mesoamerican codices (1461 - 1521)**. 2019. (191 p.). Thesis (M.A.) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

The present study analyses selected mexica and tlapanec sources such as historical narratives and Amerindians tribute records to understand representation made by mexicas and tlapanecs about happenings in which were involved political and economical subordination relationship between their elites from 1486 to 1521. Therefore comparisons and interposition of how those relationships were two parts of one same tributary system playing different roles, one as head of Mexico - Tenochtitlan Triple Alliance and the other as head of its own Tlapa - Tlachninnollan province. The initial hypothesis is that mexicas and tlapanecs built their own hystorical representation because they were interested in promoting narratives that highlighted their own elites. This tlapanec tributary subordination relationship is inserted in an Empire administration superstructure, used by mexicas and important in mantaning they local elite political autonomy in daily province management in order not to overload mexica state apparatus. In such way, it was conducted a more detailed study of their local relationships in the domination system, considered the perspective represented by one of the local power that was a part of the Empire with an emphasis on the tributary system as the factor that direct and kept those relationship public domain and subordination from State centralization controlled by some elites.

**Keywords:** Indigenous history. Prehispanic history. Mesoamerican codices. Mexicas. Tributes. Tlapanecas.

## RESUMEN

NARDI, Tawne Teixeira de Andrade. **El imperio mexicana y la provincia de Tlapa. Relaciones políticas y tributarias en los códices mesoamericanos (1461 - 1521)**. 2019. (191 p.). Tesis (Maestría) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta investigación tiene por objetivo analizar un conjunto de fuentes mexicas y fuentes tlapanecas, con narrativas históricas y registros tributarios amerindios, para comprender las representaciones producidas por mexicas y tlapanecas sobre los acontecimientos políticos y económicos en que se establecieron relaciones de subordinación tributaria entre sus élites, de 1486 a 1521. Así, vamos a contraponer y comparar cómo esas relaciones fueron representadas por dos unidades que son parte de un mismo sistema tributario en el que ocupan posiciones distintas, uno como cabecera de la propia Triple Alianza, que es México-Tenochtitlan, y otro que es cabecera de su provincia, que es Tlapa-Tlachinollan. La hipótesis inicial es que mexicas y tlapanecas construyeron representaciones históricas diferentes sobre sus relaciones porque se basaban en los intereses de promover narrativas que destacaban el poderío de sus propias élites. Esta relación de subordinación tributaria de los tlapanecas se inserta en una superestructura administrativa de imperio, aplicada por los mexicas, en la cual era importante el mantenimiento de cierta autonomía política de las élites locales en la conducción cotidiana de las provincias, de modo a no sobrecargar el aparato estatal mexicana. De esta manera, proponemos un estudio más detallado de las relaciones regionales en ese sistema de dominación, considerando la perspectiva representada por uno de los poderíos locales que compuso ese imperio, y destacando el sistema tributario como elemento que dirigía y mantenía esas relaciones de dominio político y de subordinación desde la centralización estatal controlada por algunas élites.

Palabras-clave: Historia indígena. Historia pre-hispánica. Códices mesoamericanos. Mexicas. Tributos. Tlapanecas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Glifos dos portadores dos anos nos calendários tlapaneca e mexicana .....	53
Figura 2 - Representação no <i>Códice Mendoza</i> da conquista de Tlapa por Tizoc .....	58
Figura 3 - Sentido de leitura geral dos Anversos do <i>Azoyú 1</i> e do <i>Azoyú 2</i> .....	60
Figura 4 - Sentido de leitura do Anverso do <i>Azoyú 1</i> - fólio 19 .....	61
Figura 5 - Sentido de leitura do Anverso do <i>Azoyú 2</i> – fólio 1 .....	62
Figura 6 – Atavios de poder no <i>Códice Mendoza</i> – Ahuizotl - fólio 13r .....	65
Figura 7 - Características dos personagens masculinos nos códices <i>Azoyú</i> .....	66
Figura 8 - Atavios de poder dos governantes no <i>Códice Azoyú 2</i> - Exemplo de personagem com todos os atavios: Senhor Milho - Anverso fólio 9 .....	67
Figura 9 - Atavios de poder dos governantes no <i>Códice Azoyú 1</i> - Exemplo de personagem com todos os atavios: Senhor Chuva - Anverso fólio 5 .....	69
Figura 10 – Comparação dos atavios de poder do Senhor Bandeira-de-penas .....	73
Figura 11 – Comparação dos atavios de poder do Senhor Coelho .....	74
Figura 12 - Comparação dos tipos de banco do <i>Azoyú 1</i> e do <i>Códice Selden</i> .....	77
Figura 13 – Leque vermelho e preto no <i>Códice Bodley</i> – fólio 10 .....	78
Figura 14 - Leques no <i>Códice Azoyú 1</i> e no <i>Códice Fejérváry-Mayer</i> .....	79
Figura 15 - Possíveis representações de sacrifício humano no <i>Códice Azoyú 1</i> .....	87
Figura 16 - Primeiro contato entre tlapanecas e mexicas no <i>Códice Azoyú 1</i> .....	91
Figura 17 - Primeiro contato entre tlapanecas e mexicas no <i>Códice Azoyú 2</i> .....	91
Figura 18 - Comparação dos atavios de poder nas representações do Senhor Chuva .....	96
Figura 19 - Representações da incorporação de Tlapa como província tributária .....	100
Figura 20 - Representação no <i>Códice Mendoza</i> da conquista de Tlapa por Ahuizotl .....	106
Figura 21 - Comparação entre fólio da <i>Matrícula</i> e do <i>Mendoza</i> .....	117
Figura 22 - Numerais <i>pantli</i> e <i>tzontli</i> na <i>Matrícula de tributos</i> - fólio 19 .....	120
Figura 23 - Sentido e esquema de leitura dos registros tributários tlapanecas .....	123
Figura 24 - Possíveis <i>calpixque</i> - Personagens A1F1 e A86F18 .....	128
Figura 25 - <i>Tlalpiloni</i> , tipo de adorno .....	129
Figura 26 - Vintenas em que ocorria entrega de tributos - Coluna B .....	132
Figura 27 - Vintenas Ochpaniztli e Tlacaxipehualiztli no <i>Códice Mendoza</i> - f. 47r .....	133
Figura 28 - Variação I - Linha 3 do <i>Reverso do Azoyú 2</i> f. 8v (fólio 1) .....	149
Figura 29 - Variação II - Linha 7 do <i>Reverso do Azoyú 2</i> f. 9v (fólio 2) .....	149

Figura 30 - Variação III - Linha 23 do <i>Reverso do Azoyú</i> 2 f. 12v (fólio 5) .....	150
Figura 31 - Variação IV - Linha 75 do <i>Humboldt</i> f.1 (fólio 15) .....	151
Figura 32 - Variação V - Linha 99 do <i>Humboldt</i> f. 6 (fólio 20) .....	153
Figura 33 - Variação VI - Linha 103 do <i>Humboldt</i> f. 7 (fólio 21) .....	153
Figura 34 - Variação VII - Linha 115 do <i>Humboldt</i> f. 9 (fólio 23) .....	154
Figura 35 - Variação VIII - Linha 130 do <i>Humboldt</i> f. 12 (fólio 26) .....	156

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Macrorregião da Mesoamérica e suas sub-áreas culturais .....	28
Mapa 2 - Extensão máxima dos domínios da Trílice Aliança .....	38
Mapa 3 - Municípios falantes de tlapaneco no século XXI - Estado de Guerrero .....	43
Mapa 4 - Províncias que tributavam metais preciosos. Fonte: BERDAN, Frances. 1992, Vol. I, p. 78. Título original: Map 13 - Tribute in Precious Metals .....	46
Mapa 5 - Províncias tributárias na região norte e oriental do atual estado de Guerrero .....	105

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de itens tributados em cada entrega (vintena), por variação .....	145
Gráfico 2 - Total de tributos entregues em 1 ano, por variação .....	145
Gráfico 3 - Total de tributos entregues entre 1487 e 1521 - conforme registrado .....	146
Gráfico 4 - Total de tributos entregues entre 1487 e 1521 - com projeção para os anos sem registro .....	147

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Incursões bélicas de Tlapa-Tlachinollan .....	85
Quadro 2 - As conquistas que cada governante mexica teria empreendido, de acordo com a Seção I do <i>Códice Mendoza</i> .....	103
Quadro 3 - Datas em que iniciavam as quatro vintenas da tributação .....	134
Quadro 4 - Itens tributados por Tlapa: comparação entre quantidades e periodicidade registradas na <i>Matrícula de tributos</i> e no <i>Códice Mendoza</i> .....	137
Quadro 5 - Variações de tributação nas fontes tlapanecas .....	140
Quadro 6 - Sistematização dos registros tributários tlapanecas .....	183
Quadro 7 - Toponímia no <i>Códice Azoyú 1</i> .....	187
Quadro 8 - Toponímia no <i>Códice Azoyú 2</i> e Humboldt Fragmento 1 .....	190

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADEVA Akademische Druck- u. Verlagsanstalt Graz

CIESAS Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social

CONACULTA Consejo Nacional para la Cultural y las Artes (México)

FAMSI Foundation for the Advancement of Mesoamerican Studies, Inc

FCE Fondo de Cultura Económica (México)

FFLCH Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)

IIA Instituto de Investigaciones Antropológicas (UNAM)

IIH Instituto de Investigaciones Históricas (UNAM)

INAH Instituto Nacional de Antropología e Historia (México)

INEGI Instituto Nacional de Estadística y Geografía (México)

MNA Museo Nacional de Antropología (México)

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

UNAM Universidad Nacional Autónoma de México

USP Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 MESOAMÉRICA, MEXICAS E TLAPANECAS</b> .....	25
1.1 <i>Mesoamérica: características e histórico</i> .....	25
1.2 <i>Os mexicas e a língua nahuatl</i> .....	29
1.3 <i>Formas de organização econômica e política: calpulli e altepetl, macehualtin e pipiltin</i> .....	32
1.4 <i>O tlatoani e o conceito de Tríplice Aliança</i> .....	36
1.5 <i>O senhorio de Tlapa-Tlachinollan na região tlapaneca-mixteca-nahua</i> .....	40
1.6 <i>Os códices e o sistema pictoglífico</i> .....	47
1.7 <i>O sistema calendário</i> .....	51
<b>2 RELAÇÕES POLÍTICAS ENTRE TLAPANECAS E MEXICAS</b> .....	55
2.1 <i>Características e estruturação da Seção I do Códice Mendoza</i> .....	56
2.2 <i>Características e estruturação dos Códices Azoyú 1 e Azoyú 2</i> .....	58
2.3 <i>Representações de poder nos códices</i> .....	63
2.3.1 <i>Atavios de poder no Códice Mendoza e nos códices Azoyú</i> .....	64
2.3.2 <i>Variações dos atavios de poder pré-hispânicos e coloniais nos códices</i> <i>Azoyú</i> .....	72
2.3.3 <i>Comparação com atavios de poder nos códices mixtecas</i> .....	75
2.3.4 <i>Concepções de poder político entre os tlapanecas</i> .....	80
2.4 <i>Tlapa: um senhorio expansionista</i> .....	83
2.5 <i>As representações tlapanecas do primeiro contato com os mexicas</i> .....	89
2.5.1 <i>Os atavios de poder do Senhor Chuva no encontro com o emissário mexica</i> .....	95
2.6 <i>As representações tlapanecas de eventos relacionados ao início da tributação</i> .....	99
2.7 <i>A expansão mexica e o contato com Tlapa representada no Códice Mendoza</i> .....	102

<b>3 RELAÇÕES TRIBUTÁRIAS ENTRE MEXICAS E TLAPANECAS .....</b>	<b>110</b>
3.1 <i>Itens tributados, segundo as fontes mexicas .....</i>	112
3.2 <i>Registros tributários mexicas: características, formato e sentido de leitura .....</i>	115
3.3 <i>Registros tributários tlapanecas: características, formato e sentido de leitura .....</i>	121
3.4 <i>Os calpixque .....</i>	125
3.5 <i>A periodicidade da tributação nas fontes mexicas e tlapanecas .....</i>	130
3.5.1 <i>As vintenenas do calendário e a entrega dos tributos .....</i>	130
3.5.2 <i>A periodicidade da tributação nas fontes mexicas .....</i>	136
3.6 <i>Tributação de Tlapa de ouro e mantas .....</i>	139
3.7 <i>Os aumentos na tributação .....</i>	144
3.7.1 <i>Primeiras tributações: governo do Senhor Serpente-de-turquesa .....</i>	147
<i>Varição I e aumentos das variações II e III .....</i>	148
3.7.2 <i>Aumentos de tributação no governo do Senhor Milho .....</i>	151
<i>Aumento da variação III para IV .....</i>	151
<i>Aumentos das variações V, VI e VII .....</i>	152
3.7.3 <i>Tributação no governo do senhor Fogo .....</i>	155
<i>Aumento da variação VII para VIII .....</i>	156
3.8 <i>O conceito de império .....</i>	158
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>168</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>171</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>APÊNDICE A - Glossário de nahuatl .....</b>	<b>177</b>
<b>APÊNDICE B - Transcrição dos registros tributários tlapanecas .....</b>	<b>183</b>
<b>APÊNDICE C - Toponímia nos códices tlapanecas .....</b>	<b>188</b>

## INTRODUÇÃO

Nos atuais territórios do México e partes de alguns países da América Central, no período denominado pré-hispânico, habitaram centenas de povos indígenas que desenvolveram modos de vida, organização política e certas características culturais em comum, em constantes relações de interação entre si, configurando o que a partir do século XX os pesquisadores passaram a denominar de Mesoamérica<sup>1</sup>, uma macrorregião cultural cujos estudos especializados têm crescido nas últimas décadas. Possivelmente um dos povos mesoamericanos mais popularmente conhecidos são os chamados astecas, uma forma de referir-se aos mexicas<sup>2</sup>, que tinham a cidade de México-Tenochtitlán como sua cabeceira e que constituíam um império na região do Altiplano Central do México no período em que os espanhóis chegaram em 1519, e que foram rapidamente visados pelos invasores que desejavam tomar esses domínios.

No entanto, esse domínio mexica baseado no estabelecimento de uma rede tributária era ainda recente, tendo se iniciado cerca de um século antes da chegada dos espanhóis, e continuava em expansão, e seu poder político não era controlado apenas pelos mexicas, mas em aliança com duas outras cidades, Texcoco e Tlacopan, chamada pelos pesquisadores de Tríplice Aliança. De modo que, cada região inserida nessa rede tributária possuía dinâmicas políticas próprias, com diversos grupos étnicos e linguísticos, organizados em centenas de núcleos urbanos com suas respectivas elites locais que estabeleciam relações econômicas, culturais e políticas, acordos e conflitos, guerras e alianças entre si. Um dos senhorios locais incorporados ao sistema tributário mexica no final do século XV foi o dos

---

<sup>1</sup> O conceito de Mesoamérica, formulado por Paul Kirchhoff nos anos 1940, surgiu para delimitar a partir de características culturais o modo de vida adotado por diversos povos pré-hispânicos que habitaram regiões que hoje correspondem ao Altiplano Central do México, a Península de Yucatan, Belize, Guatemala, El Salvador, e à parte ocidental de Honduras, Nicarágua e Costa Rica. Outros historiadores passaram a identificar-se como mesoamericanistas e ampliaram o espectro de características sociais e econômicas para estudar povos tão diferentes quanto olmecas, teotihuacanos, nahuas e maias.

<sup>2</sup> As narrativas mexicas sobre sua própria origem contam sobre um processo migratório de uma cidade chamada Aztlan, por isso o nome popular desse povo é asteca. A identidade mexica se afirma com a fundação de uma cidade própria, México-Tenochtitlan. Optamos por usar apenas o termo mexica, alguns autores, como Pedro Carrasco preferem usar o termo tenochca, para não confundir com os mexicas de México-Tlatelolco, chamados de mexica-tlatelolcas ou tlatelolcas. REYES GARCÍA; ODENA GÜEMES. La zona del Altiplano Central en el Posclásico: la etapa chichimeca. In: MANZANILLA; LÓPEZ LUJÁN, 2001, vol. III, pp. 237–276.

tlapanecas, cuja cabeceira Tlapa-Tlachinollan<sup>3</sup> vinha desenvolvendo sua própria expansão regional no que corresponde à atual região oriental do estado de Guerrero no México.

Por meio da análise de um conjunto de fontes mexicas e um conjunto de fontes tlapanecas produzidas por suas respectivas elites, bem como da produção historiográfica, pesquisamos as narrativas históricas e os registros tributários ameríndios que abordam relações políticas e tributárias entre México-Tenochtitlan e a província de Tlapa-Tlachinollan, desde os primeiros contatos entre suas elites em meados do século XV, enfatizando o período entre 1486 e 1521 em que Tlapa-Tlachinollan foi incorporada como cabeceira de uma província tributária, até a chegada espanhola que em 1521 desestrutura essas relações.

Assim, esta pesquisa tem por objetivo analisar as representações e narrativas históricas produzidas por mexicas e tlapanecas sobre os acontecimentos políticos e econômicos em que se estabeleceram relações de subordinação tributária entre suas elites, para compreender a perspectiva que cada elite construiu no período colonial sobre sua própria história no período pré-hispânico. Para isso, analisaremos as representações de poder nos códices tlapanecas e nos códices mexicas, para compreender as concepções de poder ali expressas, e as representações das relações políticas entre mexicas e tlapanecas. Bem como, analisaremos as representações das relações tributárias para compreender a dinâmica desse processo, registrado ao longo de 35 anos pelos tlapanecas.

O conjunto de nossas análises tem por objetivo compreender como foram representadas as dinâmicas das relações entre a cabeceira mexicana e a cabeceira regional tlapaneca para colocar tais análises em contato com o debate sobre os modos de organização sócio-política desses grupos, especialmente com o conceito de império. Neste trabalho, utilizaremos o termo império para nos referir ao modo como o aparato de Estado dos mexicas desenvolveu suas relações com os grupos dominados, considerando que esse domínio se estabelecia principalmente pela via da conquista bélica com o objetivo de incorporar outros lugares ao sistema tributário dos mexicas. Assim, o estudo do caso dos tlapanecas nos permite compreender que as relações com cada grupo dominado poderiam se dar de maneiras próprias, apresentando suas particularidades, demonstrando certa flexibilidade no tipo de domínio estabelecido pelos mexicas.

---

<sup>3</sup> Tlapa-Tlachinollan é o nome tanto da cidade quanto da província, cuja cabeceira originalmente seria dividida em dois núcleos urbanos, Tlapa e Tlachinollan, posteriormente unificada sob o controle de uma mesma elite. Por isso, podemos encontrar o uso somente do termo Tlapa ou somente do termo Tlachinollan para se referir a essa cidade. São comuns também as seguintes grafias para referir-se a Tlapa: Tlappan, Tlapan, Tlahupan, Tlahupa. A cidade atual correspondente é Tlapa de Comonfort no estado de Guerrero.

Consideramos que o sistema tributário era um dos elementos que estabelecia e mantinha, entre mexicas e tlapanecas, certas relações de hierarquização social, definição de divisão do trabalho, produção econômica e hierarquização política, e para entender quais as representações dessas relações estabelecidas entre México-Tenochtitlan e Tlapa-Tlachinollan, analisaremos um conjunto de fontes em que estão presentes relações entre mexicas e tlapanecas, que são abordadas sob a perspectiva histórica, política e/ou tributária. Entre nossos objetivos está contrapor e comparar como essas relações foram representadas por duas unidades que são parte de um mesmo sistema tributário no qual ocupam posições distintas, uma como cabeceira da própria Tríplice Aliança, que é México-Tenochtitlan, e outra que é cabeceira de sua província, que é Tlapa-Tlachinollan.

Destacamos que os registros tributários de Tlapa contidos no *Códice Azoyú 2* e *Humboldt Fragmento 1* constituem uma excepcionalidade nos registros sobre o sistema tributário pré-hispânico por fornecerem um ponto de vista de um grupo subordinado aos mexicas, já que infelizmente não sobreviveram ou não foram produzidos documentos de caráter semelhante por outras províncias tributárias, contribuindo para uma compreensão mais delimitada das relações regionais a partir do caso de uma cabeceira de província com a cabeceira mexicana.

Partindo desses elementos, entendemos que os problemas que surgem da análise comparativa das narrativas históricas e registros tributários de fontes mexicas e tlapanecas permitem uma abordagem desse sistema de império com um recorte mais regionalizado proporcionado pela perspectiva representada de um dos senhorios locais que compôs essa rede tributária, pois consideramos que as relações políticas entre a elite mexicana e a elite tlapaneca têm o sistema tributário como fator de coesão e de tensão.

Nossas análises partiram da hipótese inicial de que mexicas e tlapanecas construíram representações históricas diferentes sobre suas relações por basearem-se nos interesses de promover narrativas que destacassem o poderio de suas próprias elites, não simplesmente por serem produzidas por grupos distintos, mas porque no período colonial era importante para as elites indígenas buscarem, perante os espanhóis, legitimar o seu poder político para manterem privilégios. De maneira que, os códices coloniais produzidos por essas elites construíam narrativas históricas sobre seu passado que reafirmavam o poder que detinham no período pré-hispânico.

Considerando os indícios, nesta e em outras pesquisas, de que a expansão do sistema tributário mexicano teria utilizado como um potencializador desse processo o método de

incorporar e absorver senhorios com redes tributárias locais já estabelecidas<sup>4</sup>, a análise das fontes sugere a hipótese de que nesse sistema de relações políticas, poderia ser útil para os mexicas a manutenção e o fortalecimento do poderio tlapaneca, desde que limitado ao âmbito regional, como um dos mecanismos que permitia a expansão da influência mexica indiretamente sobre uma série de cidades<sup>5</sup>. Pois a relação de subordinação tributária dos tlapanecas estava inserida em uma superestrutura administrativa de império, aplicada pelos mexicas, na qual era importante a manutenção de certa autonomia política das elites locais na condução cotidiana das províncias, de modo a não sobrecarregar o aparato estatal mexica.

O uso de um sistema de escrita é uma das características da macrorregião mesoamericana, e no período pré-hispânico além de registros em pedra, como relevos, e pinturas murais, havia também o uso de longas tiras de papel ou pele de animais para escrever, esses documentos são chamados de códices mesoamericanos, e são escritos produzidos pelas elites ameríndias que podem apresentar diferentes características com relação ao material e estilo, de acordo com a época e os agentes de sua produção, tema que abordaremos no primeiro capítulo. No período colonial, apesar de muitos dos escritos pré-hispânicos terem sido destruídos pelos castelhanos, houve ainda uma grande produção de novos códices, alguns adotando suportes em formato de livro, e outras influências, como o uso da escrita alfabética, seja acrescentando legendas aos escritos pictográficos, ou mesmo escritos nas línguas indígenas, como o nahuatl falado pelos mexicas, grafadas com o alfabeto latino.

A produção e o controle social dos códices se relacionam aos usos políticos e religiosos pelos membros dominantes dessa sociedade<sup>6</sup>, de modo que os códices que analisamos registram as narrativas históricas, as relações tributárias e as relações políticas entre mexicas e tlapanecas, produzidos por suas respectivas elites, trazendo o debate das possíveis motivações políticas e econômicas para que as elites mexica e tlapaneca tenham produzido representações distintas sobre as relações entre si. Em função dessa comparação

---

<sup>4</sup> GUTIERREZ. Negotiating Aztec Tributary Demands in the Tribute Record of Tlapa. In: HIRTH; PILLSBURY (eds.), 2013, pp. 141 - 168.

<sup>5</sup> "In dealing with important but less powerful altepetl, the Aztecs tended to establish good relationships with local authorities (e.g., gift giving, attendance at imperial celebrations) and to encourage their cooperation with a slighter Aztec presence (perhaps a tax collector or small garrison). Finally, they did not engage themselves in the smallest altepetl: it was not necessary because they were already controlled by bigger altepetl. This mechanism allowed the Aztecs to maintain a firm control of the outer territory at a minimal expense. Imperial impact on the local area was low, but control was maintained." SMITH; SERGHERAERT. The Aztec Empire. In: NICHOLS; POOL (ed.), 2012, p. 457.

<sup>6</sup> LÉON-PORTILLA, 2012, p. 226.

entre as narrativas de cada unidade política, organizamos nosso conjunto de fontes em um grupo de fontes mexicas e um grupo de fontes tlapanecas, para que possamos contrastar os registros mexicas e os registros tlapanecas sobre seus governantes, suas conquistas militares, e os tributos, recebidos de um lado, e entregues pelo outro.

Compondo o conjunto de fontes mexicas, analisamos o *Códice Mendoza*, que possui três seções, sendo a Seção I de conteúdo histórico-política, em que estão representadas as conquistas dos governantes mexicas do período pré-hispânico; a Seção II uma lista de províncias e os tributos que entregavam aos mexicas, e a Seção III sobre o modo de vida dos mexicas. Nossas análises estão centradas na Seção I onde aparece a conquista de Tlapa pelos mexicas, que abordaremos no capítulo 2, e na Seção II, que registra os tributos da província de Tlapa, que abordaremos no capítulo 3. Outro códice de origem mexica que utilizamos é a *Matrícula de tributos*, que registra informações sobre a tributação com um estilo e conteúdos semelhantes à Seção II do *Códice Mendoza*, mas com algumas variações nas quantidades e frequência das entregas dos tributos.

As fontes que registram as relações políticas e tributárias da perspectiva da elite tlapaneca são o *Códice Azoyú 1*, o *Códice Azoyú 2* e o *Humboldt Fragmento 1*. Os dois códices *Azoyú* possuem narrativas históricas da elite tlapaneca possibilitando comparar as semelhanças e diferenças nessas narrativas; o *Azoyú 1* abarca o período entre o ano 1300 e 1565, e o *Azoyú 2* abarca o período entre 1429 e 1565, assim ambos terminaram de ser confeccionados no período colonial<sup>7</sup>. Uma das seções do *Azoyú 2* e o *Humboldt* possuem registros predominantemente tributários, com anotações históricas, e são por isso nosso ponto de partida nas análises dos demais documentos tlapanecas. Em algumas análises utilizamos ainda o *Lienzo de Tlapa* que contém uma listagem dos governantes tlapanecas e suas esposas.

Considerando que entre os códices *Azoyú 1* e *Azoyú 2* há diferenças nas representações dos atavios de poder dos governantes tlapanecas, as análises das representações dos atavios de poder de mexicas e de tlapanecas nos levaram ao debate das concepções de poder e de legitimação do poder entre os grupos estudados. Ao fazermos essas análises, no capítulo 2, desenvolvemos a hipótese de que a elite tlapaneca tinha uma capacidade de incorporar, ao menos nas representações, os mesmos objetos que legitimavam o poder político de outros grupos mais poderosos, e também que havia uma intrincada relação em que o poder político dos governantes era legitimado pelo seu poder religioso. Ainda no

---

<sup>7</sup> Um mesmo códice poderia ser confeccionado ao longo de muito tempo, tendo novas seções adicionadas, as alterações de estilo ao longo dos códices também indicam as várias pessoas que podem tê-lo confeccionado.

capítulo 2, analisaremos as representações das relações entre mexicas e tlapanecas, em que as fontes tlapanecas registram um evento de caráter diplomático ausente nas fontes mexicas, possibilitando compararmos duas perspectivas históricas que narram os eventos de formas diferentes, em que não seria relevante para a construção da história dos mexicas, produzida no período colonial, incorporar o registro de suas relações com as províncias com um caráter mais diplomático do que belicoso.

Considerando que, nos códices tlapanecas, a sequência entre o *Azoyú 2* e o *Humboldt Fragmento 1* registra um incremento quantitativo e qualitativo na cobrança de tributos, analisaremos quais as situações em que há alterações na tributação e como estão associadas a eventos nas narrativas históricas. Dessa maneira, pretendemos entender como a elite tlapaneca representou suas relações com a elite mexica, e como a elite mexica representou essas mesmas relações, visualizando personagens e/ou grupos sociais considerados atuantes, os acontecimentos destacados em cada perspectiva, a estruturação dessas narrativas, bem como, os registros em que aparecem situações em que estão sendo estabelecidas essas relações de subordinação econômica. A partir disso, no capítulo 3, desenvolveremos e verificaremos como se aplica nossa hipótese inicial de que a manutenção da autonomia na província tlapaneca, com um processo contínuo de expansão de seus domínios locais, era um dos mecanismos que permitia indiretamente a expansão do sistema tributário mexica, sem demandar que os próprios mexicas assumissem o controle da província.

Destacamos que ambos os grupos de fontes são compostos por códices produzidos no século XVI, durante o período colonial, ainda que em momentos distintos, mas que abordam a tributação feita no período pré-hispânico. Estima-se que a *Matrícula de tributos* teria sido produzida entre 1530-1540, e o *Códice Mendoza* entre 1540 e 1542; enquanto os códices *Azoyú* terminaram de ser escritos por volta de 1565. Ou seja, cada uma dessas fontes está inserida em um contexto específico em que as elites locais estavam em contato e estabelecendo relações políticas com os espanhóis, e que influenciaram tanto a forma quanto os conteúdos desses códices, inclusive no sentido de reafirmar e legitimar o poderio indígena do período pré-hispânico frente aos espanhóis.

Não temos como afirmar categoricamente se havia registros sistemáticos dos tributos no período pré-hispânico, porém, há relatos em fontes coloniais de que as elites mantinham esse controle por escrito<sup>8</sup>; além disso, consideramos que a produção colonial de

---

<sup>8</sup> BERDAN, 1992, vol. I, p. 64.

códices foi muito apoiada na memória e conhecimento indígenas e, por vezes, em códices pré-hispânicos, que ainda eram acessíveis, no início do século XVI, o que torna as fontes selecionadas um caminho possível para conhecermos algo do funcionamento tributário pré-hispânico<sup>9</sup>.

Os estudos historiográficos sobre o sistema tributário mexica vêm sendo realizados nas últimas décadas partindo principalmente de um conjunto de fontes mexicas composto pelo *Códice Mendoza* e a *Matrícula de tributos*, fontes que abordam a tributação no período pré-hispânico, mas que apresentam uma perspectiva generalizante e enfatizam o próprio poderio mexica, não possibilitando analisarmos as especificidades de cada província que compunha esse sistema.

Particularmente nas duas últimas décadas, a região oriental do atual estado de Guerrero, no México, tem começado a ganhar novos estudos historiográficos e arqueológicos sobre o que teria sido o senhorio tlapaneca a partir de um conjunto de fontes locais, que também abordam o sistema tributário, sendo a mais recente e extensa a produção de Gerardo Gutierrez, que além dos estudos sobre os códices tlapanecas, tem coordenado escavações arqueológicas na região, e promovendo estudos sobre o desenvolvimento do Estado no período pré-hispânico, propondo que tlapanecas, ainda que em constante contato com nahuas e mixtecas, tiveram um desenvolvimento político e regional autônomo<sup>10</sup>, referindo-se por isso a essa região como tlapaneca-mixteca-nahua, aspecto que abordaremos no capítulo 1.

Assim, no capítulo 1, apresentaremos o conceito de Mesoamérica, e algumas características da organização política e econômica de mexicas e de tlapanecas, por um lado mostrando a que nos referimos quando tratamos de uma macrorregião chamada Mesoamérica e, por outro lado, destacando que essas características em comum possuem desdobramentos diferentes em cada sub-região, de modo a delinear os domínios dos mexicas e localizarmos como e onde o senhorio tlapaneca se insere nele. Nesse primeiro capítulo também apresentaremos algumas características da sociedade mexica, explicando alguns conceitos em nahuatl utilizados para explicar a organização social e o poder político, apresentando o conceito de Tríplice Aliança, e o caráter do poder político na província tlapaneca, aqui entendido como um senhorio. Também apresentaremos o sistema de escrita pictográfica e o sistema calendário utilizados por mexicas e tlapanecas.

No capítulo 2, analisaremos as representações de poder nos códices tlapanecas e mexicas, e como foram representadas as relações entre estes dois grupos. Assim, analisaremos

---

<sup>9</sup> NAVARRETE LINARES, Federico. *Los libros quemados y los libros sustituidos*.

<sup>10</sup> GUTIERREZ, 2006, pp. 131-139.

os registros dos processos de expansão bélica, tanto de tlapanecas quanto de mexicas, e as representações dos atavios de poder associados aos governantes; com essas análises, temos por objetivo compreender as concepções de poder expressas nas narrativas históricas construídas pelas elites tlapaneca e mexica. Para isso, o capítulo 2, está organizado da seguinte maneira: dois tópicos para apresentar as características gerais das fontes com narrativas históricas que serão analisadas no capítulo. Os demais tópicos possuem caráter mais analítico e estão dedicados aos seguintes temas: as representações de poder nos códices mexicas e tlapanecas, e como compreendemos as concepções de poder neles expressas, as representações dos processos de expansão bélica dos mexicas e dos tlapanecas, as representações do primeiro contato entre tlapanecas e mexicas e, depois, da conquista de Tlapa pelos mexicas. Assim, abordaremos como foram representadas as relações entre mexicas e tlapanecas que teriam ocorrido antes de Tlapa-Tlachinollan ser incorporada como província tributária, ou seja, antes de 1486, e o seu processo de incorporação, contrastando as perspectivas sobre como se estabeleceram as primeiras relações entre os dois grupos políticos.

No capítulo 3, temos por objetivo analisar os registros tributários para compreender como este se insere e qual seu papel no sistema de império aplicado pelos mexicas. Assim, neste capítulo, abordaremos os primeiros resultados das análises comparativas entre o que mexicas e tlapanecas registram que receberam e que entregaram, enfatizando os dados registrados com relação à periodicidade da tributação, e das quantidades e tipos de tributos, e os momentos em que ocorreram alterações na tributação. Em seguida, a partir do levantamento dos eventos associados nos registros tlapanecas aos aumentos de tributos, analisaremos os eventos históricos narrados por mexicas e tlapanecas para o intervalo entre 1486 e 1521, relacionando os processos de expansão da rede tributária mexica e de expansão dos próprios tlapanecas. Dessa maneira, o capítulo 3 irá articular os elementos das nossas análises e conclusões com o debate sobre o conceito de império.

## 1 MESOAMÉRICA, MEXICAS E TLAPANECAS

Este primeiro capítulo tem o objetivo de introduzir os temas que serão abordados ao longo da pesquisa. Assim, iniciamos com um debate sobre o conceito de Mesoamérica, macrorregião onde se encontram mexicas e tlapanecas, para em seguida apresentar algumas características do modo de vida de mexicas e de tlapanecas. Neste capítulo, introduziremos alguns dos conceitos da vida social e política dos mexicas, e o conceito da Tríplice Aliança, bem como sobre o poder político na província tlapaneca. Por fim, apresentaremos o sistema de escrita pictográfica e o sistema calendário adotados por mexicas e tlapanecas.

### *1.1 Mesoamérica: características e histórico*

Neste primeiro tópico, abordaremos o conceito de Mesoamérica, macrorregião onde se inserem tanto mexicas quanto tlapanecas; em seguida, apresentaremos um breve histórico das distintas sociedades que ali se desenvolveram ao longo do tempo. O surgimento das características comuns que nos permitem traçar a macrorregião cultural chamada Mesoamérica remonta ao segundo milênio antes de Cristo.

Um dos primeiros autores a definir o conceito de Mesoamérica foi Paul Kirchhoff, nos anos 1940, que listava uma série de características sociais e culturais em comum para delimitar essa macrorregião, como: tipos de alimento que são base de sua dieta, como o milho, suas técnicas de cultivo, tipos de vestimenta, técnicas arquitetônicas, uso da escrita, uso de um mesmo sistema calendário, certas práticas esportivas em comum, certas práticas rituais em comum, certas crenças em deidades e compreensão de mundo e cosmos (cosmovisão), presença de mercados, de ordens militares e a existência de guerras para conseguir vítimas de sacrifício.

Muitos autores desde então têm debatido este conceito, apresentando outras propostas de delimitação da macrorregião baseadas em outros critérios. Aqui utilizaremos o conceito de Mesoamérica nos baseando nos critérios apresentados por Williams e Weigand, que colocam que

La principal estructura (aunque no fue la única) por la que se mantuvo cohesionada la antigua Mesoamérica fue el comercio, el intercambio y el tributo de recursos escasos tanto básicos como de lujo. Tanto el carácter como la intensidad de estas relaciones son lo que define una ecúmene, no los aspectos específicos de organización cultural o social. Si bien estos aspectos son fundamentales para entender cada componente, o civilización, dentro de

la ecúmene, esta última se define por la urdimbre que da cohesión a los distintos componentes.<sup>11</sup>

Tendo definido o conceito de Mesoamérica, tal como o utilizamos, neste trabalho, passaremos a um breve histórico, utilizando a divisão da história dessa macrorregião em três períodos: Pré-clássico, Clássico e Pós-clássico. O período Pré-clássico seria entre 1500 a.C. e 200 a.C., quando surgem os primeiros núcleos urbanos e construções monumentais entre os olmecas, nos atuais estados mexicanos de Veracruz e Tabasco, com centros cerimoniais como San Lorenzo, Três Zapotes e La Venta, e na região zapoteca, no atual estado de Oaxaca, como San José Mogote, onde surge a primeira estrutura de tipo templo piramidal em 1350 a.C.<sup>12</sup>.

Assim, por toda a Mesoamérica, durante o Pré-clássico, ocorrem processos de maior concentração populacional, com uso da agricultura intensiva com desenvolvimento de técnicas de irrigação, particularmente com a domesticação do milho; e nos vestígios arqueológicos, é possível perceber que surge a diferenciação nas habitações e enterros, indicando hierarquização social<sup>13</sup>, além dos primeiros registros escritos, como as estelas olmecas de pedra, que datam de 600-500 a.C..

O período Clássico, entre 200 a.C. e 1000 d.C., teria sido marcado por alguns grandes núcleos urbanos e políticos, como Monte Albán, localizada no atual estado de Oaxaca; essa cidade em seu apogeu, entre 200 a.C. e 250 d.C., chegou a cerca de 1 km<sup>2</sup>, com 57 residências de elite e 3.000 residências de população comum, o que poderia totalizar algo em torno de 15.000 habitantes; além da produção de centenas de inscrições em estelas e construções de pedra.

O maior centro cerimonial e urbano do período Clássico foi Teotihuacan<sup>14</sup>, que começou a ser construída por volta de 200 a.C. e cresceu do século II d.C. em diante, chegando a cerca de 20 km<sup>2</sup>, com dois mil complexos, e que pode ter chegado a 100 mil habitantes. Essa cidade possuía abastecimento de água, construções administrativas e públicas, com distinção entre setores públicos e setores residenciais, onde também é possível ver a separação social entre as residências de elite e as residências da população comum, mais

---

<sup>11</sup> WILLIAMS; WEIGAND. Introducción. In: WILLIAMS (ed.), 2004, p. 16.

<sup>12</sup> ROMERO FRIZZI. Los zapotecos, la escritura y la historia. In: ROMERO FRIZZI (ed.), 2003, pp. 13-69. e WIESHEU. La zona oaxaqueña en el Preclásico. In: MANZANILLA; LÓPEZ LUJÁN, 2000, vol. I, pp. 407-425.

<sup>13</sup> Neste trabalho entendemos hierarquia social conforme Fenoglio, como uma relação "(...) que está dada por el acceso diferencial a los recursos tanto naturales como intelectuales." FENOGLIO, 2011, p. 19.

<sup>14</sup> Teotihuacan é um nome em nahuatl que significa "lugar onde se faz(em) os deuses". No período Pós-clássico essa cidade continuou tendo importância para outros povos que chegaram a utilizá-la como centro cerimonial e empreender procissões até lá.

periféricas e divididas em bairros por tipo de ofício, mostrando uma produção especializada, e um padrão de urbanização baseado em certa combinação entre etnia e ofício.

Apesar de Teotihuacan ser muito conhecida atualmente como atração turística, em que várias das suas pirâmides no sítio arqueológico foram reconstruídas e podem ser visitadas, sabemos muito pouco sobre os teotihuacanos, e faz parte do debate entre pesquisadores qual o tipo e alcance da influência que essa cidade potencialmente exerceu por toda a Mesoamérica. Por enquanto, o que os vestígios arqueológicos permitem afirmar é que havia troca e circulação de objetos entre Teotihuacan e centenas de outras cidades menores, chegando até a região maia<sup>15</sup>, e o que ainda vem sendo levantado é a possibilidade de que Teotihuacan fosse a capital de um império que estendesse uma rede tributária por meio de domínio militar<sup>16</sup>.

Ainda que as possibilidades dos motivos que levaram à queda de Teotihuacan, como grande centro do período Clássico, continuem em aberto, seu abandono por volta de 650 d.C. não significa o desaparecimento da população, mas sua migração e reconfiguração de novos núcleos populacionais, o que significa também reconfiguração de relações políticas, surgimento de novas disputas e ascensão de outros grupos como hegemônicos. O fim da hegemonia de Teotihuacan geralmente é usado para delimitar essa transição para o período Pós-clássico<sup>17</sup>, que seria do ano 1000 a 1521; de modo que, até a ascensão dos mexicas no século XV nenhum outro povo teria expandido seus domínios com tanto alcance quanto Teotihuacan.

Desse modo, o período Pós-clássico foi marcado entre o século X e XIV pela fragmentação em dezenas de poderios políticos de pequeno e médio alcance<sup>18</sup>, e centenas de núcleos populacionais, geralmente com uma variação entre 1.000 e 30.000 habitantes. De modo que, no início do século XIV, no caso do centro do México, a principal cabeceira era a cidade de Azcapotzalco, localizada no entorno do lago Texcoco, cuja hegemonia seria suplantada em 1428 pelos mexicas. E com isso, entre 1428 e 1521, os mexicas alcançaram um

---

<sup>15</sup> Há um interessante debate entre os pesquisadores sobre qual o caráter do expansionismo e tipo de influência que Teotihuacan exercia. Alguns autores, como Nigel Davies defendem que trata-se de intercâmbios comerciais e não de um domínio necessariamente político, outros autores, como Karl Taube, defendem que trata-se de uma expansão com caráter militar e de tipo imperial.

<sup>16</sup> TAUBE. Teotihuacan and the development of writing in Early Classic Central Mexico. In: HILL BOONE; URTON (eds.), 2011, pp. 77-109.

<sup>17</sup> Alguns autores propõem periodizações intermediárias, por exemplo, do período Epi-clássico (clássico tardio), entre 650 e 1000 d.C., portanto entre o Clássico e o Pós-clássico.

<sup>18</sup> “Estas unidades político-territoriales poseían diversos grados de centralización y estaban gobernadas por linajes dinásticos que competían entre ellos por el control político de personas y tierras.” GUTIERREZ, 2014, p. 20.

domínio que se estendia a algo entre um terço e um quarto dos territórios da Mesoamérica, com a presença de alguns senhorios independentes entre seus territórios<sup>19</sup>, e chegaram a construir uma cidade, México-Tenochtitlan, que se tornou o maior centro populacional da Mesoamérica no século XV, quando pode ter atingido cerca de 300 mil habitantes<sup>20</sup>.

Mapa 1 - Macrorregião da Mesoamérica e suas sub-áreas culturais<sup>21</sup>



Macrorregião da Mesoamérica e suas sub-áreas culturais

	Limites da área cultural mesoamericana		Ocidente - Michoacán - tarascos, purepechas
	Aridoamérica - chichimecas, zacatecas, pames		Oaxaca - mixtecas, mixes, zapotecas
	Oasisamérica		Costa do Golfo - Veracruz - huastecas
	Altiplano Central - mexicas e tlaxcaltecas		Península de Yucatán e Costa Sul - maias
	Guerrero - tlapanecas, yopes, mixtecas, nahuas		Centroamérica

<sup>19</sup> Metztlán, Tlaxcala, Yopitzinco, e Teotitlán são alguns exemplos de senhorios independentes.

<sup>20</sup> Os dados do tamanho da população mexicana variam bastante entre os pesquisadores, com estimativas mais altas chegando a 1 milhão de habitantes, e estimativas mais cautelosas apontando 120 mil habitantes. A quantidade de 300 mil habitantes parte de uma análise da existência de 60 mil núcleos residenciais e uma projeção de ao menos 5 habitantes por núcleo residencial, conforme Rojas. ROJAS. El abastecimiento de Tenochtitlan: un modelo probablemente poco modélico. In: *Reconstruyendo la ciudad maya: el urbanismo en las sociedades antiguas*. 2001.

<sup>21</sup> Mapa elaborado pela autora em 2017. Na legenda desse mapa há uma indicação das atuais divisões geopolíticas de alguns estados do México para facilitar a localização e, ao lado, são citados alguns dos grupos que habitavam a região indicada no período Pós-Clássico, porém nem todos os grupos mencionados são objeto desta pesquisa.

Por sua vez, a cidade de Tlapa-Tlachinollan, no oriente do atual estado de Guerrero, vinha desenvolvendo seu próprio processo de expansão e domínio na sua região, ao menos desde o século XIV e, em meados do século XV, o processo de expansão de mexicas e de tlapanecas passam a entrar em contato, tema que desenvolveremos no capítulo 2.

### *1.2 Os mexicas e a língua nahuatl*

Neste tópico, apresentaremos um breve histórico dos mexicas, e algumas características de seu idioma, o nahuatl. Como apresentamos no tópico anterior, características como realizar guerras para conquistar outros grupos, e estabelecer redes tributárias entre unidades políticas, podem ser encontradas em diversos momentos da história da Mesoamérica. Assim, os mexicas não foram o primeiro grupo mesoamericano a ter Estado<sup>22</sup>, nem inventaram essas relações econômicas com redes tributárias e de dominação política estabelecida por conquistas e alianças diplomáticas. Essas relações já existiam na região do Altiplano Central quando os mexicas fundaram sua cidade, no início do século XIV, e a principal cabeceira era Azcapotzalco; porém os mexicas assumiram o uso dessas relações e o controle dessas redes de dominação econômica no início do século XV.

Segundo as narrativas mexicas, a cidade de México-Tenochtitlán foi fundada em 1325, após esse grupo ter passado por dois séculos de migrações da região da Grande Chichimeca, atualmente norte do México, para o Altiplano Central, onde se estabeleceram finalmente em uma ilha do lago Texcoco<sup>23</sup>. Por cerca de cem anos os mexicas estiveram subordinados aos tepanecas de Azcapotzalco, a princípio empreendendo conquistas a serviço destes e adquirindo proeminência bélica durante esse período. A partir de 1428, México-Tenochtitlan inverteu as relações de poder entre as cabeceiras do Altiplano Central<sup>24</sup>,

---

<sup>22</sup> Por Estado entendemos uma superestrutura política, ou seja, um aparato administrativo e militar cuja função é a manutenção do poder econômico de um certo grupo social minoritário, uma elite, sobre uma maioria da população composta de outros grupos sociais economicamente e politicamente desprivilegiados. Assim, o Estado ocorre em sociedades com exploração do trabalho da maioria em favor dos privilégios econômicos de uma minoria, e implica em uma forma de organização social atrelada à hierarquização entre partes da população mantida pela dominação tanto ideológica, ou seja, de uma visão de mundo predominante e do monopólio de estabelecer leis e punir, quanto em primeira e última instância, pelo uso da violência considerado legítimo.

<sup>23</sup> LÉON-PORTILLA, Miguel. A Mesoamérica antes de 1519. In: *História da América latina: América latina colonial*. vol. I. p.40.

<sup>24</sup> RODRÍGUEZ, Maria C.O. La zona del Altiplano central en el Posclásico: la etapa de la Triple Alianza. In: MANZANILLA; LÓPEZ LUJÁN. *Historia antigua de México* – vol. III, 2001. pp. 277-317.

configurando uma coalizão política com duas outras cidades, Texcoco e Tlacopan<sup>25</sup>, formando a Tríplice Aliança, tema que retomaremos no tópico 1.4.

De modo que, os mexicas eram um dos grupos que migrou e se estabeleceu no Altiplano Central, em um processo em que o grupo trouxe seu próprio modo de vida e, ao mesmo tempo, adotou características e formas de organização políticas já consolidadas na Mesoamérica do Pós-Clássico. Um exemplo disso é que o uso de um sistema de escrita-pintura já existia na Mesoamérica desde o período Pré-Clássico, e os mexicas não possuiriam escrita antes de se estabelecer no Altiplano Central, quando passaram a adotar esse sistema, a partir de suas novas necessidades e contatos com os grupos locais. Os nahuas eram chamados de chichimecas, termo que designava grupos com as seguintes características: nômades, com pouca prática da agricultura, alimentação baseada na caça, e uso de vestimentas de peles de animais; seu modo de vida contrastava com o modo de vida chamado tolteca<sup>26</sup>, predominante na Mesoamérica dos séculos XII e XIII, marcado pela sedentarização e construção de grandes centros urbanos, o uso da agricultura em larga escala e uso de vestimentas de tecidos.

Assim, havia um duplo caráter associado à identidade chichimeca, sendo um aspecto negativo, em que o termo era usado com um sentido pejorativo de bárbaros, não só por serem estrangeiros, mas pelas características de seu modo de vida anterior à sua sedentarização. Porém, também um aspecto positivo, em que o termo era utilizado para reafirmar a identidade dos mexicas como tendo uma origem guerreira e forte, e que justificaria que estes dominassem os demais. Dessa forma, a elite mexica manteve sua identidade chichimeca reafirmando sua característica de guerreiros, mas, ao mesmo tempo, buscou desvencilhar-se do aspecto considerado bárbaro. Por isso, quando os mexicas se sedentarizaram na região do lago Texcoco, eles buscaram realizar casamentos com as elites locais, adotaram vestes, hábitos e rituais da região, bem como, o sistema de escrita-pintura e calendário, processo chamado de toltequização dos chichimecas, ou seja, adquirir características consideradas como toltecas<sup>27</sup>.

Os mexicas eram um grupo de origem nahua, cujo idioma era o nahuatl, da família linguística uto-azteca, aparentado com as línguas dos povos indígenas da Aridoamérica (norte do México e sul dos EUA); essa língua foi disseminada no Altiplano Central do atual México

---

<sup>25</sup> Também são usuais as seguintes grafias: para Texcoco, Tetzco, Tezcoco e Tetzcuco; e para Tlacopan, Tlacupán e Tacuba.

<sup>26</sup> Os toltecas seriam os habitantes de uma cidade do início do Pós-clássico chamada Tollan ou Tula. O termo adquiriu o significado de “artesão, artista”. SIMEÓN, 1992, p. 713.

<sup>27</sup> REYES GARCÍA, Luis; ODENA GÜEMES, Lina. La zona del Altiplano Central en el Posclásico: la etapa chichimeca. In: MANZANILLA, Linda; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México* – vol. III, 2001. pp. 237–276.

com os sucessivos processos migratórios de diversos grupos nahuas, ao longo do período Pós-Clássico. Por ser o idioma do grupo que os espanhóis tinham maior interesse em dominar, desde o início do período colonial, o nahuatl foi aprendido e estudado, por exemplo, por missionários<sup>28</sup>, e foi muito utilizado como idioma de referência para nomear outros grupos indígenas e regiões. Esse uso do nahuatl para nomear lugares se expressa atualmente nos nomes de muitas cidades do México, que foram originados nos nomes em nahuatl e não necessariamente nos nomes nos idiomas locais, bem como, na forma mais usual de nos referirmos a outros grupos, como os mixtecas, termo em nahuatl para os *ñuu dzaui*, e mesmo o termo tlapaneca para nos referirmos aos *xabo me'phaa*. Assim, muitos termos em nahuatl se consolidaram nos estudos mesoamericanistas e, por isso, em nossa pesquisa utilizaremos alguns termos nesse idioma<sup>29</sup>, destacados em itálico, exceto em casos de nomes próprios<sup>30</sup>. Ao mencionarmos um termo em nahuatl pela primeira vez, acrescentaremos em nota de rodapé sua tradução; ainda assim, todos os termos em nahuatl estão reunidos ao final da dissertação no Apêndice A - Glossário de nahuatl.

Por fim, ressaltamos que o nahuatl é uma língua viva e, portanto, continua passando por transformações, de modo que, estamos nos referindo nesta pesquisa aos termos no nahuatl usado no século XVI, ou nahuatl colonial. Além disso, há certas variações comuns na grafia do nahuatl, pois alguns sons eram difíceis de distinguir para os castelhanos, e mesmo as línguas europeias do século XVI não possuíam convenções de grafia. Sempre que possível indicaremos as várias grafias utilizadas para uma mesma palavra, mas deixaremos apontadas abaixo algumas das variações habituais:

- uso indiferenciado da letra **i** e **y**, como em **I**xcateopan e **Y**xcateopan;
- uso indiferenciado das letras **ç**<sup>31</sup> e **z**, como em Tlalcoçauhtitlan ou Tlalcozauhtitlan; ou **tz**, como em Teçapotitlan e Tetzapotitlan;
- uso indiferenciado das letras **u** e **o**, como em Tenuch ou Tenoch;

<sup>28</sup> No caso do nahuatl, devemos lembrar que a produção dos primeiros dicionários e estudos de gramática, ainda que baseados no contato com indígenas, foram produzidos por castelhanos, especialmente os missionários, de modo que os primeiros estudos sobre a estrutura gramatical do nahuatl já foram baseados na estrutura gramatical do castelhano.

<sup>29</sup> Os dicionários de nahuatl consultados são SIMÉON, Rémi. *Diccionario de la lengua nahuatl o mexicana*. Tradução de Josefina Oliva Coll. 9a. edição em espanhol. México e Madrid: Siglo XXI Editores, 1992; e MOLINA, Alonso de. *Vocabulario en lengua castellana y mexicana y mexicana y castellana*. Estudo preliminar Miguel León Portilla. 6a. edição. México: Editorial Porrúa, 2013.

<sup>30</sup> A bibliografia sobre o tema está majoritariamente em espanhol ou inglês e por vezes os debates que temos como referência sobre o melhor termo para traduzir um conceito em nahuatl nos oferece palavras em outros idiomas, procuramos sempre que possível encontrar termos em português que se refiram a conceitos análogos para que possamos traduzir/transpor o significado de conceitos intrínsecos aos povos estudados.

<sup>31</sup> A letra ç existia no castelhano medieval, tendo desaparecido no espanhol atual.

- uso indiferenciado das letras **qu** e **cu**, como em Tepe**qu**acuilco ou Tepe**cu**acuilco;
- duplicação de consoantes, como em Tlapan ou Tl**app**an;
- supressão ou acréscimo da letra **h**, como em xihuitl ou xiuitl.

### 1.3 Formas de organização econômica e política: calpulli e altepetl, macehualtin e pipiltin

Neste tópico, apresentaremos resumidamente um quadro geral das relações sociais e políticas mexicas, introduzindo alguns dos conceitos e termos em nahuatl que se referem às formas de organização econômica e política dos grupos que estudamos; bem como, as possíveis ou mais frequentes traduções desses termos. Estes conceitos se relacionam a distintos níveis e formas de organização econômica e política que compunham o modo de vida dos mexicas, e primeiramente abordaremos as relações no âmbito local para depois encadear relações mais amplas.

Posto isso, os conceitos apresentados neste tópico são: o *calpulli*<sup>32</sup> (plural *calpultin*), que é a unidade familiar, habitacional e produtiva, traduzido comumente como bairro ou clã; o *altepetl*<sup>33</sup> (plural *altepeme*), que é a unidade habitacional e política, traduzido comumente como cidade; os *macehualtin*<sup>34</sup> (singular *macehualli*), que são os camponeses que produzem e tributam, que pode ser traduzido como a população em geral; e os *pipiltin*<sup>35</sup> (singular *pilli*), que são os membros da elite que recebem os tributos, que pode ser traduzido como nobres ou elite política. Essas formas de organização estão melhor documentadas e possuem mais estudos no que se refere aos mexicas, para os quais delineamos cada conceito, no entanto, podem ser estendidos e aplicados a outros grupos mesoamericanos, com suas especificidades, como os tlapanecas.

A organização social dos grupos mesoamericanos estava estruturada em grandes comunidades, chamadas de *calpulli*, que constituíam a primeira unidade produtiva, cujos membros possuíam algum grau de ancestralidade comum, habitavam uma mesma unidade

<sup>32</sup> *Calpulli* ou *calpolli*, plural *calpultin*: traduzido ao espanhol como bairro, aldeia. SIMÉON, 1992, pp. 62, 63.

<sup>33</sup> *Altepetl*, plural *altepeme*: pode ser traduzido por povoado, cidade, estado. SIMÉON, 1992, p. 21.

<sup>34</sup> *Maceualli*, plural *macehualtin*: é traduzido ao espanhol como vassalo, homem do povo, camponês, subordinado. SIMÉON, 1992, p. 244.

<sup>35</sup> *Pilli*, plural *pipiltin*: traduzido para o espanhol como nobre, senhor, homem de qualidade, fidalgo. Outro significado de *pilli* é filho, e alguns dos termos relacionados com essa mesma raiz aparecem com o significado de ter uma origem nobre. SIMÉON, 1992, p. 382, 383, 384, 389.

territorial com uso comunitário das terras, e possuíam suas próprias lideranças internas, que organizavam o uso das terras e o trabalho dos demais<sup>36</sup>, além de possuírem certos cultos em comum. Sobre a intrínseca relação entre os *calpultin* e a organização do tributo, a autora Inga Clendinnen explica que

(...) los plebeyos de cada *calpulli* pagaban su *tequitl* u obligación tributaria a manera de trabajo: como mano de obra de construcción para la ciudad, servicio regular o por rotación en los templos o en el palacio, o mediante el abastecimiento de leña o alimentos o cualesquier necesidad de los funcionarios nombrados. Calpullis especializados como los de los hábiles artesanos, pagaban su tributo a manera de impuesto sobre la venta de sus productos, en tanto que los calpullis de los comerciantes cumplían sus obligaciones mediante impuestos sobre los bienes y la responsabilidad por el buen orden del mercado. El cumplimiento de estas obligaciones locales era supervisado por los señores locales, quienes recibían órdenes del palacio, pero que estaban vinculados a sus calpullis por lazos tradicionales.<sup>37</sup>

Um *altepetl* era uma unidade populacional que articulava um conjunto de vários *calpultin* com hierarquização social entre si, de modo que, o *altepetl* poderia ser autônomo<sup>38</sup>, enquanto os *calpultin* estabeleciam relações de dependência. Por vezes poderemos utilizar o termo cidade para nos referir ao *altepetl*, sobre essa organização política García Martínez diz

Cada señorío mesoamericano era, en efecto, un pequeño estado (con mayor o menor grado de independencia), pero, mejor aún, tenía su propia forma de designarse a sí mismo. En nahuatl se le conocía como *altépetl* (literalmente "agua-cerro", que es un símbolo del medio físico, lo que recalca su expresión territorial). (...) Asimismo, cada *altépetl* tenía términos jurisdiccionales o territoriales más o menos delimitados.<sup>39</sup>

A maioria dos *calpultin* eram unidades economicamente produtivas, compostos pela maioria da população de agricultores<sup>40</sup>, chamados de *macehualtin*, que trabalhavam produzindo itens agrícolas para a alimentação, e que pagavam tributos em espécie ou prestação de serviços. Alguns *calpultin* possuíam grupos especializados em certas atividades, como artesãos, e mesmo suas divindades próprias; também poderia haver divisão de funções e algum grau de estratificação interna ao *calpulli*, com um ou alguns de seus membros

<sup>36</sup> LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. La sociedad mexicana y el tributo. *Arqueología Mexicana*. 2013, nº 124, pp. 40-48.

<sup>37</sup> CLENDINNEN, Inga. *Aztecas. Una interpretación*. 1998. pp. 40, 41.

<sup>38</sup> Michael E. Smith entende o *altepetl* como uma cidade-estado.

<sup>39</sup> GARCÍA MARTÍNEZ. El *altépetl* o pueblo de índios. *Arqueología mexicana*, 1998, nº 32, pp. 61-63.

<sup>40</sup> BROTHURSTON, Gordon. Sacerdotes, agricultores, guerreros. 1989, pp. 95-106.

responsáveis por realizar um censo e distribuir a divisão de trabalho e tributação aos demais membros<sup>41</sup>.

Havia também os *calpultin* que concentravam a parcela da elite de certo *altepetl*, chamados de *teccalli*<sup>42</sup>, uma casa e/ou território de uma família *pipiltin* ou nobres. Frances Berdan destaca quatro elementos que são desigualmente distribuídos em uma sociedade estratificada: poder, privilégio, prestígio e propriedade<sup>43</sup>, e é pela combinação da posse desses elementos que abordaremos os *pipiltin* como sendo a elite da sociedade mexicana. A elite era um grupo populacional proporcionalmente menor, e seus membros eram chamados em nahuatl de *pipiltin*, camada que abarcava os sacerdotes, os guerreiros e os nobres, que recebiam tributos dos *macehualtin*, que incluíam de alimentos a objetos de luxo. Particularmente em meados do século XV, entre os mexicas constituiu-se uma elite urbana, concentrada em México-Tenochtitlan, e sustentada pela redistribuição da arrecadação de tributos que vinham das províncias.

A sociedade mexicana, em geral, poderia apresentar algum nível de mobilidade social, particularmente alcançável pelos *macehualtin* que ascendiam por mérito no desempenho em guerra, ou pelos *pipiltin* que poderiam ser rebaixados por terem cometido algum crime; ainda assim, essa mobilidade era restrita a certos contextos, e eram considerados da elite aqueles que possuíam linhagem nobre por ambos os lados paterno e materno. Além disso, a sociedade mexicana era marcada por assegurar direitos e deveres diferentes para *macehualtin* e *pipiltin*, desde um conjunto de leis suntuárias, que restringiam aos membros da elite o uso de certas roupas e adornos luxuosos<sup>44</sup>, até a obrigação dos *macehualtin* de entregarem tributos aos *pipiltin*.

Ambos os grupos sociais descritos acima recebiam algum tipo de educação formal, ou seja, para além da oferecida pelo convívio familiar, porém, com um direcionamento diferente para cada grupo. Assim, os *macehualtin* recebiam sua educação no *telpochcalli*<sup>45</sup>, voltado para o treinamento nas artes bélicas; por sua vez, a formação dos homens *pipiltin* se dava no *calmecac*<sup>46</sup>, em que, além do treinamento bélico, recebiam

<sup>41</sup> BERDAN, Frances. *The Aztecs of Central Mexico: an imperial society*. 1982, p. 57.

<sup>42</sup> *Teccalli*: traduzido ao espanhol como casa real, palácio, tribunal civil. SIMÉON, 1992, p. 442.

<sup>43</sup> BERDAN, Frances. *The Aztecs of Central Mexico: an imperial society*. 1982, p. 45.

<sup>44</sup> BERDAN, Frances. *The Aztecs of Central Mexico: an imperial society*. 1982, p. 47.

<sup>45</sup> O termo *telpochcalli* vem da junção das palavras *telpochtli* que significa moço e *calli* que significa casa, literalmente seria a casa dos moços. *Telpochtli* em MOLINA, 2013, p. 97. *Telpochcalli* em SIMÉON, 1992, p. 465.

<sup>46</sup> Segundo vocabulário de Ángel Maria Garibay, *calmecac* seria um locativo (letra “c” final) de *calmecatl* e significaria fileira de casas. Ele define *calmecac* como “Nombre de los institutos de educación superior”. GARIBAY, In: SAHAGÚN, 2016, p. 892.

também a formação sacerdotal. Quando empreendiam uma guerra, os mexicas podiam usar a força e número dos *macehualtin*, oferecendo a estes inclusive a chance de obter alguns privilégios pelo seu desempenho, mas, em geral, a camada que lideraria as ações bélicas seria composta pelos *pipiltin* que se destacavam como guerreiros. O *Códice Mendoza* fornece, tanto na segunda quanto na terceira seção, uma série de exemplos das complexas vestes e escudos que distinguiam os diferentes níveis de hierarquia entre os guerreiros, com vestes mais sofisticadas para aqueles que ocupavam a liderança e possuíam certos títulos.

Portanto, os homens *pipiltin* recebiam uma educação que poderia ser direcionada para a formação sacerdotal ou como guerreiros, muitas vezes atuando em várias dessas funções ao longo da vida, e desempenhando funções administrativas na organização estatal, como juízes, fiscais, cobradores de tributos etc. A estrutura das famílias da elite privilegiava a endogamia, ou seja, os matrimônios entre membros da elite, como estratégia para manter seus recursos e terras; geralmente a herança passava de pai para filho, ou de irmão para irmão, e apenas as propriedades poderiam ser herdadas, e não os títulos adquiridos<sup>47</sup>. O controle político geral do *altepetl* era centralizado pelo *tlatoani*, o governante ou senhor, que, no caso dos mexicas, era escolhido por alguns membros da elite, entre os guerreiros mais experientes de algumas famílias *pipiltin*<sup>48</sup>.

Desse modo, a produção econômica de cada *altepetl* era primeiro controlada pela elite local do próprio *altepetl*, e os níveis de hierarquização social e distinção econômica estabelecidos entre os *pipiltin* e os *macehualtin* passava pela cobrança dos tributos. A tributação ocorreria não diretamente sobre as terras em si, porque as terras eram em geral comunitárias, dos *calpultin*, mas seria cobrada tributação sobre o que era produzido nessas terras, e a divisão de trabalho dos membros do *calpulli*, para recolher o total de itens a serem tributados, seria feita pelo próprio líder do *calpulli*, um membro sem grande diferenciação social em relação aos demais membros do seu respectivo *calpulli*.

Para além da esfera de um único *altepetl*, em que os *macehualtin* de uma cidade pagavam tributos à elite dessa cidade, as redes tributárias podiam se constituir a partir da tributação de uma cidade para outra, sendo comum que um *altepetl* se tornasse uma cabeceira regional, adquirindo força política e bélica, e passando a dominar outras cidades próximas. Essa relação entre uma cidade que atua como cabeceira cobrando tributos de um conjunto de

---

<sup>47</sup> BERDAN, Frances. *The Aztecs of Central Mexico: an imperial society*. 1982, pp. 70, 71.

<sup>48</sup> De fato, os governantes mexicas pertenceram a uma mesma linhagem, sendo todos descendentes de Acamapichtli, no entanto, a sucessão não ocorria necessariamente de pai para filho, ocorrendo também de irmão para irmão e de tio para sobrinho.

outras cidades constitui o que aqui chamamos de províncias tributárias, que não necessariamente possui uma continuidade territorial.

#### 1.4 O *tlatoani* e o conceito de Tríplice Aliança

O governante principal do *altepetl* era chamado de *tlatoani*. Neste tópico, abordaremos as funções que este desempenhava, e o conceito da Tríplice Aliança configurada entre México-Tenochtitlán, Texcoco e Tlacopan. Isto posto, no Vocabulário de Molina o termo *tlatoani* aparece como “hablador, o gran señor”<sup>49</sup>, *tlatoque* como “señores, caciques, o principales”<sup>50</sup> e *tlatocayotl* como “señorio, reyno, corona real, o patrimonio”<sup>51</sup>. O conceito de *tlatoani* vem diretamente do verbo *tlatoa* que significa falar algo<sup>52</sup>, reforçando a ideia de que o governante é aquele que tem a autoridade para falar. Na obra de Sahagún, no capítulo XVII do Livro VIII intitulado “De las cosas en que se ejercitaban los señores para regir bien el reino”, há uma série de responsabilidades que cabem ao *tlatoani*, sendo hierarquizada como a mais importante o exercício da guerra, tanto para defender-se de inimigos quanto para conquistar províncias; em seguida, o cuidado da pacificação do povo e de sentenciar os litígios e pleitos, elegendo juízes, e sendo os casos mais graves julgados diretamente pelo *tlatoani*; também coloca o cuidado de realizar bailes; e por fim, o de garantir que houvesse vigilantes circulando pela cidade, tanto de dia quanto de noite, para garantir a segurança contra os inimigos.<sup>53</sup> Para Zantwijk, o aspecto de exercer a justiça e poder deliberar a pena de morte seria o distintivo principal de uma autoridade política superior entre os mexicas.<sup>54</sup>

Além da figura de um governante principal, que seria o *tlatoani*, o corpo político principal da cidade-cabeceira era composto por membros da elite, os *pipiltin*, cabendo ao governante nomear e eleger os membros mais destacados, como guerreiros experientes, para os diversos cargos que compunham o aparato de Estado. Os homens dessa elite possuíam uma especialização como guerreiros, desempenhavam funções no aparato administrativo estatal, e também funções sacerdotais. Muitas vezes um mesmo membro da elite desempenhava distintas funções ao longo da vida ou adquiria certa ascensão dentro de uma função

---

<sup>49</sup> MOLINA, 2013, p. 140.

<sup>50</sup> MOLINA, 2013, p. 141.

<sup>51</sup> MOLINA, 2013, p. 140.

<sup>52</sup> MOLINA, 2013, p. 140.

<sup>53</sup> SAHAGÚN, 2016, pp. 451 - 454.

<sup>54</sup> ZANTWIJK, 1990, p. 204.

específica, por exemplo, os guerreiros experientes (*tequihua*<sup>55</sup>) que poderiam ser promovidos a líderes de um grupo de guerreiros, ou a governadores de uma província (*tlacatectli*), recebendo o direito de receber tributos<sup>56</sup>.

Geralmente, o *tlatoani* não governava sozinho, e possuía um conselho composto pelos membros mais destacados das famílias da elite. Além disso, o cargo de *tlatoani*, ao menos no caso dos mexicas, não era necessariamente hereditário, ou seja, não passava automaticamente para o filho do governante anterior; quando um *tlatoani* falecia, esse conselho da elite se reunia e escolhia um novo *tlatoani*, dentre os membros dessas famílias principais. Desse modo, as relações políticas internas de cada *altepetl* também poderiam apresentar conflitos entre os interesses de diferentes membros da elite, disputas entre famílias de *pipiltin*, e configuração de facções ou parcialidades políticas; bem como, as relações de parentesco sendo mantidas ou criadas por meio de casamentos entre membros da elite, para garantir a linhagem dentre os *pipiltin*<sup>57</sup>.

De forma semelhante, assim como poderia haver um conselho de senhores de um mesmo *altepetl*, em algumas situações os vários governantes de diferentes *altepeme* poderiam ser reunidos, por exemplo, para tomada de decisões. Esse tipo de evento aparece em mais de um registro nos códices *Azoyú*, em que são representados diálogos entre o senhor governante de Tlapa-Tlachinollan e os senhores de outras cidades próximas, cuja tributação era centralizada por esta cabeceira.

Na estruturação política em que se encontravam México-Tenochtitlán, Texcoco e Tlacopan, havia um delicado sistema de relações entre seus governantes, em geral, com maior poder para México-Tenochtitlán e Texcoco em relação a Tlacopan. O termo Tríplice Aliança corresponde a uma definição historiográfica para referir-se a essa unidade política entre as três cabeceiras do Altiplano Central, já tendo sido utilizada por Orozco e Berra no século XIX, e tendo se tornado de uso corrente entre os historiadores a partir das publicações de López Austin dos anos 1960<sup>58</sup>, em que este autor adota o uso desse termo. López Austin

---

<sup>55</sup> *Tequihua*, plural *tequihuaque*: traduzido ao espanhol como guerreiro valente. SIMEÓN, 1992. p. 512. O termo deriva da junção das palavras *tequitl* que significa tributo e o sufixo possessivo *hua* que significa 'dono de, o que tem', portanto o *tequihua* é aquele que tem o tributo, ou seja, tem o direito de recebê-lo. Sufixo *hua* em SULLIVAN, 1998, pp. 33-35.

<sup>56</sup> CARRASCO, Pedro. La jerarquía cívico-religiosa de las comunidades mesoamericanas: antecedentes prehispánicos y desarrollo colonial. In: *American Anthropologist*, vol. 63, 1961.

<sup>57</sup> OUDIJK, 2012, pp. 91 - 96.

<sup>58</sup> Entre os historiadores mexicanos é mais comum a denominação Império da Tríplice Aliança (Imperio de la Triple Alianza), e entre historiadores de língua inglesa, Império Asteca (Aztec Empire). Utilizaremos o termo Império da Tríplice Aliança por entender que essa unidade inclui outros dois povos cuja identidade não é mexica, ou asteca.

cunhou o termo Tríplice Aliança a partir de algumas expressões em nahuatl encontradas em fontes alfabéticas do século XVI que se referem a essa superestrutura composta de três cidades como *excan tlatoloyan*<sup>59</sup>, o governo de três sedes, ou como *etel tzontecomatl*, as três cabeceiras. Esse tipo de composição tríplice remonta no Altiplano Central ao século IX, e foi encabeçada por outras cidades, como o caso da composição anterior formada por Azcapotzalco, Culhuacan e Texcoco.

Mapa 2 - Extensão máxima dos domínios da Tríplice Aliança<sup>60</sup>



Entre as atribuições políticas que cabiam a essa aliança, Herrera Meza e López Austin listam: (1) aliança militar com fins hegemônicos, (2) distribuição de tributários e tributos, (3) auxílio na construção de obras públicas, (4) reforço do reconhecimento dos

<sup>59</sup> *Tlatoloyan*: traduzido ao espanhol como “lugar de reunión, donde se tratan los negocios”. SIMÉON, 1992, p. 679.

<sup>60</sup> Mapa elaborado pela autora em 2018. A base de delimitações geográficas foi extraída da base de dados do Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI - México) em [www.cuentame.inegi.org.mx](http://www.cuentame.inegi.org.mx). A formulação do mapa foi a partir dos mapas: La Triple Alianza y sus fronteras, de Barlow, e Provincias tributarias según El Códice Mendocino-Matrícula de tributos, de Mohar Betancourt, ambos publicados na revista *Arqueología Mexicana*, vol XXI, nº 124, nov-dic 2013, pp. 49 e 58-59, respectivamente.

aliados, (5) ordenamento político regional, e (6) poder judicial sobre todo o território<sup>61</sup>. Essa aliança não implicava em uma relação igualitária entre suas três componentes, mas em um delicado equilíbrio entre a força política dos três governos, cujas relações eram intermediadas por apoiar-se uns aos outros e reforçar suas alianças por meio de matrimônios<sup>62</sup>. Do aspecto político-administrativo, a Tríplice Aliança possuía seus próprios conflitos internos, com disputas entre as três cabeceiras e divisões variadas do uso das terras e da arrecadação dos tributos conquistados<sup>63</sup>.

Zantwijk prefere utilizar o termo triplotrono (tripletrono em espanhol) e destaca que

Algunas funciones políticas mesoamericanas de nivel suprarregional, muestran una estructura tripartita relacionada con las divisiones cósmicas del cielo, de la tierra y del inframundo. Tales estructuras tripartitas se reconocen entre los toltecas y los mayas toltequizados, entre los tarascos y también entre los aztecas<sup>64</sup>.

Por sua vez, o termo cabeceira nos parece adequado para destacar a proeminência reconhecida de uma cidade sobre outras, por possibilitar a compreensão de relações em constante disputa, podendo uma cabeceira ser rebaixada e outra cidade assumir essa função, de acordo com as dinâmicas políticas de cada região. Esse termo possui ainda certa correspondência com formas de expressão em nahuatl para referir-se a uma cidade importante como a “cabeça” das demais.

O conceito de uma província tributária significa um agrupamento de cidades, não necessariamente contínuas territorialmente, que pagam tributos. A relação das cabeceiras com suas províncias poderia adotar relações mais ou menos flexíveis entre os interesses da elite da cabeceira local, de manutenção do sistema tributário, e os interesses da elite da cidade subordinada, de permanência no poder. Geralmente o domínio de certa rede tributária era estabelecido por meio de conquistas e guerras, mas sua continuidade poderia ser mantida por

---

<sup>61</sup> HERRERA MEZA, María del Carmen; LÓPEZ AUSTIN, Alfred; BARACS, Rodrigo Martínez. El nombre nahuatl de la Triple Alianza. *Estudios de Cultura Nahuatl*, vol. 46, 2013, pp. 23-24.

<sup>62</sup> “La alianza se consideraba una institución de equilibrio político regional, lo que justificaba no sólo su firme institucionalización, sino su calidad de organismo supraestatal – al menos en ciertas funciones administrativas y judiciales – y la necesidad imperiosa de su subsistencia, aun cuando las situaciones de desastre o de decadencia política eliminaran a alguna o a algunas de las capitales existentes.” HERRERA MEZA; LÓPEZ AUSTIN; BARACS. 2013, p. 12.

<sup>63</sup> Pedro Carrasco realiza um amplo e detalhado estudo da organização territorial da Tríplice Aliança analisando fontes dos outros povos que a compunham, descentralizando a narrativa mexicana que é predominante, por exemplo, nas fontes que utilizamos nesta pesquisa. CARRASCO, 1996.

<sup>64</sup> ZANTWIJK, 1990, p. 205.

relações mais diplomáticas, e sistemas de aliança entre elites, por vezes reforçadas por meio de casamentos.

Nas províncias incorporadas ao sistema tributário mexica geralmente não havia um estabelecimento fixo ou permanente de guerreiros mexicas, sendo os cobradores de tributos designados para acompanhar e controlar a tributação, os *calpixque* mexicas, e, em alguns casos, ocorria o deslocamento de um governador mexica para uma província, frequentemente escolhido por ser um guerreiro experiente. Dessa maneira, são pontuais as cidades em que os mexicas estabeleciam um grupo de guerreiros permanentemente, mas há vários exemplos representados na Seção I do *Códice Mendoza* em que, após certo tempo, os governantes mexicas teriam empreendido novas incursões bélicas a certas cabeceiras de províncias já estabelecidas, e ao menos dois desses casos resultaram na morte do governante local.

Portanto, essa aliança entre as três cabeceiras tinha por objetivo conquistar novas cidades como suas tributárias, visando os mercados mais ativos<sup>65</sup> e os produtos específicos de cada região<sup>66</sup>. A rápida expansão dos territórios conquistados ocorreu por terem como método subjugar as cidades que já eram cabeceiras locais e incorporar sistemas tributários regionais completos de uma só vez, utilizando para isso principalmente a via militar. Assim, em 1519 a Tríplice Aliança gerenciava tributariamente cerca de outros 300 *altepeme*, divididos em 38 províncias tributárias<sup>67</sup>.

### 1.5 O senhorio de Tlapa-Tlachinollan na região tlapaneca-mixteca-nahua

Neste tópico, apresentaremos algumas características gerais da região tlapaneca e sua localização. Além disso, debateremos o tipo de poder político desempenhado pelo *altepeme* de Tlapa-Tlachinollan, considerando que esse se dá, ao mesmo tempo, em duas esferas: o papel de Tlapa em relação aos outros *altepeme* que conquista, e o papel de Tlapa como cabeceira regional inserida no sistema tributário mexica. Apesar de já existirem relações entre os mexicas e os tlapanecas ao longo do século XV, a província de Tlapa-Tlachinollan só foi incorporada como tributária dos mexicas em 1486 por uma conquista

<sup>65</sup> BERDAN, Frances; SMITH, Michael E. *The Postclassic Mesoamerican World*. 2003, pp. 93 - 100.

<sup>66</sup> BRAVO, Isabel Bueno. Objetivos economicos y estrategia militar en el imperio azteca. *Estudios de cultura nahuatl*, nº 44, 2012, p. 135 - 163.

<sup>67</sup> De acordo com o *Códice Mendoza* seriam 38 províncias, há variações nesse número e na configuração das províncias ao compararmos com outras fontes, ou mesmo dependendo da forma como os registros do *Mendoza* são analisadas, porém as diferenças na delimitação de quantas seriam as províncias não altera nossas análises sobre o conjunto das relações estabelecidas.

militar iniciada pelo *tlatoani* Tizoc, que faleceu nesse ano, e encerrada pelo *tlatoani* que o sucedeu, seu irmão Ahuizotl.

A cabeceira regional que constituiu uma província que estudamos nesta pesquisa é Tlapa-Tlachinollan, que passava por um processo de expansão em sua própria região desde meados do século XIV, subordinando outras cidades próximas. Devemos lembrar que o nome Tlapa-Tlachinollan pode referir-se tanto à cidade (*altepetl*) quanto ao senhorio tlapaneca, ou seja, ao conjunto de cidades que possuíam Tlapa como sua cabeceira, por isso, buscaremos sempre diferenciar quando nos referimos especificamente ao *altepetl* de Tlapa-Tlachinollan ou ao senhorio de Tlapa-Tlachinollan. Também devemos mencionar que podemos utilizar de forma indiscriminada apenas a palavra Tlapa ou apenas a palavra Tlachinollan, sempre referindo-nos à unidade Tlapa-Tlachinollan de conjunto<sup>68</sup>.

A cidade de Tlapa estava a cerca de 280 km de México-Tenochtitlán, na direção sudeste em relação à cabeceira mexicana, e atualmente corresponderia à cidade de Tlapa de Comonfort, localizada na parte oriental do atual estado de Guerrero, numa sub-região chamada La Montaña, cujas fronteiras atuais são o estado de Oaxaca a leste, os estados de Puebla e Morelos ao norte, e a costa do Oceano Pacífico ao sul. Como o nome indica trata-se de uma região montanhosa, próxima à Sierra Madre del Sur; os principais rios são o rio Tlapaneco, e os rios Zapotitlán e Igualita; atualmente a região possui extração de metais como cobre, magnésio e zinco, enquanto a extração de ouro que se destaca nos registros tributários tlapanecas, para o período pré-hispânico, foi depois intensificada pela presença espanhola no início do período colonial, de modo que, a extração de ouro dessa região encerrou-se praticamente no final do século XVI<sup>69</sup>.

O idioma tlapaneca é o *me'phaa*, que vem da família linguística oto-mangue<sup>70</sup>, e por isso é bem distinto do nahuatl, cujo tronco linguístico remete à região da Aridoamérica (norte do México e sul dos EUA). O povo tlapaneco se autodenomina *xabo me'phaa*<sup>71</sup> e a palavra *tlapaneca* é o termo em nahuatl para referir-se a esta língua, bem como ao povo que a falava. Da mesma forma, os nomes das cidades que compunham a província de Tlapa que utilizamos aqui são os nomes em nahuatl, embora esses lugares possuam outros nomes em

<sup>68</sup> Há uma questão específica sobre as relações entre as unidades políticas de Tlapa e de Tlachinollan, cidades próximas que configuraram uma única unidade política, tema que não abordaremos nesta pesquisa. Assim, na bibliografia sobre esta região, os pesquisadores utilizam por vezes apenas o nome de uma dessas unidades. No geral, preferimos utilizar apenas o termo Tlapa, por ser o que está registrado nas fontes mexicanas.

<sup>69</sup> *Enciclopedia Guerrerense*. Guerrero Cultural Siglo XXI, A.C. Disponível no site do Museu de Tlapa de Comonfort. <http://museotlappan.tics-tlapa.com/historia-de-tlapa-de-comonfort/>

<sup>70</sup> APOLINAR ANTONIO et al. Vocabulario básico en me'phaa. 2010.

<sup>71</sup> CANTÚ, Félix Ramírez; LOO, Peter Van der. Dos mitos tlapanecos de Malinaltepec. 2010, p. 68.

tlapaneco e em mixteco. Linguisticamente, os tlapanecas são aparentados aos yopes, que durante a expansão mexica constituíram um senhorio independente a oeste de Tlapa chamado Yopitzinco. Atualmente o me'phaa contempla ao menos sete variantes faladas por cerca de 100 mil pessoas, distribuídas em 14 municípios do atual estado de Guerrero, conforme o Mapa 3. A principal variante é a de Malinaltepec e a cidade com mais falantes é Acatepec.

As regiões norte e oriental de Guerrero são caracterizadas pela convivência de três grupos étnicos majoritários: os tlapanecas, os mixtecas e os nahuas. Assim, os me'phaa, que são os tlapanecas, e os tu'un savi, que são os mixtecas, já estariam estabelecidos na região desde o período Pré-clássico, enquanto a presença da língua nahuatl, na região, está ligada à presença de um grupo nahua, os cohuixcas, que migraram da região Chichimeca entre os séculos XI e XIII, e se estabeleceram no que hoje é a porção norte do Estado de Guerrero, e que no período pré-hispânico correspondia à província de Tepecuacuilco<sup>72</sup>. De modo que, os contatos dos tlapanecas com o idioma nahuatl são anteriores aos seus contatos com os mexicas.

Essa pluralidade étnica na região La Montaña tem sido apresentada como uma das suas características, gerando a denominação tripla pelos pesquisadores como uma região mixteca-tlapaneca-nahua; nos últimos anos, o pesquisador Gerardo Gutierrez propôs reconfigurar esse termo para tlapaneca-mixteca-nahua, enfatizando o grupo étnico mais antigo e com maior número de falantes<sup>73</sup>. Ressaltamos que essa pluralidade linguística da região tlapaneca não constitui uma excepcionalidade na Mesoamérica pré-hispânica, já que das 38 províncias tributárias que são listadas no *Códice Mendoza*, apenas cinco possuíam um único idioma principal, e as demais regiões frequentemente tinham entre dois e seis idiomas principais, além das variações e idiomas regionalmente mais circunscritos. Devemos ainda considerar que no século XV a expansão da rede tributária mexica influenciou na presença do nahuatl nas demais regiões<sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup> VEGA SOSA, 2012, pp. 5 - 7.

<sup>73</sup> "He decidido invertir el orden acostumbrado con que se nombra esta región (Mixteca-Nahua-Tlapaneca) a Tlapaneca-Mixteca-Nahua, por considerar que como investigadores no le hemos dado al grupo Tlapaneco la importancia que se merece como etnia primaria de esta región. Hay un nutrido grupo de investigadores especializados en los estudios mixtecos y otro aún mayor en estudios nahuas, por lo que necesitamos también impulsar la creación de una red de investigadores enfocados más en los estudios Tlapanecos." GUTIERREZ. Investigaciones etnohistóricas y arqueológicas en el oriente de Guerrero. 2006, pp. 131-139.

<sup>74</sup> BERDAN. *Aztec Imperial Strategies*. 1996, pp. 121 - 122.



Assim, conforme analisaremos mais detalhadamente no capítulo 2, tanto as fontes produzidas pelos mexicas quanto as produzidas pelos tlapanecas registram que eventos marcados por uma conquista bélica, em 1486, levaram ao início do pagamento de tributos dos tlapanecas aos mexicas em 1487; e o intervalo entre 1487 e 1521 corresponde ao período em que Tlapa esteve incorporada como província tributária de México-Tenochtitlan, conforme registrado nas fontes tlapanecas. O encerramento dessa relação tributária está associado à conquista dos espanhóis sobre México-Tenochtitlan, em agosto de 1521, que inicia a reconfiguração das relações políticas e de domínio, e que levaram a rede tributária tlapaneca a ser redirecionada para os espanhóis, tema que não abordaremos nesta pesquisa.

Nos estudos sobre a região tlapaneca podemos encontrar o uso de conceitos como reino, senhorio e província, para explicar ou abarcar as relações políticas estabelecidas por Tlapa como cabeceira de outras cidades. Ao longo da pesquisa, utilizaremos dois destes conceitos para nos referirmos a Tlapa: senhorio e província, sendo que cada conceito abarca um conjunto de relações políticas específicas, e não necessariamente excludentes, pois, como apontaremos a seguir, esses dois aspectos coexistem; de modo que, o termo senhorio refere-se às relações de Tlapa com as demais cidades próximas, e o termo província refere-se às relações de Tlapa com a cabeceira mexicana.

Constanza Vega Sosa, pesquisadora do *Códice Azoyú 1*, em seus primeiros trabalhos se referiu a Tlapa-Tlachinollan como um reino, e posteriormente como um senhorio<sup>76</sup>, e outros pesquisadores, como Gerardo Gutierrez e Michel Oudijk, costumam utilizar o termo senhorio. O termo reino é carregado de noções de relações políticas como as que se desenvolveram na Europa durante o feudalismo e a Idade Moderna, e a ideia de poder da figura de um rei, por isso consideramos que esse termo pode trazer maiores confusões quando estamos justamente tentando compreender as dinâmicas políticas próprias de mexicas e tlapanecas.

O termo em nahuatl para senhor é *tecuhtli* ou *teuctli*<sup>77</sup>, e há ainda o termo *téucyotl*<sup>78</sup>, que significa o governo dos senhores, e o termo *tlatocáyotl*<sup>79</sup>, o governo dos

---

<sup>76</sup> No início dos anos 1990, Vega Sosa realizou a publicação de um extenso estudo e fac-símile do *Códice Azoyú 1*, e posteriormente, por volta de 2010, ela estava trabalhando num estudo sobre o *Códice Azoyú 2*, que não pôde ser concluído e cujos rascunhos e anotações foram publicados junto com um segundo estudo de Michel Oudijk, que organizou o material deixado por esta pesquisadora. Incluímos esse trabalho em nossa bibliografia, sabendo que a primeira parte com os estudos de Vega Sosa sobre o *Azoyú 2* não possui necessariamente uma revisão do seu trabalho com o *Azoyú 1*, pois infelizmente a autora faleceu durante a execução desse projeto.

<sup>77</sup> *Tecutli* ou *teuctli*: traduzido ao espanhol como nobre, fidalgo, senhor, alto personagem, primeiro magistrado de uma cidade. SIMÉON, 1992, p. 454.

*tlatoque*; ou seja, o nahuatl fornece uma diferenciação entre o poder de um *tlatoani* e o poder de um senhor local. Sobre isso Herrera Meza e López Austin colocam que

(...) um *teuctli* governava a seus ‘parentes’, em qualquer território em que vivessem, recebendo em troca ‘doações’ de caráter mais ou menos livre; enquanto que um *tlahtoani* governava aos habitantes de seu território, qualquer que fosse sua etnia, e recebia um tributo rigorosamente taxado<sup>80</sup>.

Além desse senhor principal, cujo poder está ligado a uma linhagem e a um grupo étnico específicos, também outros membros da elite, como funcionários que cumprissem funções administrativas, judiciais e militares, seriam chamados de *tecutli*<sup>81</sup>.

Assim, consideramos que o termo senhorio seria o correspondente a *téucyotl*, e, portanto, mais adequado para nomear as relações de poder entre os *altepeme* (cidades) no âmbito regional, em que estamos tratando das relações entre os senhores locais. Além disso, o *Códice Azoyú 2* constantemente apresenta glosas nos governantes tlapaneças em que o nome é acompanhado do termo *tecuhtli*, por exemplo, o governante Milho que é chamado de Xilomatzin tecuhtli, ou seja, o reverenciado Senhor Milho.

Portanto, nos referimos à relação política geral que Tlapa estabelecia em sua região como um senhorio, porém, a partir do período em que Tlapa passa a centralizar a tributação desse senhorio para os mexicas, esta cabeceira é incorporada em uma rede tributária mais ampla, e estabelece com os mexicas uma relação de província tributária. Dessa maneira, podemos nos referir a Tlapa como um senhorio tanto no período anterior ao estabelecimento de relações tributárias com os mexicas (antes de 1486), quanto no período em que estas relações foram vigentes (de 1487 a 1521), pois Tlapa não deixou de ser uma cabeceira local frente às demais cidades próximas quando passou a tributar aos mexicas; pelo contrário, teve seu papel de cabeceira local reforçado, como demonstra a expansão da própria província durante o período de influência mexica.

Por isso, só utilizaremos o termo província para nos referir a Tlapa quando abordarmos especificamente o período em que esta cabeceira estabeleceu relações tributárias

<sup>78</sup> *Teucyotl*: traduzido ao espanhol como senhorio, aristocracia, tudo concernente à nobreza, aos grandes. SIMÉON, 1992, p. 538.

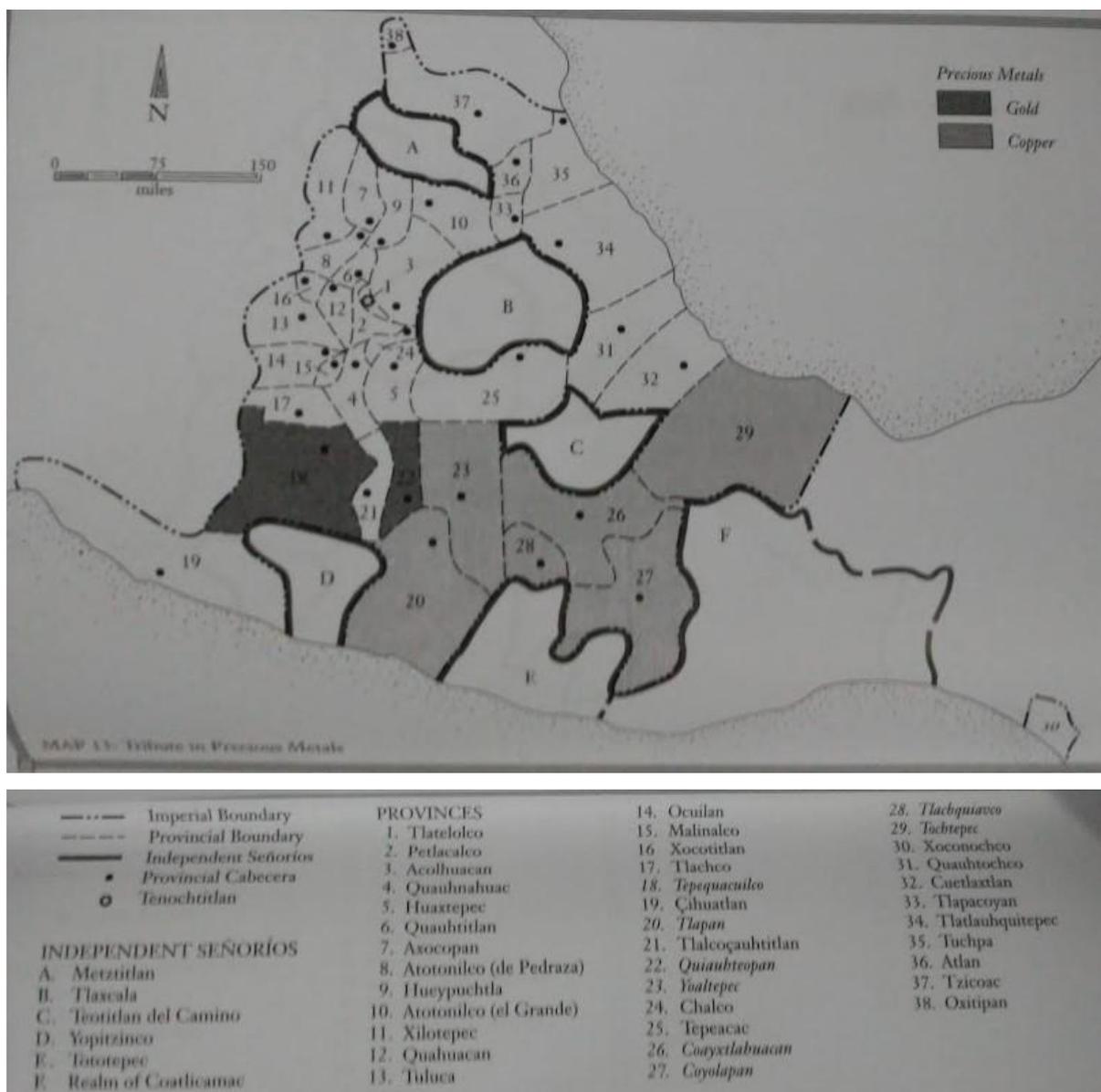
<sup>79</sup> *Tlatocayotl*: traduzido ao espanhol como senhorio, estado, reino, coroa, patrimônio; dignidade, grandeza, genealogia; eloquência, o relativo ao orador. SIMÉON, 1992, p. 674.

<sup>80</sup> Tradução da autora: “*En otras palabras, un teuctli gobernaba a sus “parientes”, en cualquier territorio en que viviesen, recibiendo a cambio “donaciones” de carácter más o menos libre; mientras que un tlahtoani gobernaba a los habitantes de su territorio, cualquiera que fuese su etnia, y recibía un tributo rigurosamente tasado*”. HERRERA MEZA; LÓPEZ AUSTIN; BARACS, 2013, p. 13.

<sup>81</sup> *Ibidem*. p. 17.

com os mexicas, entre 1487 e 1521. Assim, ressaltamos que o uso do termo província enfatiza o controle administrativo de uma rede tributária local por uma cidade, que pelo seu potencial bélico é alçada a cabeceira, conferindo certa unidade a uma região. Por fim, apontamos que há variações entre as fontes mexicas e as fontes tlapanecas em relação a quantas e a quais cidades comporiam a província de Tlapa.

Mapa 4 - Províncias que tributavam metais preciosos



Fonte: BERDAN, Frances. 1992, Vol. I, p. 78. Título original: Map 13 - Tribute in Precious Metals.

Portanto, Tlapa-Tlachinollan é um caso de *altepetl* que era hegemônico em sua região, recolhendo tributos de outros *altepeme*, e ao mesmo tempo era subordinado tributariamente a México-Tenochtitlan. Havia uma série de matérias-primas e bens manufaturados que eram recolhidos como tributação, os principais produtos da província de Tlapa-Tlachinollan eram itens suntuários: ouro e vestes sofisticadas, conforme abordaremos no capítulo 3. O Mapa 4, elaborado por Frances Berdan, mostra a divisão do império mexica em 38 províncias, destacando aquelas que tributavam metais preciosos, como ouro e cobre, nesse mapa a província de Tlapa corresponde ao número 20 e se inclui entre as províncias tributárias de ouro.

### 1.6 Os códices e o sistema pictográfico

Neste tópico, apresentaremos o tipo de fontes que analisamos: os códices mesoamericanos e o sistema de escrita-pintura pictográfica, e, ao longo dos capítulos, apresentaremos as características específicas de cada conjunto de fontes e/ou seções que foram analisadas. Os povos que habitaram a Mesoamérica desenvolveram sistemas de calendário e de escrita que foram utilizados não só no período pré-hispânico como durante o período colonial, e que sobreviveram, por exemplo, em inscrições em pedra, em cerâmica, e pinturas murais.

Outro suporte utilizado na Mesoamérica para a escrita-pintura era no formato de códices, termo convencionado entre os pesquisadores para referir-se a longas tiras produzidas com pele de animal ou papel amate (feito da planta *amatl*<sup>82</sup>, de onde deriva seu nome em nahuatl *amoxtli*<sup>83</sup>). Essas tiras poderiam ser dobradas em formato de biombo, quando guardadas, e desdobradas e esticadas quando utilizadas, e o uso de um mesmo códice poderia atravessar gerações, com novos fólios (páginas) sendo acrescentados, e os registros sendo feitos ao longo do tempo por diferentes escribas, os *tlacuiloque*, plural de *tlacuilo*, escriba-pintor, em nahuatl<sup>84</sup>.

Os códices mesoamericanos no período pré-hispânico eram de uso frequente por parte das elites políticas e sacerdotes, muitas vezes utilizados para registrar a história dessas elites, suas conquistas políticas e militares, seus sistemas calendários e de adivinhação; e

<sup>82</sup> *Amatl*: papel. MOLINA, 2013, p. 5. Papel de origem vegetal de planta de mesmo nome, chamado atualmente de papel amate.

<sup>83</sup> *Amoxtli*: traduzido ao espanhol como “livro de escritura”. MOLINA, 2013, p. 6.

<sup>84</sup> *Tlacuilo*, plural *tlacuiloque*: traduzido ao espanhol como escrivão, ou pintor. MOLINA, 2013, p. 120.

esses temas também estão presentes nos códices coloniais, ou configuram seções distintas de um mesmo manuscrito. Não temos como quantificar quantos códices podem ter sido produzidos no período pré-hispânico, pois sobreviveram cerca de quinze desses documentos, sendo alguns maias e alguns mixtecas, mas nenhum códice mexicana pré-hispânico sobreviveu.

No entanto, a chegada dos espanhóis não encerrou a produção de códices, que passaram a incorporar o uso de novos materiais, como o papel europeu ou pedaços de tecido (chamados de *lienzos*), novos formatos, como em livro, e alguns passaram a usar o sistema europeu de escrita alfabética; de modo que, há conhecimento atualmente de mais de quatrocentos desses documentos produzidos no período colonial, com suas respectivas variações e estilos desenvolvidos em cada período e sub-região<sup>85</sup>.

Cabe ainda mencionar que, no período colonial, a continuidade da produção de códices foi legitimada e mesmo incentivada pelos espanhóis, como no caso do *Códice Mendoza*, cuja produção foi encomendada pelo vice-rei, ou mesmo com o uso de códices em processos judiciais, em que os tribunais espanhóis aceitavam esses documentos como válidos para comprovar que as elites indígenas teriam direito a manter seus privilégios no período colonial. Um caso desse último uso citado são os próprios códices *Azoyú* que chegaram a ser utilizados pelos descendentes das elites tlapanecas como mecanismo de comprovar o poder que seus ancestrais teriam no período pré-hispânico. Apesar desses códices tlapanecas possivelmente terem sido produzidos por volta de 1565, foram utilizados mais de 200 anos depois de sua confecção em disputas de terras entre descendentes das elites indígenas regionais, motivo que levou os códices *Azoyú* e o *Lienzo de Tlapa*, para a cidade de Azoyú, onde se deu a disputa jurídica, e onde ficaram guardados pela comunidade local até 1942, quando passaram às mãos de pesquisadores<sup>86</sup>.

O sistema de escrita mesoamericano é chamado de pictoglífico, e ainda que os primeiros registros desse tipo de escrita sejam encontrados entre os olmecas já no 1º milênio a.C., nas fontes que analisamos nesta pesquisa as características do sistema pictoglífico correspondem ao utilizado no período Pós-Clássico entre os povos mixtecas e nahuas, sendo por isso chamado de mixteca-nahua. Como mencionamos anteriormente, a região tlapaneca

---

<sup>85</sup> Uma das mais completas catalogações dos códices conhecidos está em WAUCHOPE, Robert; CLINE, Howard F. *Handbook of Middle American Indians*.

<sup>86</sup> Essa curiosa jornada das fontes tlapanecas explica porque os dois códices, que não mencionam a cidade de Azoyú, acabaram recebendo este nome, pois o processo de identificação da cidade de origem desses documentos foi um demorado trabalho de pesquisa de diversos estudiosos que os analisaram ao longo do século XX. Por sua vez, o *Humboldt Fragmento 1* foi levado para a Europa durante o século XVII, onde está até hoje. OUDJIK, 2012, pp. 104 - 111.

mantinha contato com mixtecas e nahuas, e com isso as fontes tlapanecas adotam essas mesmas características.

O conceito de pictoglifo refere-se a um conjunto de caracteres escritos que são coordenados entre si com algumas funções linguísticas e/ou de significado (semântica), e também de representação figurativa pictórica. Assim, esse sistema é composto tanto por glifos que cumprem apenas uma função fonética, para registrar o som de uma determinada sílaba ou palavra, e/ou por glifos que atuam como ideogramas, representando conceitos ou ideias<sup>87</sup>; como também é composto por representações figurativas. Dentre os usos desse sistema, os glifos aparecem nos códices registrando nomes próprios de lugares, que são os glifos toponímicos, e nomes de pessoas e/ou personagens, que são os glifos antroponímicos.

Ao mesmo tempo, a fluidez e composição entre glifos e representações mais pictóricas é uma característica que aparece em maior ou menor grau, a depender do período e região analisada. Apesar de possuir alguns glifos fonéticos, a escrita pictoglífica não é necessariamente uma transcrição da fala, e por isso documentos pictoglíficos de povos de idiomas distintos podem ser lidos, sem que obrigatoriamente se domine aquele idioma. Algumas das fontes que analisamos nesta pesquisa possuem glosas alfabéticas transcrevendo certos glifos em castelhano ou mesmo nahuatl, nos aproximando da pronúncia dessas palavras no idioma dos mexicas, porém mesmo as fontes tlapanecas que possuem glosas em nahuatl não possuem glosas na língua tlapaneca, o me'phaa.

O *Códice Mendoza*, fonte mexica que analisaremos nos capítulos 2 e 3, utiliza a escrita pictoglífica mixteca-nahua e a escrita alfabética, não só nas glosas acrescentadas aos fólios pictoglíficos, como fazendo a transcrição/tradução desses fólios em textos alfabéticos em castelhano, o que por vezes gera dubiedades nas leituras. Desse modo, neste códice, os textos alfabéticos em castelhano apresentam as sociedades indígenas com conceitos europeus, sendo constante a aproximação dos sistemas político e econômico mexica ao sistema feudal europeu, por exemplo, com o uso de termos como vassalos e reis para designar relações sociais e políticas dos mexicas.

A outra fonte de origem mexica que analisaremos, a *Matrícula de tributos* é um registro pictoglífico que não possui textos longos, mas acompanhando os glifos há sempre um par de glosas alfabéticas, sendo a primeira em nahuatl e a segunda glosa em castelhano, possivelmente acrescentadas em momentos distintos e, às vezes, apresentando diferenças

---

<sup>87</sup> SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os sistemas mesoamericanos de escritura. In: BERTAZONI, Cristiana; SANTOS, Eduardo Natalino dos; FRANÇA, Leila Maria. *História e arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais*. 2017, pp. 73 - 96.

entre si. Da mesma forma, as diferenças entre os registros pictográficos e as glosas da *Matrícula* e do *Mendoza* levantam algumas questões sobre a periodicidade e os tipos de tributos, que analisaremos no capítulo 3.

As fontes analisadas que registram a perspectiva da elite tlapaneca são o *Códice Azoyú 1*, o *Códice Azoyú 2* e o *Humboldt Fragmento 1*. Destes, o *Códice Azoyú 1* e o *Códice Azoyú 2* possuem seções com narrativas históricas dos eventos políticos de Tlapa-Tlachinollan, como as conquistas sobre outras cidades, mortes e sucessões de governantes, personagens importantes e reuniões entre senhores locais. No entanto, o *Códice Azoyú 1* não possui registros tributários, enquanto o *Códice Azoyú 2* possui uma seção com uma listagem dos tributos que teriam sido entregues por Tlapa aos mexicas, entre 1487 e 1498. Por sua vez, o *Humboldt Fragmento 1* é um registro predominantemente tributário, que apresenta uma estruturação semelhante à seção tributária do *Azoyú 2*, contendo o registro cronologicamente seguinte a este, com o intervalo correspondente aos anos de 1504 a 1522.

Não temos como afirmar categoricamente se havia ou não no período pré-hispânico algum tipo específico de registro com a mesma função dos códices tributários que selecionamos: de fazer registros como um livro administrativo, e de contabilidade da tributação<sup>88</sup>. Porém, outras fontes coloniais citam que no período pré-hispânico também haveria o uso dos códices para registrar os tributos<sup>89</sup>, de modo que as seções tributárias das fontes selecionadas também podem ser chamadas de *tequiamatl*, que em nahuatl significa ‘papéis ou registros de tributos’<sup>90</sup>. Localizamos que há ainda um debate se o termo código pode ser aplicado a um registro estritamente tributário, e que consideramos que o termo código engloba escritos de diferentes conteúdos e temáticas, sendo aplicável a registros administrativos e de contabilidade<sup>91</sup>.

<sup>88</sup> Há relatos nas fontes coloniais que indicam como possibilidade mais provável que a elite mexica mantivesse registros sistemáticos da tributação por escrito. BERDAN, 1992, vol. I, p. 64.

<sup>89</sup> Na introdução do site do INAH, Baltazar Brito e Gerardo Gutiérrez comentam a possibilidade de haver códices de caráter de notação tributária anteriores: “Durante estos ocho meses, los conquistadores realizaron viajes de exploración por los dominios de la Triple Alianza, guiados por los documentos tributarios que se guardaban en el petlacalco o almacén imperial de Tenochtitlan. (...) La biblioteca tributaria mexicana fue destruida durante el sitio de Tenochtitlan, de lo cual Cortés tuvo mucho pesar. (...) Es posible por lo tanto, que la Matrícula de tributos (MNA 35-52) sea una copia sobreviviente de varios registros económicos que pudieron haberse producido antes de 1535 para usos prácticos, como el mencionado por Bernal Díaz.” BRITO, Baltazar; GUTIERREZ, Gerardo. *Sección 2. Registro de los tributos entregados por las 38 provincias al imperio mexicana*. Disponível em: <http://www.codicemendoza.inah.gob.mx/index.php?lang=spanish>

<sup>90</sup> *Tequiamatl* é um termo que reúne as palavras *tequitl*, tributo e *amatl*, livro de papel amate. É importante observar que este termo pode ter surgido já no período colonial. LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices*. 2012, p. 226.

<sup>91</sup> Há também um termo em nahuatl, no dicionário de Molina, que consideramos que poderia ser adequado para referir-se às seções tributárias: *tlapoualamoxtli*, que o autor traduz como “libro de

### 1.7 O sistema calendário

Neste tópico, nos concentraremos em apresentar um pouco do uso e organização do sistema calendário adotado por mexicas e tlapanecas, no final do período Pós-clássico, e que aparece registrado nas narrativas histórico-políticas, representadas nos códices analisados. Uma das características em comum entre as culturas mesoamericanas é o uso de um sistema calendário, utilizado tanto para contabilizar e marcar o tempo, quanto para nomear e qualificar as datas. Assim, ainda que encontremos algumas variações, a depender da época e região, o sistema calendário adotado por mexicas e tlapanecas é o mesmo.

Para mexicas e tlapanecas, a duração de um ano era de 365 dias, ou seja, o ano solar, organizado em dezoito períodos de vinte dias ( $18 \times 20 = 360$ ) mais os últimos cinco dias do ano, que eram considerados em separado, como dias de mau agouro (*nemontemi*<sup>92</sup>). A cada uma dessas dezoito vintenas correspondia uma determinada festa ou celebração, e o registro de algumas das vintenas nos códices tlapanecas está relacionado aos períodos de entrega da tributação, tema que retomaremos de forma detalhada no capítulo 3, quando analisaremos a periodicidade da tributação nos registros tlapanecas.

Havia um conjunto de vinte signos chamados de *tonalli*<sup>93</sup>, que eram utilizados para nomear tanto os dias quanto os anos<sup>94</sup>. Para nomear os dias, era utilizado um sistema chamado *tonalpohualli*<sup>95</sup>, que combinava o uso de treze numerais com os vinte *tonalli*, por exemplo: dia 1 jacaré, 2 vento, 3 casa, ..., 13 junco, 1 jaguar, 2 águia, e assim por diante, formando 260 combinações de nomes ( $13 \times 20 = 260$ )<sup>96</sup>. Alguns códices, como os mixtecas, registram tanto o dia quanto o ano em que teriam ocorrido certos eventos, porém, os códices que analisamos nesta pesquisa, tanto os de origem mexica quanto os de origem tlapaneca, não

---

cuentas”, que deriva da palavra *tlapoualli*, “cosa numerada y contada, o cosa leyda”, e da palavra *amoxtli*, que significa livro. Porém não localizamos o uso desse termo e ele também pode ter surgido já no período colonial. MOLINA, 2013, p. 132.

<sup>92</sup> *Nemontemi*: designa os cinco dias vazios que completariam o ciclo do ano solar de 365 dias. Em Simeón, o termo vem da junção das palavras *nen* que significa “em vão” e *temi* que significa “estar repleto”. SIMEÓN, 1992, p. 325.

<sup>93</sup> *Tonalli*: termo que designa os vinte signos do calendário, também significa dia e alma. Em Molina está como “calor del sol, o tiempo de estio”. MOLINA, 2013, p. 149.

<sup>94</sup> Os vinte *tonalli* são: jacaré, vento, casa, lagarto, serpente, morte, veado, coelho, água, cachorro, macaco, erva, junco / cana, jaguar, águia, urubu / abutre, movimento, punhal de pedernal (de pedra), chuva e flor.

<sup>95</sup> *Tonalpohualli*: calendário que nomeia os dias combinando 13 numerais e 20 signos. Termo que vem do verbo *tonalpoa* que significa “adivinhar, predizer; contar as festas segundo calendário mexicano”. *Tonalpoa* em SIMEÓN, 1992, p. 716.

<sup>96</sup> SANTOS. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica*. 2009, pp. 128 - 142.

registram o dia dos eventos, sendo indicados apenas os anos em que teriam ocorrido essas narrativas.

Para nomear os anos, eram utilizados apenas quatro signos dentre os vinte *tonalli*, chamados de portadores dos anos, que eram combinados com treze numerais, formando 52 combinações que constituíam um ciclo ( $4 \times 13 = 52$ ), chamado de *xiuhmolpilli*; ao término desse ciclo ocorria uma festa chamada Fogo Novo, que iniciava um novo ciclo, e após isto, os anos eram novamente nomeados com cada uma das 52 combinações. Desse modo, a cada 52 anos os nomes eram repetidos, por exemplo, para os tlapanecas 1486 foi um ano chamado 7 veado, porém, 1434 e 1538 também foram anos com este nome, por isso, ao citarmos as datas nos sistemas tlapaneca e mexica, indicaremos entre parênteses a sua correspondência com o calendário gregoriano<sup>97</sup>. As datas do Fogo Novo não necessariamente coincidiam entre diferentes grupos, por exemplo, segundo a Seção I do *Códice Mendoza*, o Fogo Novo dos mexicas ocorria num ano de nome 2 junco, que teria sido em 1351, em 1403, em 1455<sup>98</sup>, e em 1507.

Apesar de mexicas e tlapanecas utilizarem o mesmo sistema calendário, cada um adotava o uso de um conjunto diferente de signos para nomear os anos, de modo que, os portadores dos anos no calendário mexica eram os signos: casa, coelho, junco e punhal (*calli, tochtli, acatl, tecpatl*), combinados aos numerais de 1 a 13; e os portadores dos anos no calendário tlapaneca eram os signos: vento, veado, erva, e movimento (*Ehecatl, mazatl, malinalli e ollin*), combinados aos numerais de 2 a 14 (ver Figura 1 - Comparação dos glifos dos portadores dos anos nos calendários tlapaneca e mexica). No caso desses dois conjuntos de nomes para os anos ocorria uma coincidência entre os numerais utilizados de 2 a 13, de modo que, a um ano tlapaneca com o numeral 14 correspondia um ano mexica com o numeral 1, e o ano seguinte começaria com o numeral 2 para ambos<sup>99</sup>. De modo que, o ano 7 Coelho

---

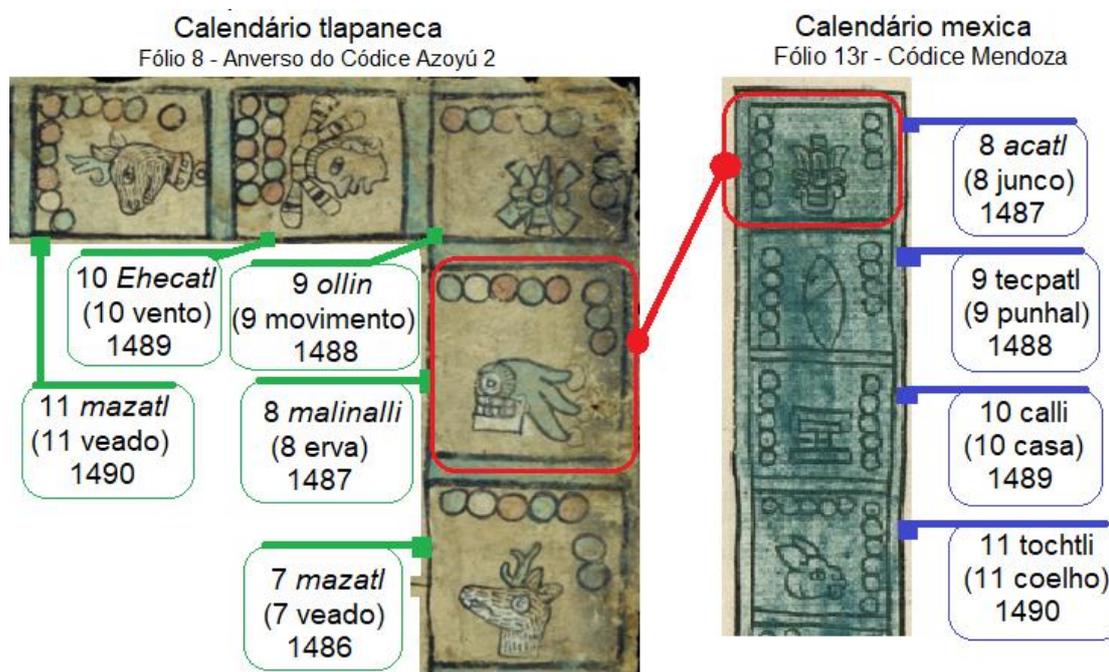
<sup>97</sup> Devemos destacar que essa correspondência é sempre uma aproximação, pois os anos de mexicas e de tlapanecas não necessariamente começariam no que seria o correspondente ao mês de janeiro de um ano do calendário gregoriano.

<sup>98</sup> A Seção I do *Códice Mendoza* registra o Fogo Novo nos anos de 1351, 1403 e 1507, porém, no fólio 7v em que deveria constar o registro do Fogo Novo no ano 1455, não aparece este registro, não sabemos se propositalmente ou não.

<sup>99</sup> Os portadores dos anos utilizados pelos nahuas também eram utilizados pelos mixtecas, e os portadores dos anos utilizados pelos tlapanecas também eram utilizados pelos zapotecas. Porém, ressaltamos que o alinhamento entre os numerais na nomeação dos anos mexicas e tlapanecas trata-se de uma coincidência, porque outras cidades ou regiões que adotavam os mesmos portadores dos anos não necessariamente tinham esse tipo de correspondência entre suas datas, por exemplo, o ano 3 casa dos mexicas corresponde ao ano 3 vento dos tlapanecas, coincidindo o numeral 3, por sua vez, para os mixtecos seria o ano 2 casa, e dependendo da região para os zapotecos seria o ano 1 vento ou 6 veado.

(*chicome tochtli*) dos mexicas é correspondente ao ano 7 Veado (*chicome mazatl*) dos tlanecas, que correspondem ao ano 1486 do calendário gregoriano<sup>100</sup>.

Figura 1 - Glifos dos portadores dos anos nos calendários tlaneca e mexica



Destacamos que, ainda que os nomes dos anos sejam distintos para mexicas e tlanecas, o sistema calendário usado por ambos é o mesmo, bem como as convenções do sistema pictográfico, de modo que, tanto nos códices mexicas quanto nos códices tlanecas são usadas molduras calendárias nos fólios das seções com narrativas histórico-políticas, em que a sequência cronológica anual delimita e orienta a leitura dos eventos narrados.

Assim, no *Códice Azoyú 2* os glifos que nomeiam os anos estão dentro de quadrados com uma moldura pintada de verde-azulado, e a Seção I do *Códice Mendoza*, também possui essa moldura, com os glifos dos anos dentro de quadrados, nesse caso, tanto a moldura quanto o interior dos quadrados estão pintados da mesma cor azul-turquesa. Por sua vez, a moldura calendária do *Códice Azoyú 1* apresenta a alternância do verde e do vermelho para pintar a parte interna dos quadrados onde estão os anos<sup>101</sup>. O uso de uma cor verde-

<sup>100</sup> Utilizamos como referência para fazer a conversão entre estes três calendários, as datas correspondentes propostas no livro explicativo de Vega Sosa e Oudijk sobre o *Códice Azoyú 2* em que há a correspondência dos anos entre os sistemas calendários dos mexicas, dos tlanecas e dos europeus. VEGA SOSA, 2012, pp. 193 - 195. Sobre o método que a autora utiliza para realizar essa conversão: VEGA SOSA, 2012, pp. 8 - 16.

<sup>101</sup> Nossa análise quanto ao uso alternado de vermelho e verde na borda calendária do *Azoyú 1* é de que se trata de uma questão estética, já que além de possuírem moldura, os quadrados são pintados

azulada para pintar ou emoldurar os anos vem de uma convenção em que esse tom é usado para atribuir a ideia de preciosidade aos glifos representados, remetendo à cor da turquesa e do jade. Assim, em nahuatl há uma palavra que reúne vários significados relacionados a isso: *xihuitl*, podendo ser traduzida como ano, cometa, turquesa, folha<sup>102</sup>.

---

na parte interna. Assim, geralmente o padrão usado é combinar o glifo calendário de uma cor contrastando com a cor do fundo, por exemplo, se o glifo do veado está pintado de vermelho, o fundo será verde, já no caso do glifo de erva que é pintado de verde, o fundo é destacado em vermelho.

<sup>102</sup> *Xiuitl* ou *xihuitl*. SIMEÓN, 1992, p. 770.

## 2 RELAÇÕES POLÍTICAS ENTRE TLAPANECAS E MEXICAS

O objetivo central deste capítulo é analisar e comparar as representações de poder nos códices tlapanecas e mexicas, bem como, as representações das relações entre tlapanecas e mexicas, para destacar em quais momentos e de que forma são representados os contatos e relações entre esses dois grupos. Para entendermos as representações de poder construídas nas narrativas históricas de tlapanecas e de mexicas, temos como objetivos: analisar e comparar as representações feitas pelos tlapanecas e pelos mexicas de seus governantes, destacando os atavios que aparecem usando nestes registros; e analisar as representações dos processos de incursões bélicas registrados, que teriam sido empreendidos por governantes tlapanecas e por governantes mexicas.

Dessa maneira, o capítulo está organizado da seguinte maneira: os dois primeiros tópicos possuem um caráter mais descritivo, apresentando as características e estruturação do *Códice Mendoza* e depois dos códices *Azoyú*, que serão analisados nos demais tópicos, de acordo com as temáticas que nos interessa desenvolver. No tópico 2.3, analisaremos as representações dos atavios de poder dos mexicas e analisaremos as representações de poder nos códices tlapanecas, destacando as semelhanças e diferenças nos atavios de poder representados no *Códice Azoyú 1* e no *Azoyú 2*, para debater as concepções de poder político dos tlapanecas. No tópico 2.4, analisaremos a representação do processo expansionista de Tlapa, suas conquistas e a realização de sacrifícios humanos representados nos códices, para debater a construção das narrativas históricas feitas pela elite tlapaneca. No tópico 2.5, analisaremos as representações tlapanecas de um primeiro contato com os mexicas, que teria sido pacífico, que é uma perspectiva ausente nas fontes mexicas. No tópico 2.6, analisaremos as representações tlapanecas da conquista pelos mexicas, que leva Tlapa a ser incorporada como cabeceira de uma província tributária. Por fim, no tópico 2.7, analisaremos as representações do processo de expansão bélica dos mexicas, até a incorporação de Tlapa em seu sistema tributário.

Com isso, neste capítulo, queremos nos aprofundar nas representações de poder dos tlapanecas, assim, quanto aos atavios de poder representados, analisaremos como os tlapanecas incorporam elementos mexicas, como legitimadores do poder de sua própria elite local; e como alguns atavios de poder tlapanecas estão associados a funções ritualísticas.

Apesar das escalas de poder dos dois grupos analisados terem alcances distintos, demonstraremos que as narrativas que as elites tlapaneca e a elite mexica construíram sobre si

mesmas não são tão diferentes, pois ambas privilegiam o enaltecimento de suas próprias cidades como cabeceiras que exercem muitas conquistas bélicas. Por sua vez, quando trata-se das narrativas de relações entre tlapanecas e mexicas, as fontes tlapanecas apresentam uma perspectiva diferente, registrando um primeiro contato pacífico e de negociação entre as elites, revelando um aspecto ausente nas narrativas mexicas. No entanto, ambos os conjuntos de fontes coincidem em registrar que a conquista de Tlapa pelos mexicas foi um processo de domínio bélico violento.

### 2.1 Características e estruturação da Seção I do Códice Mendoza

Neste tópico, descreveremos as características gerais e a estruturação da seção histórico-política do *Códice Mendoza*. O *Códice Mendoza*<sup>103</sup> ou *Mendocino* foi confeccionado em papel europeu e encadernado no formato de um livro. Estima-se que tenha sido produzido entre 1540 e 1542, a pedido do vice-rei Antônio de Mendoza, para atender aos interesses dos castelhanos de mapear e conhecer as terras e tributos que compunham os domínios dos mexicas no período pré-hispânico. O *Códice Mendoza* possui o sentido geral de leitura como o de um livro europeu, da esquerda para a direita, e de cima para baixo; e está organizado em uma composição dupla de fólios alfabéticos e fólios pictográficos, em que os textos alfabéticos em castelhano transcrevem e/ou traduzem os glifos que aparecem no fólio seguinte. Nos fólios pictográficos, também há glosas alfabéticas em castelhano acompanhando os glifos, e em alguns casos, a forma como explicam e/ou descrevem os glifos difere do texto correspondente no fólio alfabético.

O *Códice Mendoza* possui três seções temáticas: I - Fundação de México-Tenochtitlan e história das conquistas dos *huey tlatoque* mexica, II - Registro dos tributos entregues pelas 38 províncias ao império mexica, e III - Relação do modo e costume de vida dos naturais mexicanos<sup>104</sup>; em que os fólios são utilizados de ambos os lados<sup>105</sup>. Apenas no

<sup>103</sup> Atualmente está guardado na Biblioteca Bodleiana de Oxford, no Reino Unido, sob o código MS. Arch. Selden. A. 1.

<sup>104</sup> No *Códice Mendoza* as divisões entre as três seções são indicadas apenas pelos títulos de “primeira, segunda e terceira parte”, de modo que a denominação de cada seção aqui apresentada está de acordo com a apresentação feita no primeiro parágrafo de cada seção na própria fonte, conforme utilizado por Baltazar Brito na versão digitalizada do *Códice Mendoza*, podendo ser encontradas outras denominações para essas seções. Disponível em: <http://codicemendoza.inah.gob.mx>

<sup>105</sup> Assim, é convencionado nomear os fólios do *Códice Mendoza* da seguinte forma: a parte da frente de cada fólio é numerada de 1 a 71 e acompanhada da letra r, abreviatura de *recto*, e a parte do verso usa a mesma numeração que a parte da frente, porém acompanhada da letra v, abreviatura de verso. A Seção I vai do fólio 1r ao 18r, a Seção II vai do fólio 18v ao 55v, e a Seção III vai do fólio 56r

capítulo 3 apresentaremos as características da seção tributária, por sua vez, a seção III deste códice não entrará em nossas análises.

A Seção I do *Códice Mendoza* possui um primeiro fólio pictoglífico (f. 2r) que abarca um período entre o ano 2 casa (1325) e o ano 13 junco (1375) com uma cena representando a fundação de México-Tenochtitlán e a escolha de um governante, chamado Tenoch, por um grupo de líderes guerreiros, e abaixo dessa cena, a conquista de duas outras cidades. Após esse primeiro fólio, os demais fólios pictoglíficos da Seção I apresentam os governantes mexicas, com o registro das datas em que teriam governado e a listagem das cidades que eles teriam conquistado (ver Figura 2 com o exemplo da representação da conquista de Tlapa pelo governante Tizoc); estas narrativas são formadas por um fólio alfabético e um fólio pictoglífico com glosas em castelhano. O padrão apresentado nas listas de conquistas de cada governante só é alterado nos dois últimos fólios dessa seção (f. 17v e 18r), que contém uma listagem de 21 cidades em separado das demais, indicando lugares que teriam uma relação distinta com os mexicas, com governadores mexicas estabelecidos (*tlacatectli*<sup>106</sup>).

As listas de cidades conquistadas por esses governantes totaliza 213 *altepeme*, representados nos fólios por seus glifos toponímicos acompanhados de glosas alfabéticas indicando a pronúncia em nahuatl dos nomes desses lugares e a abreviação *pu* para indicar a palavra *pueblo*; cada glifo toponímico é conectado por uma linha preta ao glifo de uma casa ou templo com o teto inclinado, do qual saem volutas de fumaça e de fogo. Além do glifo da construção incendiada, outro glifo que reforça a representação de que as conquistas empreendidas por estes governantes teriam sido violentas é um glifo composto por um escudo e um conjunto de flechas, sempre desenhado à frente do governante, representando conquistas realizadas por meio da guerra. Em alguns casos, os glifos toponímicos de alguns lugares se repetem, indicando novas incursões a um lugar anteriormente conquistado, e sugerindo rebeliões e/ou instabilidade em relação aos mexicas.

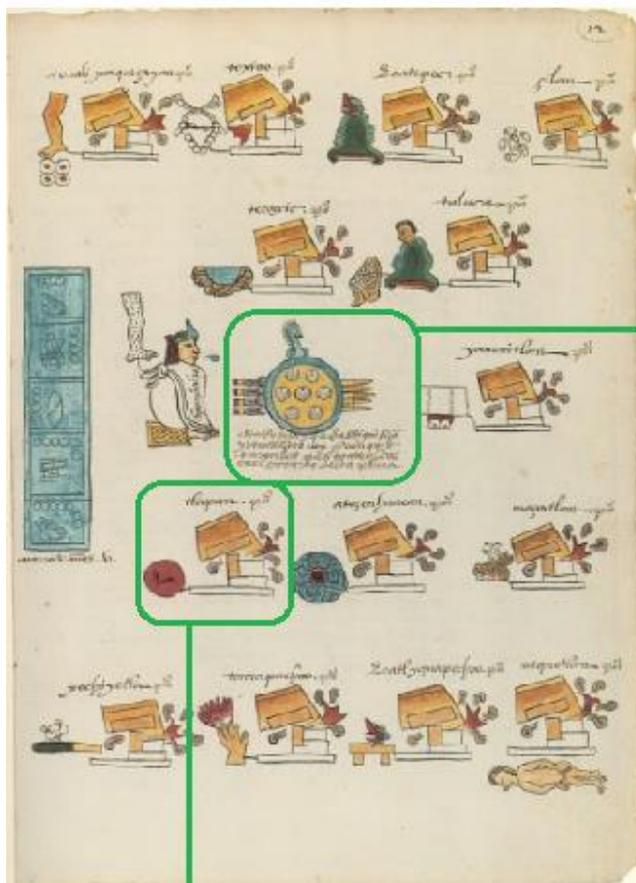
---

ao 71v, considerando que cada uma dessas seções possui algumas características específicas relacionadas à organização dos registros nos fólios, neste capítulo apresentaremos as características gerais e o sentido de leitura da Seção I, e no capítulo 3 apresentaremos a Seção II.

<sup>106</sup> Nas glosas do *Códice Mendoza* está escrito *tlacatectli* que seria uma corruptela do termo *tlacatecutli*. *Tlacatecutli*: senhor, dono, soberano. O termo deriva da junção de '*tlacatl*' que significa homem, pessoa, e '*tecutli*' que significa senhor. SIMEÓN, 1992, p. 560. Na glosa em espanhol ao lado está escrito "governador" (*Códice Mendoza* - f. 17v e 18r).

Figura 2 - Representação no *Códice Mendoza* da conquista de Tlapa por Tizoc

Fólio 12r - Governante Tizoc



Destaque glifo de conquista



Transcrição:

esta rodela y flechas significã  
ystrumentos con q conquis  
taron los pu contenidos  
en el circuito desta plana

Tradução:

Este escudo e flechas significam  
instrumentos com que conquistaram  
os pueblos contidos no circuito desta  
página

Destaque glifo de Tlapa



tlapan . xpi

tlapan pueblo

2.2 Características e estruturação dos Códices Azoyú 1 e Azoyú 2

Neste tópico, apresentaremos as características dos códices histórico-políticos tlapanecas que serão analisados ao longo deste capítulo. Os códices *Azoyú 1* e *Azoyú 2* são

registros histórico-políticos sobre Tlapa-Tlachinollan, com narrativas relacionadas aos eventos políticos, como conquistas de outras cidades, os momentos em que os governantes tlapanecas assumem e, também, o registro de suas mortes. Com relação à estrutura e estilo, esses dois códices possuem uma série de características semelhantes, sendo a principal diferença a quase ausência de glosas no *Azoyú 1*<sup>107</sup>. As diferenças relevantes entre os dois códices aparecem com relação aos conteúdos, pois as representações de certos eventos são feitas de formas diferentes em cada um deles, de modo que, a comparação entre estes dois códices permite identificar perspectivas que são representadas de forma análoga, e também elementos que são evocados em apenas um destes dois códices, gerando outras possibilidades de interpretação para as representações tlapanecas em suas narrativas históricas.

Portanto, ao fazermos nossas análises, sempre que nos referirmos aos códices *Azoyú*, sem especificar a qual deles, significa que estamos tratando de elementos ou representações que ambos os códices possuem em comum; e, por sua vez, sempre que for necessário abordar as particularidades de cada uma das fontes, apontaremos se estamos tratando do *Azoyú 1* ou do *Azoyú 2*. Os códices *Azoyú* são longas tiras de papel amate pintadas de ambos os lados, e estruturadas no formato de biombo, com um sentido geral de leitura da direita para a esquerda. Em documentos, como os códices, em que ambos os lados das tiras são utilizados para registrar os conteúdos, nem sempre é possível definir um lado como sendo a frente e o outro como sendo o verso, pois os conteúdos de cada lado às vezes podem ser lidos separadamente, e não necessariamente correspondem a uma continuação do lado oposto. Por isso, é convencionado, em casos como os desses códices, utilizar os termos anverso para referir-se ao lado que é considerado a parte frontal ou principal do códice, e reverso para referir-se ao lado oposto ao principal, diferenciando os lados das tiras e indicando em qual deles se localiza cada fólio. Devemos destacar que os termos anverso e reverso se referem à disposição espacial dos registros no códice e não a seções temáticas, pois pode haver mais de

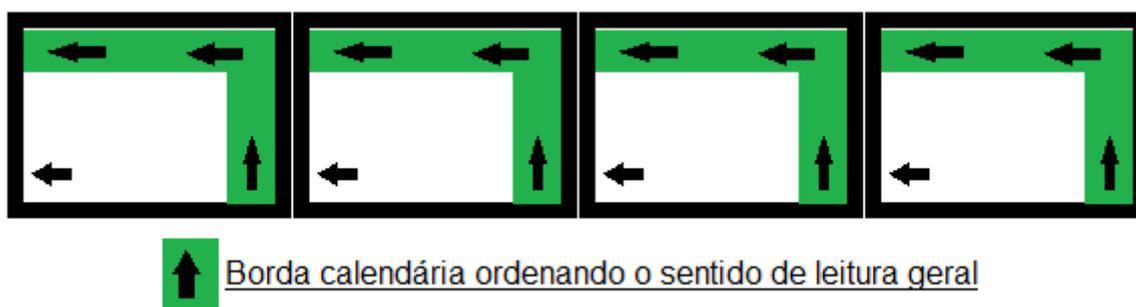
---

<sup>107</sup> Dois fólhos da seção histórico-político possuem glosas alfabéticas em nahuatl, mas que foram acrescentadas esporadicamente e, no geral, não auxiliam a leitura dos registros pictográficos. Os únicos fólhos com glosas alfabéticas no *Anverso do Azoyú 1* são o fólio 23 e 24. O fólio 23 registra a morte do governante Senhor Bandeira-de-penas e seu sucessor o Senhor Chuva, e o fólio 24 registra o encontro do Senhor Chuva com um emissário mexicana. Além das glosas entre os personagens, como no fólio 24 com a glosa 'Tenochtitlan' em cima do glifo de um nopal sobre uma pedra, há uma lista de glosas nestes dois fólhos que estão escritas entre os glifos das datas, entre os anos 14 veado e 11 movimento. Essa lista possui ao menos 24 glosas em nahuatl cuja conexão com os registros pictográficos dos mesmos fólhos não está clara. Em nossa análise, levantamos a possibilidade de serem nomes de lugares que Tlapa dominava, pois ao menos nove dessas glosas terminam com o locativo toponímico 'tepec' e outras com o locativo 'tla', além disso, dois lugares já localizados nos domínios de Tlapa aparecem entre essas glosas: Amaxac e Acatepec.

uma seção registrada em um mesmo lado<sup>108</sup>. Assim, abaixo indicaremos quais e quantas seções cada um dos códices *Azoyú* possui, e quais destas serão analisadas em cada capítulo.

Em ambos os códices *Azoyú*, as seções com temática de narrativas histórico-políticas estão no Anverso, e seus fólhos são organizados no sentido horizontal, com o sentido de leitura da direita para a esquerda, debaixo para cima (ver Figura 3 - Sentido de leitura geral dos Anversos do *Azoyú 1* e do *Azoyú 2*), possuindo uma borda calendária que cobre a lateral direita e a margem superior de cada fólho, composta pela sequência da representação dos glifos dos anos, sendo que no *Anverso do Azoyú 1* cada fólho registra um período de 7 anos, enquanto no *Anverso do Azoyú 2* cada fólho registra um período de 8 anos.

Figura 3 - Sentido de leitura geral dos Anversos do *Azoyú 1* e do *Azoyú 2*

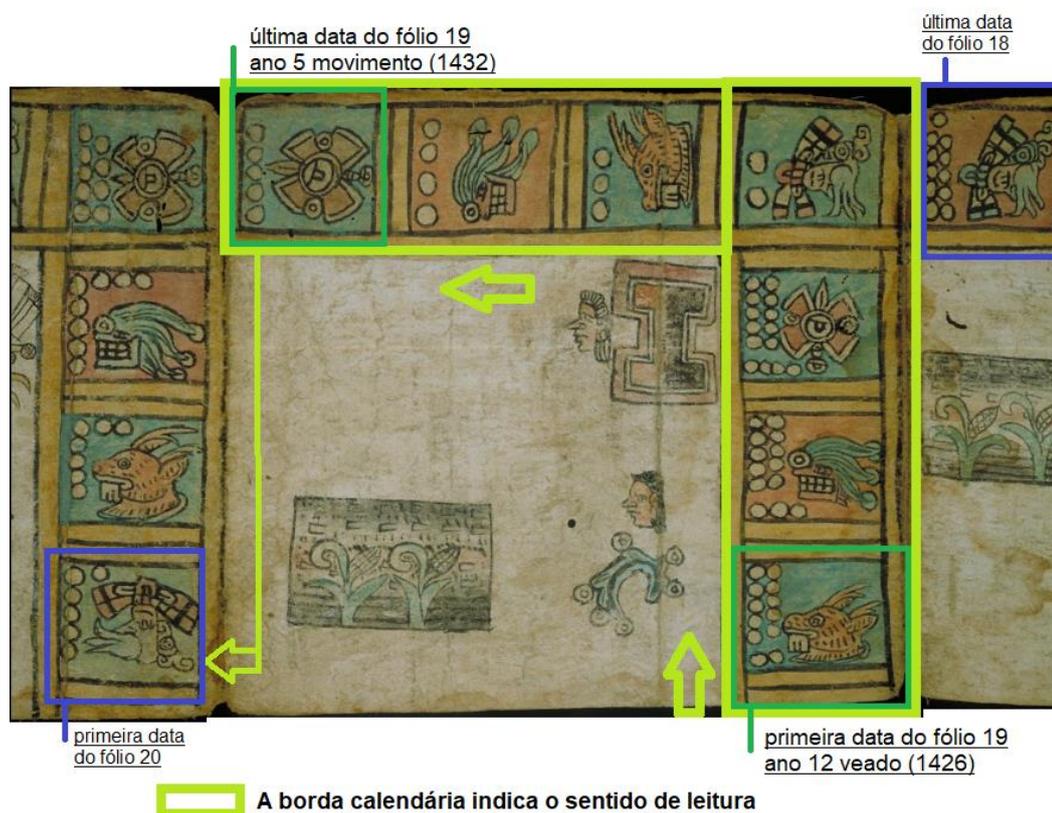


O *Códice Azoyú 1*<sup>109</sup> é composto de 38 fólhos<sup>110</sup>, sendo que no anverso estão todos pintados, e no reverso apenas 11 fólhos estão pintados. Assim, o *Códice Azoyú 1* possui, ao todo, 49 fólhos pintados, e três seções temáticas: uma seção com narrativas histórico-políticas, um registro genealógico dos governantes e um registro cartográfico; e cada uma das três seções possui características específicas com relação ao estilo das representações e ao sentido de leitura. Destacamos que o *Códice Azoyú 1* não possui registros tributários em nenhuma de suas seções, e que do *Códice Azoyú 1* analisamos a seção histórica-política e a seção genealógica.

<sup>108</sup> Os critérios para estabelecer as distintas seções de um códice não estão obrigatoriamente relacionados ao lado em que estão estes registros, sendo possível perceber e diferenciar as seções temáticas a partir de elementos como os conteúdos que são enfatizados, as alterações de estilo nas representações e a disposição espacial das representações nos fólhos.

<sup>109</sup> Também chamado de *Códice Rodríguez-Ortega*, o *Códice Azoyú 1* atualmente está guardado na Biblioteca Nacional de Antropología e Historia, no México, sob o código MNA 35-108. É composto de 38 fólhos que medem aproximadamente 23,5 X 21 cm cada.

<sup>110</sup> Sendo que foi convencionado considerar que o lado em que os 38 fólhos foram preenchidos é o lado da frente, chamado de Anverso, e neste lado os fólhos são numerados de 1 a 38. O Anverso possui uma única seção, e o Reverso possui duas seções.

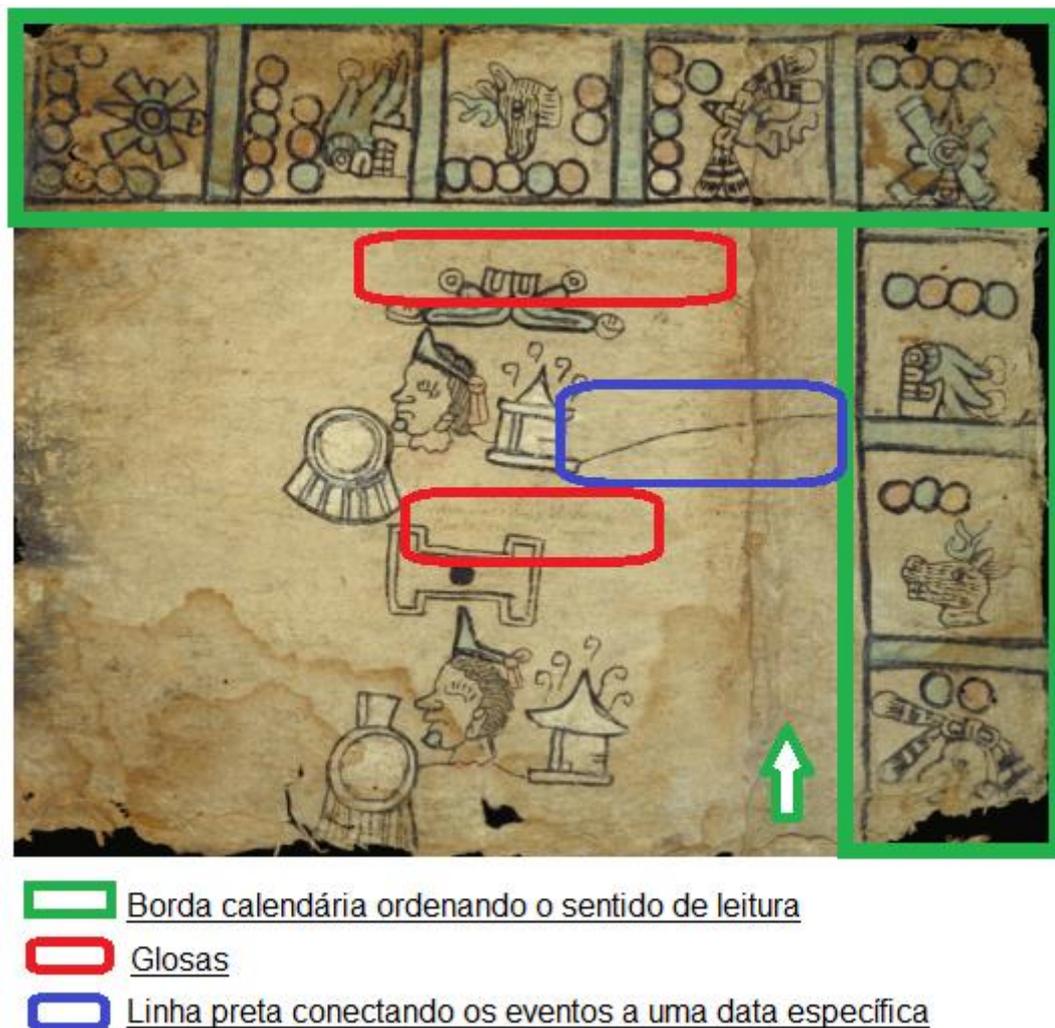
Figura 4 - Sentido de leitura do Anverso do *Azoyú 1* - fólio 19

No *Anverso do Azoyú 1* está a seção histórico-política<sup>111</sup>, que vai de 1300 a 1565. A seção genealógica está registrada entre os fólios 33 e 38 do *Reverso do Azoyú 1*, em que são representados os governantes tlapanecas, suas esposas e seus filhos, sendo possível identificar personagens que aparecem em outros registros e relacioná-los. As esposas dos governantes tlapanecas raramente são representadas nos registros históricos do *Anverso*, porém, na seção genealógica aparecem alguns glifos toponímicos indicando as cidades de origem de algumas destas esposas, mostrando uma rede de relações políticas, entre Tlapa e as demais cidades de seu senhorio, que foram intermediadas por casamentos entre elites. A seção genealógica possui um sentido de leitura geral da direita para a esquerda, mas a ordem de leitura é

<sup>111</sup> Os registros históricos do *Azoyú 1* se iniciam em 1300 e os registros históricos do *Azoyú 2* se iniciam em 1429, portanto, toda uma parte do *Azoyú 1* não possui representação análoga no *Azoyú 2*. Considerando que o período registrado no *Azoyú 1* entre 1300 e 1429 foge ao recorte temporal que fizemos nesta pesquisa, concentramos nossas análises do *Anverso do Azoyú 1* aos fólios 18 a 33, que vão de 1419 a 1530. Os fólios que correspondem a períodos anteriores a 1429 e os que correspondem aos períodos posteriores a 1521 foram analisados de forma pontual, e só serão evocados na medida em que seus registros se relacionem diretamente com o período entre 1429 e 1521.

indicada apenas por linhas pretas que conectam os personagens representados como governantes aos demais personagens próximos a eles.

Figura 5 - Sentido de leitura do *Anverso do Azoyú 2* – fólio 1



O *Códice Azoyú 2*<sup>112</sup> possuiria, originalmente, 17 fólhos, dos quais dois se perderam, gerando algumas lacunas nas leituras em ambos os lados<sup>113</sup>. O *Anverso do Azoyú 2*

<sup>112</sup> Também chamado de Códice Ortega, o *Códice Azoyú 2* atualmente está guardado na Biblioteca Nacional de Antropología e Historia, no México, sob o código MNA 35-109. É composto de 15 fólhos que medem aproximadamente 22 X 27 cm cada.

<sup>113</sup> De modo que atualmente o *Azoyú 2* é composto de 15 fólhos. Conforme comentado anteriormente, neste códice que possui ambos os lados preenchidos, foi convencionado que o lado em que os 15 fólhos foram preenchidos seja considerado o lado da frente, chamado de Anverso, e neste lado os fólhos são numerados de 1 a 17. No *Azoyú 2*, o lado oposto à seção histórica não possui todos os fólhos preenchidos, sendo assim chamado de Reverso. No Reverso do *Azoyú 2* está registrada a seção tributária, que não é o tema central deste capítulo, portanto, aqui apontaremos apenas as

constitui uma única seção temática com a narrativa histórico-política de Tlapa, sendo que estão registrados o intervalo entre 1429 e 1500 (nos fólhos 1 a 9), e o intervalo entre 1517 e 1565 (nos fólhos 12 a 17); portanto, no Anverso, a lacuna gerada pela ausência dos fólhos 10 e 11 corresponde ao intervalo entre 1501 e 1516.

Os fólhos do *Anverso do Azoyú 2* possuem, além dos registros pictográficos, algumas glosas alfabéticas, geralmente transcrevendo em nahuatl os nomes de lugares e personagens que estão representados por meio de glifos, assim, algumas glosas auxiliam a compreender os glifos, enquanto outras estão muito apagadas e são de difícil leitura. Apesar de ser um documento de origem tlapaneca, não localizamos glosas que transcrevam os nomes desses lugares e personagens em me'phaa.

### 2.3 Representações de poder nos códices

Nos códices, as representações dos personagens trazem uma série de objetos que podem ou não estar associados às funções políticas e/ou ritualísticas desses personagens, ou às suas ações; e a representação de certos atavios nos leva a entender que estes são objetos marcadores de poder, por indicarem quais personagens seriam governantes, por isso, a identificação desses atavios e suas variações é necessária para distinguir o papel ou função de cada personagem nas narrativas.

Assim, neste tópico, analisaremos primeiro os atavios de poder característicos nas representações de governantes mexicas, e em seguida, analisaremos os atavios que são associados aos governantes tlapanecas para compreender as representações de poder nos códices *Azoyú*. Para isto, dividimos o tópico 2.3 em três sub-tópicos voltados à análise dos códices tlapanecas, com os seguintes objetivos: analisar e comparar os conjuntos de atavios que aparecem associados aos governantes tlapanecas nos códices *Azoyú 1* e *Azoyú 2*; analisar as variações internas a cada um dos códices nos atavios utilizados pelos governantes registrados nos períodos pré-hispânico e colonial; e analisar e comparar os atavios de poder dos códices tlapanecas com os atavios de poder dos códices mixtecas.

Das análises dos dois códices *Azoyú*, o primeiro aspecto que devemos destacar é que há uma grande diferença entre os objetos que são representados no *Azoyú 1* e no *Azoyú 2*, de maneira que, o primeiro apresenta um conjunto de atavios caracteristicamente tlapaneca, e o segundo apresenta um conjunto de atavios caracteristicamente mexica. Assim, apesar de

---

características da seção histórica, e no capítulo 3, em que o tema central serão os registros tributários, apresentaremos as características particulares do Reverso do *Azoyú 2*.

terem sido produzidos aproximadamente no mesmo período, essas diferenças apontam que os códices *Azoyú* foram possivelmente produzidos por setores distintos da elite tlapaneca. Com isso, entendemos que essas escolhas de quais objetos representam o poder do governante poderiam atender não só a interesses de grupos distintos, como mesmo a diferentes concepções de poder político entre setores da elite tlapaneca.

Por isso, analisamos também as variações dos atavios de poder representados no período pré-hispânico e no período colonial, pois, ainda que ambos os documentos sejam coloniais, ocorrem alterações nos atavios representados conforme o período, de maneira que, em ambos, o último membro da elite tlapaneca registrado, o Senhor Coelho, chega a ser representado com roupas e objetos espanhóis. Aqui, entendemos que essas alterações revelam uma característica da elite tlapaneca de incorporar representações de poder de outros grupos mais poderosos, sendo em um momento, dos mexicas, em outro contexto, dos próprios espanhóis.

Essas incorporações de atavios de outros grupos nas representações tlapanecas nos levou a indagar se o conjunto de atavios de poder do *Códice Azoyú I* seriam também incorporações, dessa vez dos mixtecas, já que Tlapa se localiza em uma área de contatos, tanto com nahuas, quanto com mixtecas; no entanto, essa influência mixteca não se confirmou.

### 2.3.1 *Atavios de poder no Códice Mendoza e nos códices Azoyú*

Neste tópico, apresentaremos o conjunto de atavios de poder representados, no *Códice Mendoza*, que indicam os personagens que seriam governantes. Em seguida, analisaremos os atavios associados aos governantes nos códices *Azoyú*, comparando semelhanças, diferenças e repetições, tanto entre os dois códices tlapanecas, quanto nos elementos específicos em cada códice, quando analisados separadamente.

Na Seção I do *Códice Mendoza* estão listados nove personagens que teriam sido governantes dos mexicas entre 1376 e 1521<sup>114</sup>: Acamapichtli (1376 - 1396), Huitzilihuitl

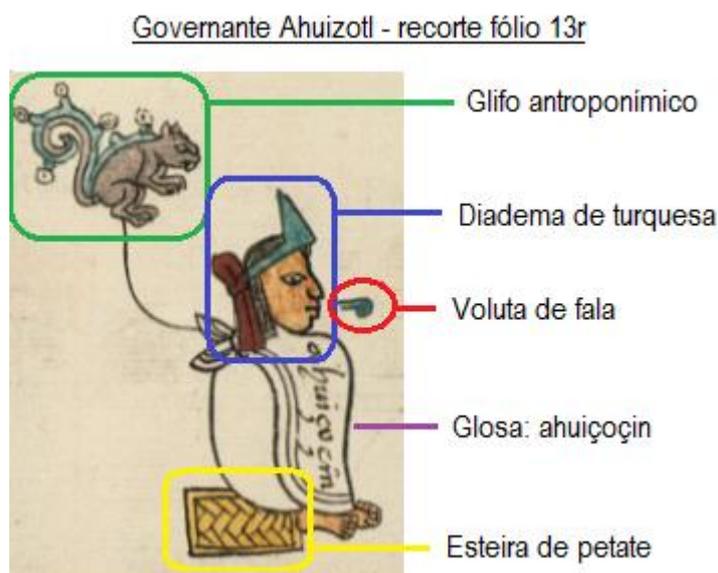
---

<sup>114</sup> O último fólio da Seção I do *Códice Mendoza* que registra uma data é o fólio 15v, em que está registrado o governante Moctezuma II. Neste fólio, a última data é o ano 3 casa, que possui uma glosa em castelhano dizendo que este foi o ano da pacificação e conquista, e o ano anterior a este, o ano 2 punhal possui uma glosa indicando que este foi o ano da morte do governante Moctezuma II. Assim, a projeção das datas mexicas correspondentes ao calendário cristão é feito da seguinte forma: o ano 3 casa é considerado 1521, e a partir dele são projetadas as datas para trás.

(1397 - 1417), Chimalpopoca (1418 - 1427)<sup>115</sup>, Itzcoatl (1428 - 1440), Moctezuma I (1441 - 1469), Axayacatl (1470 - 1481), Tizoc (1482 - 1486), Ahuizotl (1487 - 1502) e Moctezuma II (1503 - 1520)<sup>116</sup>.

No *Códice Mendoza*, os atavios que indicam que os personagens representados são governantes são: estarem sentados em uma esteira, usando um diadema de turquesa, vestindo uma manta branca e com uma voluta de fala. Todos os governantes possuem seu glifo antropônimo conectado por uma linha preta à cabeça ou às costas, e uma glosa alfabética escrita dentro da manta branca indicando a pronúncia em nahuatl do nome. Na Figura 6 colocamos como exemplo o personagem Ahuizotl, que teria conquistado Tlapa, destacando os atavios de poder que o identificam como governante. Os fólhos alfabéticos, que fazem par com os fólhos das conquistas dos governantes, narram alguns aspectos sobre estes personagens.

Figura 6 – Atavios de poder no *Códice Mendoza* – Ahuizotl - fólho 13r



Tendo identificado os atavios de poder dos governantes no *Códice Mendoza*, passaremos a identificá-los também nos códices tlapanecas. Assim, destacamos que, no *Azoyú I*, a combinação de atavios associados aos personagens que são governantes é bastante única,

<sup>115</sup> Os períodos em que os três primeiros personagens teriam sido governantes são anteriores ao intervalo de tempo que delimitamos nos eventos registrados pelos tlapanecas, e, portanto, eles não teriam se relacionado com Tlapa.

<sup>116</sup> Todos os governantes mexicas teriam relação de parentesco, descendendo de Acamapichtli.

já que buscamos representações semelhantes nos códices coloniais mexicas e nos códices pré-hispânicos mixtecas, e não localizamos representações de governantes que contenham exatamente essa combinação dos mesmos elementos: personagens sentados em um banco, portando uma bolsa de copal<sup>117</sup>, um leque redondo, e um enfeite pendurado no pescoço.

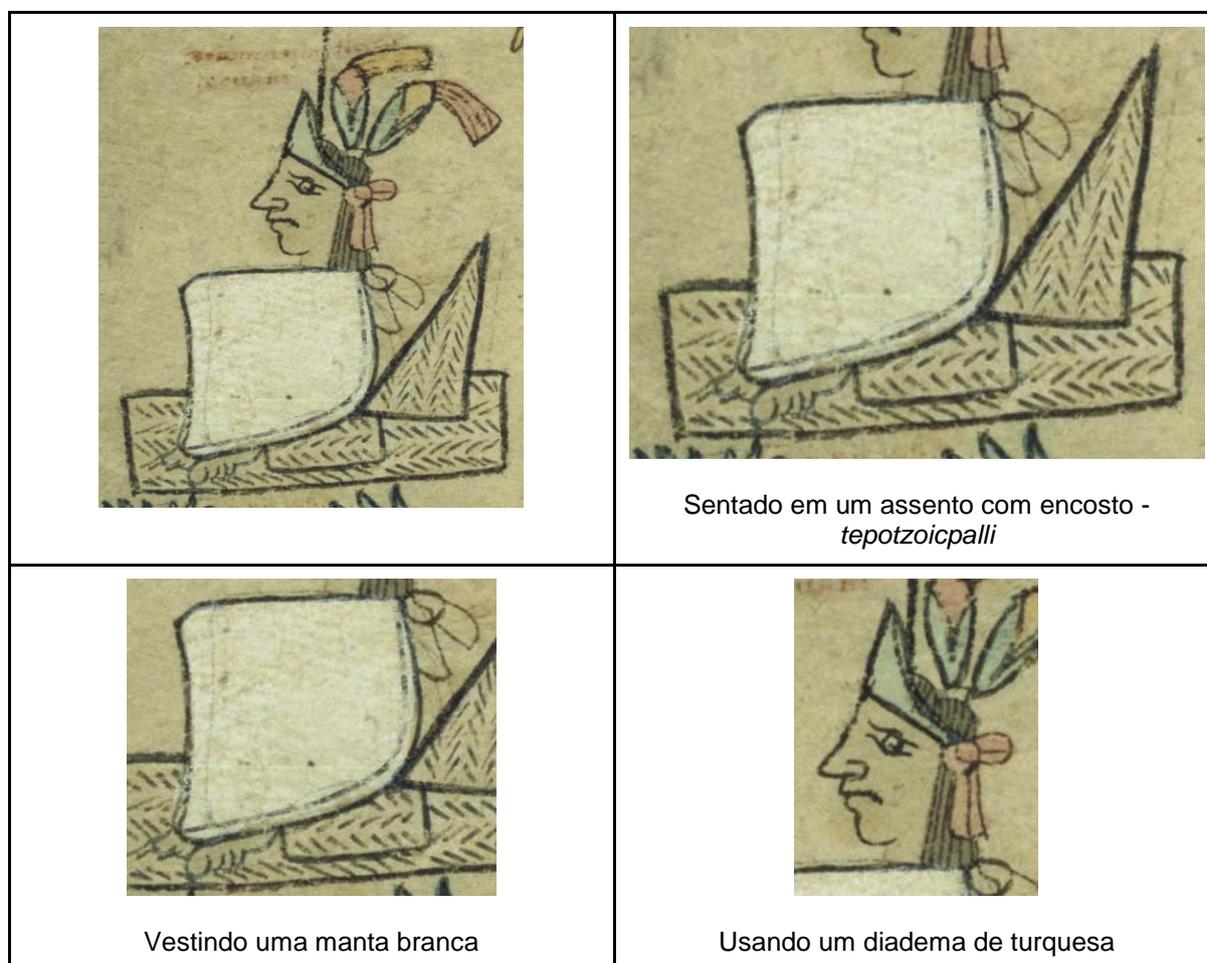
Figura 7 - Características dos personagens masculinos nos códices *Azoyú*

Códice Azoyú 1	Códice Azoyú 2
 <p data-bbox="277 1048 754 1106">Cabelos na altura dos ombros e orelhas aparentes - Anverso fólio 28</p>	 <p data-bbox="842 1048 1398 1077">Usando diadema de turquesa - Anverso fólio 7</p>
 <p data-bbox="280 1429 751 1458">Penteado de guerreiro - Anverso fólio 8</p>	 <p data-bbox="887 1429 1355 1458">Penteado de guerreiro - Anverso fólio 3</p>
 <p data-bbox="228 1805 804 1834">Cabelos na altura dos ombros - Reverso fólio 34</p>	 <p data-bbox="842 1805 1402 1834">Cabelos na altura dos ombros - Anverso fólio 6</p>

<sup>117</sup> O copal (*copalli*) é uma resina extraída de árvores usada pelos mesoamericanos, entre outras coisas, como incenso. Assim, a bolsa de copal é um objeto para guardar este material.

No *Anverso do Códice Azoyú 1*, a maioria dos personagens masculinos são representados com o cabelo na altura dos ombros, e com as orelhas sem brincos detalhadamente desenhadas, diferenciando-os das personagens femininas, que neste mesmo códice aparecem com um brinco redondo na orelha<sup>118</sup>. Há um único personagem masculino no *Azoyú 1* que apresenta o cabelo comprido, enquanto os demais personagens masculinos apresentam o cabelo curto solto, na altura dos ombros, ou com um penteado identificando-os como guerreiros, com um rabo-de-cavalo preso para cima com uma fita vermelha (ver Figura 7). Por sua vez, no *Códice Azoyú 2* também são comuns as personagens masculinas com cabelo na altura dos ombros ou preso para cima no caso dos guerreiros, no entanto, não há a preocupação de representar as orelhas aparentes.

Figura 8 - Atavios de poder dos governantes no *Códice Azoyú 2* - Exemplo de personagem com todos os atavios: Senhor Milho - Anverso fólio 9



<sup>118</sup> Ao longo dos 38 fólhos da seção histórica (Anverso), aparecem 177 personagens, contabilizando aqui os fardos mortuários e personagens que não são representados de corpo inteiro; destes, apenas 7 personagens são femininas (fólhos 9, 11, 25, 28 e 35).

No *Códice Mendoza*, os governantes mexicas são representados usando um diadema de turquesa, sentados em uma esteira, e vestindo mantas, além de possuírem, em geral, uma voluta de fala. Estes atavios de poder são frequentemente representados nos governantes tlapanecas do *Códice Azoyú 2* (ver Figura 8), porém, o mesmo não ocorre no *Códice Azoyú 1*, em que aparecem outros atavios como atributos de poder. No *Azoyú 2*, nos registros do período pré-hispânico há apenas dois governantes tlapanecas que são representados com mantas coloridas, o Senhor Chuva quando recebe um emissário mexicana (fólio 5), e o Senhor Serpente-de-turquesa (fólio 7).

Nos registros tributários tlapanecas aparecem apenas personagens masculinos, sendo que no *Reverso do Códice Azoyú 2* há nove personagens, e no *Humboldt Fragmento 1* há treze personagens<sup>119</sup>. Em ambos os documentos, tanto os personagens que são governantes de Tlapa, quanto os que são governantes de outros lugares, possuem os mesmos atavios que aparecem na seção do *Anverso do Azoyú 2*: diadema de turquesa, vestindo uma manta branca e sentados em assentos com encosto chamado *tepotzoicpalli*<sup>120</sup>.

Por sua vez, o conjunto de características e atavios de poder masculinos, que destacamos e mapeamos, no *Códice Azoyú 1* é composto por: vestir uma manta branca, usar um enfeite branco no pescoço, estar sentado em um banco, segurar um leque preto e vermelho com uma das mãos e com a outra segurar uma bolsa de copal (ver Figura 9). Os personagens que possuem esses elementos, em geral, são representados sentados e com uma postura corporal semelhante, com a manta branca cobrindo o corpo, e os braços esticados segurando os objetos. Ainda que a bolsa de copal apareça sendo segurada pelos governantes tlapanecas, ela não aparece sendo utilizada em rituais, considerando que o *Azoyú 1* possui algumas representações de sacrifícios, enquanto o *Azoyú 2* não registra de forma tão explícita esses eventos.

No *Azoyú 1*, nem todos os personagens com atavios de poder são governantes, alguns são filhos de governantes, e há diferenças entre alguns destes registros com o *Azoyú 2*, a análise da seção genealógica ajuda a verificar estas questões em alguns casos. Além disso,

<sup>119</sup> Nesses registros, ao todo aparecem seis representações de governantes tlapanecas, seis representações de governantes de outras cidades que compunham a província de Tlapa (esses personagens também aparecem no *Códice Azoyú 1*) e dez representações de personagens que têm sido identificados com outra função, os *calpixque*, ou cobradores de tributos.

<sup>120</sup> *Tepotzoicpalli*: literalmente assento com encosto. Formado da junção das palavras *teputztli* que significa costas ou parte traseira e *icpalli* que significa assento. *Teputztli* em MOLINA, 2013, p. 104. *Icpalli* em MOLINA, 2013, p.34. O *tepotzoicpalli* é um tipo de assento feito de fibra de plantas, como a enea, composto de duas peças: uma esteira e um encosto. Seu uso é associado nos códices a governantes e personagens importantes ou com poder político, enquanto o uso apenas da esteira seria de uso mais geral da população.

também devemos considerar que há personagens que aparecem usando apenas alguns dos atavios de poder.

Figura 9 - Atavios de poder dos governantes no *Códice Azoyú 1* - Exemplo de personagem com todos os atavios: Senhor Chuva - Anverso fólio 5

	 <p>Leque vermelho e preto</p>
 <p>Bolsa de copal</p>	 <p>Sentado em um banco</p>
 <p>Vestindo uma manta branca</p>	 <p>Usando um enfeite no pescoço com duas tiras penduradas, aqui brancas</p>

Em nossas primeiras análises identificamos que um dos objetos que os governantes tlapanecas portam no *Azoyú 1* seria uma bolsa para guardar copal (*xiquipilli*<sup>121</sup> em nahuatl). Esse objeto aparece em códices mixtecas pré-hispânicos, não como atavio de poder dos governantes, mas sendo utilizado, muitas vezes por governantes, em atividades rituais em templos; e entendemos que sua presença no códice tlapaneca indica que essas atividades rituais eram também atividades exercidas pelos governantes ali registrados.

Uma análise distinta sobre o que seriam esses objetos é proposta por Jiménez García, que utilizando estudos antropológicos em comunidades me'phaa atuais, identifica essas bolsas representadas no códice *Azoyú 1* com os pacotes sagrados (*tlaquimilolli*<sup>122</sup> em nahuatl) ou caixas de São Marcos (*saku* em me'phaa), objetos utilizados hoje em dia pelas comunidades tlapanecas em rituais de petição de chuvas direcionados a São Marcos, e que teriam conexão com os rituais pré-hispânicos de petição de chuvas a Tláloc, e com o poder político dos *comisarios*, representantes das comunidades tlapanecas atuais<sup>123</sup>.

Ainda que, somente pela análise do Códice *Azoyú 1*, não seja possível afirmar categoricamente se essas bolsas seriam aquelas utilizadas para guardar copal ou se seriam as bolsas rituais de Tláloc, ambas as interpretações coincidem em tratar-se da representação de atavios ritualísticos associados aos detentores do poder político.

No *Códice Azoyú 1*, nas representações dos governantes tlapanecas do período pré-hispânico (até o fólio 32), o uso de atavios característicos dos mexicas são pontuais, e ocorrem em cenas de contato dos tlapanecas com os mexicas: o personagem Senhor Chuva (fólio 24), que aparece com diadema de turquesa, assento com encosto, punção e manta bordada, além de alguns atavios tlapanecas, quando recebe um emissário mexica - analisaremos essa representação do Senhor Chuva no tópico 2.5.1; e o Senhor Fogo (fólio 32), que aparece usando uma manta bordada e assento com encosto, quando enfrenta os espanhóis. Há ainda alguns personagens, no fólio 31, que são governantes que não possuem origem tlapaneca, e que aparecem usando diadema de turquesa e assento com encosto.

No *Azoyú 1*, chama a atenção a mudança na representação dos governantes que, a partir da chegada dos castelhanos, passam a ser representados sem os atavios característicos deste códice, como o leque e a bolsa de copal; assim, entre os fólhos 33 e 36, os governantes tlapanecas passam a ser identificados por atavios de poder mexicas, como uma manta bordada

<sup>121</sup> *Xiquipilli*: saco, bolsa. Também indica o numeral oito mil.

<sup>122</sup> *Tlaquimilolli*: traduzido ao espanhol como recoberto, envolto, atado. SIMÉON, 1992, p. 648. Refere-se a um tipo de pacote com diversos objetos dentro, envolto por um tecido e atado.

<sup>123</sup> VILLELA FLORES, Samuel; JIMÉNEZ GARCÍA, Elizabeth. Paquetes sagrados en Guerrero, ayer y hoy. *Revista Arqueología mexicana* nº 112, 2011, p. 75.

e um assento com encosto, e já nos últimos três fólhos aparece um governante tlapaneca vestido como espanhol, conforme analisaremos no próximo tópico.

Na seção genealógica no *Reverso do Azoyú 1*<sup>124</sup>, os personagens masculinos<sup>125</sup> representados de corpo inteiro seriam os governantes<sup>126</sup>, e aqui aparecem com quase todos os atavios de poder dos personagens masculinos representados no anverso: bolsa de copal, leque, enfeite branco no pescoço e banco, a diferença principal é que os mesmos personagens, que no anverso foram representados vestindo uma manta branca, aqui aparecem apenas com um *maxtlatl*<sup>127</sup>. Dentre os quinze personagens masculinos representados de corpo inteiro na seção genealógica, apenas um deles não possui atavios de governante, o Senhor Coelho esposo da Senhora Flor-Branca (fólio 33). O personagem Senhor Chuva (fólio 37), diferencia-se dos demais por aparecer da mesma forma como é representado no anverso: com diadema de turquesa, assento com encosto, punção e manta bordada, além de atavios tlapanecas, como o leque e a bolsa de copal.

Assim, com relação às representações dos governantes nos códices tlapanecas, identificamos que os produtores do *Azoyú 1* representam os membros da elite tlapaneca com um conjunto de atavios de poder tipicamente tlapaneca, enquanto os produtores do *Azoyú 2* incorporam os atavios de poder dos mexicas. Disso, concluímos que setores distintos da elite tlapaneca produziram os códices *Azoyú*, pois a narrativa de cada códice privilegia aspectos diferentes como legitimadores do poder político dessa elite: os produtores do *Azoyú 1* destacam o poder religioso de seus governantes, enquanto os produtores do *Azoyú 2* preferem associar seu governante à figura de um governante mexica.

---

<sup>124</sup> A seção genealógica está estruturada de forma distinta dos fólhos que possuem narrativas, aqui são destacados os personagens que teriam sido governantes de Tlapa-Tlachinollan, que aparecem em casais com suas esposas, desenhados de corpo inteiro em tamanho grande. Em geral, uma linha conecta a mão dos dois personagens do casal, e deles também saem outras linhas em que são registrados seus filhos e filhas, esses outros personagens não são representados de corpo inteiro, são apenas cabeças, ainda que nomeadas.

<sup>125</sup> Na seção genealógica do *Azoyú 1* há ao todo há 66 personagens, sendo 45 personagens masculinos, dos quais 15 são representados de corpo inteiro e 30 apenas a cabeça, e 21 personagens femininas, das quais 10 são representadas de corpo inteiro e 11 apenas a cabeça. Nessa seção também são representadas as esposas dos filhos dos governantes, totalizando 19 casais, dos quais 10 são casais de governantes representados de corpo inteiro.

<sup>126</sup> Essa seção registra os governantes tlapanecas que abarcam o período aproximadamente entre 1370 a 1521. Os primeiros personagens da seção genealógica, no fólio 33, são os que aparecem no Anverso a partir dos fólhos 10 e 11, e o último governante representado nessa seção, no fólio 38, é o Senhor Fogo, que governava quando os castelhanos chegaram. Portanto, na seção genealógica não estão representados os personagens que aparecem no anverso entre 1300 e 1370, bem como, não são registrados diretamente os personagens que aparecem como governantes tlapanecas no período colonial, entre 1521 e 1565.

<sup>127</sup> O *maxtlatl* é uma peça de roupa masculina que cobre apenas a área genital, espécie de tanga com uma tira de tecido na frente.

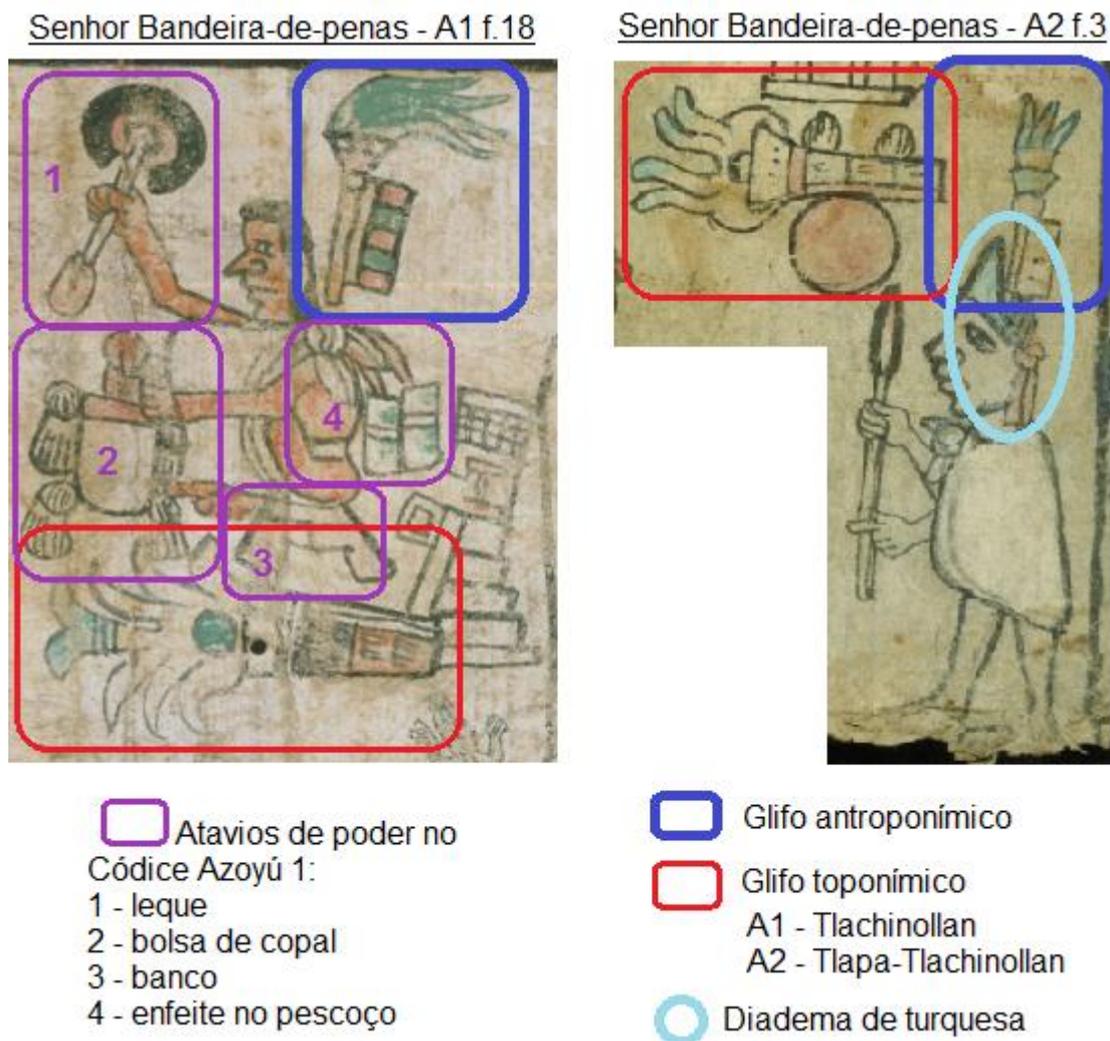
### 2.3.2 *Variações dos atavios de poder pré-hispânicos e coloniais nos códices Azoyú*

Neste sub-tópico, apresentaremos nossas análises das variações nos atavios de poder dos governantes tlapanecas representados nos códices *Azoyú*. Com isso, temos o objetivo de mostrar como houve alterações nos conjuntos de atavios representados, em que, no caso do *Azoyú 1*, ocorrem três variações, e no *Azoyú 2* duas variações. Assim, no *Azoyú 1*, podemos identificar três conjuntos diferentes de atavios de poder dos governantes, conforme os recortes do lado esquerdo da Figura 8 exemplificam: um primeiro conjunto que seria tipicamente tlapaneca e que é registrado nas representações dos governantes do período pré-hispânico, um segundo conjunto marcado pela associação aos mexicas, ainda que predomine, apenas nos governantes registrados já no período colonial, e um terceiro conjunto de atavios tipicamente espanhol, registrado nos personagens do final do período colonial registrado no códice. Por sua vez, o *Azoyú 2* não apresenta tantas variações, pois tanto os governantes do período pré-hispânico quanto os do início do período colonial são sempre representados com os atributos que seriam caracterizados como tipicamente mexicas, e não com os atributos tipicamente tlapanecas que encontramos apenas no *Azoyú 1*, e, no final do códice *Azoyú 2*, aparece uma segunda variação com a incorporação de roupas, traços e nomes europeus. Selecionamos três pares de representações que exemplificam essas variações nos códices *Azoyú*.

Na Figura 10, o primeiro par de recortes são duas representações do Senhor Bandeira-de-penas, governante tlapaneca do ano 7 vento (1421) ao ano 14 veado (1454), sendo que no primeiro recorte à esquerda, extraído do *Azoyú 1*, esse personagem aparece com todos os atavios tipicamente tlapanecas: em uma mão está segurando um leque redondo vermelho e preto, e na outra uma bolsa de copal, veste uma manta branca e possui um enfeite no pescoço, e está sentado sobre um banco, abaixo dele está o glifo de Tlachinollan. No *Azoyú 1*, esse conjunto de atavios caracteriza os governantes tlapanecas representados no intervalo entre 1300 e 1516 (do fólho 1 ao fólho 31), e também nos personagens da seção genealógica no *Reverso do Azoyú 1*. A segunda representação do Senhor Bandeira-de-penas, no primeiro recorte à direita da Figura 8, foi extraída do *Azoyú 2*, e é uma das duas vezes em que um governante tlapaneca aparece armado e em combate nesse códice (a outra ocorre com o Senhor Fogo); aqui, o principal atavio que caracteriza que este personagem é um governante

é o diadema de turquesa, e esta é uma das poucas vezes em que os glifos de Tlapa e Tlachinollan aparecem em uma mesma composição toponímica.

Figura 10 – Comparação dos atavios de poder do Senhor Bandeira-de-penas



Na Figura 11, comparamos quatro representações do último governante tlapaneca registrado nos códices *Azoyú*, o Senhor Coelho, personagem principal das narrativas do período colonial, em ambos os códices. Nessa figura inserimos dois recortes retirados do *Azoyú 1* e dois recortes retirados do *Azoyú 2*. No primeiro recorte à esquerda, extraído do *Azoyú 1*, esse personagem possui um assento com encosto e uma manta bordada, atavios característicos dos mexicas e que se tornam os atavios dos governantes tlapanecas representados no *Azoyú 1* entre os anos 1517 e 1545 (fólios 32 a 36). Por sua vez, o segundo recorte do Senhor Coelho, à direita, extraído do *Azoyú 2*, traz esse personagem com o

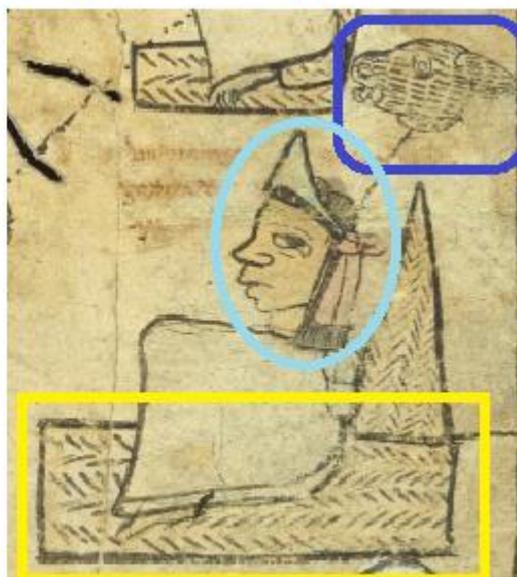
diadema de turquesa e o assento com encosto que predominam nos governantes desse códice representados entre os anos 1429 e 1556 (fólios 1 a 16).

Figura 11 – Comparação dos atavios de poder do Senhor Coelho

Senhor Coelho - A1 f.35



Senhor Coelho - A2 f.15



Senhor Coelho - A1 f.36



Senhor Coelho - A2 f.17



 Glifo antropomófico

 Voluta de fala

 Diadema de turquesa

 Esteira com encosto

Os dois últimos recortes da Figura 11 são também representações do Senhor Coelho, dessa vez, porém, ele aparece vestido com roupas espanholas, no recorte à esquerda, extraído do *Azoyú 1*, ele está sentado em um trono, e, no recorte à direita, extraído do *Azoyú 2*, ele possui inclusive barba. No *Azoyú 1*, aparecem personagens com estes tipos de atavios entre os anos 1546 e 1565 (fólios 36 a 38), por sua vez, no *Azoyú 2* é entre os anos 1557 e 1564 (fólio 17), em que aparecem personagens tlapanecas vestidos dessa forma.

Portanto, no *Azoyú 1* é perceptível a diferença de atavios associados aos governantes do período pré-hispânico e do período colonial, enquanto no *Azoyú 2* os atavios representados continuam os mesmos. Por sua vez, ambos os códices *Azoyú* possuem representações, nos seus últimos fólios, do governante tlapaneca Senhor Coelho vestido como espanhol. Conforme apresentamos anteriormente, caracterizamos que haveria um conjunto de atavios de poder tipicamente tlapanecas. Aqui, concluímos que a incorporação da representação de outros atavios de poder mexicas, e depois, nas representações do período colonial, de atavios dos espanhóis, mostra uma capacidade flexível da elite tlapaneca de reafirmar o poder do seu próprio governante adotando símbolos de outros grupos mais poderosos. Em se tratando de códices, documentos para legitimar o poder político local, a presença de símbolos de poder de outros grupos poderia ser uma estratégia representativa. Isso, no entanto, podemos afirmar apenas no âmbito da representação, pois não significa que necessariamente os governantes tlapanecas tenham passado a utilizar esses objetos, ainda que isso seja possível.

### 2.3.3 Comparação com atavios de poder nos códices mixtecas

A partir da análise dos atavios de poder tlapanecas, destacamos que o *Códice Azoyú 1* possui uma certa combinação de elementos que não encontramos da mesma forma em códices de origem mexicana, nos permitindo falar em um conjunto tipicamente tlapaneca. Assim, por considerarmos a característica dos tlapanecas de incorporar representações de atavios de poder de outros grupos, como apresentamos no tópico anterior, como os mexicas e mesmo os espanhóis, levantamos a possibilidade de que o conjunto de atavios de poder no *Códice Azoyú 1*, composto por leque redondo, a bolsa de copal, o banco e o enfeite no pescoço, seriam de origem mixteca<sup>128</sup>. Essa possibilidade estava baseada na localização de

---

<sup>128</sup> Para uma análise comparativa dos atavios de poder tlapanecas com os atavios de poder maias, ver: OCHOA, Lorenzo. La vara, el abanico y el tiburón: denotación del poder político-religioso en la

Tlapa em uma região que também possui forte influência mixteca, marcada, por exemplo, pela presença dessa língua nessa região. Para verificar se haveria influência mixteca, no *Códice Azoyú I*, fizemos análises comparativas com os seguintes códices pré-hispânicos de origem mixteca: *Códice Selden*<sup>129</sup> e *Códice Bodley*<sup>130</sup>. No entanto, conforme demonstraremos com nossas análises, neste sub-tópico, concluímos que não há essa influência mixteca nos registros tlapanecas, e que os atavios de poder nos códices *Azoyú* compõe uma representação tipicamente tlapaneca.

Para realizar a comparação dos atavios de poder entre os códices *Azoyú* e os códices mixtecas, selecionamos dois códices cujo conteúdo se assemelha ao *Reverso do Azoyú I*, ou seja, códices de conteúdo histórico-genealógico, assim analisamos, nos códices *Selden* e *Bodley*, se os personagens masculinos apareciam com os atavios de poder que destacamos nos governantes tlapanecas no *Azoyú I*, conforme apresentamos o mapeamento abaixo:

(a) bolsa de copal: esse item aparece nos códices mixtecas, especificamente em cenas em que ocorrem rituais de oferendas em frente aos templos, ou seja, aqui esse objeto é associado ao uso do incensário. Particularmente no *Selden* há vários exemplos de cenas desse tipo em que este objeto é usado por personagens masculinos pintados de negro (como nos fólhos 4, 5 e 14); há ainda uma cena da mesma atividade executada por uma personagem feminina (*Selden*, fólho 5), porém ela só segura o incensário e não porta a bolsa de copal<sup>131</sup>. Não consideramos que esse atavio seja tão recorrente no *Bodley*, em alguns casos, aparecem personagens fazendo essa mesma atividade com o incensário, mas sem a bolsa. De modo que, apesar da bolsa de copal aparecer nos códices mixtecas, ela está representada nas situações em que é utilizada, e não como no *Azoyú I*, em que a bolsa de copal aparece apenas como um item para reforçar ou indicar o poder de um personagem. Em geral, os governantes mixtecas

---

Costa del Golfo. In: OLIVIER, Guilhem (coord.). *Símbolos de poder en Mesoamérica*. UNAM, 2008, pp. 133-192.

<sup>129</sup> O *Códice Selden* é um manuscrito produzido sobre pele de veado, ele também possui um nome em mixteco, sendo chamado de *Códice Añute*. Está atualmente guardado na Biblioteca Bodleiana, em Oxford, sob o código MS. Arch. Selden. A. 2. O código possui esse nome por causa do colecionador John Selden. É um registro histórico e genealógico da elite mixteca, abarcando o período entre o ano 794 e 1556, e apesar de ter sido concluído em meados do século XVI, é considerado um código pré-hispânico por não ter influências europeias em seu estilo.

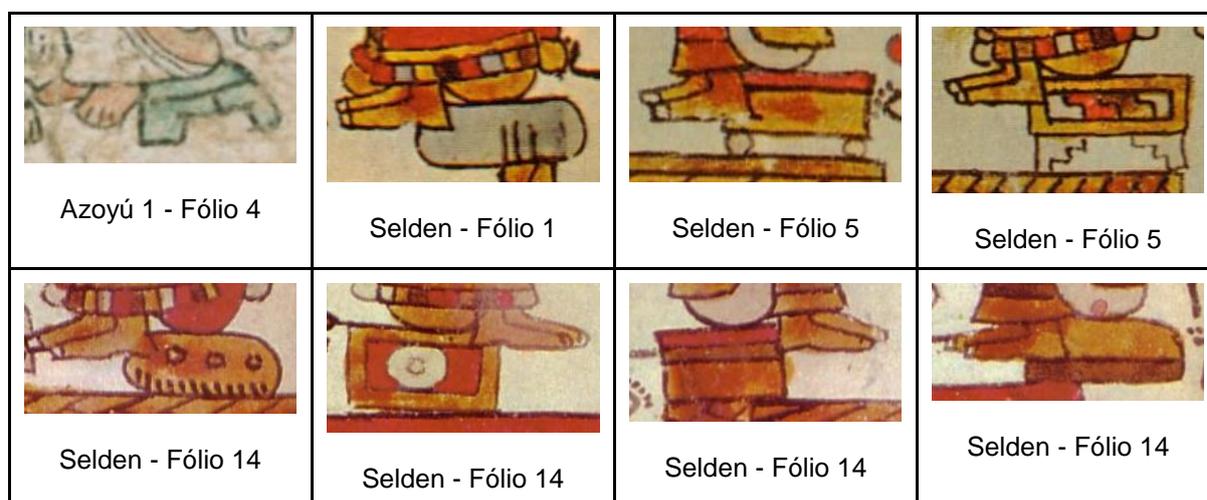
<sup>130</sup> O *Códice Bodley* possui esse nome porque está guardado na Biblioteca Bodleiana de Oxford, sob o código MS. Mex. d. 1. Ele possui um nome também em mixteco, sendo chamado de *Códice Nnu Tnoo*. É um registro da história e genealogia mixteca que abarca um período do ano 692 a 1521. O código é feito em pele de veado, com fólhos medindo 29 X 26 cm, e é considerado um código pré-hispânico.

<sup>131</sup> Porém, não consideramos que esse elemento indique que necessariamente a personagem feminina não poderia portar a bolsa de copal, já que em outra cena do mesmo tipo (*Selden*, fólho 9), há um personagem masculino segurando o incensário e sem a bolsa de copal.

só são representados portando objetos quando os estão usando, e nas cenas de casais aparecem apenas com a mão livre, geralmente apontando em alguma direção. Essa é uma distinção importante com as representações dos governantes tlapanecas que aparecem segurando objetos apenas como demonstração de sua posição social.

(b) banco: os governantes nos códices mixtecas aparecem sentados em bancos. No *Selden*, há uma grande variedade de tipos de banco, formatos e revestimentos (ver Figura 12), não ficando claro se estes expressam situações ou posições sociais distintas; porém, como há casos de um mesmo personagem representado com bancos diferentes, entendemos que nesse códice a variedade dos bancos não indicaria posições sociais distintas. No *Bodley*, os bancos são representados, porém, em geral sem destaque, com formatos e cores poucos chamativos. Em ambos, as personagens femininas, esposas dos governantes, aparecem sentadas em bancos.

Figura 12 - Comparação dos tipos de banco do *Azoyú 1* e do *Códice Selden*



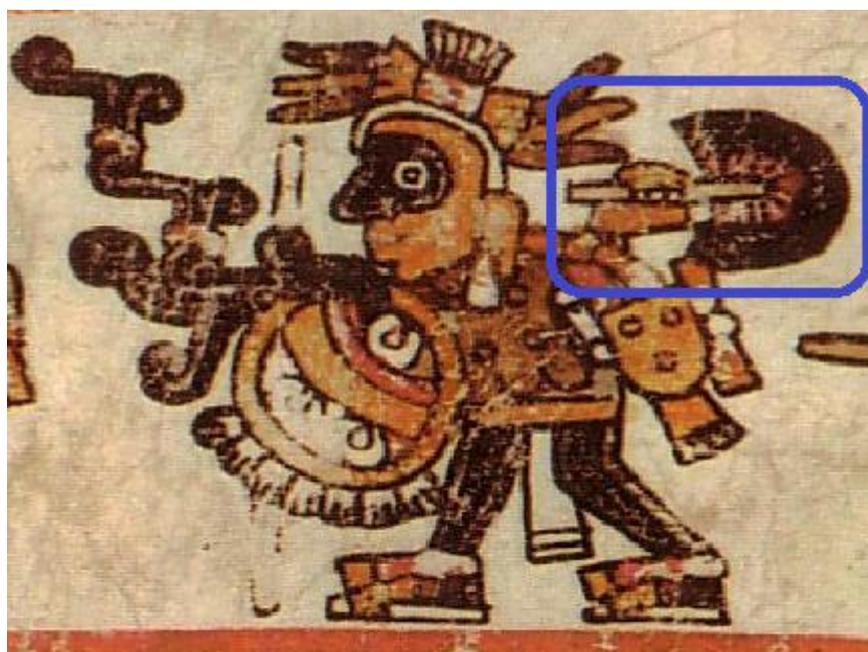
(c) manta branca: não localizamos personagens vestidos totalmente de branco no *Selden* e no *Bodley*, pelo contrário, em geral a roupa dos personagens masculinos é uma manta vermelha com franja colorida<sup>132</sup>.

(d) leque vermelho e preto: aparecem alguns outros tipos de leques nos códices mixtecas, porém não localizamos esse tipo específico nos personagens do *Selden*. Por sua vez, leques muito semelhantes aos dos tlapanecas aparecem sendo usados por alguns personagens

<sup>132</sup> Ao analisarmos o *Bodley* ficamos em dúvida com relação a esse aspecto, porque os primeiros fólios estão muito desgastados e parecia haver roupas brancas, porém a ampliação das imagens indica que a tinta vermelha descascou e que as vestes seriam vermelhas.

no *Bodley*, por exemplo, no fólho 10, porém estes personagens não são governantes mixtecas e têm sido identificados como *nahuas* (ver Figura 13).

Figura 13 – Leque vermelho e preto no Códice *Bodley* – fólho 10



 Leque vermelho e preto

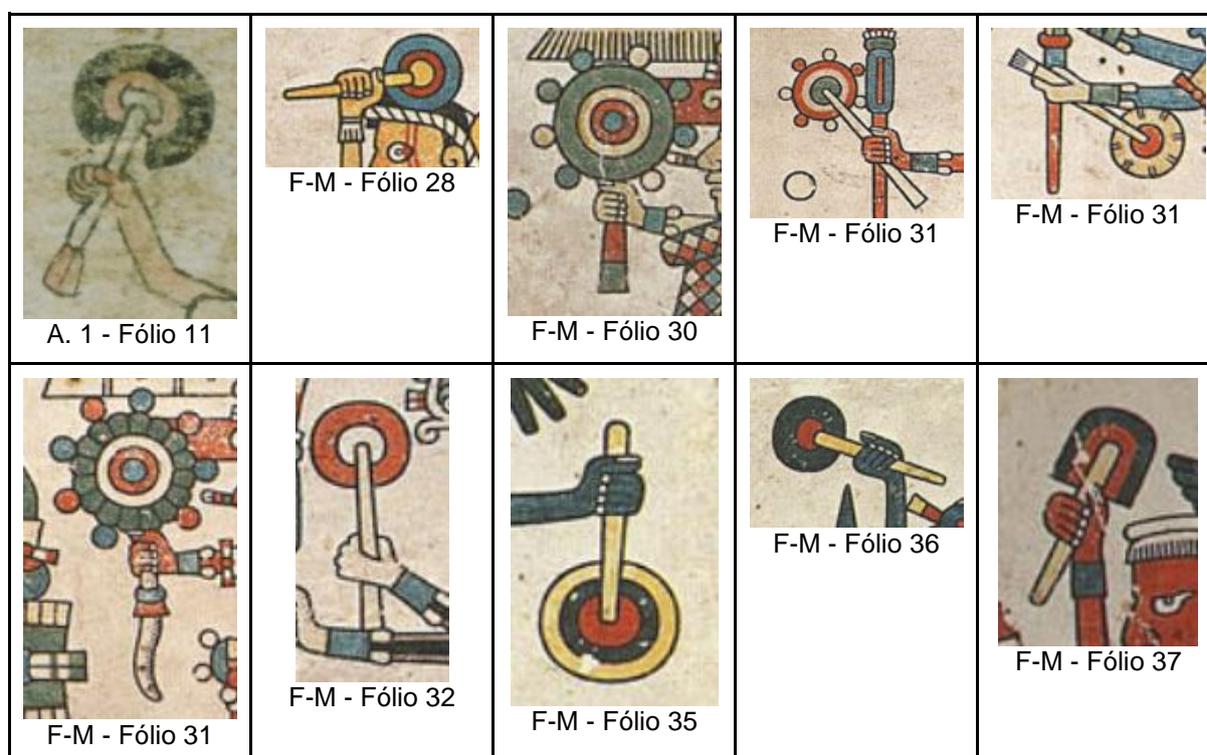
(e) enfeite branco no pescoço: não localizamos um atavio semelhante nos personagens dos códices mixtecas, no entanto, é comum aparecer uma parte pendurada nas costas dos personagens que identificamos como sendo parte da manta vermelha característica desses códices. Além disso, em geral, os personagens tanto masculinos quanto femininos usam colar ou peitoral no pescoço.

Nos códices mixtecas são frequentes as representações de personagens masculinos com vestes de animais ou usando a cabeça de um animal como elmo; no códice *Azoyú 1* só aparece um personagem com essa característica e que é representado duas vezes, de formas diferentes: o Senhor Coyote<sup>133</sup>, que no Reverso (fólho 35), está vestindo uma pele de animal, enquanto na outra representação, no Anverso (fólho 16), o personagem possui a cabeça de animal e um corpo antropomórfico porém da mesma cor escura que é o pelo do animal.

<sup>133</sup> Aqui também tivemos dificuldade de identificar o animal, pode ser um coyote, ou um jaguar negro.

Outro códice que analisamos foi o *Fejérváry-Mayer*<sup>134</sup>, cuja origem ainda está em debate entre os historiadores, mas que apresenta uma série de representações de leques semelhantes ao que identificamos como atavio de poder nos códices tlapanecas. Muitos desses leques apresentam características e materiais diferentes: alguns de plumas coloridas, outros com círculos na parte externa indicando pedras preciosas utilizadas em sua confecção; por sua vez, os leques que aparecem nos registros tlapanecas são de um tipo muito específico, com o formato redondo e geralmente com a combinação das cores vermelho e preto, de modo que, buscamos destacar apenas os leques com esse formato ou composição aproximada. Aqui, destacamos que este objeto que interpretamos como um leque poderia ser um espelho ou um cetro, mas que a função que desempenha nos códices tlapanecas não é a função de um leque, mas a função de um atributo de poder, indicativo dos personagens que seriam governantes.

Figura 14 - Leques no *Códice Azoyú 1* e no *Códice Fejérváry-Mayer*



<sup>134</sup> O *Códice Fejérváry-Mayer* é um documento de caráter mântico, com representações dos possíveis rituais e consultas ao calendário feitas pelos mercadores. Possivelmente é um códice pré-hispânico. Produzido sobre pele de veado, possui 22 fólios, pintados de ambos os lados, de aproximadamente 17,5 cm, esticado totaliza 385 cm. Está atualmente preservado no Museu de Liverpool, na Inglaterra, sob o código 12014/M. Há um debate entre diferentes autores sobre a origem desse códice, sendo a posição de León-Portilla de que sua origem seria mexicana e não mixteca, por isso esse autor propõe que o códice seja chamado pelo nome *Tonalámatl de los Pochtecas*.

No *Códice Fejérváry-Mayer*, localizamos nove leques redondos de aparência semelhante aos do *Azoyú I* (ver Figura 14), além de muitos outros leques de plumas. Segundo León-Portilla, esse objeto estaria associado ao guia dos mercadores, Yacatecuhtli, uma advocação de Quetzalcoatl<sup>135</sup>. Também Anders e Jansen ao analisar os personagens desse códice, identificados como mercadores, mencionam essa deidade<sup>136</sup>, e os diferentes leques que aparecem no *Fejérváry-Mayer* são associados, independente do formato de plumas ou redondos, com os personagens identificados como mercadores e embaixadores, uma das funções exercidas pelos grupos de mercadores que viajavam entre diferentes povos<sup>137</sup>. No entanto, nesse códice os personagens aparecem sentados em diferentes tipos de bancos, e não aparecem usando a bolsa de copal. Portanto, no *Códice Fejérváry-Mayer* o leque não é um atavio característico de governantes.

Por fim, sobre o conjunto de atavios de poder do *Códice Azoyú I*, composto por: bolsa de copal, banco, manta branca, enfeite no pescoço e leque; verificamos que estes atavios não aparecem nos registros mixtecas. Considerando a característica da elite tlapaneca de incorporar nas representações de seus governantes os atavios de poder de outros grupos, com os quais tinham contato, consideramos inicialmente que o conjunto de atavios do *Azoyú I* pudessem ser influenciados por características mixtecas; no entanto, isso não se confirmou, e concluímos que o conjunto de atavios de poder do *Azoyú I* é uma representação tipicamente tlapaneca.

#### 2.3.4 Concepções de poder político entre os tlapanecas

Ao compararmos diferentes sistemas políticos da Mesoamérica, é possível encontrar uma estreita relação entre o poder político exercido pelos governantes e o que chamaremos, em um primeiro momento, de poder religioso. Por poder religioso, aqui, estamos nos referindo ao conhecimento e possibilidade de manejar práticas ritualísticas inseridas em certa cosmovisão. As elites, como no caso dos *pipiltin* mexicas, possuíam treinamentos específicos para realizar certas atividades rituais, de modo que, não vemos uma

<sup>135</sup> *Arqueología Mexicana*. Edição especial Códices nº 18: El Tonalámatl de los Pochtecas (Códice Fejérváry-Mayer). México: Editorial Raíces, marzo de 2005.

<sup>136</sup> "Yacatecuhtli, cuyo nombre significa "Señor de la Nariz o punta (yacatl)"; es decir, "Guía o Señor de la vanguardia", o "Señor de los que han partido (yaqui)", generalmente considerado el dios principal o el título general para todos los dioses de los mercaderes y viajeros." ANDERS, Ferdinand; JANSEN, Maarten; REYES GARCÍA, Luis. *El Libro de Tezcatlipoca, el Señor del Tiempo*. Libro explicativo del llamado Códice Fejérváry-Mayer. ADEVA & FCE, 1994, p. 267.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 186, p. 261.

distinção rígida entre um membro da elite que exerça funções guerreiras, políticas e sacerdotais; ou seja, todas essas funções, vinculadas à detenção e manutenção do poder sobre o conjunto da sociedade, estavam concentradas em uma mesma camada de membros, no caso dos mexicas.

No geral, para conhecermos essas questões entre os mexicas, os códices de tipo mântico (adivinhatório) nos trazem alguns exemplos do que seriam essas atividades, bem como, os relatos de missionários que buscavam extirpar essas práticas. No entanto, é uma das características dos códices históricos produzidos no período colonial a ausência ou supressão de elementos relacionados às crenças e práticas rituais, como um mecanismo de evitar a perseguição por parte dos espanhóis.

Como exemplo, podemos citar um dos códices de origem mexica que analisamos, o *Códice Mendoza*, cuja primeira seção que lista os governantes, os *tlatoque*, apresenta esses personagens representados apenas com atavios ligados ao exercício de funções políticas, como o glifo da voluta de fala, e funções guerreiras, como o glifo de escudo e flechas. Em uma análise comparativa com registros arqueológicos, Quiñones Keber destaca como os governantes mexicas eram representados em gravações em pedra produzidas no período pré-hispânico<sup>138</sup>, sempre muito associados a uma série de atavios que os vinculava a certas divindades, os *teteo* (plural de *teotl*)<sup>139</sup>. Nos chama a atenção nesse trabalho da autora, que ela relaciona as diferenças entre os símbolos de poder com que os governantes mexicas são representados apenas à diferença de contexto de uso das fontes, ou seja, as gravações em pedra teriam exposição pública, enquanto os códices pictográficos seriam de uso mais restrito. Aqui, destacamos que essa mudança na representação dos governantes está ligada não somente ao contexto de uso, mas ao momento histórico em que essas fontes foram produzidas; assim, entendemos que a diferença principal é que os gravados em pedra pré-hispânicos demonstram um período em que associar os governantes a atividades rituais e aos *teteo* era importante politicamente, enquanto os códices pictográficos produzidos no período colonial, como no caso do *Mendoza*, a pedido dos espanhóis e destinado a eles, elimina símbolos que poderiam resultar em perseguição religiosa, por serem considerados elementos idolátricos pelos missionários.

<sup>138</sup> QUIÑONES KEBER, Eloise. La representación sobre papel del poder entre los mexicas. In: OLIVIER, Guilhem (coord.). *Símbolos de poder en Mesoamérica*. UNAM, 2008, pp. 175-192.

<sup>139</sup> *Teotl*: usualmente traduzido como deus ou deusa. Muitos autores mesoamericanistas têm debatido qual seria o caráter dos *teotl*, propondo o uso de outros termos como divindades, entidades ou potências.

Por sua vez, ao buscarmos as representações de poder nos códices tlapanecas, encontramos essa mesma diferença ao analisar os dois códices *Azoyú*, pois o *Azoyú 2* possui um estilo de representar os governantes tlapanecas semelhante a como os governantes mexicas estão representados no *Mendoza*, ou seja, com atavios que são associados ao *status* de poder político: o assento com encosto, o diadema de turquesa, e a manta branca. Além disso, os registros do *Azoyú 2* estão centrados em eventos bélicos e políticos, e só podemos confirmar que alguns dos eventos registrados são de sacrifício humano pela comparação destes com os registros respectivos no *Azoyú 1*, em que os mesmos eventos possuem uma representação explícita e direta de personagens sendo sacrificados, com o peito aberto jorrando sangue. Outro caso, é que no *Azoyú 1* o nome do governante Senhor Chuva é representado pelo glifo do próprio Tlaloc, *teotl* da chuva, enquanto o *Azoyú 2* utiliza um glifo de gotas de água para representar o mesmo nome. Assim, o *Azoyú 1*, apesar de ser também um códice colonial, representa algumas práticas ritualísticas de forma mais explícita do que o *Azoyú 2*.

Retomando o que apresentamos acima, entre os mexicas e os mixtecas, há diversos exemplos de congruência entre um mesmo membro da elite exercer funções administrativas, políticas e bélicas, e também ritualísticas e sagradas. Assim, a divisão dos membros da elite como uma classe de guerreiros e uma classe de sacerdotes, talvez faça mais sentido como uma única classe que possui membros que transitam entre ambas as funções, e que pode ter alguns indivíduos mais ou menos especializados, mas onde o governante também pode cumprir funções rituais.

A ascensão social entre a elite mexica se daria mais pela possibilidade de galgar novos *status* dentro das funções bélicas e administrativas do aparato estatal, após anos de experiência como um bom guerreiro. Ainda assim, os membros que abrem a guerra são os sacerdotes, ou seja, mesmo que estes não lutem, sua função ritual está intrinsecamente ligada, nessa concepção, ao sucesso ou fracasso da empreitada militar, tanto quanto o desempenho dos próprios guerreiros.

Em comunidades populacionalmente menores, mas não necessariamente menos complexas, a camada social de elite também seria proporcionalmente menor, congregando uma pequena elite a assumir diversas funções. Na atualidade, nas comunidades tlapanecas estudadas por Daniele Dehouve, essa antropóloga analisa e interpreta a relação de poder subdividida em pequenas comunidades, *pueblos*, de 300 a mil habitantes, com um comissário com funções políticas, administrativas, jurídicas e policiais, que é um líder local escolhido

anualmente e que se reporta aos presidentes municipais (prefeitos) e governadores, que compõem o aparato institucional do Estado. Esse comissário nomeia um “sacerdote” chamado em meph’aa de *xiña xwaji*, o avô da comunidade (*abuelo del pueblo*), que cumpre funções rituais por 25 anos. A autora coloca que há uma relação dual no poder entre comissário e *xiña*, mas que o primeiro predomina, no sentido de ser quem nomeia o segundo. O cargo do *xiña*, no entanto, pode ser destituído caso esse fracasse ou adoença.

No *Códice Azoyú 1*, não há a representação de duas lideranças que governem conjuntamente, no entanto, é representado um senhor (*tecuhtli* nas glosas em nahuatl do *Azoyú 2*), que porta objetos rituais: o leque e a bolsa de copal. Buscamos localizar a representação desses mesmos objetos com essa mesma função nas fontes mexicas e mixtecas, e não encontramos; pois, os contextos em que leques e bolsas de copal aparecem em códices, desses outros grupos, são distintos dos contextos em que aparecem no *Azoyú 1*. A bolsa de copal, frequentemente representada nos códices mixtecos, aparece sendo utilizada em rituais, por vezes pelos senhores governantes, no entanto, elas são representadas quando em uso, e não simplesmente como símbolo de poder, como no caso do código tlapaneca. O leque aparece nas fontes mixtecas como símbolo associado aos mercadores (*pochteca*) mexicas.

Assim, notamos na representação dos senhores tlapanecas no *Azoyú 1*, que há uma combinação de poder político e poder religioso (aqui entendido como cumprimento de funções rituais e intermediação com forças da natureza/forças sagradas). Essa mesma representação não consta no *Azoyú 2*, em que os senhores tlapanecas são representados com atavios de poder mais característicos dos mexicas.

Como apontamos acima, entendemos que, a supressão de elementos ritualísticos no *Códice Azoyú 2* se deve à característica dos códices coloniais retirarem de suas narrativas os conteúdos relacionados aos rituais sagrados, de maneira que, esse código privilegia a representação de seus governantes com atavios de poder de um grupo mais poderoso, os mexicas. No entanto, no *Códice Azoyú 1*, a existência das representações dos governantes tlapanecas associados ao poder religioso, nos leva a concluir que, para a elite tlapaneca, esse era um dos aspectos que legitimava o poder político de seus governantes.

#### 2.4 Tlapa: um senhorio expansionista

Neste tópico, apresentaremos os resultados das análises dos registros de incursões bélicas e realização de sacrifícios humanos nos códices *Azoyú*, que nos levam a concluir que a

elite tlapaneca construiu narrativas históricas que destacavam o desempenho bélico de sua cidade. Além disso, essas análises nos permitem identificar os períodos e governantes que teriam sido mais e menos belicosos, e comparar se é possível ou não vincular a representação dos processos de expansão de Tlapa com a representação de seu papel político de cabeceira tributária dos mexicas.

Somente pela análise dos códices *Azoyú*, nem sempre é possível determinar quais as relações políticas e dinâmicas cotidianas entre os *altepeme* neles registrados. No entanto, ainda que, com suas características e estilos próprios, ambos os códices *Azoyú* nos permitem afirmar que há uma narrativa histórica produzida pela elite de Tlapa-Tlachinollan que privilegia o destaque bélico dessa cidade, com o registro de uma série de conquistas realizadas por meio do uso da força de guerreiros membros da elite. Além disso, no *Azoyú I*, esses eventos das conquistas são associados explicitamente a rituais de sacrifício.

A realização de guerras poderia cumprir com distintos objetivos para os *altepeme*, de acordo com seu tamanho e interesses políticos e econômicos, como coloca Ross Hassig ao tratar das guerras na Mesoamérica: “Los imperios luchaban por extenderse; en cambio, casi todas las ciudades-Estado peleaban por razones locales, como mantener sus linderos, defender a sus miembros de invasiones y tal vez promover o legitimizar a su dirigente y a su linaje.”<sup>140</sup>.

Assim, consideramos que independente dos fatores que motivassem inicialmente a realização dessas guerras empreendidas por Tlapa, estas resultavam, segundo a narrativa dos próprios tlapanecas, em uma predominância política de Tlapa-Tlachinollan, na região que hoje corresponde à La Montaña do estado de Guerrero. Considerando, ainda, que Tlapa se tornaria, no final do século XV, uma cidade que centralizava a tributação dessa região para os mexicas, podemos supor que já existissem relações tributárias locais subordinadas a Tlapa e estabelecidas também por meio das guerras. A manutenção dessas relações de poder poderia se dar por diferentes mecanismos e, como registram o *Lienzo de Tlapa* e a seção genealógica no *Reverso do Azoyú I*, o casamento entre membros da elite de Tlapa com membros das elites de outras cidades foi uma das formas de manutenção dessas relações, como o caso da Senhora Serpente-de-saia (Couacuey ciuapilli), da elite de Yoallan, que se casa com o governante tlapaneca Senhor Chuva<sup>141</sup>.

<sup>140</sup> HASSIG, Ross. La guerra en la antigua Mesoamérica. *Arqueología mexicana*, 2007, nº 84, p.40.

<sup>141</sup> Sobre a Senhora Serpente-de-saia, Michel Oudijk diz: “Aparentemente, la Señora Couacuey viene de Yoallan, ya que su glifo onomástico está conectado por una línea con la cuarta generación de señores gobernantes de este señorío: el Señor Quauhtzin (“Aguila”) y la Señora Yhuimoloqui, que significa “Pluma Molida”. Era muy importante registrar estas relaciones entre señoríos, ya que los

Esse processo de expansão das conquistas de Tlapa se deu de forma gradual ao longo dos séculos XIV e XV, e comparando os topônimos registrados nos códices *Azoyú*, dividimos esse processo temporalmente em algumas fases, de acordo com os períodos que interessa destacar neste trabalho, considerando que, para os períodos anteriores a 1429 utilizamos apenas o que está registrado no *Azoyú 1*, já que essa é a data do primeiro registro do *Azoyú 2*.

Quadro 1 - Incursoes bélicas de Tlapa-Tlachinollan<sup>142</sup>

Período	Governantes	Incursoes no <i>Azoyú 1</i>	Incursoes no <i>Azoyú 2</i>
1300 - 1348	Variados	0	-
1349 - 1369	Senhor Veado e Senhor Pássaro	4	-
1370 - 1411	Variados	0	-
1412 - 1421	Senhor Lagartixa (1404 - 1421)	3	-
1422 - 1453	Senhor Bandeira-de-penas	9	4
1454 - 1477	Senhor Chuva	1	1
1477 - 1498	Senhor Serpente-de-turquesa	2	1
1499 - 1517	Senhor Milho	5	-
1517 - 1528	Senhor Fogo	0	0

Conforme o Quadro 1 - Incursoes bélicas de Tlapa-Tlachinollan demonstra, o processo expansionista de Tlapa sobre outros *altepeme* da região é bastante irregular, havendo governantes que registram diversas incursões bélicas e havendo governantes que registram apenas uma ou mesmo nenhuma incursão. Assim, entre 1349 e 1453 Tlapa teria realizado 16 incursões bélicas (alguns dos lugares se repetem), sendo o período mais expansionista o do

---

matrimonios significaban lazos políticos y alianzas. Lo común era que fueran precisamente los matrimonios los que sellaban y reforzaban estas alianzas.” OUDIJK, 2012, p. 113.

<sup>142</sup> Quadro elaborado pela autora. Nesta pesquisa, optamos por apresentar os nomes dos governantes tlapaneques traduzidos ao português. Os nomes que propomos são baseados na leitura do glifo antropônimo, e, quando há glosas alfabéticas, na leitura dos nomes em nahuatl. Sempre que possível indicamos entre parênteses o nome em nahuatl, conforme registrado no *Códice Azoyú 2*, pela ausência de glosas em me'phaa não sabemos quais seriam os nomes desses personagens no idioma tlapaneco.

governo do Senhor Bandeira-de-penas, que, segundo o *Azoyú 1*, teria empreendido nove conquistas entre 1422 e 1453<sup>143</sup>.

Aqui, identificamos que os processos de expansão dos tlapanecas apresentam diferenças nas quantidades e lugares registrados nos dois *Códices Azoyú*, mostrando que grupos distintos produziram as narrativas de cada códice, destacando membros da elite diferentes como conquistadores. Quanto a essas diferenças nas conquistas registradas no *Azoyú 1* e no *Azoyú 2* inferimos que podem indicar conflitos entre a elite, já que durante o governo do Senhor Bandeira-de-penas o *Azoyú 2* registra apenas as conquistas que teriam sido feitas diretamente por este personagem, e o *Azoyú 1* registra as conquistas realizadas por dois personagens que são filhos de governantes, disso entendemos que não havia interesse nos produtores do *Azoyú 2* de destacar esses outros personagens.

Durante o período dos dois governantes que passam a ter relações com os mexicas, não é registrado um processo expansionista. Assim, no período do governante Senhor Chuva, entre 1454 e 1477, que foi quando ocorreu o primeiro contato entre tlapanecas e mexicas (conforme analisaremos no Tópico 2.5), teria ocorrido apenas uma conquista, a de Yoallan. Para esta conquista, nossas análises das narrativas dos códices *Azoyú* nos levam a entender que não houve um processo de conquista bélica, e sim uma aliança por meio do matrimônio do Senhor Chuva e da Senhora Serpente-de-saia<sup>144</sup>. Por sua vez, durante o período do governante Senhor Serpente-de-turquesa (1477 - 1498), após Tlapa tornar-se uma província tributária dos mexicas, há apenas o registro de uma possível conquista (no *Azoyú 1*, pois o *Azoyú 2* não possui o fólio com essas datas). Dessa maneira, os códices só voltam a registrar um processo expansionista durante o governo do Senhor Milho, entre 1499 e 1517.

A seguir, analisaremos brevemente um dos elementos frequentes nas representações de conquistas bélicas empreendidas por Tlapa registradas no *Azoyú 1*: os sacrifícios humanos. No *Azoyú 2*, aparecem alguns registros semelhantes, mas nenhuma

---

<sup>143</sup> Cabe observar que há uma grande diferença entre o *Azoyú 1* e o *Azoyú 2* nas narrativas das conquistas do período de 1422 a 1453, sendo que o primeiro códice registra nove conquistas, e o segundo registra apenas quatro. Segundo nossas análises, essa diferença ocorre porque o *Azoyú 1* registra ao menos quatro conquistas que não teriam sido realizadas diretamente pelo Senhor Bandeira-de-penas, e sim por outros membros da elite, filhos de governantes, enquanto o *Azoyú 2* registra apenas as conquistas feitas diretamente pelo governante.

<sup>144</sup> Como os registros desses eventos são um pouco diferentes entre os dois códices *Azoyú*, não descartamos a possibilidade de que primeiro o Senhor Chuva tenha atacado Yoallan, matando a elite local, para, em seguida tomar como esposa a filha do governante; no entanto, caso tenha sido dessa forma, houve uma opção em ambos os códices *Azoyú* de representar o estabelecimento de relações com Yoallan de forma pacífica e não belicosa. Gutierrez enfatiza que a conquista de Yoallan teria sido um processo belicoso, a partir das análises do *Códice Veinte Mazorcas*, no entanto, não incluímos esse documento entre nossas análises.

representação de sacrifício é explícita como as do *Azoyú 1*. Com essas análises, queremos demonstrar que as narrativas das incursões bélicas incluem atos violentos relacionados aos aspectos ritualísticos e sagrados dos tlapanecas.

Figura 15 - Possíveis representações de sacrifício humano no *Códice Azoyú 1*



Sacrifício explícito - A1 f.17



Cabeça - A1 f. 19



Atavios de sacrificado - A1 f.14



Fardo mortuário - A1 f. 25

No *Azoyú 1*, aparecem quatro formas diferentes de representar os personagens que estamos associando a possíveis sacrifícios, pois nem sempre podemos afirmar que as representações sejam de personagens sacrificados e não apenas de mortes comuns. Assim, no *Azoyú 1*, os possíveis vinte e três personagens sacrificados estão representados das seguintes formas: representações explícitas de sacrifício, personagens com atavios de sacrificado,

representação apenas da cabeça do personagem morto, e representação do morto como um fardo mortuário<sup>145</sup> (ver Figura 15).

Assim, no *Azoyú 1*, são registradas ao todo vinte e quatro conquistas (contando aqui os lugares que aparecem mais de uma vez), e, destas, ao menos quinze conquistas possuem elementos que podemos associar à realização de sacrifícios. O total de personagens que podem ser considerados como sacrificados é vinte e três, e apenas dois destes aparecem sem estar associados a nenhuma conquista; geralmente, a cada conquista aparece apenas um personagem sacrificado, com duas exceções em que aparecem mais personagens.

Assim, chamamos de representação explícita de sacrifício aquelas em que o personagem aparece deitado, com olhos fechados e o peito aberto jorrando sangue; no *Azoyú 1*, há seis sacrificados com essa representação explícita, e destes, cinco são nomeados<sup>146</sup>. Entendemos que a opção de registrar os nomes dos personagens sacrificados indica que estes são importantes, possivelmente membros das elites locais.

Por sua vez, os quatro personagens que aparecem com um conjunto de atavios que consideramos ser parte do ritual de sacrifício nem sempre aparecem mortos, mas em pé ou sentados, portando uma bandeira, com plumas nos cabelos e às vezes um enfeite no pescoço; destes apenas um aparece nomeado. Há também quatro representações apenas da cabeça do personagem de olhos fechados, podendo indicar uma decapitação, ou apenas uma maneira simplificada de indicar a morte dos personagens, nesses casos, não é possível afirmar se essas mortes seriam para a realização de sacrifícios.

Por fim, há dois registros que representam os mortos como fardos mortuários: incluindo três personagens nomeados de Yoallan (A1 f.25) e cinco personagens nomeados de Atepec (A1 f.28); para estes casos, não há dúvida de que Tlapa passou a ter um predomínio político sobre esses dois lugares, no entanto, a opção de não representar sacrifícios diretamente pode indicar que as mortes dos personagens desses lugares foram comuns. Nesses casos, possivelmente tratam-se de membros da elite, pela opção do códice de registrar os nomes dos personagens e, pela leitura do *Lienzo de Tlapa*, sabemos que um dos personagens

<sup>145</sup> Fardo mortuário é uma expressão para nos referirmos à representação dos mortos, que, em alguns grupos da Mesoamérica, eram colocados sentados com os joelhos flexionados próximo ao corpo, e envolvidos e amarrados com tecido, muitas vezes com objetos sagrados colocados junto ao envoltório. Alguns grupos queimavam esses fardos.

<sup>146</sup> Os cinco sacrificados nomeados no *Azoyú 1* são: o personagem 3 Movimento de Teteltipa (A1 f.10), 2 Cachorro de Tlatzala (A1 f. 17), 3 Macaco de Cacalotepec (A1 f. 17), Lagartixa-de-pedra de Acocozpan (A1 f. 22); e um outro personagem cuja representação de morte é explícita porém distinta das anteriores, que é o caso do personagem nomeado Velho, que aparece no Rio de Amaxac (A1 f.26), cuja representação entendemos que é dupla, primeiro do personagem feito cativo, e em seguida, do personagem deitado dentro do templo e pintado de negro.

mortos em Yoallan pode ser o Senhor Águia, pai da Senhora Serpente-de-saia que torna-se esposa do Senhor Chuva.

Portanto, as análises das representações de incursões bélicas e da representação de sacrifícios humanos, nos registros tlapanecas, nos leva a concluir que a elite tlapaneca construiu uma narrativa histórica sobre si que destacava seu desempenho bélico, antes mesmo de ser incorporada como cabeceira local do sistema tributário mexicana, e que, em algumas representações, associava a conquista sobre outros *altepeme* às práticas ritualísticas de sacrifício humano.

Dentre as conclusões gerais das análises do processo expansionista de Tlapa, também queremos apontar que Tlapa ser uma província tributária dos mexicas não a levou automaticamente a empreender processos expansionistas, pois, após Tlapa tornar-se cabeceira tributária, o governo do Senhor Serpente-de-turquesa teve apenas uma possível incursão bélica, coincidindo o período desse governante tlapaneca com o governo mexicana de Ahuizotl (1487 - 1502).

No entanto, também como cabeceira da província tributária, Tlapa empreende processos de incursões bélicas durante o governo do Senhor Milho (1499 - 1517), coincidindo o período deste governante com o governo mexicana de Moctezuma II (1503 - 1520). Assim, as incursões bélicas de Tlapa, nesse período, poderiam tanto ter sido impulsionadas apenas pelos interesses próprios do governante tlapaneca, quanto terem feito parte de um interesse mais geral do expansionismo mexicana, que sob o governo de Moctezuma II, pode ter incentivado a província a expandir-se. Consideramos ambas as possibilidades como válidas, pois temos tanto exemplos de processos de conquista de Tlapa que não resultam em aumentos na tributação, quanto exemplos de outros processos em que a expansão de Tlapa influenciou diretamente no aumento da tributação geral da província aos mexicas, tema que retomaremos no capítulo 3.

### *2.5 As representações tlapanecas do primeiro contato com os mexicas*

Conforme analisaremos em outro tópico, os registros na Seção I do *Códice Mendoza* registram um processo de expansão bélica, da perspectiva dos mexicas, e com a análise desses registros, mapeamos aproximadamente em que períodos e lugares os mexicas teriam tido contato com outros grupos, concluindo que o *Códice Mendoza* não registra nenhum contato direto com os tlapanecas antes do governo de Tizoc (1482 - 1486), mas

registra que durante o período em que Moctezuma I seria governante (1441 - 1469), a expansão mexica teria conquistado toda uma região de cidades geograficamente próximas ao senhorio de Tlapa.

Posto que, as fontes tlapanecas representam contatos com os mexicas para o período anterior à sua incorporação como província tributária, o objetivo deste tópico é analisar e comparar como o primeiro contato e as relações estabelecidas entre tlapanecas e mexicas foram representadas pelos tlapanecas, nos *Códices Azoyú*, para buscar entender a narrativa construída pela elite tlapaneca sobre suas relações com o império mexica. Em seguida, apresentaremos em um sub-tópico os atavios, vestes e objetos que o governante tlapaneca Senhor Chuva aparece portando ou vestindo nas representações de seu encontro com o emissário mexica, já que se destacam das demais representações, tanto dos demais governantes tlapanecas, quanto de outras representações deste mesmo governante em outros fólios; pois, no *Azoyú 1*, na representação desse evento, ocorre a incorporação de atavios de poder característicos dos mexicas.

Ambos os códices *Azoyú* registram um evento em que o governante tlapaneca Senhor Chuva (Quiyahuitl Tecuhtli) teria recebido um emissário mexica no ano 7 vento (1461), portanto, na época em que, Moctezuma I seria o governante mexica, segundo o *Códice Mendoza*. Agora, abordaremos como esse evento foi representado no *Códice Azoyú 1* e no *Códice Azoyú 2*, considerando que, apesar de ambos os registros serem de origem tlapaneca, eles possuem semelhanças e diferenças entre si (ver Figuras 16 e 17).

Os elementos que coincidem, em ambos os registros nos códices *Azoyú*, representam que no ano 8 vento (1461) houve um encontro entre o governante de Tlapa, o Senhor Chuva, e próximo a este personagem, em frente a ele, há um personagem que possui um glifo antroponímico e um glifo toponímico, ou seja, em ambas as representações ele é nomeado e sua origem pode ser identificada pelo glifo de México-Tenochtitlan, um cacto sobre uma pedra, de modo que, o identificamos como sendo um emissário mexica; traduzimos o nome deste personagem como sendo Senhor Inseto<sup>147</sup>. Em ambas as representações, o

---

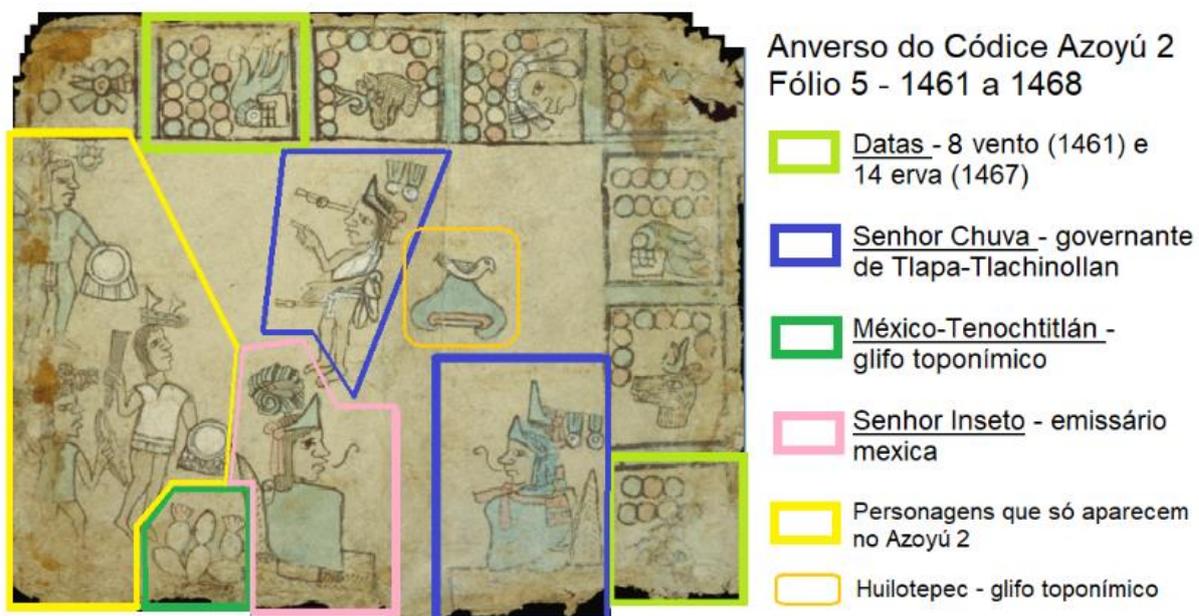
<sup>147</sup> Vega Sosa chama esse personagem de Senhor Abelha (Abeja). Optamos por manter a tradução do nome deste personagem como Senhor Inseto porque, no *Azoyú 2*, o inseto representado está em cima de um redemoinho de água e na glosa alfabética que o acompanha conseguimos identificar as duas primeiras letras como sendo *ax* seguidas por mais cinco ou seis letras ilegíveis. Localizamos em MOLINA, 2013, p. 10, a palavra *axaxayacatl* como sendo “*cierta sauandija de agua como mosca*”, ou seja, o nome de um tipo de inseto parecido com uma mosca que vive perto da água. Apesar da semelhança fonética com o nome de um dos governantes mexicas, *Axayacatl*, o glifo antroponímico deste outro personagem é composto por um rosto e um jorro de água, e não por um inseto, mostrando que seu nome poderia ser uma junção de *atl*, água, e *xayacatl*, rosto ou máscara. *Axayacatl* em SIMÉON, 1992, p. 48, e *xayacatl* em SIMÉON, 1992, p. 761.

Senhor Chuva é o primeiro personagem que aparece no fólio, sentado na lateral direita próximo à borda calendária, que registra o ano 8 vento (1461), o Senhor Inseto está sentado à frente do Senhor Chuva, e da boca das duas personagens saem volutas de fala, glifo utilizado para representar que há um diálogo.

Figura 16 - Primeiro contato entre tlapanecas e mexicas no *Códice Azoyú 1*



Figura 17 - Primeiro contato entre tlapanecas e mexicas no *Códice Azoyú 2*



O glifo antropônimo do Senhor Chuva é diferente na representação de cada códice: no *Códice Azoyú 1* este personagem é representado quatro vezes<sup>148</sup>, e em todas as representações o seu glifo é a cabeça da divindade Tlaloc com um jorro de água<sup>149</sup>. Já no *Códice Azoyú 2*, este personagem também aparece quatro vezes, mas seu nome é representado com o glifo de duas gotas de água, cuja leitura como sendo chuva é confirmada pela presença de mais de uma glosa alfabética, no *Azoyú 2*, que o identifica como *quiyauhtzin tecuhtli*<sup>150</sup>. Conforme já mencionamos anteriormente, essa diferença na representação do glifo antropônimo do governante Senhor Chuva reforça a diferença de perspectiva entre o *Azoyú 1* e o *Azoyú 2*, já que o primeiro códice registra explicitamente uma deidade cultuada, enquanto o segundo não registra referências relacionadas às divindades e rituais.

O glifo antropônimo do emissário mexica é um inseto sobre um redemoinho de água, e não coincide com nenhuma leitura que possa dizer que se trata do próprio Moctezuma<sup>151</sup>, por isso, sabemos que ele é um representante, que denominamos emissário, e por isso pode ser um *pipiltin*. No *Códice Azoyú 2*, este emissário mexica aparece usando um diadema de turquesa e sentado em um assento com encosto (*tepotzoicpalli*), possibilitando a leitura de que ele seria um governante, no entanto, no *Azoyú 1*, os únicos atributos que conferem importância ao Senhor Inseto são vestir uma manta bordada e estar sentado em uma esteira, que ainda assim é bem mais simples que a do Senhor Chuva. Por isso, avaliamos que os atavios que o Senhor Inseto utiliza nessas cenas servem para representar que este personagem é importante, mas não necessariamente um governante.

As diferenças nas duas representações desse encontro chegam a conferir valores distintos para os personagens envolvidos. Dessa forma, no *Azoyú 1*, o emissário mexica está representado menor que o senhor tlapaneca e porta menos objetos que indicariam seu poder político, transmitindo que o Senhor Inseto é menos importante, ou menos poderoso, do que o

<sup>148</sup> Três vezes na seção histórica e uma vez na seção genealógica.

<sup>149</sup> Tlaloc seria a entidade regente da chuva e o glifo de sua cabeça é utilizado, por exemplo, como um dos vinte signos do *tonalpohualli* justamente para representar a chuva.

<sup>150</sup> Em nahuatl, a palavra chuva é *quiyauhtli*. *Quiyauhtli* em MOLINA, 2013, p. 90. Neste caso, por ser o nome de um governante, esta palavra pode aparecer com a terminação *-tzin*, que indica reverência, de modo que, a palavra perde o *-tl* final, e as letras *-hu* são invertidas para *-uh*: *Quiyauhtli* vira *Quiyauhtzin*, ou seja, o reverenciado Senhor Chuva. Outras possíveis grafias para a palavra *quiyauhtli* são: *quiyauhtli*, *quiyauhtli*, *quiyauhtli* e *quiyauhtli*. No *Lienzo de Tlapa* o nome desse personagem aparece como 4 *Qyauhtli teuhctli* ou Senhor 4 Chuva, o acréscimo do numeral nesse caso pode indicar um nome calendário.

<sup>151</sup> No *Azoyú 1*, há uma glosa alfabética acima do Senhor Chuva em que está escrito *Montecçuma* (Moctezuma), o glifo antropônimo dessa personagem não deixa dúvidas de que se trata do Senhor Chuva (*Quiyauhtli Tecuhtli*). Portanto, essa glosa pode ter sido um equívoco de quem a acrescentou posteriormente, ou pode ter sido acrescentada para registrar que esse evento ocorreu durante o governo de Moctezuma I, confirmando que o emissário mexica seria um representante deste governante.

Senhor Chuva. Por sua vez, a representação do mesmo evento, no *Azoyú 2*, coloca os dois personagens do mesmo tamanho e portando os mesmos objetos que indicariam seu poder político, transmitindo certa igualdade entre as duas personagens. Ainda que sutis, essas representações demonstram narrativas com enfoques diferentes para um mesmo evento, em que uma perspectiva destaca o senhor tlapaneca em relação ao emissário mexicana e a outra perspectiva nivela a importância de ambos os envolvidos na cena.

Esse caráter pacífico da representação da cena entre o Senhor Chuva e o Senhor Inseto se conflita com a presença de uma segunda cena, no mesmo fólio do *Azoyú 2*, em que o Senhor Chuva é ferido, no entanto, interpretamos que esse segundo evento tem uma relação indireta com a primeira cena, pois envolve outra unidade política, Huilotepec, e não possui representação correspondente no *Azoyú 1*.

Com a análise dos fólhos que representam o primeiro contato entre mexicas e tlapanecas, concluímos que a primeira relação estabelecida entre o império mexicana em expansão e o poder político do senhorio de Tlapa foi representada pelos tlapanecas como uma relação de diálogo, registrada em ambos os códices *Azoyú* por meio da voluta de fala, tanto no senhor de Tlapa, quanto no emissário mexicana. De modo que, a representação tlapaneca desse primeiro contato com um representante do senhor mexicana apresenta um encontro pacífico, em que a representação dos dois personagens não sugere uma relação de inferiorização ou subjugação do senhor tlapaneca, mas de uma negociação entre as duas forças políticas.

Com relação às análises dessas representações, apresentamos acima algumas diferenças com as análises de Vega Sosa, pois a autora coloca que a cena do *Azoyú 1* já corresponderia ao início da dominação mexicana e que o emissário mexicana seria um governante<sup>152</sup>. Esta autora entende que Tlachinollan já teria sido conquistada por Moctezuma I em 1447, quando o governante tlapaneca seria o Senhor Bandeira-de-penas, baseando-se em uma análise do fólio 3 do *Azoyú 2*<sup>153</sup>. Discordamos dessa análise porque interpretamos que os

---

<sup>152</sup> “Este folio corresponde al inicio de la dominación mexicana durante el gobierno de Moctezuma I. El glifo de Tenochtitlan y varios guerreros, uno de los cuales se llama Jaguar, aparecen respaldando a un gobernante de nombre Abeja.” VEGA SOSA, 2012, p. 31. Em outra parte, a autora coloca que “Se registran dos escenas. Primeramente una plática entre el Señor Lluvia de Tlapa-Tlachinollan y un gobernante de Tenochtitlan, cuyo glifo toponímico aparece junto a él, probablemente pidiendo la tributación ordenada por Moctezuma I. La escena siguiente muestra a três guerreros lanzando flechas al gobernante Lluvia en Huilotepec (“Cerro de las palomas”). En el *Azoyú 1*, folio 24, se inicia también la dominación mexicana en estas fechas, pero no se representa el ataque al gobernante Lluvia.” VEGA SOSA, 2012, p. 38.

<sup>153</sup> “El Códice *Azoyú 2*, en el folio 3, que abarca los años 1445 a 1452, registra la quema de la capital, Tlachinollan, unida al año 7 Hierba, que corresponde a 1447. Este acontecimiento ocurrió durante el gobierno del Señor Banderas de Plumas de Quetzal. Los datos presentados registran por lo tanto dos entradas de Huehue Moctezuma a Tlachinollan en los años 1447 y 1467.” VEGA SOSA, 2012, p. 42.

eventos registrados no fólho 3 do *Azoyú 2* indicam que o Senhor Bandeira-de-penas conquistou duas outras cidades, e não que tenha sido conquistado. Além disso, entre as conquistas de Moctezuma I, registradas no *Mendoza*, não aparecem glifos correspondentes nem a Tlapa, nem a Tlachinollan, nem a cidades pertencentes ao senhorio tlapaneca.

De modo que nossas análises se aproximam em alguns aspectos às interpretações de Gutierrez, que coloca que “Después de 1461, el estado de cosas tuvo un cambio cualitativo, pues parece que sus líderes negociaron un pacto de cooperación con los mexicas, o que evitó una guerra directa con la Triple Alianza durante 25 años (...)”<sup>154</sup>.

Assim, concluímos que as representações produzidas pelos tlapanecas apresentam os mexicas estabelecendo relações diplomáticas com os poderes locais, perspectiva que não aparece no registro mexica do *Códice Mendoza*, em que o aspecto de conquistadores bélicos é enfatizado. Destacando os elementos que são representados pelos tlapanecas para registrar um evento do seu primeiro contato com os mexicas, concluímos que, nos códices *Azoyú*, não é registrada a incorporação dos tlapanecas como tributários dos mexicas quando ocorreu a primeira conversa entre um senhor tlapaneca e um emissário mexica, em 1461, ainda que outras cidades como Tepecuacuilco, Tlalcozauhtitlan e Quiauhteopan, na região mais ao norte e noroeste de Tlapa, já estivessem sendo incorporadas como tributárias dos mexicas, aproximadamente neste mesmo período, conforme registra o *Códice Mendoza*. Os dois elementos que nos levam a essa análise são: (a) o registro tlapaneca de um evento no *Reverso do Azoyú 2* que marca o início da tributação dos tlapanecas aos mexicas, a partir de 1487, não deixando margem para a possibilidade de que houvesse outros registros tributários anteriores a esta data; e (b) que nos registros de origem mexica, Tlapa não é registrada entre as conquistas de Moctezuma na Seção I do *Mendoza*, só aparecendo anos depois, nos fólhos que coincidem com as datas que estamos trabalhando. Por fim, os registros tlapanecas representam um conflito violento para o período que corresponde a 1486, coincidindo portanto, entre as fontes mexicas e as fontes tlapanecas que analisamos, quando Tlapa teria sido subjugada e incorporada como província tributária dos mexicas, questão que abordaremos mais detalhadamente no tópico 2.6.

---

<sup>154</sup> GUTIERREZ, 2014, p. 27.

### 2.5.1 Os atavios de poder do Senhor Chuva no encontro com o emissário mexicana

Neste sub-tópico, analisaremos mais detalhadamente a representação do Senhor Chuva quando recebeu o emissário mexicana, pois é a primeira representação, no *Azoyú 1*, em que um governante tlapaneca aparece com os atavios de poder dos mexicanos. Ambos os códices *Azoyú* registram que o Senhor Chuva tornou-se governante de Tlapa no ano 14 veado (1454) e morreu no ano 11 vento (1477), e que no ano 1461 ele recebeu um emissário mexicana, porém, há diferenças nessas representações, e, neste tópico, nos concentraremos em analisar as diferenças entre os atavios e vestes que o Senhor Chuva usa no *Azoyú 1* e no *Azoyú 2*. Além das diferenças de representação desses elementos entre os dois códices *Azoyú*, ao analisarmos cada códice separadamente, também se destaca que, no encontro do Senhor Chuva com o emissário mexicana, o governante tlapaneca está representado com alguns atavios diferentes das representações de outros governantes tlapanecas, e mesmo das representações do Senhor Chuva nos fólios em que ele aparece antes desse evento.

Isto posto, destacamos primeiramente que nas representações do *Azoyú 1* os objetos que são associados aos governantes como atributos indicativos de poder político são: um leque redondo, uma bolsa de copal, um enfeite no pescoço e estar sentado em um banco. Assim, no *Azoyú 1*, os governantes que são representados, nos fólios anteriores ao encontro com o emissário mexicana, não possuem nem diadema de turquesa, nem assento com encosto. E a primeira representação em que aparecem estes atavios de poder, característicos das representações mexicanas, é justamente na figura do Senhor Chuva quando está recebendo o emissário mexicana Senhor Inseto. Nessa representação, o Senhor Chuva está ao mesmo tempo usando atavios que já haviam aparecido no *Azoyú 1*, segurando um leque e uma bolsa de copal, mas pela primeira vez, aparece paramentado também com o diadema de turquesa e um assento com encosto (*tepotzoicpalli*), além de uma punção<sup>155</sup>.

Mesmo na seção histórica do *Azoyú 1*, após esta representação do Senhor Chuva portando diadema de turquesa e assento, as representações dos governantes tlapanecas no intervalo dos fólios que o sucedem, até a chegada dos castelhanos, continuam colocando como atributos o leque, a bolsa de copal e o banco, nem sempre aparecendo necessariamente esses três itens combinados. Ainda assim, há outros personagens, no *Azoyú 1*, que aparecem usando o diadema de turquesa em alguns eventos posteriores, e que não são governantes de

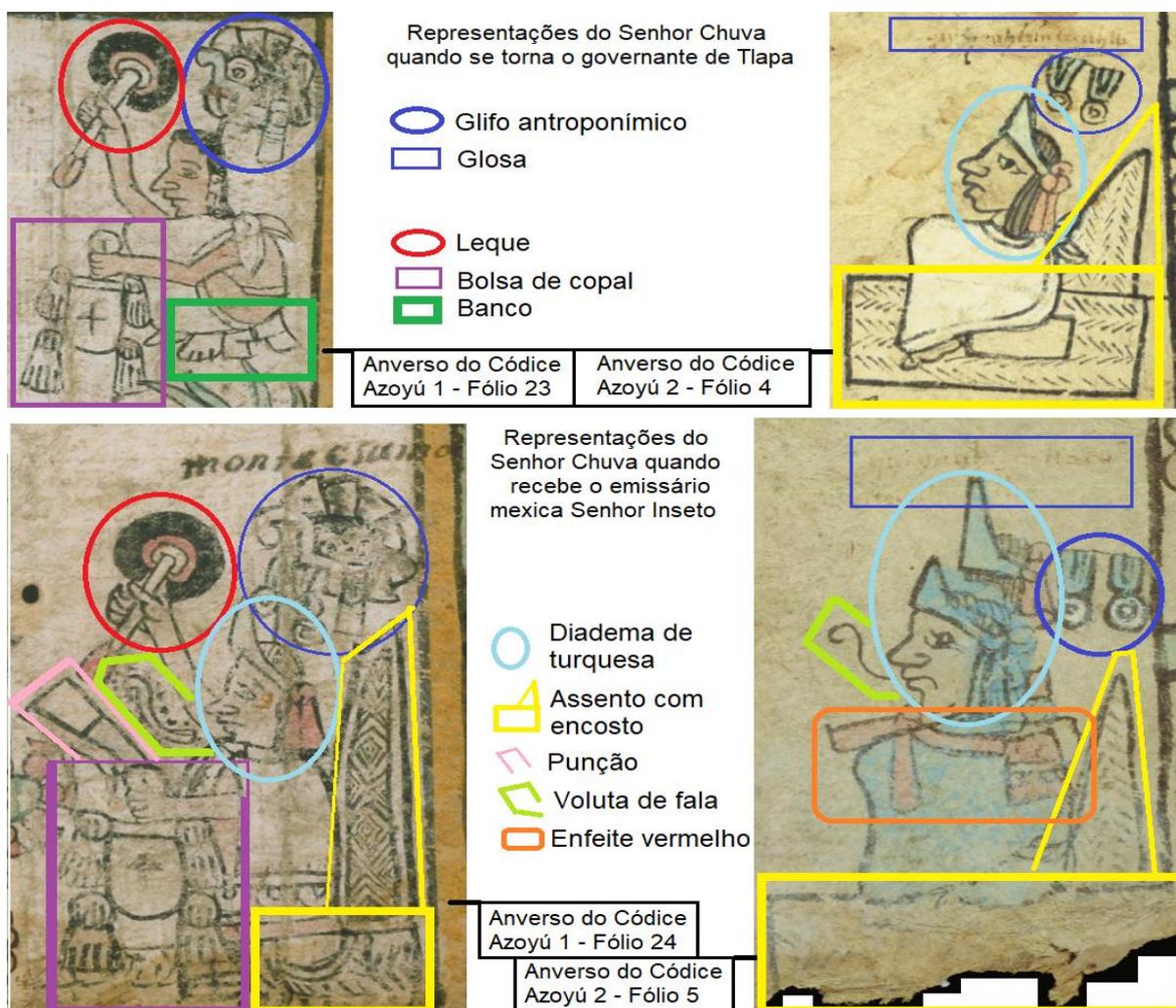
---

<sup>155</sup> Objeto para furar ou perfurar, feito de osso ou espinhos, aparece nos códices associado a sacerdotes, e a rituais de auto-sacrifício.

Tlapa, o que nos leva a entender que, no *Azoyú I*, o diadema de turquesa é sempre associado aos mexicas.

Na seção genealógica, no *Reverso do Azoyú I*, há 14 governantes tlapanecas representados. Quanto aos atavios em comum, todos os personagens possuem bolsa de copal e leque redondo. Entre os elementos que apresentam variação, 11 são representados sentados em um banco, um está sentado em uma esteira simples (o sucessor do Senhor Chuva) e apenas o Senhor Chuva possui um assento com encosto. Quanto às vestes, 9 personagens vestem apenas uma tanga branca e um atavio branco no pescoço, um personagem veste uma pele de animal e apenas o Senhor Chuva aparece vestindo uma manta.

Figura 18 - Comparação dos atavios de poder nas representações do Senhor Chuva



É interessante mencionar ainda que há outra representação do Senhor Chuva, na seção genealógica (fólio 37 do *Reverso do Azoyú 1*), em que ele também é representado portando leque, bolsa de copal, diadema de turquesa, punção, vestindo uma manta bordada e sentado em um assento com encosto. Essa segunda representação do Senhor Chuva, portando todos estes atavios ao mesmo tempo, se destaca muito das demais representações de governantes tlapanecas feitas na seção genealógica.

Por sua vez, as representações dos governantes tlapanecas, no *Códice Azoyú 2*, geralmente incluem o diadema de turquesa, um assento com encosto e uma manta branca; e em nenhuma das representações aparecem nem o leque, nem a bolsa de copal. Assim, quando o Senhor Chuva aparece no fólio 5 do *Azoyú 2* recebendo o emissário mexica, o uso do diadema e do assento não se diferencia das representações de governantes anteriores a esta cena. No entanto, alguns elementos destacam o personagem, em comparação com as representações de outros governantes no mesmo códice: aqui o Senhor Chuva é representado com um segundo diadema de turquesa acima de sua cabeça, além do que é representado em sua cabeça; para esse elemento não temos como afirmar se de fato houve uma ênfase no diadema, ou se o *tlacuilo* (escriba) acrescentou esse segundo diadema porque o primeiro estava borrado de tinta azul.

Além deste elemento, o Senhor Chuva porta um atavio específico que descrevemos como um enfeite de tecido vermelho usado em volta do pescoço (ver Figura 18, segundo recorte à direita). Esse enfeite não aparece em nenhum outro governante nas narrativas históricas, mas é recorrente em um conjunto de personagens que têm sido caracterizados por Gutierrez como sendo os cobradores de tributos, tema que retomaremos no capítulo 3.

A partir da representação desse atavio em que o Senhor Chuva é o único governante tlapaneca que aparece usando esse objeto ao receber um emissário mexica, inferimos que, nesse primeiro contato com os mexicas, o Senhor Chuva não tenha se colocado como obstáculo à expansão mexica na região, e a possibilidade de ter se colocado como auxiliar dos mexicas no controle da tributação de outras cidades da região. Os elementos que nos levam a essa interpretação é que no *Azoyú 2* o Senhor Chuva usa um atavio que é característico dos cobradores de tributos, e não há registro de outros governantes usando esse atavio; como entre as funções de um governante já estava o controle da tributação, a presença desse enfeite indicaria que o Senhor Chuva passa a cumprir a função de *calpixque* para o

emissário mexicana. Sobre isto, Gutierrez coloca que nesse período o governante tlapaneca teria feito uma aliança com os mexicas, evitando uma anexação<sup>156</sup>.

Por fim, um elemento que reforça a ideia de que este encontro entre o senhor tlapaneca e o emissário mexicana é um evento importante, é que, em ambas as representações, o Senhor Chuva está usando uma manta mais sofisticada do que as demais representações. Ainda que os traços e cores da manta que ele veste no *Azoyú 1* e no *Azoyú 2* sejam distintos de um códice para outro, em ambos coincide de serem mantas mais enfeitadas do que as mantas que a maioria dos governantes usa nas representações anteriores a esse evento, que geralmente são apenas brancas. No *Azoyú 1*, apenas o Senhor Fogo aparece usando uma veste semelhante, muitos anos depois, quando ocorre um outro evento importante: a chegada dos espanhóis. Já os senhores de Tlapa representados nos fólhos do período colonial, no *Azoyú 1*, aparecem usando mantas bordadas com mais frequência. Assim, na cena do *Azoyú 1*, o Senhor Chuva veste uma manta bordada, e nesse códice nenhum governante de Tlapa antes desse evento aparece vestindo uma manta enfeitada. Já na cena do *Azoyú 2*, a manta do Senhor Chuva não é enfeitada, mas pintada de azul<sup>157</sup>, enquanto nesse códice todas as mantas dos governantes que o antecederam eram apenas brancas.

Com as análises das representações do Senhor Chuva, nos códices *Azoyú*, e as mudanças nos atavios de poder que este porta quando é representado sozinho e quando é representado em contato com os mexicas, concluímos que os tlapanecas incorporam nas narrativas pictográficas os atavios que representam o poder político característicos das narrativas mexicas. Desse modo, na primeira cena do *Códice Azoyú 1* em que aparece um personagem mexicana, o governante tlapaneca Senhor Chuva é representado com atavios indicativos de poder político característicos dos mexicas, que não haviam aparecido anteriormente nas representações de governantes tlapanecas neste códice. Por sua vez, desde o primeiro fólio, o *Códice Azoyú 2* representa os governantes tlapanecas com atavios característicos dos mexicas, e não utiliza a representação dos atavios que seriam tipicamente tlapanecas, como o leque, a bolsa de copal e o banco.

<sup>156</sup> “Las primeras presiones mexicas se dejaron sentir desde 1460, cuando el gobernante mexicana Huehue Moctezuma subyugó la provincia norteña de Quiauhteopan-Olinalá. Al parecer en 1461, Tlachinollan fue capaz de formar una alianza con los mexicas y retardó una anexión total hasta el año de 1486, cuando las fuerzas de Ahuizotl tomaron y conquistaron el área cívico-ceremonial de Tlachinollan. Después de su conquista, Tlachinollan y sus unidades subordinadas fueron organizadas en la provincia tributaria de Tlapa.” GUTIERREZ, 2009, p. 51.

<sup>157</sup> Além disso, o tom de azul aplicado nessa manta também chama atenção por não ser frequente nesse documento, em que geralmente azul e verde são representados por um mesmo tom, um verde-azulado que é usado para colorir plantas e objetos valiosos, indicando turquesa e jade, assim, esse tom azul parece querer apenas diferenciar a manta do Senhor Chuva da manta vestida pelo Senhor Inseto, que é colorida com o tom verde-azulado predominante nesse códice.

Sobre essa questão, Gutierrez<sup>158</sup> faz uma análise que destaca esse aspecto dos tlapanecas incorporarem costumes e ícones de poder dos mexicas; porém, na perspectiva deste autor, isso seria um indício de aculturação e deslocamento étnico. Vega Sosa, ao analisar como nos códices tlapanecas as representações dos governantes do período colonial incorporam vestes, costumes e mesmo nomes castelhanos, apresenta essa característica das narrativas oferecerem transformações graduais nas representações, sem demarcar que necessariamente tenha havido alguma ruptura, já que mesmo no período em que são tributários dos mexicas e depois dos espanhóis, houve a manutenção de uma elite tlapaneca até 1565<sup>159</sup>. Nesse sentido, nossa interpretação da presença de elementos mexicas nos códices tlapanecas nos faz refletir que não se trata simplesmente de uma relação de imposição e subordinação estabelecidas automaticamente. Aqui, entendemos que se trata de um poderio regional localizado numa zona de confluência que permite maior possibilidade de assimilação de influências externas, assim, consideramos que não se trata de uma aculturação, mas de alterações efetuadas conscientemente pela elite local, devido a seus próprios interesses de manter sua posição de destaque regional.

### *2.6 As representações tlapanecas de eventos relacionados ao início da tributação*

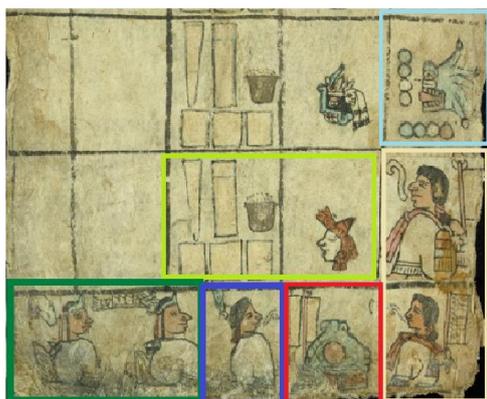
O objetivo deste tópico será analisar as representações tlapanecas dos eventos que estariam relacionados à incorporação de Tlapa como província tributária dos mexicas, conforme está representado no fólio 27 do *Códice Azoyú 1*, no fólio 8 do *Anverso do Azoyú 2* e na primeira linha do *Reverso do Azoyú 2* (fólio 8v). Nesse caso, as cenas representadas nos registros históricos apresentam uma série de diferenças, especialmente em relação aos personagens que são destacados em cada narrativa, ainda assim, a análise desses eventos em conjunto nos permite afirmar que o início da tributação dos tlapanecas aos mexicas foi representado por uma tomada violenta.

---

<sup>158</sup> Gutierrez também coloca que “Los antiguos señores de Tlachinollan arreglaron alianzas matrimoniales con los linajes nahuas y rápidamente adoptaron “modos” mexicas, como sus títulos nobiliarios e iconos de poder.” GUTIERREZ, 2009, p. 53.

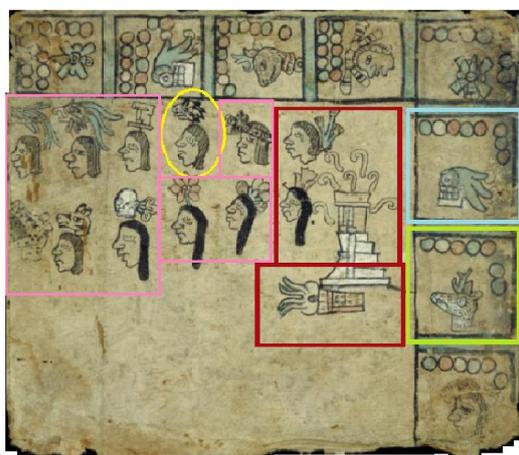
<sup>159</sup> VEGA SOSA, 2012, p. 57 e p. 62.

Figura 19 - Representações da incorporação de Tlapa como província tributária



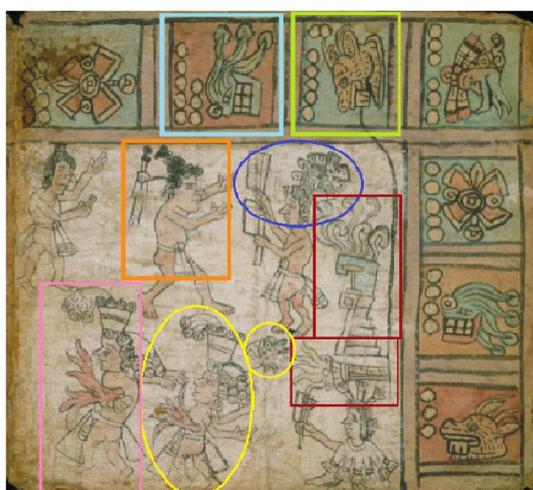
Reverso do Códice Azoyú 2 - Fólio 8v (fólio 1)

- Ano 8 erva - ano seguinte à 1ª tributação
- 1ª tributação entregue no final do ano 7 veado
- Personagem com o nome Chuva
- Glifo de Tlapa-Tlachinollan
- Senhor Serpente-de-turquesa e Senhor Milho - governantes de Tlapa
- Senhor Bandeira



Anverso do Códice Azoyú 2 - Fólio 8

- Ano 8 erva - ano seguinte à 1ª tributação
- Ano 7 veado
- Glifo de Tlachinollan e um templo em chamas
- Personagem morto com o nome Águia
- Ao todo há 12 personagens mortos  
4 mulheres e 8 homens - todos nomeados



Anverso do Códice Azoyú 1 - Fólio 27

- Ano 8 erva - ano seguinte à 1ª tributação
- Ano 7 veado
- Personagem com o nome Chuva
- Glifo de Tlachinollan e um templo em chamas
- Personagem sacrificado com o nome Águia
- Personagem sacrificado (sem nome)
- Personagem com penteado de guerreiro

O primeiro governante tlapaneque que aparece nos registros tributários é o Senhor Serpente-de-turquesa (Coatlxiuhitl tecuhtli), esse personagem havia se tornado governante no ano 11 vento (1477) após a morte do Senhor Chuva (Quiyahuitl tecuhtli), e teria sido o governante por vinte e um anos, até o ano 6 veado (1498). Portanto, o Senhor Serpente-de-

turquesa foi o governante de Tlapa durante o período de tributação registrada nos fólhos do *Reverso do Azoyú 2* (1486 a 1498), e o último ano desse conjunto de fólhos coincide com o registro da morte dessa personagem. Nos três fólhos analisados a seguir, que registram o período do início da tributação de Tlapa aos mexicas, o Senhor Serpente-de-turquesa aparece apenas no *Reverso do Azoyú 2*, na linha que antecede a primeira tributação, acompanhado do seu sucessor, o Senhor Milho.

Em nossas análises, entendemos que ambos os registros dos códices *Azoyú* representam pessoas sendo sacrificadas, sendo que na representação do *Azoyú 1* aparecem dois personagens sacrificados, um deles é nomeado, Senhor Águia, e um templo em chamás associado ao glifo de Tlachinollan. Sabemos que as personagens são sacrificadas porque no *Azoyú 1* aparecem cenas de sacrifício em fólhos anteriores, executados pelos próprios tlapaneças, e a representação é semelhante. Por sua vez, na representação do *Azoyú 2* aparecem doze personagens mortas, todas nomeadas, portanto, figuras importantes, sendo que uma dessas personagens possui o glifo antroponímico Águia, que aparece em um dos personagens da cena análoga do *Azoyú 1*; também repete-se o elemento de um templo em chamás associado ao glifo de Tlachinollan. No *Azoyú 2*, a cena apresenta apenas as cabeças das personagens, que pode ser lido como uma representação literal, indicando decapitação, ou, como analisamos, trata-se de uma opção de representação que segue um padrão nesse documento, em que não aparecem cenas de sacrifício humano, ao menos, não da forma explícita como é representado no *Azoyú 1*.

Outro elemento que apenas deixaremos indicado é que, no *Azoyú 1*, em frente ao templo há um personagem cujo nome é Senhor Chuva, porém não se trata do governante tlapaneça do qual falamos anteriormente, pois a morte deste é registrada dez anos antes desses eventos. Assim, este Senhor Chuva é um homônimo. No entanto, entendemos que ele é o mesmo personagem que aparece no *Reverso do Azoyú 2*, em que seu glifo antroponímico é uma gota de água. Sobre este personagem, Gerardo Gutierrez o caracteriza como sendo um *calpixqui* tlapaneça, com as análises que desenvolvemos até aqui, discordamos dessa caracterização feita por Gutierrez, pois ele caracteriza o Senhor Chuva (C1F1) como *calpixqui* baseando-se apenas no penteado dele, e não menciona que o Senhor Chuva aparece no *Azoyú 1* (fólio 27) segurando duas bandeiras na frente do templo, de frente para um personagem que é um guerreiro<sup>160</sup>.

---

<sup>160</sup> "Así, este renglón nos indica que en el año 7 Venado (a finales de 1486), el calpixque mexica tasó al altepetl de Tlapa junto con todos sus pueblos sujetos. El calpixque tlapaneço llamado Lluvia se

Com nossas análises, entendemos que as narrativas dos códices *Azoyú* representam não apenas que ocorreram mortes de personagens tlapanecas, mas que registram tlapanecas sendo sacrificados. Essa possibilidade coincide com um registro do *Códice Telleriano-Remensis*<sup>161</sup> em que, nesse mesmo ano, sob o governo mexica de Ahuizotl, é realizado um grande sacrifício no Templo Mayor, ainda que essa fonte não indique que os sacrificados sejam necessariamente tlapanecas. Assim, tanto as fontes mexicas quanto as fontes tlapanecas registrariam uma conquista violenta marcada pela realização de sacrifícios.

### 2.7 A expansão mexica e o contato com Tlapa representada no *Códice Mendoza*

O objetivo deste tópico é apresentar resumidamente as representações, no *Códice Mendoza*, do processo de incursões bélicas empreendidas pelos sucessivos governantes mexicas com o objetivo de expandir seus domínios. Assim, analisando a Seção I do *Códice Mendoza* (ver Quadro 2), queremos destacar como esse processo de expansão é representado com um aumento quantitativo e qualitativo a partir de 1428, quando passam a ser registradas incursões bélicas dos governantes mexicas para além da região diretamente próxima a México-Tenochtitlán e um rápido aumento no número de cabeceiras de províncias incorporadas<sup>162</sup>, até entrarem em contato com as cidades e/ou senhorios geograficamente próximos a Tlapa-Tlachinollan.

---

sometió a los términos, los cuales fueron presenciados por el gobernante de Tlachinollan llamado Serpiente de Turquesa (Xihcoatl) y su sucesor Jilote (Xilomantzin).” GUTIERREZ, 2009, p. 86.

<sup>161</sup> O *Códice Telleriano-Remensis* é um documento de origem mexica produzido no período colonial, em 1563. Os temas que ele aborda são as narrativas histórico-políticas dos períodos de migração dos astecas, do governo de México-Tenochtitlán, e do período colonial inicial; possui ainda uma seção com os ciclos calendários, as vintenenas e o *tonalpohualli*. Foi produzido em papel europeu, com escrita pictográfica e glosas alfabéticas em castelhano e nahuatl. MARTINS, E. H. G. *Produção, usos e transformações das histórias coloniais mexicas (séculos XVI e início do XVII)*. XXIX Simpósio Nacional de História, 2017.

<sup>162</sup> Também é frequente o registro de novas incursões a cidades que já teriam sido conquistadas. Somente algumas das cidades registradas aparecem como cabeceiras de província na Seção tributária, sendo que algumas cidades que na Seção I aparecem conquistadas são depois registradas na Seção II compondo alguma das províncias. No entanto, nem todas as cidades registradas em cada seção se repetem na outra, havendo também cidades que constam na Seção II que não teriam sofrido incursões bélicas dos mexicas, sendo dessa forma incorporadas indiretamente por serem tributárias de cabeceiras regionais.

Quadro 2 - As conquistas que cada governante mexica teria empreendido, de acordo com a Seção I do *Códice Mendoza*

Governante mexica	Período de governo	Total de ações bélicas registradas	Conquistas de lugares novos <sup>163</sup>	Conquistas de cabeceiras de província <sup>164</sup> novas
Tenuch	1324 - 1375	2	2	0
Acamapichtli	1375 - 1396	4	4	1
Huitzilihuitl	1396 - 1417	8	8	2
Chimalpopoca	1417 - 1427	2	1	0
Itzcoatl	1427 - 1440	24	19	4
Moctezuma I	1440 - 1469	33	29	15
Axayacatl	1469 - 1481	37	35	5
Tizoc <sup>165</sup>	1482 - 1486	14	12	0
Ahuizotl	1486 - 1502	45	41	3
Moctezuma II	1503 - 1520	44	44	2
		213	195	32 <sup>166</sup>

Segundo a listagem feita na Seção I do *Mendoza*, até 1427 os mexicas teriam conquistado quinze cidades, das quais três seriam cabeceiras de províncias tributárias, todas próximas a México-Tenochtitlán. Consideramos que até o governo de Itzcoatl (1428 - 1440) os mexicas ainda não haviam conformado um império, já que foi durante o período desse governante que os mexicas deixaram de ser subordinados a Azcapotzalco e passaram a conformar a Tríplice Aliança<sup>167</sup>. Dessa forma, nos registros mexicas é marcadamente com

<sup>163</sup> Considerando o total de ações bélicas registradas menos as ações em locais repetidos, por exemplo, mais de um governante realizou incursões em Chalco, ou mesmo Tlapa que aparece entre as incursões de Tizoc e de Ahuizotl.

<sup>164</sup> Do total de cidades registradas, destacamos aqui apenas as que na Seção II constam como cabeceiras de província, ou que possuem um fólio próprio para seus registros tributários, caso de Tlatelolco que não é cabeceira de outras cidades, mas possui um registro próprio na Seção II, sendo contabilizada como uma das 38 províncias.

<sup>165</sup> Apesar de Tlapa constar entre as ações militares de Tizoc, contabilizamos como sendo uma conquista de cabeceira de Ahuizotl, pois provavelmente o primeiro iniciou as ações militares na região, mas elas se encerraram já no governo do segundo.

<sup>166</sup> Na seção II aparecem 38 cabeceiras da rede tributária, porém, destas 6 não aparecem na Seção I entre as conquistas.

<sup>167</sup> CONRAD; DEMAREST. *Religion and empire*. 1984, pp. 30-37.

este governante que se consolida um processo expansionista baseado no uso da força bélica, para além dos *altepeme* próximos ao lago Texcoco. Assim, com Itzcoatl há um considerável incremento na quantidade de cidades listadas como tendo sido conquistadas, e da mesma forma, as listas seguintes a ele registram entre 30 e 45 incursões bélicas empreendidas por cada um dos cinco governantes que o sucede<sup>168</sup>.

No período anterior a 1440, não há cidades próximas a Tlapa registradas no *Códice Mendoza*, e da mesma forma, não aparecem nos registros tlapanecas nenhuma indicação de um contato direto com os mexicas nessas datas, ainda que houvesse outros povos de origem nahua na região tlapaneca, e o idioma nahuatl também estivesse presente nessa área. A expansão empreendida por Itzcoatl (1428 - 1440) não resulta apenas em um aumento quantitativo de cidades, mas do início de uma expansão, para além do Altiplano Central, atingindo e influenciando um raio cada vez maior. Desse modo, consta na listagem das conquistas de Itzcoatl uma cidade chamada Tepecuacuilco<sup>169</sup>, que formava uma província relativamente próxima a Tlapa.

Assim, segundo a Seção I do *Códice Mendoza*, até Moctezuma I, os mexicas teriam conquistado ao todo 34 cidades, das quais apenas 7 seriam cabeceira de outras; enquanto, para este governante, é registrada a conquista de 15 novas cabeceiras de província, e incursões a 3 cabeceiras que já eram dos mexicas<sup>170</sup>. De acordo com essa fonte e outros indícios, considera-se que até então os domínios mexicas ainda estavam bastante restritos a cidades próximas a México-Tenochtitlan e ao Altiplano Central, e seria Moctezuma I que iniciaria uma expansão para regiões tanto ao norte quanto ao leste de México-Tenochtitlán, chegando a registrar a conquista de uma cabeceira na região mixteca (atual estado de Oaxaca). As conquistas que são registradas na lista de Moctezuma I incluem uma nova incursão a Tepecuacuilco, anteriormente conquistada por Itzcoatl, e uma expansão para o sudeste de México-Tenochtitlán, atingindo o que hoje seria a parte oriental do estado de Guerrero e seus limites com Puebla e Oaxaca. Dessa região, é listada a conquista das cidades de Tlalcoçautitla (Tlalcozauhtitlán), Quiyauhteopan e Yoaltepec (Yohualtepec), que são

---

<sup>168</sup> Dos cinco governantes que sucedem Itzcoatl, apenas Tizoc teria empreendido menos do que trinta incursões bélicas, sendo registradas somente 14, no entanto, como ele teria governado entre 4 e 5 anos, sua média de cidades conquistadas por tempo de governo, em comparação aos demais governantes, é igualmente alta para um curto período de tempo.

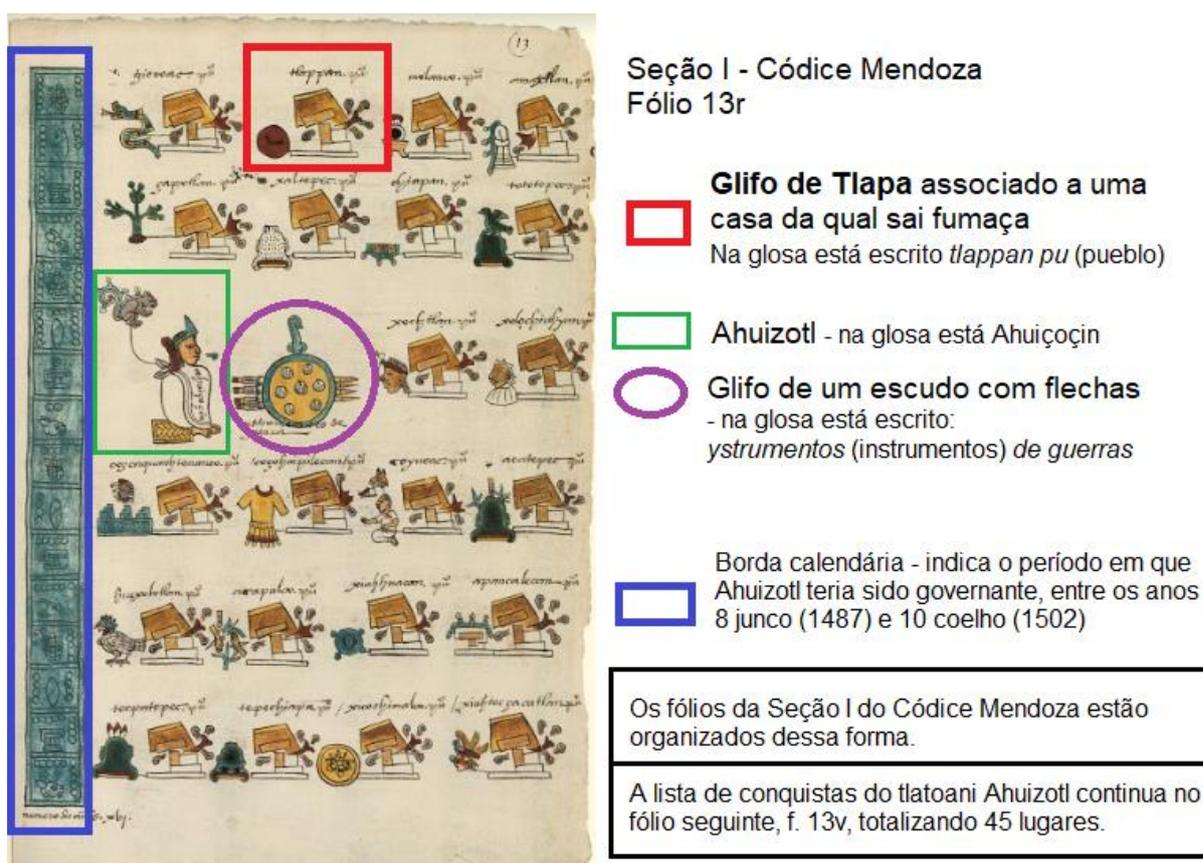
<sup>169</sup> Outra grafia possível é Tepequacuilco. A área que teria esta cidade como cabeceira de uma província tributária corresponde aproximadamente ao que hoje é a região norte do estado de Guerrero, no México, próximo aos limites com os estados de Puebla, Morelos e do Estado do México.

<sup>170</sup> Na Seção I as cidades que são cabeceiras regionais não são diferenciadas das demais. Destacamos estas cidades ao fazermos a comparação com a listagem da Seção II que apresenta 38 cidades como cabeceiras de províncias tributárias.



Ainda assim, destacamos que não há registros de que Moctezuma I teria conquistado cidades que compunham diretamente o senhorio de Tlapa, nem tampouco a própria cidade de Tlapa. Na listagem de conquistas de Axayacatl (1469 - 1481), governante que sucedeu Moctezuma I, a expansão dos mexicas vai em direção contrária, para regiões que não fazem fronteira com Tlapa, de modo que os mexicas não registram incursões bélicas nem para Tlapa, nem para as províncias próximas a ela.

Figura 20 - Representação no *Códice Mendoza* da conquista de Tlapa por Ahuizotl



São registradas no *Códice Mendoza* duas incursões bélicas a Tlapa, a primeira durante o governo de Tizoc, que se encerra em 1486, e a segunda durante o governo de Ahuizotl (ver Figura 20), que se inicia em 1487. Entendemos que, neste caso, não se trata de uma segunda incursão como ocorre em outros lugares, pois ambas teriam ocorrido num intervalo de tempo curto e sequencial, de maneira que, consideramos a possibilidade de que Tizoc teria iniciado uma incursão bélica a Tlapa, e ao morrer durante esse período, o

governante que o sucedeu, seu irmão Ahuizotl, teria dado continuidade a esta incursão e seria quem de fato consolidou este domínio<sup>172</sup>. Nos fólhos do *Códice Mendoza* o glifo de Tlapa é um círculo pintado de vermelho, com uma pegada pintada de preto dentro do círculo, apontando para a esquerda, no fólho 12r a glosa alfabética é *Tlapan pueblo* e no fólho 13r a glosa alfabética é *Tlappan pueblo*, e não aparece o nome Tlachinollan.

Outro códice de origem mexicana, também colonial, que representa Ahuizotl é o *Códice Telleriano-Remensis*, em que este governante aparece na data de 1487 realizando um grande sacrifício de pessoas no Templo Mayor (fólho 39r), data que coincide com a tomada de Tlapa e o sacrifício de tlapanecas registradas nos códices *Azoyú*. No entanto, no *Códice Telleriano-Remensis* o que está registrado é que foram sacrificadas 4 mil pessoas, sem nenhuma glosa ou glifo que indique diretamente tratar-se de tlapanecas.

Portanto, o primeiro registro de Tlapa no *Códice Mendoza* ocorre na lista de incursões bélicas do governante mexicano Tizoc (1482 - 1486) e, em seguida, torna a aparecer na lista do sucessor deste, o governante Ahuizotl (1487 - 1502). Assim, de acordo com o *Mendoza*, no período anterior a 1486 não há o registro de uma incursão bélica à Tlapa.

\*\*\*

Neste capítulo, nos propusemos a analisar as representações de poder, tanto em fontes tlapanecas, quanto em fontes mexicanas, com o objetivo de comparar as narrativas históricas, sobre o período pré-hispânico, criadas pelas elites tlapaneca e mexicana no período colonial. Para isso, analisamos em cada conjunto de fontes: as representações dos atavios de poder dos governantes, os processos de expansão bélica registrados, e como os contatos entre mexicanas e tlapanecas foram representados por cada um dos grupos. A seguir, apresentaremos algumas das conclusões gerais deste capítulo.

Assim, com relação aos atavios de poder dos governantes, os conjuntos de atavios de poder representados pelos tlapanecas incorpora atavios de poder mexicanas no *Códice Azoyú 2*, como a esteira e o diadema de turquesa, de maneira que, ao menos no âmbito da representação, um dos elementos legitimadores do poder político reside na incorporação de atavios de poder de um grupo mais poderoso. Essa característica também é percebida no *Azoyú 1*, tanto quando o governante tlapaneca Senhor Chuva é representado em contato com um emissário mexicano, quanto na incorporação posterior de atavios de poder dos espanhóis.

---

<sup>172</sup> Tizoc faleceu no ano de 1486, não sabemos se em decorrência deste ou de outro conflito bélico.

No entanto, o *Códice Azoyú I* possui uma combinação de atavios de poder próprio constituído por: um leque vermelho e preto, uma bolsa de copal, um enfeite no pescoço e um banco, que não aparecem com essa mesma composição nem nas fontes mexicas, nem em um conjunto de códices mixtecas que analisamos. Assim, identificamos que haveria um conjunto de atavios de poder especificamente tlapaneca. Além disso, ao menos um destes atavios de poder, a bolsa de copal, é um objeto ritualístico, o que entendemos que representa que o governante tlapaneca possuiria tanto o poder político, quanto o poder religioso, que nessas sociedades, poderia ser um único poder. Portanto, das análises das representações de poder dos governantes tlapanecas, concluímos que são elementos legitimadores do poder tanto a incorporação de elementos de grupos mais poderosos, quanto a incorporação de elementos ritualísticos.

Com relação às análises dos processos de expansão bélica registrados, concluímos que ambas as elites mexica e tlapaneca produziram, no período colonial, narrativas que destacavam seu próprio poderio bélico no período pré-hispânico. Sendo que, as representações do *Códice Mendoza* apresentam um processo de expansão exclusivamente pela via bélica, em que cada governante mexica teria realizado dezenas de incursões a outras cidades.

No caso do processo expansionista tlapaneca, é construída uma narrativa de hegemonia na sua região pela via bélica, acompanhada da realização de sacrifícios humanos, muitas vezes de possíveis membros das elites locais dos lugares conquistados. Assim, considerando que Tlapa se tornaria no final do século XV uma cidade que centralizava a tributação dessa região para os mexicas, podemos supor que já existissem relações tributárias locais subordinadas a Tlapa e estabelecidas também por meio das guerras.

Quanto ao processo expansionista de Tlapa registrado nos códices *Azoyú*, quando esta já havia assumido o papel de cabeceira tributária dos mexicas, centralizando toda a província, percebemos que para o período do governante tlapaneca Senhor Serpente-de-turquesa e do governante mexica Ahuizotl há poucas representações de conquistas, enquanto para o período do governante tlapaneca Senhor Milho e do governante mexica Moctezuma II há um processo de conquistas registrado que se relaciona com os aumentos na tributação, conforme abordaremos no capítulo 3.

Com relação a como os primeiros contatos entre mexicas e tlapanecas foram representados por cada um dos grupos, identificamos que as representações do *Códice Mendoza* estão baseadas em uma narrativa que destaca o potencial bélico dos mexicas,

registrando dezenas de conquistas para cada um de seus governantes. Neste códice, o primeiro contato com os tlapanecas é representado em uma incursão bélica promovida pelo governante mexica Tizoc, em 1486, e a conquista teria se completado com seu irmão e sucessor, o governante Ahuizotl em 1487. Assim, de acordo com o *Mendoza*, no período anterior a 1486 não há o registro de nenhuma incursão bélica à Tlapa.

Por sua vez, nos códices *Azoyú*, os registros tlapanecas representam um primeiro contato do governante tlapaneca Senhor Chuva com um emissário mexica nomeado Senhor Inseto, por volta de 1461, durante o período do governante mexica Moctezuma I. Esse primeiro contato não é seguido do início de tributação, tendo sido, portanto, um evento de caráter mais diplomático, que não resultou em uma conquista diretamente. Independente desse evento ter ocorrido ou não, seu registro demonstra que a elite tlapaneca construiu uma narrativa em que seu próprio senhorio teria um peso político suficiente para colocar-se em uma relação de negociação com os mexicas. Essa perspectiva de negociação com os senhorios locais está ausente na narrativa do *Códice Mendoza*.

Assim, o enaltecimento da realização de conquistas bélicas promovidas por suas próprias cidades, no período pré-hispânico, é uma característica em comum nas narrativas produzidas no período colonial, tanto por mexicas, quanto por tlapanecas. Ambos os grupos possuíam elites que produziram os códices como legitimadores do poder político que detinham no período anterior à chegada dos espanhóis, como mecanismo de se colocarem em melhor posição de negociação com este novo grupo dominante. Além disso, o *Códice Mendoza* foi produzido também por espanhóis interessados em valorizar o antigo domínio dos mexicas para se colocarem perante o rei da Espanha como conquistadores de conquistadores.

### 3 RELAÇÕES TRIBUTÁRIAS ENTRE MEXICAS E TLAPANECAS

Neste capítulo, temos por objetivo analisar os registros tributários produzidos pelos mexicas e pelos tlapanecas, comparando as informações apresentadas quanto à periodicidade das entregas dos tributos, aos itens que seriam tributados, e às quantidades desses itens, destacando as semelhanças e diferenças entre o que os dois conjuntos de fontes registram que teria sido tributado. Com a análise dos registros sistemáticos de 35 anos de tributação dos tlapanecas aos mexicas queremos demonstrar que com relação às quantidades esse era um processo dinâmico, em que ocorriam alterações sem uma periodicidade regular, porém que eram alterações sempre para aumentar a tributação, inclusive com incremento de itens tributados. Com relação à periodicidade em que os itens eram tributados, demonstraremos que havia uma regularidade nos períodos em que ocorriam as tributações, ao longo do ano, e nos períodos em que ocorriam os aumentos, sempre relacionados às vintenas do calendário que organizavam os aspectos religiosos dessas sociedades, e portanto, como apresentaremos, também, os aspectos econômicos.

Conforme analisado no capítulo 2, a inserção de Tlapa como cabeceira de uma província tributária no sistema mexica se deu a partir de 1486. Para o período entre essa data e 1521, os tlapanecas produziram registros sistemáticos dos tributos, em que constam entregas quatro vezes por ano. Analisamos esses registros tributários e apresentaremos, neste capítulo, as variações nas quantidades e itens tributados, destacando o momento em que ocorre cada uma dessas alterações nos tributos para comparar com as narrativas históricas e os possíveis eventos associados a essas alterações. Assim, comparamos as personagens e topônimos que estão nos registros tributários com as personagens, topônimos e eventos que aparecem nas narrativas históricas no *Anverso do Códice Azoyú 2* e no *Anverso do Códice Azoyú 1*, para os mesmos intervalos de tempo.

Nossa hipótese inicial era de que todos os aumentos na tributação dos tlapanecas corresponderiam necessariamente a uma conquista de um novo *altepeme* na província de Tlapa, porém, isto se confirmou para três dos sete aumentos registrados. Combinado a isso há dois outros fenômenos presentes nos registros tributários tlapanecas: aumentos que ocorrem sem ter sido registrada nenhuma conquista, e conquistas que ocorrem sem gerar nenhum aumento na tributação.

Por fim, este capítulo tem também o objetivo de relacionar nossas análises com o debate sobre o conceito de império, que nos permite compreender que o aparato de Estado

mexica adquiriu ao longo do processo do expansionismo de sua rede tributária uma estruturação de um poder supra-local, que era estabelecido pela via bélica, e que se concretizava de maneira a permitir que as províncias incorporadas mantivessem suas elites locais na condução política cotidiana, desde que a tributação exigida pelos mexicas fosse entregue.

Assim, as fontes mexicas analisadas são a Seção II do *Códice Mendoza* e a *Matrícula de tributos*, que apresentam o que foi registrado pelo destinatário e cujas quantidades possivelmente correspondem às últimas quantidades tributadas, em comparação com os registros tributários produzidos pela cabeceira Tlapa-Tlachinollan, que apresentam a perspectiva da província que realizava o pagamento dos tributos. Os registros tributários tlapanecas analisados são o *Reverso do Códice Azoyú 2* e o *Humboldt Fragmento 1*, que oferecem um contraponto aos registros tributários mexicas, que constam no *Mendoza* e na *Matrícula*, por apresentar essa tributação como um processo dinâmico, uma relação que durou 35 anos e que contém alterações e transformações, com uma dinâmica de aumento na tributação, que ocorreu gradualmente em sete momentos distintos.

Para atingir esses objetivos o capítulo está organizado nos seguintes tópicos: no tópico 3.1, apresentaremos o sistema tributário registrado pelos mexicas nos códices *Mendoza* e *Matrícula de tributos*. Os tópicos 3.2 e 3.3 são mais descritivos, neles apresentaremos respectivamente as características gerais dos registros tributários mexicas e dos registros tlapanecas, descrevendo os formatos, organização dos registros e o sentido de leitura próprio de cada conjunto de fontes. O tópico 3.4 tem por objetivo debater a função dos *calpixque*, os cobradores de tributos mexicas, e sua identificação nos registros tributários tlapanecas. A partir do tópico 3.5, apresentaremos nossas análises, primeiro sobre a periodicidade das entregas dos tributos, comparando as semelhanças e diferenças entre o que está registrado nas fontes mexicas e nas fontes tlapanecas. No tópico 3.6, apresentaremos o mapeamento das quantidades e tipos de itens tributados registrados em cada conjunto de fontes, comparando semelhanças e diferenças entre os dados registrados. No tópico 3.7, analisaremos a variação que as fontes tlapanecas registram quanto às quantidades e aos itens tributados, em que ocorre um aumento gradual na tributação, e neste tópico apresentaremos os resultados de nossas análises comparando os aumentos com os eventos históricos registrados para as mesmas datas, buscando entender cada aumento. Por fim, no tópico 3.8, debateremos o conceito de império.

### 3.1 Itens tributados, segundo as fontes mexicas

A economia<sup>173</sup> da Mesoamérica, do final do Pós-clássico, articula diferentes esferas em que ocorre a produção, a circulação e o consumo, sendo as principais esferas produtivas: a produção doméstica para consumo direto, a produção mercantil tanto para os mercados locais quanto para o comércio a larga distância, e a produção de itens tributados. Devemos destacar que, apesar de listarmos separadamente cada uma das esferas econômicas, todas elas possuem relações de intersecção entre si: a produção de muitos itens tributados é feita no âmbito doméstico, bem como muitos dos itens vendidos nos mercados locais são excedentes da produção doméstica; da mesma forma os mercados são tributados diretamente etc.

O sistema tributário é apenas uma das esferas de circulação de produtos. A ausência nos registros tributários de uma série de matérias-primas utilizadas pelos mexicas nos revela que muitos itens circulavam e eram adquiridos por outras vias que não o sistema tributário, como o comércio a larga distância. Dessa maneira, como a autora Frances Berdan enfatiza, havia uma intrínseca relação entre estabelecer a tributação em uma província e passar a controlar as redes de comércio locais, bem como havia o investimento do aparato estatal sobre os mercadores, os *pochteca*, como um mecanismo de estabelecer relações diplomáticas que permitissem fazer circular bens produzidos em territórios não-conquistados<sup>174</sup>.

Outro aspecto, que cabe aqui mencionarmos, é que o uso final de muitos itens tributados poderia não ser o consumo direto pelos membros da elite, mas o seu destinamento às oferendas religiosas. Os vestígios arqueológicos, como as escavações no Templo Mayor na atual Cidade do México, revelam uma série de objetos, que vemos registrados nos códices tributários, em que o uso que lhes foi conferido foi serem depositados em oferendas. Portanto, devemos considerar que os usos simbólicos, particularmente dos bens de prestígio, são parte integrante das justificativas que movimentam o sistema tributário.

Consideramos que diferentes itens tributados poderiam ser bens de prestígio, conceito que entendemos, conforme Williams, são os recursos escassos de luxo, que servem como marcadores de *status* dentro e entre os sistemas sociais, designando a posição social, a

---

<sup>173</sup> Neste trabalho entendemos economia como propõe Polanyi, como "(...) el intercambio entre el hombre y su medio natural y social, en tanto que dicho intercambio tiene por objeto proporcionarle los medios para satisfacción de sus necesidades materiales." POLANYI, 1957, p. 243 *apud* FENOGLIO LIMÓN, 2011, p. 29.

<sup>174</sup> BERDAN, Frances. In: Dumbarton Oaks. *Aztec imperial strategies*. 1996, pp. 115-135.

distância social e postos públicos, sendo que um mesmo recurso pode ser básico ou de luxo dependendo do seu uso<sup>175</sup>, como exemplo podemos citar o cacau, que é um item alimentício, porém de consumo restrito à elite. Assim, conforme propõe Fenoglio, os bens considerados de prestígio, em certa sociedade, não são apenas os de difícil aquisição e com grande quantidade de trabalho investido em sua confecção, como também “(...) están relacionados directamente con una concepción simbólica (...)”<sup>176</sup>.

As fontes mexicas que analisamos, a *Matrícula de tributos* e a Seção II do *Código Mendoza*, fazem uma extensa listagem com vários itens que seriam tributados, assim, mencionaremos aqui os itens que constam especificamente nesses registros, com o objetivo de mostrar um quadro mais geral do alcance dessas redes tributárias. Indicamos ainda que as fontes mexicas nos fornecem um detalhamento dos tipos de produtos que circulavam entre regiões diferentes, produzidos pelos *macehualtin* para o consumo dos *pipiltin*, não só da elite mexica, como para as elites locais, mas que esses registros não podem ser tomados sem as devidas ponderações, principalmente com relação às quantidades dos tributos que são representadas.

Assim, o sistema tributário abrangia uma grande quantidade de alimentos e roupas, mas também objetos de luxo, e transportava itens cuja produção era particular a certas regiões, muitas vezes por fatores ambientais, fazendo com que circulassem a regiões distantes onde não eram produzidas. Entre os itens tributados, os mais frequentes são os elementos básicos que constituíam a alimentação cotidiana: fardos de grãos como milho, feijão, chía e *huauhtli* (amaranto); pimenta, mel de *maguey*<sup>177</sup> e mel de abelha, e alimentos de luxo como o cacau (*cacahuatl*), utilizado para fazer uma bebida de consumo exclusivo da elite, o *chocolatl*.

Havia também uma grande quantidade de têxteis tributados: fardos de algodão e vestes já tecidas<sup>178</sup>. Os registros mexicas representam uma grande variedade de têxteis, como mantas de vários tamanhos, tanto masculinas quanto vestes femininas (*huipilli*), algumas

<sup>175</sup> WILLIAMS, 2004, pp. 14, 15.

<sup>176</sup> FENOGLIO LIMÓN, 2011, p. 30.

<sup>177</sup> Maguey é uma das plantas da sub-família dos agaves, muito comuns no México. Os povos mesoamericanos utilizavam as variedades de agaves, entre outras coisas, para produzir bebidas como *aguamiel* e *pulque*, e das suas folhas teciam fibras, como no caso do henequén, variedade de agave utilizada para fazer roupas. Suas folhas costumam ser pontudas e ter espinhos nas laterais, sendo por isso, popularmente associadas aos cactos, também comuns no México.

<sup>178</sup> Um dos exemplos da dificuldade de calcular o total dos itens tributados, devido às ambiguidades e imprecisões das fontes, é o caso dos têxteis. Berdan comenta que alguns cálculos das quantidades totais de têxteis sugerem 128.000 por ano, e outros cálculos chegam a 2.560.000. Contando cada item como uma unidade e não uma carga, e considerando quatro pagamentos ao ano, Berdan chega ao cálculo de 255.360 mantas anualmente tributadas. BERDAN, Frances. In: Dumbarton Oaks. *Aztec imperial strategies*. 1996, p. 125.

brancas (*tilmatli*) e outras com estampas sofisticadas e mesmo de estilos regionais. Consideramos aqui que os têxteis de algodão são a parte mais massiva dos itens de luxo tributados, pois a maioria da população, os *macehualtin*, se vestia com roupas feitas de fibra de maguey, além disso, o uso de diversos tipos de vestes era restrito a certas pessoas como marcador da sua posição social.

Outra categoria de vestes tributadas são as complexas vestes de guerreiro, de diversos tipos, confeccionadas com peles de animais, como jaguares e coyotes, e/ou plumas de pássaros específicos, e seus respectivos escudos enfeitados com plumas, para uso de guerreiros da elite. Entre os objetos de luxo estão as peles de jaguar e de veado, plumagem de diversos tipos de aves, como as penas verdes de quetzal, e pedras preciosas, sendo as de tonalidade verde-azulada muito apreciadas, como o jade (*chalchihuitl*) e a turquesa (*xihuitl*)<sup>179</sup>; também conchas, cobre, e ouro, em estado semi-bruto ou no formato de jóias como colares, adornos para o nariz e para os lábios (bezote em espanhol).

Entre os itens variados havia fardos de papel amate (*amatl*), usados tanto para confecção de códices como para fazer enfeites e serem queimados em certos rituais; cerâmicas e xícaras decoradas para consumo de tipos específicos de bebidas; esteiras, cal utilizada nas construções, lenha, madeira própria para fazer lanças e flechas; bolas de borracha (hule em espanhol) para jogar e para realizar oferendas; incenso e cochinha<sup>180</sup>.

No caso da província que estudamos, a tributação de Tlapa para Tenochtitlan não passa por itens alimentícios, e sim por objetos de luxo. O ouro da região tlapaneca vinha principalmente dos rios, chamado de ouro de aluvião, e era entregue em estado semi-bruto, como matéria-prima para confecção de objetos pelos artesãos mexicas. As mantas constituíam um item relevante, mas que só foi incorporado após quase vinte anos de tributação exclusiva de ouro.

Aqui também entra a questão de qual o termo mais adequado para nos referirmos, no contexto social pesquisado, a esses itens que não são mercadorias, pois não são produzidos para realização de trocas comerciais, nem são produzidos para o consumo direto de seus produtores. Nesta pesquisa, optamos pelo uso do termo tributo, sabemos que esse termo parte de um conceito generalizante que foi aplicado pelos castelhanos às distintas formas de

---

<sup>179</sup> Destacamos que as pedras tributadas poderiam não ser necessariamente jade e turquesa, do ponto de vista químico, já que uma série de outras pedras de tonalidade verde-azulada são encontradas nos vestígios arqueológicos. Assim, além da turquesa propriamente dita havia o uso de pedras azuladas como malaquita, crisocola, azurita e amazonita; e além do jade, as pedras verdes como jadeíta, fitita e serpentina.

<sup>180</sup> Substância vermelha extraída de um inseto usada para alimentação e para fazer tinta vermelha.

apropriação da produção de bens e do trabalho dos *macehualtin* pelos grupos detentores do poder político e bélico, os *pipiltin*. Em nahuatl há pelo menos duas palavras diferentes para as quais podemos traduzir tributo: *tequitl*, traduzido ao espanhol como tributo, imposto, trabalho, emprego, funções, cargo, dever, embargo, cujos termos derivados que têm essa palavra como raiz estão relacionados à noção de trabalhar para alguém; e *tlacalaquilli*, traduzido ao espanhol como tributo, imposto, renda, cujos termos derivados aparecem mais relacionados à ideia de pagar impostos<sup>181</sup>, e algumas glosas na *Matrícula de tributos* indicam o uso dessa palavra. A tradução desses dois termos sugere uma diferenciação entre o tributo como prestação de serviços e o tributo como entrega de bens produzidos.

### 3.2 Registros tributários mexicas: características, formato e sentido de leitura

Neste tópico, antes de analisarmos as fontes, apresentaremos de maneira mais descritiva as características, o formato e o sentido de leitura dos registros tributários mexicas. A *Matrícula de tributos*<sup>182</sup> é um registro feito em papel amate, composto atualmente por 16 folhas de 42 X 29 cm. Não há muitos indícios da origem da *Matrícula*, mas estima-se que tenha sido produzida antes do *Mendoza*, entre 1530 e 1535. A *Matrícula* possui um único conteúdo temático que é o registro das províncias e os respectivos tributos entregues por elas aos mexicas<sup>183</sup>, suas folhas são soltas e foram pintadas de ambos os lados, de modo que a nomenclatura dos fólhos deste códice é feita apenas com a numeração de 1 a 32, sem discriminar qual a frente e qual o verso como é feito no *Mendoza*.

Os fólhos da *Matrícula* são predominantemente pictográficos, sem longas sequências de texto alfabético como ocorre no *Mendoza*, mas possuem algumas glosas traduzindo e/ou descrevendo os glifos dos tributos, suas quantidades e periodicidade da tributação. Nesse sentido, uma diferença que surge e permite algumas análises interessantes é que a *Matrícula* possui sempre duas glosas acompanhando cada registro pictográfico, sendo a primeira glosa alfabética, em nahuatl, e a segunda glosa em castelhano, enquanto as glosas em

<sup>181</sup> *Tequitl*. SIMÉON, 1992, pp. 511, 512. *Tlacalaquilli*. SIMÉON, 1992, pp. 556, 557.

<sup>182</sup> Também chamada de Tribute Roll of Montezuma ou Códice de Moctezuma, atualmente está guardada no Museu Nacional de Antropología e Historia, na Cidade do México, sob o código MNA 35-52.

<sup>183</sup> A semelhança entre os conteúdos registrados na *Matrícula* e na Seção II do *Códice Mendoza* levanta duas possibilidades principais debatidas entre os pesquisadores: de que ambos os registros tributários seriam cópias de um mesmo registro pré-hispânico, ou de que a Seção II do *Mendoza* foi feita copiando a *Matrícula*. Independente da origem dessa fonte nos interessa analisar, neste capítulo, as semelhanças e as diferenças entre os registros tributários da *Matrícula* e do *Mendoza* com relação à província de Tlapa.

castelhano no *Mendoza* nem sempre indicam os termos em nahuatl. Também ocorrem pequenas diferenças entre as duas glosas na própria *Matrícula*, em que nem sempre a glosa em castelhano é uma tradução totalmente fiel à glosa em nahuatl.

Na *Matrícula*, a cabeceira da província é registrada como o primeiro glifo toponímico na parte inferior do fólio, do lado esquerdo, e as demais cidades são listadas ao lado desta, na margem inferior no sentido horizontal da esquerda para a direita, e depois a partir da parte inferior direita do fólio continuam sendo representados no sentido vertical, debaixo para cima. Geralmente, na *Matrícula*, só a cabeceira possui uma glosa indicando a pronúncia do glifo toponímico em nahuatl, por sua vez, no *Códice Mendoza* todos os glifos toponímicos vêm acompanhados de glosa. O espaço dos fólios são então preenchidos com a tributação, que vai debaixo para cima, em que geralmente o primeiro item registrado são as mantas<sup>184</sup>.

A província de Tlapa é registrada no fólio 19 da *Matrícula* (ver Figura 18), o glifo toponímico é um círculo pintado de vermelho com uma pegada pintada de preto dentro, virada para a esquerda e há duas glosas, uma em cima e uma embaixo do glifo, apresentando grafias diferentes para este topônimo: *tlauhþã* (Tlahupan) e *Tlapan*. Em seguida, há mais seis glifos toponímicos na margem inferior até o lado direito do fólio, quando passam a ser registrados os demais sete glifos toponímicos no sentido vertical (dois destes glifos estão parcialmente apagados), totalizando treze cidades subordinadas a Tlapa, nenhuma delas com glosa. Debaixo para cima, são registrados os seguintes itens tributados: numa primeira sequência horizontal estão as mantas, na metade superior do fólio os demais registros são dispostos como em duas colunas, com as lâminas retangulares de ouro, os potes de ouro em pó, e as cabaças ocupando a porção esquerda, e as vestes de guerreiro com escudos ocupando a porção direita superior do fólio. Analisaremos as quantidades e frequências dessa tributação em outro tópico, mais adiante.

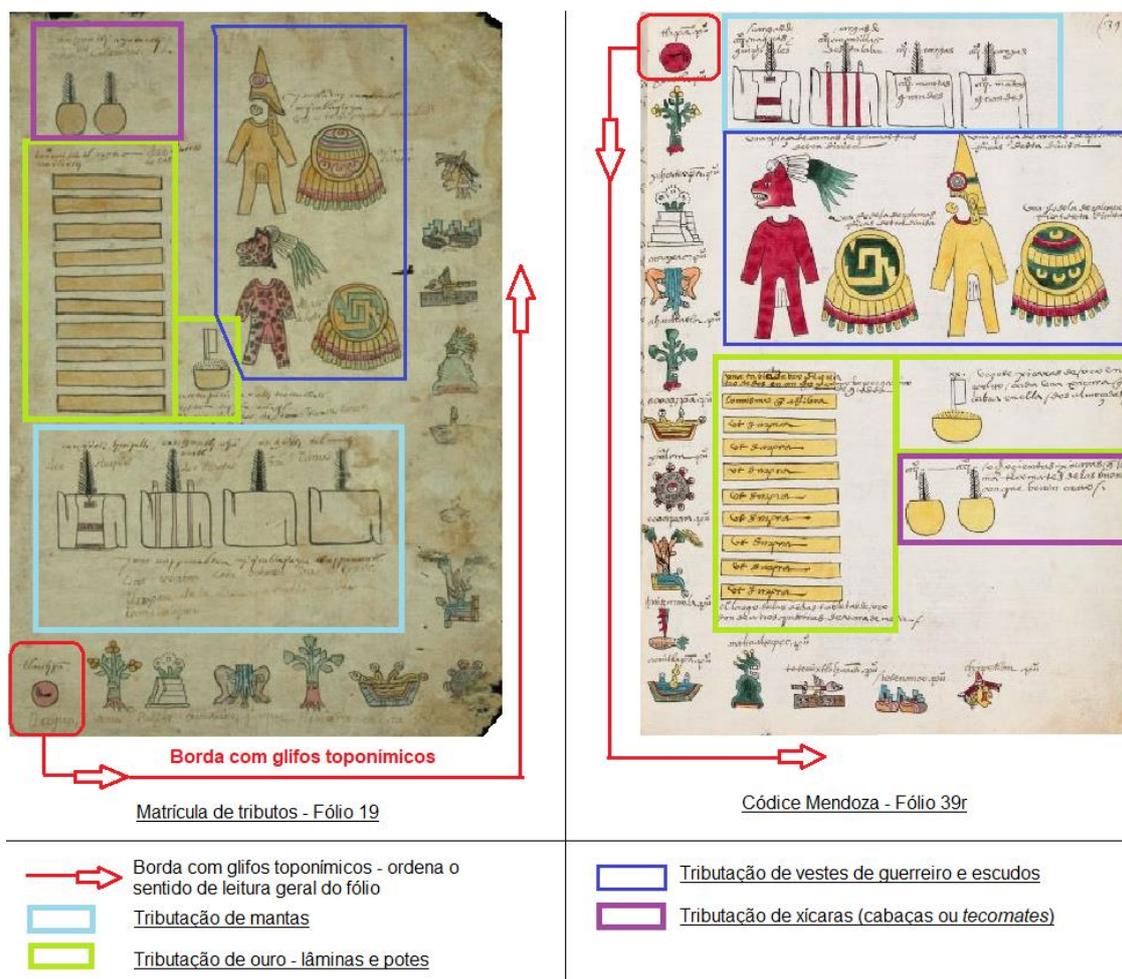
O outro registro tributário de origem mexica analisado é a Seção II do *Códice Mendoza*, cujas principais diferenças em relação à estrutura e organização da *Matrícula* são: a composição dupla com fólios alfabéticos traduzindo e/ou transcrevendo os registros pictográficos, a predominância de glosas em castelhano, e o sentido de leitura de cima para baixo. No *Mendoza*, a indicação da cidade que é cabeceira da província é feita registrando o glifo toponímico no canto superior esquerdo, e as demais cidades subordinadas são

---

<sup>184</sup> Mohar Betancourt faz uma extensa e detalhada análise da disposição espacial dos glifos nos fólios da *Matrícula*, destacando padrões e sequências predominantes, e a respectiva comparação com os fólios do *Mendoza*. MOHAR BETANCOURT, 1990.

registradas depois da cabeceira, no sentido vertical de cima para baixo até atingir a margem inferior esquerda, e depois continuam sendo registradas no sentido horizontal (ver Figura 21). Exceto pela diferença na disposição na página, geralmente a sequência em que as cidades são registradas é a mesma na *Matrícula* e no *Mendoza*.

Figura 21 - Comparação entre fólio da *Matrícula* e do *Mendoza*



Nas análises comparativas<sup>185</sup> entre a Seção II do *Códice Mendoza* e a *Matrícula de tributos*, é possível encontrar algumas diferenças entre essas duas fontes, não só no sentido de leitura e na disposição de registros nos fólios, como também em alguns conteúdos. No caso dos fólios que contém a tributação de Tlapa, não há variações significativas no que está

<sup>185</sup> Para análises que comparam cada um dos fólios tributários de ambas as fontes, indicamos estudos realizados por Frances Berdan e por Luz María Mohar Betancourt. Nossas análises estão centradas nos fólios que abordam a província de Tlapa, e nossas análises de outras províncias nessas fontes foram apenas pontuais.

registrado pictoglificamente na *Matrícula* e no *Mendoza*, sendo que em ambas as fontes constam os mesmos glifos de 14 *altepeme* dessa província listados<sup>186</sup>, inclusive na mesma sequência, apenas iniciando em pontos diferentes dos fólhos, e os mesmos itens tributados apenas com diferenças de disposição espacial nos fólhos.

Especificamente nos fólhos que registram Tlapa, as diferenças entre o *Mendoza* e a *Matrícula* aparecem nas glosas alfabéticas que são acrescentadas. No *Mendoza*, cada glifo toponímico apresenta uma glosa, permitindo sabermos a pronúncia dos glifos dos nomes dos *altepeme* em nahuatl, enquanto na *Matrícula* apenas o primeiro glifo toponímico, que é o da cabeceira, possui a glosa; nesse caso, as diferenças de grafia estão dentro das variações comuns, na *Matrícula* está escrito Tlahupan e no *Mendoza* Tlapan pueblo. Além disso, as glosas das duas fontes apresentam informações distintas com relação à periodicidade da tributação e conseqüentemente às quantidades totais tributadas. Em ambas as fontes não aparece nos fólhos tributários nem o glifo nem a glosa referentes a Tlachinollan.

Na Seção II do *Códice Mendoza* a província de Tlapa está registrada nos fólhos 38v e 39r<sup>187</sup>, sendo o primeiro destes um fólho alfabético e o segundo um fólho pictoglífico, semelhante ao fólho 19 da *Matrícula*. Em seguida são listadas treze cidades subordinadas a Tlapa, com as respectivas glosas dos glifos toponímicos, a sequência é: Xocotla, Ixcateopan, Amaxac, Ahuacatla, Ococoapan, Yoallan, Ocoapan, Huitzamolan, Acuitlapan, Malinaltepec, Totomixtlahuacan, Tetenanco, e Chiepetlán.

O espaço restante do fólho é ocupado pelo registro da tributação, organizado da seguinte forma: três sequências horizontais, da parte superior para baixo, o primeiro item registrado na parte superior do fólho são as mantas, numa segunda sequência horizontal estão as vestes de guerreiro com escudos, e na metade inferior do fólho são registradas à esquerda as lâminas retangulares de ouro, e à direita os potes de ouro em pó e os *tecomates* (xícaras, esse item corresponde às cabaças registradas na *Matrícula*).

Nos códices mexicas são utilizados alguns glifos específicos para indicar os numerais, por sua vez, isso não ocorre nos registros tributários tlapanecas<sup>188</sup>. O sistema

<sup>186</sup> Dois glifos toponímicos da *Matrícula* estão bem apagados, mas é possível identificar que são os mesmos do *Mendoza*.

<sup>187</sup> Originalmente, a numeração dos fólhos do *Mendoza* foi feita contando apenas um lado do fólho, consolidou-se denominar a frente do fólho como rosto, abreviado como r, e o verso, abreviado como v, assim, no caso deste códice, quando localizamos, por exemplo, o fólho 39r estamos indicando que é o lado da frente do fólho de número 39, enquanto a indicação 38v indica que estamos nos referindo ao verso do fólho de número 38.

<sup>188</sup> Nos registros tributários tlapanecas, no *Reverso do Azoyú 2* e no *Humboldt Fragmento 1*, as quantidades são indicadas pela repetição sistemática de cada item, ou seja, para indicar 5 lâminas de ouro são repetidas as representações das lâminas cinco vezes. No entanto, o glifo do numeral 20,

numérico na Mesoamérica era vigesimal, ou seja, utilizavam uma base de 20 unidades, a vintena, e seus múltiplos, sendo as duas outras principais bases o numeral 400, resultado de  $20 \times 20$  ou  $20^2$ , e o numeral 8.000, resultado de  $20 \times 20 \times 20$  ou  $20^3$ .

Nos códices mexicas com registros tributários, a *Matrícula* e o *Mendoza*, há algumas convenções para representar as quantidades, assim, os itens em quantidades inferiores a uma vintena são representados geralmente item por item, por exemplo, para registrar a tributação de dois colares são representados dois colares. No caso dos numerais 5 e 10, nos códices mexicas, podemos encontrar a representação de item por item, ou o uso de uma convenção que utiliza círculos para indicar unidades, tal como é utilizado para registrar os numerais nas datas, de modo que, do glifo do item tributado sai uma linha com pequenos círculos, coloridos ou não, em que cada círculo indica uma unidade.

Por sua vez, os numerais 20, 400 e 8.000 são representados por glifos específicos: o numeral 20 é representado pelo glifo de uma bandeira, *pantli*; o numeral 400 é representado pelo glifo de uma pena ou de fios de cabelo, *tzontli*; e o numeral 8.000 é representado pelo glifo de uma bolsa de copal, *xiquipilli*<sup>189</sup>. A representação das quantidades múltiplas desses três numerais pode aparecer como a repetição dos itens tributados acompanhados do glifo numeral, ou podem ser representadas pela repetição apenas do glifo numeral e não do item tributado. A maior quantidade de um mesmo item registrada no *Códice Mendoza* é de 16.000 bolas de *hule* (borracha) tributadas por Tochtepec, representada por dois glifos *xiquipilli*.

No *Mendoza*, as quantidades registradas glificamente são transcritas nas glosas em castelhano utilizando os algarismos romanos, por exemplo, o numeral 20 aparece como XX; por sua vez, na *Matrícula* os numerais transcritos são indicados em algarismos indo-árabicos, ou seja, 1, 20, 2.400, etc. Outra diferença entre os dois registros é que enquanto o

---

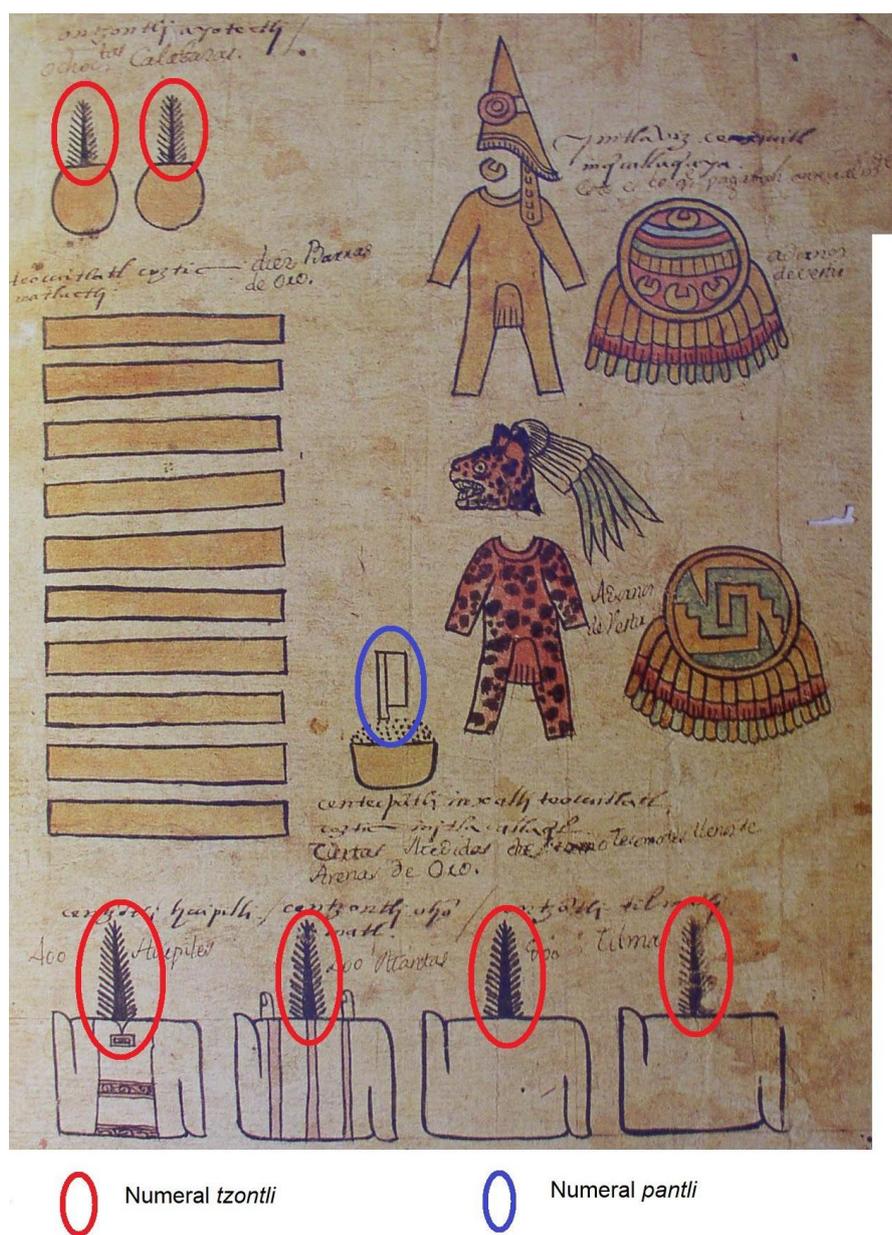
*pantli*, que é uma bandeira, aparece no *Códice Azoyú 1*, em cenas de conteúdo distinto, associadas a sacrifício, de maneira que nessas representações o glifo poderia ser lido de outra forma que não como um numeral. Além disso, nos registros tributários tlapanecas as quantidades são sempre registradas a cada entrega e não totalizando um ano inteiro.

<sup>189</sup> Devemos destacar que esses glifos não eram usados somente como numerais, e podem aparecer com outros significados, a depender do contexto e do tipo de narrativa. Desse modo, o glifo *pantli* (bandeira) é recorrente como glifo tanto ideográfico quanto fonético em nomes de lugares, e também assume uma função ideográfica, representando de fato uma bandeira, associada a eventos de contato entre dois grupos de pessoas de diferentes lugares, ou também como objeto muito utilizado por exemplo em rituais, assim, o glifo de uma bandeira estilizada com listras pretas representa a vintena Panquetzaliztli, que no caso dos tlapanecas, era um dos períodos de entrega de tributos. Já o glifo do numeral *xiquipilli*, que representa 8.000 unidades, é uma bolsa de copal (tipo de incenso), e no *Códice Azoyú 1*, esse glifo aparece com frequência representando de fato o objeto bolsa de copal nas mãos dos governantes tlapanecas, como um dos atavios que indica poder político e função ritualística.

*Mendoza* possui apenas glosas em castelhano, a *Matrícula* possui glosas em nahuatl e em castelhano.

No caso dos registros da tributação de Tlapa, tanto no *Mendoza* quanto na *Matrícula* aparecem os glifos *tzontli* para indicar as quantidades das mantas e dos tecomates (calabazas), e o glifo *pantli* para indicar a quantidade dos potes de ouro em pó, enquanto as 10 lâminas de ouro e as duas vestes de guerreiro com escudo são representadas item a item; conforme a Figura 22 que mostra a tributação de Tlapa na *Matrícula de tributos*.

Figura 22 - Numerais *pantli* e *tzontli* na *Matrícula de tributos* - fólio 19



### 3.3 Registros tributários tlapanecas: características, formato e sentido de leitura

Neste tópico, antes de analisarmos as fontes, apresentaremos as características, formato e sentido de leitura dos registros tributários produzidos pelos tlapanecas, registrados em duas fontes: no *Reverso do Códice Azoyú 2* e no *Humboldt Fragmento 1*; pois o *Códice Azoyú 1* não possui registros tributários. Os registros tributários tlapanecas possuem ainda informações de caráter mais histórico e político, como a presença de personagens, governantes, e lugares, sendo que buscamos analisar e comparar esses registros com os eventos do *Anverso do Azoyú 2* e o *Anverso do Azoyú 1* narrados para essas mesmas datas, destacando as representações distintas de um mesmo evento. No capítulo 2, descrevemos as características do *Anverso do Azoyú 2*, lado em que está registrada a seção histórica-política. Aqui, descreveremos apenas as características da seção tributária do *Azoyú 2*.

Como colocamos anteriormente, nos códices é convencional chamar o lado considerado principal de anverso, e o lado oposto de reverso. No caso do *Azoyú 2*, este documento seria originalmente composto de 17 fólios, dos quais atualmente só há 15. Os registros no reverso começam a partir do fólio que corresponde ao fólio 8 do anverso, e destacamos que não é uma escolha aleatória, já que no fólio 8 do anverso está registrado o período entre 1485 e 1492, com os eventos que teriam levado Tlapa a ser incorporada como província tributária (ver Tópico 2.6). Assim, para diferenciar a posição dos fólios no *Azoyú 2*, é convencional nomear os fólios do reverso com a letra v, de verso. Portanto, atualmente os registros tributários do reverso do *Azoyú 2* ocupam 8 fólios, que são os fólios 8v, 9v, e do 12v ao 17v, pois os fólios 10v e 11v se perderam, gerando uma lacuna. Assim, os registros do *Reverso do Azoyú 2* correspondem aos anos 1487, 1488, e continua com a segunda metade do ano 1491 até 1498, sendo que a lacuna gerada pela ausência dos fólios 10v e 11v corresponde aos anos 1489, 1490 e à primeira metade do ano 1491.

O *Códice Humboldt* é uma longa tira de papel amate pintada apenas em um dos lados, composto por 15 fólios<sup>190</sup>. Trata-se de um registro pictográfico sem nenhum registro

---

<sup>190</sup> Composto por 15 fólios que medem aproximadamente 28,5 X 24 cm cada. Atualmente está guardado na Biblioteca Estatal de Berlim (Staatsbibliothek zu Berlin-Stiftung Preussischer Kulturbesitz), sob o código Ms. Amer. 2. Seu nome vem do pesquisador Alexander Von Humboldt que o adquiriu durante sua visita ao México, por volta de 1800, bem como a diversos outros documentos, códices e fragmentos; os demais fragmentos que pertenceram a essa coleção também levam o nome de Humboldt e são numerados, porém são documentos de origens e tipos distintos, e o Fragmento 1 é o único deles com esta temática. A associação de que este fragmento tratava da região de Tlapa só veio posteriormente, conforme os estudos das fontes dessa região foram aprofundados e diversos documentos espalhados tiveram seu lugar de origem identificado. Sobre os possíveis rumos do fragmento, ver: GUTIERREZ, 2009, pp. 27 - 38.

alfabético, ou seja, não possui glosas. Assim, este fragmento constitui uma única seção temática com os registros tributários de Tlapa correspondentes aos anos de 1504 a 1522. A semelhança que esse documento possui com o *Reverso do Azoyú 2*, tanto no tema quanto no estilo, levantam o debate se ambos comporiam originalmente o mesmo documento ou não<sup>191</sup>. Independente da materialidade dessas duas fontes ter sido originalmente uma só ou não, metodologicamente analisamos ambos como um único documento, pois abarcam intervalos de tempo distintos, e sequenciais. Assim, o *Humboldt Fragmento 1* contém uma continuação dos registros tributários de Tlapa, que começam no *Reverso do Azoyú 2*, ficando, portanto, uma lacuna entre o término de uma fonte e o início da outra<sup>192</sup>.

A seção registrada no *Reverso do Azoyú 2* apresenta uma estruturação, disposição dos glifos e conteúdo semelhantes ao *Humboldt*, de modo que esses documentos podem ser lidos sequencialmente como um mesmo registro, apenas fisicamente separados. A seguir, apresentaremos a estruturação em comum destes dois registros, considerando que, quando nos referimos aos registros tributários tlapanecas, estamos apontando características que são comuns tanto ao *Reverso do Azoyú 2* quanto ao *Humboldt*<sup>193</sup>.

Estes registros utilizam o sistema de escrita pictográfica mixteco-nahua, e não possuem glosas alfabéticas. Os registros tributários tlapanecas estão organizados com o sentido de leitura na vertical, de baixo para cima, da direita para a esquerda. Todos os fólios possuem linhas traçadas que estruturam 5 colunas por 5 linhas, formando 25 quadrados ou retângulos que chamamos de células; de modo que, adotamos o esquema utilizado por Gutierrez para identificar essas células, convencionando numerar as linhas e nomear as 5 colunas de A, B, C, D e E, padronizando como localizar e indicar as informações de uma determinada célula, nomeada a partir da combinação da letra da sua coluna, o número da sua linha e o fólio em que se encontra<sup>194</sup>.

---

<sup>191</sup> Para Gutierrez, originalmente o Humboldt faria parte de um grande *Códice Azoyú 2* e teria em algum momento sido separado, resultando na perda de alguns de seus fólios. Independente de terem sido confeccionados como um único documento ou não, entendemos que trata-se de uma mesma sequência de registros.

<sup>192</sup> Em sua proposta de um único grande registro tlapaneca, Gutierrez coloca a possibilidade de que haveria originalmente fólios conectando o término do *Reverso do Azoyú 2* ao início do *Humboldt*, e registrando o intervalo entre 1499 e 1503.

<sup>193</sup> “El reverso del Códice Azoyú 2 há sido llamado “Nómina de tributos de Tlapa y su provincia al Imperio Mexicano”, y empieza en el folio 8 reverso del Códice Azoyú 2 y continúa en lo que es el segmento llamado Códice Humboldt Fragmento 1.” GUTIERREZ, 2009, p. 59.

<sup>194</sup> Este esquema de leitura foi elaborado nos estudos de Ulf Bankmann; adotamos em nossas análises dessas fontes esse esquema, em que convencionou-se nomear as cinco colunas de A, B, C, D e E, e numerar as linhas, conforme utilizado por Gerardo Gutierrez, facilitando a comparação de nossas análises com os estudos já realizados, que incluímos em nossas referências bibliográficas.

Figura 23 - Sentido e esquema de leitura dos registros tributários tlapanecas



Ambos os registros tributários estão estruturados em colunas que organizam os conteúdos da seguinte forma: na coluna A (primeira coluna da direita) estão anotados cronologicamente os anos<sup>195</sup>, e algumas vezes são representados alguns personagens; em correspondência a cada ano registrado na coluna A, a coluna B registra 4 linhas, marcando os 4 períodos do ano em que teriam sido feitos os pagamentos dos tributos; nas colunas C, D e E

<sup>195</sup> Correspondência das datas com o calendário gregoriano de acordo com VEGA SOSA, 2012, pp. 193 - 195.

aparecem os tipos de tributos e suas quantidades, e em algumas células também algumas anotações históricas no meio das demais, como personagens e topônimos.

No exemplo da Figura 23, quando indicamos que uma informação está localizada em C31F7, significa que é a célula da coluna C, da linha 31, do fôlio 7, que aqui corresponde à 1ª entrega de tributos do ano 2 veado (1494), na vintena Etzalcualiztli. As linhas foram numeradas a partir do 1º fôlio do *Reverso do Azoyú 2* até o último fôlio do *Humboldt*, totalizando 145 linhas. Como a sequência é uma só, os fôlios são renumerados da seguinte forma: o fôlio 8v do *Reverso do Azoyú 2* é o fôlio 1 da sequência total dos registros tributários, e o fôlio 15 do *Humboldt*, último dessa sequência, é o fôlio 29.

Na seção tributária, cada linha corresponde a uma entrega de tributos, marcando quatro entregas por ano, desse modo, como a estruturação dessa seção divide cada fôlio em cinco linhas, geralmente um fôlio do *Reverso* consegue abarcar apenas os quatro períodos de um mesmo ano e uma parte do ano seguinte. Assim, num mesmo fôlio, temos no *Anverso do Azoyú 2* um intervalo de oito anos registrados e no *Reverso* apenas um ano.

As diferenças entre o *Reverso do Azoyú 2* e o *Humboldt* aparecem nos estilos dos traços e cores, no entanto, dentro de um mesmo documento, é possível encontrar essas diferenças, indicando que sua confecção pode ter contado com vários escribas (*tlacuiloque*) ao longo do tempo. Também ocorrem registros dos mesmos eventos tanto no *Reverso* quanto no *Anverso do Azoyú 2*, nesses casos, além dos traços distintos, algumas cenas ou personagens são representados de formas diferentes, evidenciando mais de uma forma de representação.

Abordando o *Reverso do Códice Azoyú 2* e o *Humboldt Fragmento 1* como sendo um mesmo corpo temático, analisamos nesses registros: as datas, os tributos (quantidades e tipos), as personagens e os topônimos; destacando os momentos em que ocorreram aumentos na tributação, e buscando essas datas nos registros históricos para melhor entender que eventos poderiam estar relacionados a esses aumentos, e da mesma forma, buscando localizar e relacionar personagens e topônimos que apareçam tanto nos registros tributários quanto nos registros históricos.

### 3.4 Os calpixque

Neste tópico, abordaremos as funções dos *calpixque*<sup>196</sup>, cuja tradução mais frequentemente atribuída é de cobrador de tributos, função que consideramos essencial no aparato de Estado mexica. Além disso, analisaremos como alguns personagens foram identificados como *calpixque* nos registros tributários tlapanecas.

Um dos aspectos que nos leva a compreender que havia a estruturação de um Estado de tipo imperial entre os mexicas é o alto grau de organização e centralização que o aparato de Estado possuía sobre a tributação, bem como, sobre a circulação de produtos nos mercados, por onde também fluíam muitos dos itens importantes para a elite. O palácio mexica era o grande centralizador das riquezas tributadas, e havia uma ampla burocracia formada por membros da elite que eram funcionários do palácio; dentre esses funcionários, um termo que constantemente aparece ao falarmos da tributação é a função dos *calpixque*.

A origem etimológica do termo *calpixqui* viria das palavras *calli*, casa, e do verbo *pia*, guardar algo. Portanto, o *calpixqui* seria o que guarda a casa. Podemos nos aproximar de uma melhor compreensão das várias funções que um *calpixqui* poderia desempenhar quando vamos às primeiras traduções feitas ao castelhano: no primeiro dicionário de nahuatl - castelhano, produzido pelo Frei Alonso de Molina, *calpixqui* aparece traduzido ao espanhol como ‘mayordomo’<sup>197</sup>, uma palavra de difícil tradução ao português, mas cujo significado no Dicionario de Autoridades<sup>198</sup> aparece como: “El Xefe principal de alguna Casa ilustre, a quien están sujetos y subordinados los demás criados, y a cuyo cargo está el gobierno económico de ella.” e “Se llama tambien el Oficial que se nombra en las Congregaciones o Cofradías, para la distribución de los gastos, cuidado y gobierno de las funciones.”<sup>199</sup> Em Molina encontramos a tradução de *calpixcayotl* como ‘mayordomia’, e para esta o Dicionario de Autoridades nos dá o significado de: “El cargo y empleo del Mayordomo.”<sup>200</sup> Portanto, em Molina o termo não designa uma função específica de cobrar tributos, mas um funcionário superior dentro da casa real.

Fontes como a obra de Frei Bernardino de Sahagún, *Historia general de las cosas de Nueva España*, ao tratar do funcionamento da política e da organização da casa real

<sup>196</sup> *Calpixqui*, plural *calpixque*: traduzido para o espanhol como “mayordomo, intendente, administrador”. SIMÉON, 1992, p. 62.

<sup>197</sup> MOLINA, 2013, p. 12.

<sup>198</sup> Mais antigo dicionário da língua espanhola, publicado no século XVIII.

<sup>199</sup> Dicionario de Autoridades - Tomo IV (1734). Disponível no site da Real Academia Española: <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/diccionarios-antiores-1726-1996/diccionario-de-autoridades>

<sup>200</sup> Idem.

mexica, nos apresenta uma função mais ampla dos *calpixque*, que engloba cuidar de todo o armazenamento de riquezas do palácio<sup>201</sup>. Analisando algumas das descrições que o Frei Bernardino de Sahagún nos fornece, quando aborda o funcionamento das festas que ocorriam a cada vintena, por exemplo, aparece que na festa ao *teotl* Macuilxochitl ou Xochipili, entre as funções do *calpixque* está guardar os cativos de guerra até a época certa para serem sacrificados<sup>202</sup>. No palácio havia uma sala específica para os *calpixque* se reunirem, ‘La casa de dos mayordomos’ ou *calpixcacalli* em nahuatl. Ao explicar o que faziam quando se reuniam, Sahagún nos fala especificamente da tarefa de controlar os tributos:

1.- Otra sala se llamaba *calpixcacalli*, por otro nombre texancalli. En este lugar se juntaban todos los mayordomos del señor, trayendo cada uno la cuenta de tributos que tenía a su cargo, para dar cuenta y razón de ellos al señor cuando se los pidiese, y así cada día tenía cada uno aparejado el tributo que era a su cargo; (...) <sup>203</sup>.

Com isso, Sahagún nos informa que esses funcionários tinham que prestar contas de toda a tributação diretamente ao *tlatoani* e que se o governante percebesse que o *calpixqui* pegara parte do tributo para si, este seria condenado à morte e toda sua família despojada de qualquer riqueza que possuíssem. Também destacamos que, quando vemos essa descrição acima, podemos pensar na possibilidade dos *calpixque* manuseando e produzindo fólios com registros tributários como a *Matrícula de tributos*.

Assim, os funcionários que Sahagún chama genericamente de ‘mayordomos’ trabalhavam em diversas salas do palácio, responsáveis por guardar e armazenar itens tributados e as riquezas do palácio. O armazenamento de alguns itens alimentícios era feito em uma sala chamada *petlascalco*<sup>204</sup> que Sahagún traduz como ‘alhóndiga’<sup>205</sup>, nesta sala

<sup>201</sup> O Vocabulário formulado por Ángel María Garibay para a obra de Sahagún nos fornece as seguintes informações para os seguintes termos: “*Calpixqui, que* - “Guarda casa”. Nombre de un funcionario encargado de algunas agencias en el palacio, o en el templo, de la celebración de fiestas, o parte ritual de ellas. *Calpixcayotl* - Mayordomía. Cargo u oficio de los intendentes reales o religiosos. *Calpixcacalli* - Casa de los mayordomos. Estancia en que residían estos en el palacio.” SAHAGÚN. *Historia general de las cosas de Nueva España*. 2016, p. 892

<sup>202</sup> “En esta misma fiesta todos los principales y *calpixque* de la comarca de México, que lindaban con los pueblos de guerra, traían a México los cautivos que tenían, o comprados o que por sí mismos los habían cautivado, y entregábanlos a los *calpixque*, para que los guardasen para el tiempo en que fuese menester ser sacrificados delante de los ídolos; y si alguno de estos esclavos se huía entretanto que llegaba el tiempo de su sacrificio, el mismo *calpixque* que lo tenía a cargo era obligado a comprar otro y ponerle en el lugar del que había huído.” SAHAGÚN. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Libro I, Capítulo XIV, 11. 2016, p. 39

<sup>203</sup> SAHAGÚN. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Libro VIII, Capítulo XIV, 6 - De la casa de los mayordomos. 2016, p. 449.

<sup>204</sup> Segundo Vocabulário de María Garibay, *petlascalco* significa “en el cofre, en la caja”. SAHAGÚN, 2016, p. 913.

ficaria um ‘mayordomo’ que guardava itens como milho, feijão, sal, e chile, e também criminosos cujos delitos não eram condenados com a morte<sup>206</sup>. Haveria ainda ‘mayordomos’ responsáveis pela ‘Casa de los cautivos’ chamada de *malcalli*, onde esses funcionários vigiariam e alimentariam os cativos feitos em guerra que estavam aguardando serem sacrificados. Outros ‘mayordomos’ trabalhariam cuidando da sala chamada *totocalli*, literalmente ‘casa dos pássaros’, nesta sala, além de ficarem guardados vários pássaros, era onde trabalhavam uma série de artesãos do palácio como ferreiros, artífices das plumas, lapidários e pintores; e assim como cuidavam dos pássaros, estava a seu cargo também guardar os demais animais do palácio<sup>207</sup>.

A função do *calpixqui* chamada de *calpixcáyotl* é descrita como um ofício honroso que poderia ser concedido aos nobres<sup>208</sup>, portanto, um cargo de confiança que não seria colocado sob os cuidados de qualquer pessoa. Dentro de sua função como responsáveis pelas provisões reais, os *calpixque* também cumpriam um importante papel na organização das guerras, garantindo os mantimentos e armas para abastecer os guerreiros, e também como intermediários nas relações com as províncias subordinadas que deveriam enviar guerreiros ou alimentar estes quando estivessem em viagem<sup>209</sup>.

Ao longo dos registros tributários tlapanecas são representados um conjunto de personagens, que conforme propõe Gutierrez, seriam os *calpixque*. O atavio que indicaria a função desses personagens seria um enfeite vermelho pendurado no pescoço, e identificamos ao menos oito personagens com este atavio ao longo dos registros tributários tlapanecas, que nomeamos a partir da célula em que aparecem (letra da coluna, número da linha e número do fólio). Alguns dos personagens que identificamos que estão caracterizados como *calpixque*

---

<sup>205</sup> Alhóndiga: Casa pública donde se guarda el trigo de alguna Ciudad, ò Pueblo grande, para asegurar su abasto. Diccionario de Autoridades - Tomo I (1726). Disponível no site da Real Academia Española: <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/diccionarios-antiores-1726-1996/diccionario-de-autoridades>

<sup>206</sup> SAHAGÚN. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Libro VIII, Capítulo XIV, 5. 2016, p. 449.

<sup>207</sup> SAHAGÚN, 2016, p. 450.

<sup>208</sup> “- y les daba oficios honrosos, como calpixcáyotl, que es como mayordomo mayor; y muriendo el señor, a uno de éstos elegían por señor y rey.” SAHAGÚN. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Libro VIII, Capítulo XX, 16. 2016, p. 459.

<sup>209</sup> “3. - Luego mandaba hacer provisiones, así de armas como de viandas, y para esto enviaba a llamar todos los mayordomos de las provincias, que llamaban *calpixques* de las provincias que eran sus sujetos, y mandábales traer a su presencia todos los tributos, así mantas como plumajes y oro, y armas y mantenimientos, y desde todo estaba traído y junto, luego el señor repartía las armas a todos los soldados, y a los capitanes y hombres fuertes y valientes. 4.- Habiendo distribuido las armas a todos, mandaba luego a los *calpixques*, que llevasen armas a todos los principales de las provincias que habían de ir a la guerra, para sí y para sus soldados, y entonces lo notificaba a sus gentes y les daban armas.” SAHAGÚN. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Libro VIII, Capítulo XVII, 1. 2016, p. 451.

vestem uma manta branca, possuem um enfeite vermelho em volta do pescoço, e possuem voluta de fala. Geralmente esses personagens possuem o cabelo penteado para baixo, preso por uma fita vermelha, porém destacamos que um deles, o personagem que nomeamos A86F18 usa o cabelo preso para cima e não para baixo, penteado característico dos guerreiros, conforme o recorte da direita da Figura 24, entendemos que isso poderia indicar que esse *calpixqui* possuía uma origem guerreira, e poderia ter recebido essa função justamente por um bom desempenho como guerreiro.

Inicialmente, consideramos que os *calpixque* apareceriam nos registros tributários tlapanecas sempre antes de acontecer um aumento, de fato isso ocorre, por exemplo, no caso do personagem A6F2, que aparece antes do primeiro aumento na tributação. No entanto, isso não se confirmou, pois a presença dos personagens identificados como *calpixque* nem sempre está associada a aumentos. A partir disso, mantendo a interpretação de que as personagens com esse conjunto de atavios (enfeite vermelho no pescoço e voluta de fala) seriam os *calpixque* mexicas, deduzimos que essa figura seria tão importante a ponto de ser registrada e nomeada, possivelmente nas situações em que ocorreria a troca do responsável nesta função.

Figura 24 - Possíveis *calpixque* - Personagens A1F1 e A86F18



Além dos personagens identificados como *calpixque*, há um caso em que um governante tlapaneca aparece usando esse mesmo atavio vermelho no pescoço, isso está

representado no *Códice Azoyú 2*, quando o governante tlapaneca Senhor Chuva recebe o emissário mexica Senhor Inseto; conforme abordamos anteriormente no tópico 2.5.1.

Quanto a este enfeite vermelho, identificamos nos registros tributários mexicas um atavio semelhante a este, em pelo menos dois registros, o da província de Coayxtlahuacan e o da província de Cuecaxtecatl, como um enfeite que seria tributado (ver Figura 25). Nas glosas da *Matrícula* e do *Mendoza*, esse enfeite é chamado de *tlalpiloni*, que aparece traduzido no dicionário como “adorno da cabeça que servia para atar os cabelos”<sup>210</sup>. Na glosa em castelhano do *Códice Mendoza*, esse atavio é descrito como uma insígnia real. Levantamos a possibilidade de que se trate do mesmo objeto.

Figura 25 - *Tlalpiloni*, tipo de adorno



Na Figura 25, colocamos dois destes atavios que aparecem nas fontes mexicas, o da esquerda está na *Matrícula de tributos* fólho 23, entre a tributação de Coayxtlahuacan, e o da direita no *Códice Mendoza* fólho 43r, também representando a tributação de Coayxtlahuacan. No recorte da esquerda a glosa diz em nahuatl “*centetl tlapiloni*” que significa “um *tlalpiloni*” e na glosa em castelhano diz “*ceñidores*” que significa faixas. No recorte da direita a glosa diz em castelhano “*una pieza de tlapiloni de plumas ricas desta hechura / q servia de insinia real*”, ou seja, “uma peça de *tlalpiloni* de plumas ricas feita desta maneira / que servia de insígnia real”.

Com este tópico, concluímos que as descrições das funções dos ‘mayordomos’ e *calpixque* nos fala de um extenso corpo de funcionários reais que administravam as riquezas

<sup>210</sup> *Tlalpiloni*: traduzido ao espanhol como adorno da cabeça que servia para atar os cabelos. SIMEÓN, 1992, p. 603.

do palácio, tanto itens tributados quanto cativos de guerra, cujo controle era rigidamente observado pelo *tlatoani*; e haveria destes funcionários no palácio e nas províncias, garantindo a continuidade do fluxo de tributos até a capital mexicana. Esses personagens teriam sido representados nos registros tributários tlapanecas, identificados por meio de um enfeite vermelho no pescoço, que aqui estamos propondo que poderia justamente ser uma insígnia real.

### 3.5 A periodicidade da tributação nas fontes mexicas e tlapanecas

Neste tópico, apresentaremos nossas análises sobre a periodicidade das entregas dos tributos, comparando as semelhanças e diferenças entre o que está registrado nas fontes mexicas e nas fontes tlapanecas. Assim, demonstraremos que quanto à periodicidade registrada, as duas fontes tlapanecas analisadas, o *Reverso do Azoyú 2* e o *Humboldt*, apresentam a mesma periodicidade. No primeiro sub-tópico, nossas análises abordarão mais detalhadamente o aspecto das vintenas, pois nos registros tributários tlapanecas, as vintenas do calendário apresentam também a função de organizar os períodos das entregas da tributação aos mexicas, aspecto que entendemos que demonstra uma intrincada relação entre o que usualmente separamos como âmbito religioso e âmbito econômico.

Por sua vez, a análise da periodicidade registrada nas fontes mexicas mostra alguns registros diferentes entre a *Matrícula* e o *Mendoza*, para um mesmo item ou província. Assim, nos registros mexicas referentes à tributação da província de Tlapa, ainda que os glifos aparentemente indiquem as mesmas quantidades, o *Mendoza* e a *Matrícula* apresentam glosas com periodicidades diferentes para a entrega dessas quantidades, o que gera por sua vez diferenças nos resultados finais das quantidades que seriam tributadas em um ano; de maneira que, não é possível extrair de ambas as fontes mexicas uma única quantidade de itens tributados, ficando esses dados em aberto. Ainda assim, os diferentes possíveis cálculos das quantidades tributadas nas fontes mexicas podem ser comparados às últimas quantidades registradas nas fontes tlapanecas, apresentando algumas convergências.

#### 3.5.1 As vintenas do calendário e a entrega dos tributos

Neste tópico, analisaremos os ciclos tributários registrados nas fontes tlapanecas, que são marcados pela repetição sucessiva de quatro das dezoito vintenas do calendário, para

demonstrar as relações entre os aspectos econômico e religioso nessas sociedades. Conforme apresentamos no Capítulo 1 (ver Tópico 1.7), tanto para mexicas quanto para tlapanecas, o ano de 365 dias era dividido em 18 vintenas mais cinco dias considerados vazios [(18 X 20) + 5 = 365], e a cada uma dessas vintenas correspondiam certas festas, rituais e/ou celebrações, que organizavam o calendário anual<sup>211</sup>. Assim, de acordo com os registros tlapanecas, as entregas dos tributos seriam feitas quatro vezes por ano, e cada um desses quatro períodos correspondia a uma das dezoito vintenas que compunham um ano, não sendo portanto registradas as demais catorze vintenas intermediárias em que não ocorreria a tributação.

De modo que, é registrado repetidamente, para cada ano, um conjunto de quatro glifos que marcariam os períodos das quatro vintenas em que ocorriam entregas de tributos; os nomes dessas quatro vintenas em nahuatl eram: Etzalcualiztli, Ochpaniztli, Panquetzaliztli e Tlacaxipehualiztli<sup>212</sup>. Nos registros tributários tlapanecas essa informação é sempre registrada na segunda coluna, da direita para a esquerda, denominada coluna B, conforme convencionado pelos pesquisadores (ver Figura 26).

Segundo os registros tlapanecas, a primeira vintena do ano em que ocorria a entrega de tributos era Etzalcualiztli (ou Etzaqualiztli)<sup>213</sup>, representada pelo glifo do rosto de Tlaloc<sup>214</sup>, entidade da chuva. Cinco vintenas ou 100 dias depois ocorria a segunda entrega de tributos, na vintena Ochpaniztli, marcada pelo glifo de um feixe de planta amarrada representando uma vassoura ou objeto usado para varrer. Quatro vintenas ou 80 dias depois ocorria a terceira entrega de tributos na vintena Panquetzaliztli, representada pelo glifo de uma bandeira branca com detalhes pretos. A quarta e última entrega dos tributos ocorria cinco vintenas depois da anterior, e incluía os cinco dias *nemontemi*, portanto, 105 dias depois, na vintena Tlacaxipehualiztli, representada pelo glifo do rosto de Xipe Totec, um rosto antropomórfico usando um chapéu cônico, essa entidade era associada a um ritual de

---

<sup>211</sup> As 18 vintenas eram, segundo Sahagún: Atlcahualo ou Quauitleoa, Tlacaxipehualiztli, Toçoztontli, Uey Toçoztli, Toxcatl, Etzalcualiztli, Tecuilhuitontli, Uey Tecuihuitl, Tlaxochimaco, Xocotl Huetzi, Ochpaniztli, Teotleco, Tepeilhuitl, Quecholli, Panquetzaliztli, Atemoztli, Tititl, Izcalli. SAHAGÚN, 2016, pp. 75 - 90.

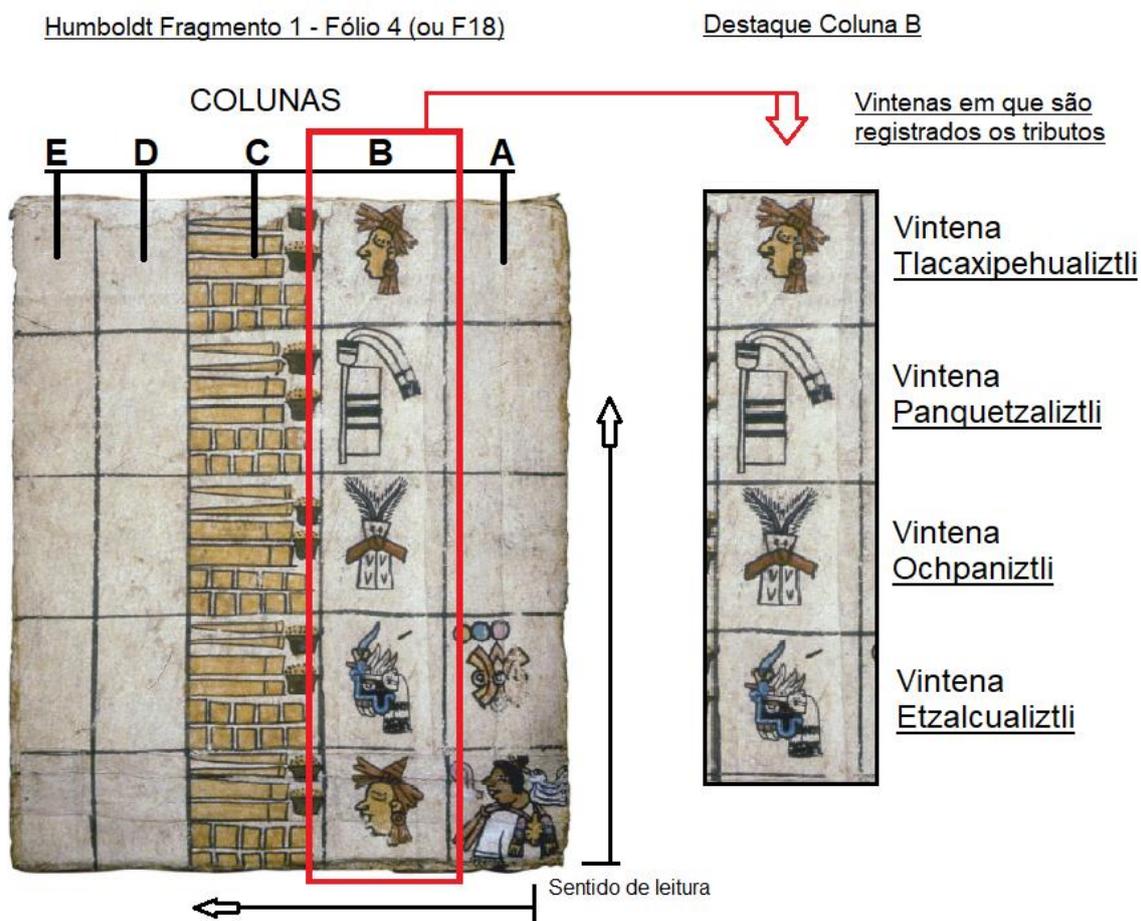
<sup>212</sup> A autora Vega Sosa relacionou a periodicidade da cobrança dos tributos apresentada no *Azoyú 2*, com determinadas festas religiosas que seriam significativas tanto para a província de Tlapa-Tlachinollan quanto para México-Tenochtitlan. VEGA SOSA. *Tributación y festivales: Códices Azoyú 2 y Humboldt Fragmento 1*. Diciembre de 1991.

<sup>213</sup> Segundo Vega Sosa, o ano para os tlapanecas começava no que corresponderia ao mês de maio. VEGA SOSA, 2012, p. 9.

<sup>214</sup> No *Códice Azoyú 1* esse mesmo glifo é utilizado para representar o nome de um governante tlapaneca chamado Senhor Chuva.

esfolamento e era considerado o padroeiro dos ourives<sup>215</sup>. Por fim, entre a quarta e última entrega de tributos de um ano tlapaneca e a primeira entrega do ano seguinte, passavam-se mais quatro vintenas ou 80 dias. Dessa forma, no caso dos tlapanecas, as tributações ocorriam quatro vezes ao ano, em intervalos de 100 dias, 80 dias, 105 dias, e 80 dias<sup>216</sup>.

Figura 26 - Vintenas em que ocorria entrega de tributos - Coluna B



Apesar de não referir-se diretamente à província de Tlapa, queremos pontuar brevemente que nos fólhos das fontes mexicas, correspondentes à tributação da província de Xoconochco, há um registro dos glifos de duas das vintenas que mencionamos nos registros

<sup>215</sup> O nome dessa entidade vem do verbo *xipeua* que significa esfolar ou descascar. Em MOLINA, p. 159: “desollar, o descortezar, o mondar bavas”. Em SIMÉON, 1992, p. 718: “Totec: “Nuestro cortado”. Nombre del dios de los orfebres, llamado corrientemente Xipe Totec; era adorado por la gente que vivía a orillas del mar, quienes le atribuían gran número de enfermedades, principalmente las de los ojos (Sah.). Su fiesta se celebraba el primer día del mes de tlacaxipehualiztli. El ministro llamado Totec tlamacazqui servía al dios Uitzilopochtli.”

<sup>216</sup> É frequente na bibliografia que alguns autores generalizem essa periodicidade como sendo quatro “trimestres”.

tributários tlapanecas. No *Códice Mendoza*, essa informação aparece no fólio 47r, em que há um feixe amarrado (vassoura) com a glosa Ochpaniztli, e um chapéu cônico vermelho (símbolo de Xipe Totec) com a glosa Tlacaxipehualiztli<sup>217</sup>, conforme a Figura 27.

Figura 27 - Vintenas Ochpaniztli e Tlacaxipehualiztli no *Códice Mendoza* - f. 47r



Em Sahagún, Tlacaxipehualiztli vai de 22 de fevereiro a 13 de março, festa dedicada a Xipe Totec, Etzalcualiztli vai de 13 de maio a 1º de junho, festa dedicada aos deuses da chuva, Ochpaniztli vai de 21 de agosto a 9 de setembro, dedicada a Teteo innan ou Toci, “nossa avó”, e Panquetzaliztli vai de 9 de novembro a 28 de novembro, dedicada a Huitzilopochtli<sup>218</sup>. Essa não é a única proposta de correlação com o nosso calendário, conforme o Quadro 3 em que inserimos outras possíveis correlações.

Assim, Ochpaniztli anuncia o equinócio de setembro e Tlacaxipehualiztli o equinócio de março<sup>219</sup>, por sua vez as duas outras vintenas marcam o final das festas pré-solsticiais, Etzalcualiztli no verão e Panquetzaliztli no inverno<sup>220</sup>. Ochpaniztli pressagiava a colheita e nove vintenas depois (meio ano), em Tlacaxipehualiztli se preparava o período da semeadura e se aguardava a chuva<sup>221</sup>. No intervalo entre essas duas vintenas ocorria a temporada de guerra em que os jovens guerreiros eram enviados para capturar cativos que seriam guardados para serem sacrificados<sup>222</sup>.

<sup>217</sup> O fólio alfabético do *Mendoza* que faz par com este registro pictográfico, f. 46v, anota que a periodicidade da tributação dessa província era de “seis en seis meses”. De fato, se considerarmos que eram 18 vintenas, após Ochpaniztli se passavam 9 vintenas e cinco dias [(9 X 20) + 5 = 185 dias] até Tlacaxipehualiztli, e depois novamente 9 vintenas (9 X 20 = 180 dias) até a próxima Ochpaniztli, de modo que poderiam dividir o ano em dois (185 + 180 = 365 dias).

<sup>218</sup> SAHAGÚN, 2016, pp. 76 - 88.

<sup>219</sup> “As for Tlacaxipehualiztli and the March equinox, the eponymous Xipe is said to ‘drink night’ (‘youallauana’. Icuic nº 15) in the Feast, as the days get longer.” BROTHERSTON. *Feather Crown. The Eighteen Feasts of the Mexica Year*. 2005, p. 34.

<sup>220</sup> BROTHERSTON. *Feather Crown. The Eighteen Feasts of the Mexica Year*. 2005, p. 35.

<sup>221</sup> CLENDINNEN, 1998, pp. 155, 156.

<sup>222</sup> CLENDINNEN, 1998, pp. 128, 129.

Quadro 3 - Datas em que iniciavam as quatro vintenas da tributação<sup>223</sup>

Vintena	Calendário gregoriano	Calendário juliano
Etzalcualiztli	26 / 27 de maio	16 / 17 de maio
Ochpaniztli	3 / 4 de setembro	24 / 25 de agosto
Panquetzaliztli	22 / 23 de novembro	12 / 13 de novembro
Tlacaxipehualiztli	2 / 3 de março	20 / 21 de fevereiro

Portanto, a análise das vintenas em que ocorriam as tributações demonstra que o calendário organizava diferentes aspectos da vida nessas sociedades, conectando o funcionamento econômico com as práticas ritualísticas, tudo isso inserido nos interesses políticos mais gerais da camada da elite mexicana dominante. Com isso, percebemos que entre mexicas e tlapanecas não é possível desvincular as relações entre os aspectos que chamaríamos de políticos e os aspectos que classificaríamos como religiosos, pois tratam-se de sociedades em que estes dois aspectos estão intrinsecamente relacionados e são regidos por uma mesma cosmovisão<sup>224</sup>. Quanto a essa dificuldade em separar o que para nós seriam os aspectos sagrados dos seculares, a autora Inga Clendinnen coloca que "Nuestra distinción entre las esferas "sagrada" y "secular" tiene una leve utilidad aquí, donde el ciudadano podría descargar su tequitl para el gobernante proveyendo madera para el fuego de un templo o una tejedora descargar el suyo, al bordar una camisa para un dios."<sup>225</sup>

Portanto, compreendemos que a organização do calendário anual em dezoito vintenas, em que cada uma delas corresponde a uma festa ou ritual, atendia ao mesmo tempo a funções do âmbito político, religioso, e como mostram os registros tributários, econômico. Quanto a esse aspecto econômico, a primeira vinculação está no fato de que o calendário não é organizado aleatoriamente, senão a partir do ciclo agrícola e da produção do milho, principal item alimentício dessa sociedade<sup>226</sup>. A segunda vinculação é que parte da tributação, entregue

<sup>223</sup> Quadro produzido pela autora a partir de Brotherston, Table 1 The Eighteen Feasts. As possíveis datas estão divididas entre o calendário gregoriano e juliano, com duas propostas de data para início de cada vintena. Para fornecer a primeira data este autor usa a correlação de Tovar Tepepulco, e para fornecer a segunda data possível usa a correlação do Telleriano-Remensis. BROTHERSTON. *Feather Crown. The Eighteen Feasts of the Mexica Year*. 2005, p. VII.

<sup>224</sup> Aqui estamos utilizando o conceito de cosmovisão tal como o propõe Johanna Broda: "la visión estructurada en la cual los antiguos mesoamericanos combinaban de manera coherente sus nociones sobre el medio ambiente en que vivían, y sobre el cosmos en que situaban la vida del hombre". BRODA, 2016, p. 535.

<sup>225</sup> CLENDINNEN, 1998, p. 86.

<sup>226</sup> BRODA, 2016, p. 540.

em certas vintenas, tem o objetivo de abastecer a elite dominante; enquanto uma parte da mesma tributação tem outro objetivo: ser utilizada nas oferendas, conectando o aspecto econômico ao aspecto religioso<sup>227</sup>. Assim, a autora Johanna Broda coloca que “La ofrenda es un trabajo, tequitl, en su sentido más amplio.”<sup>228</sup>

No caso das oferendas mexicas, o melhor conjunto de exemplos está depositado no Templo Mayor, que vem sendo constantemente estudado nas últimas décadas. Ali são encontradas oferendas montadas, enterradas em caixas de pedra, cuja disposição dos objetos representa certa visão da organização do cosmos. Como exemplos dos objetos encontrados há uma série de pedras preciosas, como turquesas e jades, e estátuas de pedra, e também itens de origem orgânica como crânios humanos, e esqueletos de uma série de animais, principalmente de lugares distantes, bem como uma grande quantidade de conchas de ambas as costas marinhas. Nem todos os itens encontrados arqueologicamente, compondo oferendas, são localizados nos registros tributários que possuímos (a *Matrícula* e o *Mendoza*), portanto, parte importante desses objetos era abastecida por outras vias, como o comércio a larga distância, ou mesmo poderiam ser troféus de guerra, no caso de itens raros cujo oferecimento corresponde à conquista de uma região específica. Ainda assim, alguns tipos de pedras e conchas constam nos registros tributários mexicas. O constante fluxo de todo tipo de objetos, plantas e animais de terras distantes até a capital mexica também os coloca como centro desse universo, dentro da visão de que o mundo teria cinco rumos (quatro pontos cardinais e um centro), capaz de possuir um pouco de tudo que seus domínios abarcam<sup>229</sup>.

Das análises dos ciclos tributários tlapanecas, concluimos que o sistema calendário, ao menos para mexicas e tlapanecas, organizava o que para nós seriam diferentes aspectos da vida cotidiana; ou seja, no uso do calendário, havia funções políticas e econômicas, combinadas e inseparáveis das funções ritualísticas e relacionadas às crenças desses grupos.

---

<sup>227</sup> “(...) consulting the Matrícula and other tribute documents reminds us how the notion of paying hard commodity items is continuous with that of making ritual offerings.” BROTHERSTON. *Feather Crown. The Eighteen Feasts of the Mexica Year*. 2005, p. 31.

<sup>228</sup> BRODA, 2016, p. 574.

<sup>229</sup> “(...) todos los objetos de las tumbas, de los tributos, de las colecciones del palacio parecen apuntar en su extensión, en su diversidad e inclusividad a una noción: el continuo flujo hacia la nueva ciudad imperial de regalos de tierras lejanas como la recolección de la riqueza de Tollan, dispersa en un acto de magia inversa por el héroe del cultivo Quetzalcoatl Topiltzin antes de su auto-exilio.” CLENDINNEN, 1998, p. 50.

### 3.5.2 A periodicidade da tributação nas fontes mexicas

Neste tópico, analisaremos a periodicidade da tributação registrada nas fontes mexicas, que devido às diferenças nas glosas entre o *Mendoza* e a *Matrícula*, resultam em quantidades diferentes nos totais registrados nessas duas fontes. Assim, nas fontes mexicas, há apenas um registro pictográfico das vintenas, nos fólios da província de Xoconochco, conforme mencionamos anteriormente. Nas demais províncias, a periodicidade da tributação é registrada por meio de glosas, sendo que na *Matrícula de tributos* há glosas em nahuatl e em castelhano registrando essa informação, e no *Mendoza* há os textos alfabéticos e as glosas, apenas em castelhano.

Nas fontes mexicas, as periodicidades da entrega dos tributos apresentam variações relacionadas aos diferentes tipos de tributos entregues, por exemplo, a cada 80 dias, a cada seis meses, ou anualmente; há ainda itens na *Matrícula* que não possuem glosa indicando a periodicidade. Além disso, alguns itens como os alimentos dependiam dos ciclos agrícolas, e também da distância das províncias em relação a México-Tenochtitlán. As duas periodicidades de entregas de tributos frequentemente registradas na *Matrícula* são a cada 80 dias, ou uma vez ao ano; essas frequências são registradas nas glosas alfabéticas em nahuatl como: *nappoualtica* e *cexiuhtica*. A palavra *nappoualtica*<sup>230</sup> significa a cada 80 dias ou a cada 4 vintenas, e é geralmente utilizada na *Matrícula* para registrar a periodicidade da entrega das mantas. Na *Matrícula de tributos*, nas glosas em castelhano que aparecem abaixo das glosas em nahuatl, a palavra *nappoualtica* costuma vir traduzida como a cada oitenta dias, “*cada ochenta dias*”, ou de quatro em quatro meses, pois os castelhanos identificaram as vintenas como sendo correspondentes aos meses. A palavra *cexiuhtica*<sup>231</sup> significa uma vez por ano, a cada um ano, anualmente, e é geralmente utilizada na *Matrícula* para registrar a periodicidade da entrega das vestes e escudos de guerreiros.

Como as diferenças entre as frequências da tributação de Tlapa, registradas na *Matrícula* e no *Mendoza*, geram quantidades diferentes no total de itens tributados anualmente, no Quadro 4 listamos uma comparação dos registros destas duas fontes mexicas. Retomaremos a questão das quantidades de mantas e de ouro tributadas no próximo tópico ao

<sup>230</sup> A palavra *nappoualtica* deriva da combinação da palavra *nappoualli* que significa 80 (literalmente 4 vintenas ou 4 vezes 20), com a terminação ‘ca’, que associada a nomes de dias e a números indica época ou duração. SULLIVAN, 1998, p. 147. A sílaba intermediária ‘ti’ é uma ligadura entre o substantivo e a terminação, utilizada frequentemente em nahuatl pela questão da sonoridade das palavras. SULLIVAN, 1998, p. 138.

<sup>231</sup> A palavra *cexiuhtica* deriva da combinação das palavras: *ce* que significa um (1), *xiuh* que significa ano, a ligadura *ti* e a terminação *ca* que indica duração. SULLIVAN, 1998, p. 147.

compará-las com as quantidades registradas pelos tlapanecas, porém destacamos que nem as vestes de guerreiro, nem as cabaças (xícaras ou *tecomates*), aparecem nos registros tributários tlapanecas. Além disso, as fontes mexicas apresentam um único formato e tamanho para as lâminas de ouro, que corresponderiam ao que nas fontes tlapanecas são as lâminas retangulares; porém, nas fontes tlapanecas, há outros dois formatos de lâmina que são entregues: triangulares e quadradas.

Quadro 4 - Itens tributados por Tlapa: comparação entre quantidades e periodicidade registradas na *Matrícula de tributos* e no *Códice Mendoza*

Itens	<i>Matrícula de tributos</i>			<i>Códice Mendoza</i>		
	Quantidade	Frequência	Total anual	Quantidade	Frequência	Total anual
mantas <sup>232</sup>	1.600	cada 80 dias (ou 4 vezes ao ano)	6.400	1.600	de seis em seis meses (ou 2 vezes ao ano)	3.200
vestes de guerreiro e escudos	2	1 vez ao ano	2	2	1 vez ao ano	2
potes de ouro em pó	20	-	20	20	1 vez ao ano	20
lâminas retangulares de ouro	10	-	10	10	1 vez ao ano	10
xícaras (cabaças ou <i>tecomates</i> )	800	-	800	800	de seis em seis meses (ou 2 vezes ao ano)	1.600

Assim, no fôlio da *Matrícula de tributos* que registra a província de Tlapa, as duas periodicidades citadas acima são registradas, aparecendo nas glosas em nahuatl a palavra *nappoualtica* para as mantas, e a palavra *cexiuitl* (um ano) para as vestes e escudos de guerreiros. As glosas em castelhano traduzem essas duas periodicidades como “*cada ochenta dias*” e “*anualmente*”. Porém, há três outros itens registrados na *Matrícula*: potes de ouro em

<sup>232</sup> Neste quadro não separamos os três tipos de mantas que são registradas nas fontes mexicas, apenas consideramos o total registrado. No caso do *Mendoza* detalharemos melhor a questão das quantidades no próximo tópico.

pó, lâminas retangulares de ouro e cabaças ou xícaras grandes para beber (*calabazas* na glosa em castelhano). Para estes itens são indicadas as quantidades, mas não a periodicidade das entregas. De modo que, podemos apresentar duas possibilidades de interpretação: (1) apenas as mantas são entregues a cada 80 dias, e todos os demais itens são entregues anualmente, de modo que possamos considerar que ali estão representados os totais de 10 lâminas de ouro, 20 potes de ouro em pó e 800 cabaças entregues em um ano; ou (2) podemos considerar que a periodicidade indicada para as mantas se estende a todos os itens, exceto as vestes de guerreiro e escudos que são indicados como anuais, nesse caso, as quantidades totais anuais seriam de 40 lâminas de ouro retangulares, 80 potes de ouro em pó e 3.200 cabaças.

Na primeira possibilidade apresentada acima, a quantidade de lâminas de ouro fica muito abaixo das registradas nas fontes tlapanecas, mas a quantidade de potes de ouro em pó fica bastante próxima. Já na segunda possibilidade apresentada acima, o número total de lâminas de ouro se aproxima mais das quantidades que vemos nos últimos registros das fontes tlapanecas, no entanto, a quantidade dos potes de ouro em pó se torna muito maior. Portanto, dos itens registrados na *Matrícula*, as mantas entregues a cada 80 dias são as que possuem uma periodicidade mais aproximada à periodicidade registrada nas fontes tlapanecas, que enfatizam e discriminam que seriam feitas quatro entregas por ano.

Por sua vez, a periodicidade das entregas de mantas no *Mendoza* não coincide com as fontes tlapanecas, pois são registradas no fólio alfabético (f. 38v) que as mantas e as xícaras (tecomates) seriam tributadas a cada seis meses, portanto, duas entregas por ano. No mesmo texto, em castelhano, é registrado que as 10 lâminas retangulares de ouro, os 20 potes de ouro em pó, e as duas vestes de guerreiro com escudos, seriam tributados uma vez ao ano.

Portanto, ao compararmos a periodicidade da *Matrícula* e do *Mendoza*, com os ciclos tributários registrados nas fontes tlapanecas, concluímos que a periodicidade registrada na *Matrícula* para a tributação das mantas coincide com as fontes tlapanecas, gerando a mesma quantidade de mantas entregues anualmente pelos tlapanecas, segundo os últimos registros do *Humboldt* (Variação VIII da tributação tlapaneca, conforme apresentaremos em outro tópico). Ainda assim, a periodicidade da tributação de ouro registrada na *Matrícula* gera quantidades divergentes, seja para o formato em lâminas, seja para o formato em pó. Por último, as periodicidades da tributação de Tlapa registradas no *Mendoza* não coincidem nem para as mantas, nem para o ouro.

### 3.6 Tributação de Tlapa de ouro e mantas

Neste tópico, analisaremos separadamente os itens tributados que são registrados tanto nas fontes mexicas quanto nas fontes tlapanecas: o ouro e as mantas. As fontes mexicas registram uma única quantidade a ser tributada, relacionada provavelmente às últimas tributações que os mexicas devem ter recebido por volta de 1520. Por sua vez, as fontes tlapanecas nos permitem acompanhar a tributação em um intervalo de 35 anos, em que ocorreram alterações significativas nas quantidades e tipos de itens tributados.

Assim, ao analisarmos as alterações registradas nas fontes tlapanecas, categorizamos cada variação nas quantidades tributadas para mapear e destacar os momentos em que ocorreram aumentos ou alterações na tributação, que iremos relacionar com os eventos políticos no próximo tópico. Consideramos cada conjunto de tributos entregues constituindo uma variação quando constava exatamente a mesma quantidade e formatos, de modo que caracterizamos que no intervalo de tempo entre 1487 e 1521 foram registradas 8 variações nas quantidades tributadas, que indicamos com algarismos romanos (I, II, ..., VIII). As variações que aparecem nos registros tlapanecas sempre ocorrem no sentido de aumentar a quantidade e tipos de tributos, sendo que da primeira tributação entregue em 1487 em diante ocorreram sete aumentos<sup>233</sup>. No Quadro 5, sistematizamos as oito variações na tributação, registrando em que anos ocorreu cada uma e qual o intervalo de tempo que cada variação durou, na primeira linha para cada variação colocamos separadamente cada um dos itens tributados e as quantidades relativas a uma entrega, na linha abaixo totalizamos o total de itens entregues em um ano (uma entrega multiplicada por quatro vezes); na última coluna colocamos o total de vezes que cada variação foi entregue.

As tributações das variações I, II e III estão registradas no *Reverso do Códice Azoyú 2*; é registrado um total de 39 entregas de tributos nessa fonte. As tributações das variações IV, V, VI, VII e VIII estão registradas no *Humboldt Frag. 1*; sendo que é registrado um total de 70 entregas de tributos nessa fonte. Assim, ao todo as fontes tlapanecas registram 109 entregas de tributo; por sua vez, a ausência de fólhos não nos permite ter os dados de 30

<sup>233</sup> Nessa sistematização surgem duas lacunas em que o registro das tributações de alguns anos fica interrompido: a primeira lacuna ocorre no *Reverso do Azoyú 2*, em que a perda de dois fólhos não nos permite ter os registros dos anos 1489 e 1490 (10 vento e 11 veado), e a sequência continua registrando apenas as duas últimas tributações correspondentes ao ano de 1491 (12 erva). A segunda lacuna é entre o final do *Reverso do Azoyú 2* e o início do *Humboldt*, pois um registro termina no ano 1498 (6 veado) e o próximo começa registrando o ano 1504 (12 movimento), nesse caso tanto os fólhos que conteriam o registro dos anos intermediários podem ter se perdido, como propõe Gutierrez, quanto podem não ter sido produzidos.

entregas de tributos. No último fólio do *Humboldt* há o traçado das linhas e colunas, porém sem serem preenchidos, portanto as duas últimas tributações do ano 3 vento e 3 primeiras do ano 4 veado, que corresponderiam à metade do ano de 1521 e ao ano de 1522, estão em branco.

Quadro 5 - Variações de tributação nas fontes tlapanecas

Variação	Ano tlapaneca	Ano*	Variações nas quantidades tributadas					Vezes
			Ouro LR	Ouro LT	Ouro LQ	Ouro PP	Mantas	
Variação I	(7 veado)	<b>1486 - 1487</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	5
1 ano		anual	4	4	12	4	0	
Variação II	9 movimento	<b>1488</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	4
1 ano		anual	4	8	24	8	0	
<i>Sem registro</i>	<i>(10 vento)</i>	<i>1489 e 1490</i>	<i>Fólios faltantes</i>					10
Variação III	(12 erva)	<b>1491 a 1498</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	30
7 anos	6 veado	anual	8	4	32	8	0	
<i>Sem registro</i>	<i>(7 erva a 11 erva)</i>	<i>1499 a 1503</i>	<i>Fólios faltantes ou que não foram produzidos</i>					20
Variação IV	12 movimento a 6 erva	<b>1504 a 1511</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	28
7 anos		anual	8	8	40	8	0	
Variação V	6 erva	<b>1511</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	4
1 ano		anual	12	8	40	12	4	
Variação VI	7 movimento a 9 veado	<b>1512 a 1514</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	12
3 anos		anual	16	12	40	16	8	
Variação VII	10 erva a 13 veado	<b>1515 a 1518</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	15
4 anos		anual	16	20	40	20	12	
Variação VIII	13 veado a 3 vento	<b>1519 a 1521</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	11
3 anos		anual	16	28	40	24	16	

Ouro LR	ouro no formato de lâmina retangular
Ouro LT	ouro no formato de lâmina triangular
Ouro LQ	ouro no formato de lâmina quadrada
Ouro PP	potes com ouro em pó

Ao compararmos os dados das fontes mexicas com as fontes tlapanecas, consideramos que as primeiras registrariam as últimas quantidades tributadas, correspondentes possivelmente ao que tipificamos como sendo a Variação VIII na tributação tlapaneca. Assim, para o ouro, tanto na *Matrícula* quanto no *Mendoza* são registradas 10 lâminas retangulares e 20 potes de ouro em pó, cuja diferença de periodicidade de entrega entre as fontes mexicas foi abordada no tópico anterior. Não há especificações com relação ao tamanho das peças de ouro nem nos registros tlapanecas, nem na *Matrícula* (que indica apenas as quantidades), e nesse caso, as indicações de tamanho das peças de ouro nas glosas do *Códice Mendoza* têm sido usadas como referência para calcular aproximadamente as dimensões das lâminas retangulares e dos potes. Porém, não são mencionadas no *Códice Mendoza* os outros dois formatos de lâminas que aparecem nas fontes tlapanecas: as lâminas quadradas e as lâminas triangulares<sup>234</sup>.

As possibilidades do tamanho desses itens são indicadas por meio de algumas glosas no fólio 38v do *Códice Mendoza*, que colocam que seriam tributadas: “*diez tabletas de oro de cuatro dedos en ancho y de largor tres cuartas de vara y el grosor como de pergamino*”; as conversões das unidades de medida dos castelhanos do século XVI para as atuais oferecem mais de uma possibilidade, aqui, tomamos a conversão feita por Gutierrez, que calcula que essas lâminas retangulares teriam aproximadamente 62 cm por 7cm, e 1,5 milímetros de espessura<sup>235</sup>. Na *Matrícula*, as peças de ouro são chamadas na glosa em castelhano de barras, porém as glosas do *Mendoza* indicam que seriam peças largas, compridas, porém com uma espessura bastante fina, por isso consideramos que o termo lâmina seja mais adequado.

Para os potes de ouro em pó, a glosa em castelhano na *Matrícula* é muito vaga: “*Ciertas [me]didadas de [letras rasuradas] tecomates llenas de arenas de oro*” (Certas medidas de tecomates cheias de areia de ouro). Já no *Mendoza*, o texto alfabético diz “*veinte jícaras de oro en polvo, cada una jícara tenía de hueco como dos almozadas [almuezadas]*”, essa

<sup>234</sup> O problema das unidades de medida e das quantidades entre no tópico sobre os tributos: muitas das medidas mesoamericanas são dadas em varas, potes e sacas. No *Azoyú 2* e no *Humboldt* não há transcrição para outro sistema de medida, enquanto no *Mendoza* há transcrições que nos aproximam de unidades de medida usadas pelos castelhanos, porém mesmo estas não eram padronizadas na época, e por vezes as glosas geram maior dubiedade na leitura dos glifos.

<sup>235</sup> Gutierrez propõe alguns cálculos que permitiriam saber suas dimensões, concluindo que “(...) cada rectángulo entero pintado en la nómina es una de las tabletas de oro de  $\frac{3}{4}$  de vara de largo, cuatro dedos de ancho y el grosor de un pergamino. Esto equivaldría a unos 62.5 cm de largo por 7 cm de ancho, con un grosor promedio de 1.5 milímetros.” GUTIERREZ, 2009, p. 75. Para os demais formatos das lâminas nas fontes tlapanecas, este autor propõe que correspondem a frações das lâminas retangulares, de maneira que as lâminas triangulares equivaleriam à metade das lâminas retangulares, e as lâminas quadradas à  $\frac{1}{5}$  das lâminas retangulares.

unidade castelhana almozada corresponderia a uma palma da mão cheia. Portanto, aqui, o que coincide nas fontes mexicas é que ambas registram o numeral *pantli* (vinte) para indicar a quantidade de potes de ouro em pó.

Por sua vez, nos registros tributários tlapanecas os formatos em que o ouro é entregue são representados como: lâminas retangulares, lâminas triangulares, lâminas quadradas e potes de ouro em pó. Ainda que a medida exata das lâminas de ouro seja difícil de calcular, para esses itens as fontes tlapanecas são bastante rigorosas na quantificação, registrando unidade por unidade em cada uma das quatro entregas feitas em um ano, permitindo o cálculo tanto por entrega quanto de um ano inteiro.

Ao compararmos as últimas quantidades de ouro registradas nas fontes tlapanecas, essas são perceptivelmente maiores do que as fontes mexicas registram. Por exemplo, ao somarmos as quatro entregas anuais dos tlapanecas, para o período entre 1515 e 1518 (tributação variação VII), as quantidades de potes de ouro em pó seriam as mesmas para mexicas e tlapanecas: 20 potes de ouro em pó por ano. No entanto, nessa mesma comparação, as quantidades de lâminas de ouro resultam bem distintas, pois as fontes tlapanecas totalizariam 16 lâminas retangulares, 20 lâminas triangulares e 40 lâminas quadradas<sup>236</sup>, entregues em um ano.

Em outra comparação, ao considerarmos as quantidades das últimas tributações entre 1519 e 1521 (tributação de variação VIII), os tlapanecas registraram 24 potes de ouro em pó entregues anualmente, e 16 lâminas retangulares de ouro, 28 lâminas triangulares de ouro, e 40 lâminas quadradas de ouro por ano<sup>237</sup>. Ou seja, ainda que a equivalência exata das quantidades tlapanecas seja difícil de converter, suas últimas quantidades de lâminas de ouro tributado corresponderiam ao triplo ou mesmo quádruplo do que o *Mendoza* registra.

Se considerarmos as primeiras quantidades de lâminas registradas pelos tlapanecas, somente a tributação de variação I entregue em 1487 e 1488 teria uma quantidade menor de lâminas de ouro do que o registrado no *Mendoza*, e a partir da tributação de variação II (1488 - 1489) os tlapanecas já registram quantidades de ouro entregue no formato de lâminas maiores do que 10 lâminas anuais.

---

<sup>236</sup> Se utilizarmos o método de cálculo da soma dos três formatos de lâminas de ouro, conforme propõe Gutierrez, em que 2 lâminas triangulares correspondem a 1 retangular e 5 lâminas quadradas correspondem a 1 retangular, poderíamos converter as dimensões e totalizar que a Tributação de variação VII teria um equivalente a 34 lâminas retangulares por ano (16 + 10 + 8).

<sup>237</sup> Novamente, convertendo para os cálculos de Gutierrez, isso seria o equivalente a 38 lâminas retangulares de ouro por ano (16 + 14 + 8).

A seguir, analisaremos a tributação das mantas. A *Matrícula* registra que as mantas são entregues a cada 80 dias, e ao sabermos pelas fontes tlapanecas dos ciclos de entrega ordenados pelas vintenas, entendemos que se trata de uma simplificação dos ciclos de 100, 80, 105, 80 dias; dessa forma consideramos que a *Matrícula* indica a mesma periodicidade de 4 entregas anuais que as fontes tlapanecas apresentam. Assim, somando os diferentes formatos que a *Matrícula* registra, e multiplicando por 4, esse registro totaliza 6.400 mantas entregues anualmente. Por sua vez, a periodicidade registrada no *Mendoza* de duas entregas anuais faz com que os cálculos desse registro cheguem em 3.200 mantas entregues por ano<sup>238</sup>, metade do que a *Matrícula* registra. De modo que, essa quantidade coincide com uma das possibilidades de cálculo das fontes tlapanecas, em que se considerarmos 400 mantas para cada carga, na tributação de variação VIII, as últimas quantidades de mantas entregues entre 1519 e 1521, segundo as fontes tlapanecas, seria de 6.400 mantas por ano.

Nas fontes tlapanecas, as mantas só são incorporadas a partir do *Humboldt*, já no ano 6 erva (1511). Nesses registros surgem dois problemas para a análise: (1) não são indicadas as dimensões de uma única manta, e (2) não é especificada a quantidade de mantas entregues. Nesses casos, há o glifo de uma única manta, indicando a entrega de uma carga de mantas, mas não há nos registros tlapanecas nenhum glifo que determine quantas unidades comporiam uma carga<sup>239</sup>. Assim, enfatizamos que sempre que mencionamos as mantas nas tributações estamos nos referindo a uma carga de mantas.

Nesse caso, ao verificarmos todas as possibilidades de cálculos, entendemos que independente de qual seria a quantidade de mantas em cada fardo, registrado nas fontes tlapanecas, entre o primeiro e o último registro de mantas a quantidade total quadruplicou. Portanto, mais do que o problema da quantidade de unidades, nos concentramos no problema do aumento em si, ou seja, queremos destacar que da Tributação variação V (1511) para a Tributação variação VIII, em apenas nove anos, a quantidade total de mantas entregues quadruplicou.

No registro de Tlapa o glifo que representa uma carga de mantas é semelhante ao usado no *Mendoza*, porém não é acompanhado de um numeral para indicar quantas unidades

---

<sup>238</sup> Aqui consideramos que o que está representando no *Mendoza* são 4 fardos com 400 unidades cada, pois neles está indicado o glifo *tzontli* (400) em cima. Há uma glosa que gera dúvida ao registrar “400 cargas 400 mantas grandes”, permitindo algumas interpretações de que o total seriam 400 cargas X 400 mantas, totalizando 640.000 mantas a cada seis meses.

<sup>239</sup> Esse problema fica em aberto porque as análises das fontes mexicas geram leituras dúbias com relação a quantas unidades comporiam uma carga, com duas possibilidades mais aceitas: 20 unidades ou 400 unidades; aqui trabalhamos com a convenção de uma carga corresponder a 400 mantas, que permite coincidir os cálculos dos registros tlapanecas com a *Matrícula*.

de mantas compunham uma carga. No *Mendoza*, aparece o glifo do numeral 400. Ao compararmos as quantidades propostas pela *Matrícula* e pelo *Mendoza*, notamos que as glosas em nahuatl da *Matrícula* permitem chegar à mesma quantidade de cargas entregues nas últimas tributações de variação VIII, 16 cargas de mantas por ano, e assim, nos baseando nessa convergência de quantidades, seguimos a possibilidade de uma carga ser composta por 400 mantas, tal como a *Matrícula* registra<sup>240</sup>, totalizando 6.400 mantas entregues no ano 2 movimento (1520).

### 3.7 Os aumentos na tributação

Neste tópico, retomaremos o mapeamento das quantidades e tipos de itens tributados registrados nas fontes tlapanecas, para em seguida analisar cada um dos aumentos de uma variação para outra, relacionando-os com os eventos registrados nas narrativas histórico-políticas dos códices *Azoyú*. Tínhamos como hipótese inicial que necessariamente cada aumento seria acompanhado de uma conquista promovida por Tlapa em sua região, no entanto, a análise de cada aumento separadamente demonstrou que isso ocorre em três dos sete aumentos registrados. Por sua vez, também há casos em que ocorrem conquistas de Tlapa que não estão associadas a nenhum aumento, e o inverso, ou seja, há aumentos que ocorrem sem que sejam registrados eventos específicos. Assim, não podemos generalizar que houvesse um mesmo tipo de evento que sempre levasse ao aumento da tributação, no caso de Tlapa, e por isso, apresentaremos neste tópico os resultados da análise de cada aumento.

Colocamos dois gráficos que geramos a partir da sistematização dos dados em oito variações, com o objetivo de demonstrar cada um dos aumentos de cada um dos itens tributados. No Gráfico 1, colocamos a quantidade de itens tributados em cada entrega, ou seja, a cada vintena, e a seguir, no Gráfico 2, a quantidade total tributada em um ano, portanto, a soma de quatro vintenas consecutivas.

---

<sup>240</sup> Gutierrez usa o termo “bulto” ou “fardo” para não confundir com o termo “cargas” que aparece no *Mendoza*. Assume 400 unidades por “bulto”, seguindo as glosas da *Matrícula* e considerando as do *Mendoza* equivocadas. GUTIERREZ, 2009, p. 82.

Gráfico 1 - Quantidade de itens tributados em cada entrega (vintena), por variação

## Quantidades de tributos entregues por tipo

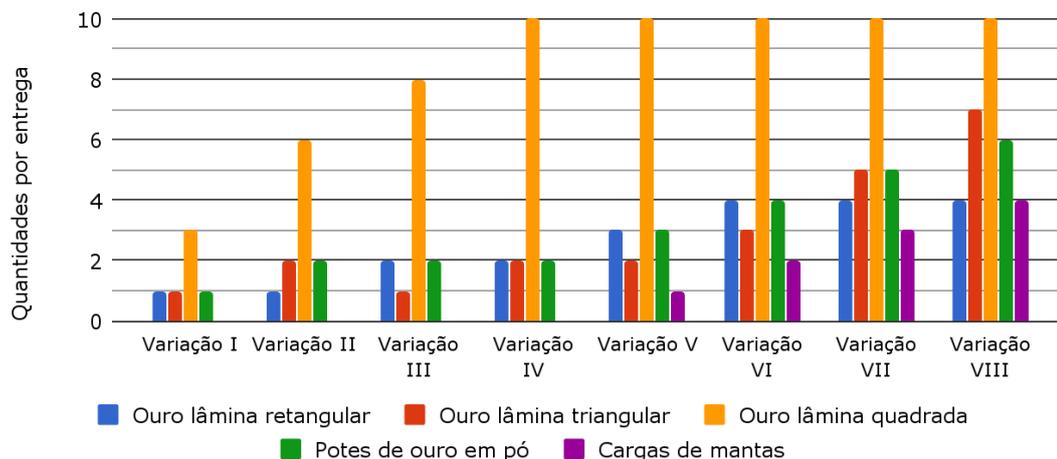
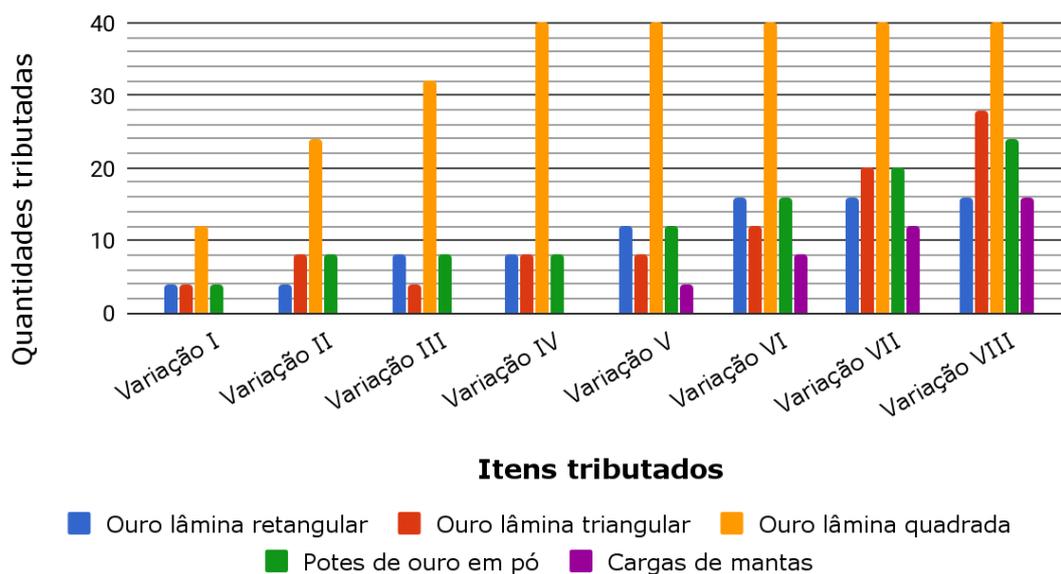


Gráfico 2 - Total de tributos entregues em 1 ano, por variação

## Total de tributos entregues em 1 ano

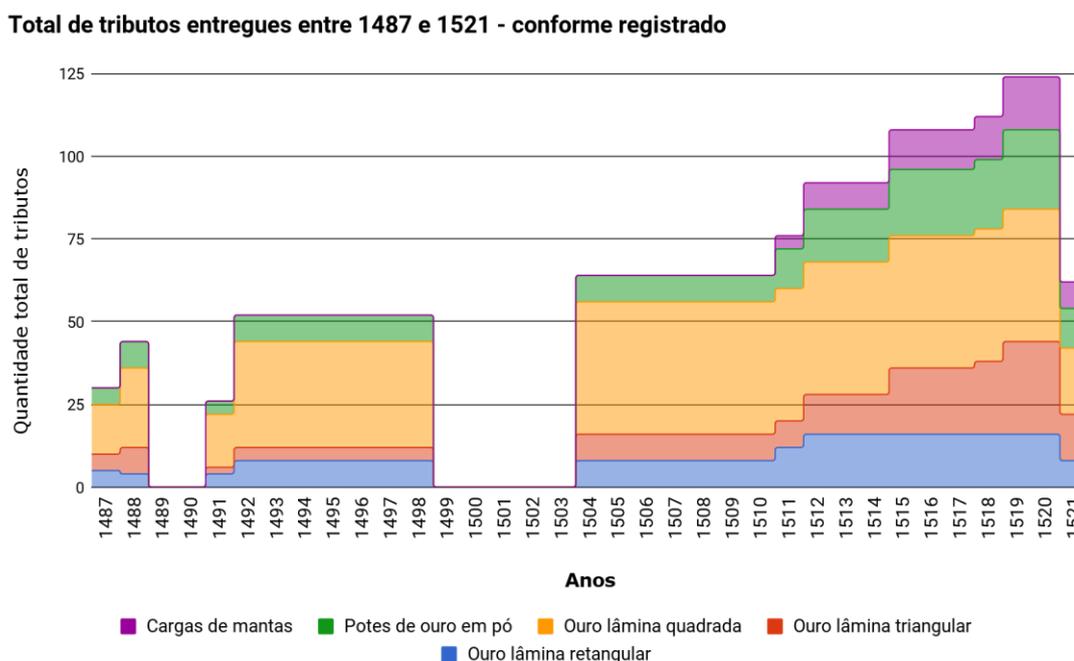


A seguir, inserimos dois gráficos com o total de tributos entregues por Tlapa entre 1487 e 1521<sup>241</sup>. No final dos gráficos, a queda brusca na tributação no ano 1521 corresponde à

<sup>241</sup> Nos gráficos que apresentam dados abarcando o intervalo entre 1487 e 1521, sempre ocorre um pequeno descompasso, porque os anos tlapanecas não ocorriam no mesmo intervalo que um ano

interrupção da tributação, conforme registrado nos fólhos. No Gráfico 3, optamos por manter em branco os dados para os anos cujos fólhos foram perdidos, assim, aparecem lacunas nos períodos entre 1489, 1490 e metade do ano 1491; e depois entre 1499 e 1503. O Gráfico 4, apresenta os mesmo dados gerais do gráfico anterior, porém neste fizemos uma projeção do que teria sido tributado nos anos que não possuem registro<sup>242</sup>.

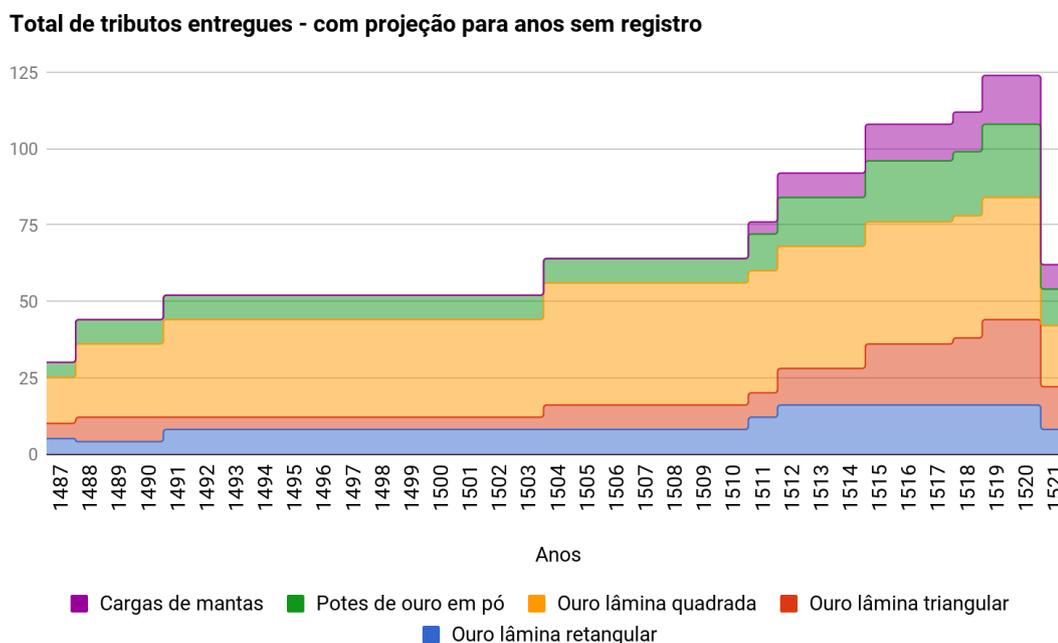
Gráfico 3 - Total de tributos entregues entre 1487 e 1521 - conforme registrado



gregoriano, de modo que o que aqui chamamos de ano 1487, corresponderia a partes do ano 7 veado e partes do ano 8 erva. A primeira tributação que temos registrada ocorreu no final do ano 7 veado, que seria em fevereiro de 1487, e o primeiro ano tlapaneca com as quatro entregas registradas foi o ano 8 erva, que iria de maio de 1487 a maio de 1488, e em nossos gráficos aparece como sendo o ano 1487.

<sup>242</sup> Para projetar quanto teria sido tributado nos anos em que há fólhos faltantes, optamos por repetir as quantidades registradas nos períodos anteriores, e mantivemos a contabilização dos aumentos para os anos em que temos esses dados registrados, exceto no caso do ano 1491, em que temos apenas metade da tributação registrada e projetamos o total desse ano a partir disso. Essa projeção difere da que é proposta por Gutierrez (GUTIERREZ, 2009, p. 91), em que o autor projeta quantidades fracionadas a partir de um padrão de aumento. Além disso, optamos por sempre manter em nossas tabelas e gráficos a separação entre os três formatos de lâminas de ouro.

Gráfico 4 - Total de tributos entregues entre 1487 e 1521 - com projeção para os anos sem registro



Como as fontes tlapanecas separam o registro das tributações por entrega, transcrevemos os dados das quantidades registradas para uma única entrega, considerando que poderia haver casos de entregas de variações diferentes em um único ano, no entanto, isso só ocorreu uma vez, no aumento da tributação de variação VII para a variação VIII em 1519 (ano 13 veado), caso que abordamos mais à frente; para as demais tributações registradas, as quatro tributações de um mesmo ano continham sempre as mesmas quantidades. As tributações de variação I, II, III e IV são compostas exclusivamente por ouro, entregue em quatro formatos diferentes, e é somente a partir da Tributação de variação V (1511), registrada no *Humboldt*, que as mantas são incorporadas, e dessa data em diante, serão um dos itens que compõem as demais tributações de variação VI, VII e VIII.

### 3.7.1 Primeiras tributações: governo do Senhor Serpente-de-turquesa

Retomando o que apresentamos sobre as representações do processo expansionista de Tlapa-Tlachinollan, analisado no capítulo 2, este *altepeme* passou por diferentes fases, intercalando períodos de atividade bélica mais intensa, como o governo do Senhor Bandeira-de-penas (1421 - 1454), e períodos de menos atividade bélica, como o do

Senhor Chuva (1454 - 1477); totalizando em 1477 ao menos quinze *altepeme* sobre os quais Tlapa exercia influência. Todas essas conquistas, no entanto, haviam ocorrido sob o marco de um senhorio tlapaneca independente, condição política que se altera a partir de 1486 quando são incorporados como província tributária dos mexicas.

Assim, o governante de Tlapa de 1477 a 1498 foi o Senhor Serpente-de-turquesa (Coatlxiuhitl tecuhtli), portanto, o início da tributação de Tlapa aos mexicas se deu sob o período deste governante, como também aparece registrado no *Reverso do Azoyú 2*. O período desse governante não foi representado como de intensa atividade bélica, já que antes de 1486 é registrado apenas um evento que pode estar associado a uma conquista<sup>243</sup>; no entanto, a única conquista registrada durante o governo do Senhor Serpente-de-turquesa é a de Atepec em 1495, conquista esta que não está associada a nenhum aumento.

O Senhor Serpente-de-turquesa aparece no *Reverso do Azoyú 2*, antes do início da primeira tributação em 1487 e sua morte é registrada no último fólio, em 1498, sendo portanto o governante tlapaneca durante o período das tributações de variação I, II e III, que analisaremos a seguir. Os aumentos que passam da variação I para a variação II, e desta para a variação III são casos em que não é possível identificar nas narrativas histórico-políticas dos códices *Azoyú* nenhum evento específico que corresponda aos aumentos.

#### *Variação I e aumentos das variações II e III*

A primeira tributação registrada pelos tlapanecas teria ocorrido na vintena Tlacaxipehualiztli do ano 7 veado (1486), e a partir do ano seguinte, 8 erva (1487), passam a ser registradas sistematicamente quatro entregas anuais de tributos. As primeiras cinco entregas de tributos correspondem à Variação I, composta pela entrega de uma lâmina de ouro retangular, uma lâmina de ouro triangular, três lâminas de ouro quadradas e um pote de ouro em pó. A partir do início de 1488 (ano 9 movimento), já ocorre um primeiro aumento nas quantidades tributadas, configurando a Variação II. Portanto, apenas dois anos após os eventos que iniciam a relação tributária de Tlapa com os mexicas ocorre um primeiro aumento em que apenas a quantidade de lâminas retangulares permanece igual, mas que dobra as quantidades de potes de ouro em pó (de 1 para 2), de lâminas quadradas (de 3 para 6) e de

---

<sup>243</sup> O Senhor Serpente-de-turquesa aparece realizando o sacrifício de um personagem em um evento que reúne uma série de outros membros da elite, em Amaxac, lugar que já havia sido conquistado anteriormente pelos tlapanecas; não sendo possível, portanto, determinar o caráter exato desse evento.

lâminas triangulares (de 1 para 2), conforme as Figuras 28 - Variação I e Figura 29 - Variação II. O aumento para a variação II ocorre em uma vintena Etzalcualiztli, a primeira vintena com entrega de tributos no ano.

Para esse primeiro aumento, não há nos fôlios históricos o registro de eventos específicos. Nos registros tributários, esse aumento é acompanhado da representação de um personagem que vem sendo identificado como um *calpixqui*, que é registrado na linha anterior à do aumento. Apesar de haver uma possibilidade inicial de que os *calpixque* seriam representados sempre que ocorresse um aumento, isso não se confirmou; havendo, no entanto, várias representações de *calpixque* ao longo dos registros tributários, que não necessariamente estão associados aos aumentos.

Figura 28 - Variação I - Linha 3 do *Reverso do Azoyú 2 f. 8v* (fólio 1)



Figura 29 - Variação II - Linha 7 do *Reverso do Azoyú 2 f. 9v* (fólio 2)



O próximo aumento, da Variação II para a Variação III, ocorre no intervalo entre os anos 1489 e 1491 (10 vento e 12 erva), sem que possamos precisar a data exata por ser um dos períodos para o qual os fôlios tributários estão faltando. Aqui, o aumento ocorre também como um ajuste dos formatos em que as lâminas de ouro são entregues, pois ao mesmo tempo

em que dobra a quantidade de lâminas retangulares (de 1 para 2), diminui pela metade a quantidade de lâminas triangulares (de 2 para 1); por sua vez, a quantidade de potes de ouro se mantém e o único item que de fato aumenta são as lâminas quadradas de ouro (de 6 para 8), como podemos ver na Figura 30 - Variação III.

Figura 30 - Variação III - Linha 23 do *Reverso do Azoyú 2* f. 12v (fólio 5)



Para o aumento da variação II para III, também não é possível localizar nos registros históricos um evento específico correspondente<sup>244</sup>. Durante o período do governo do Senhor Serpente-de-turquesa ocorre apenas uma conquista, a de Atepec em 1495, no entanto, esse evento não se relaciona a nenhum dos aumentos.

Após o estabelecimento da Variação III, essa será a tributação registrada até 1498 (ano 6 veado), última data que consta no *Reverso do Azoyú 2*, mantendo-se uma tributação estável por 7 anos. Os últimos eventos registrados no *Reverso do Azoyú 2* são a morte do governante Senhor Serpente-de-turquesa e seu sucessor, o Senhor Milho (Xilomatzin tecuhtli), assumindo. Assim, esses registros tributários começam com esses dois personagens representados na primeira linha, antes da primeira tributação, e depois eles reaparecem nas duas últimas linhas dessa seção. Esses eventos são registrados também no fólio 29 do *Azoyú 1* e no fólio 9 do *Azoyú 2*, em todos coincidindo as datas (mais precisas no *Azoyú 2*), em que o Senhor Serpente-de-turquesa teria morrido em 1498 (ano 6 veado) e o Senhor Milho

<sup>244</sup> Considerando que, no *Anverso do Azoyú 2*, o mesmo fólio em que aparecem os eventos relacionados ao início da tributação abarca todo o intervalo entre 1485 e 1492, os dois primeiros aumentos na tributação não estão relacionados a nenhum evento específico nos registros históricos. Assim, o período dos anos 1491 e 1492 (12 erva e 13 movimento) aparece no *Azoyú 2* no fólio 8, mesmo fólio em que aparecem os personagens sacrificados relacionados ao início da tributação. Por sua vez, no *Anverso do Azoyú 1*, esse mesmo intervalo está dividido em dois fólhos que marcam o início da tributação e uma sequência de eventos, porém as datas em que destacamos esses dois primeiros aumentos não possuem eventos específicos associados (o fólio 27 registra de 1482 a 1488, e em seguida, o fólio 28 registra de 1489 a 1495).

assumido no ano seguinte, 1499 (ano 7 erva). Assim, os aumentos ocorridos durante o período do Senhor Serpente-de-turquesa não estariam associados a um processo de expansão bélica da província de Tlapa, e a tributação teria se mantido estável nos últimos sete anos desse governante.

### 3.7.2 Aumentos de tributação no governo do Senhor Milho

Segundo ambos os códices *Azoyú*, o Senhor Milho (Xilomatzin tecuhtli), teria sido o governante de Tlapa-Tlachinollan entre 1499 e 1517, correspondendo, portanto, ao intervalo de tempo dele as tributações de variação IV, V e VI, registradas no *Humboldt Fragmento 1*. No *Anverso do Azoyú 2*, a partir do ano seguinte ao término do fólio 9, abre-se uma das lacunas para a qual não há registros dos eventos históricos, de modo que, só temos os registros históricos do *Azoyú 1* para compararmos com os registros tributários para o intervalo entre 1501 e 1516.

#### *Aumento da variação III para IV*

Figura 31 - Variação IV - Linha 75 do *Humboldt* f.1 (fólio 15)



Entre o final do *Reverso do Azoyú 2* e o início do *Humboldt* ocorre uma lacuna para a qual não há fólios registrando os tributos. Assim, a primeira tributação que aparece no *Humboldt* configura a Variação IV, para a qual não temos como determinar exatamente em qual data entre 1499 e 1503 ocorreu o aumento da Variação III para a Variação IV. Ao fazermos uma correlação com os acontecimentos políticos deste período, destacamos que em 1502, segundo o *Códice Mendoza*, assumiu um novo *tlatoani* mexicana, Moctezuma II. Na variação IV os itens que se mantêm com as mesmas quantidades são as 2 lâminas retangulares de ouro e os dois potes de ouro em pó, por sua vez as lâminas triangulares de ouro passam de

1 para 2 e as lâminas quadradas de ouro passam de 8 para 10; conforme Figura 31 - Variação IV. A tributação de Variação IV teria se mantido estável por ao menos sete anos, entre 1504 e 1511 (anos 12 movimento a 6 erva).

Para o período do governante Senhor Milho, o *Azoyú 1* registra a conquista de outros *altepeme*<sup>245</sup>, assim, no fólio 30 do *Azoyú 1* aparecem duas cidades associadas à figura de um guerreiro, o que entendemos como uma retomada das atividades de conquista de Tlapa que estava um tanto estagnada desde o processo expansionista do governo do Senhor Bandeira-de-penas. Portanto, entre 1503 e 1509, Tlapa teria realizado incursões bélicas a Tototepec (A1 f. 30 - “No monte dos pássaros”), e a Xipetepec (A1 f. 30 - “No monte de Xipe”), no entanto, esses são dois casos de registros nas narrativas histórico-políticas de incursões bélicas que não possuem registro correspondente de aumento na tributação, que só virá a ocorrer em 1511 (ano 6 erva).

Apesar de haver esses casos de conquistas que não estão associadas a nenhum aumento, é também durante o período do governo do Senhor Milho que são registrados três aumentos na tributação, que analisaremos a seguir, que estão relacionados a eventos que interpretamos como sendo a conquista de Tlapa sobre outros *altepeme* de sua região, relacionando, portanto, a expansão da cabeceira tlapaneca com o aumento na tributação entregue aos mexicas.

#### *Aumentos das variações V, VI e VII*

A tributação de Variação V dura apenas um ano, 1511 (6 erva) e corresponde a 3 lâminas retangulares de ouro, 2 lâminas triangulares, 10 lâminas quadradas, 3 potes de ouro em pó e pela primeira vez é registrada a entrega de uma carga de mantas<sup>246</sup> (ver Figura 32); sendo que essas quantidades foram entregues 4 vezes nesse ano. Em relação à tributação anterior, ocorre um aumento de  $\frac{1}{3}$  na quantidade de lâminas retangulares e potes de ouro em pó; a quantidade de lâminas triangulares e quadradas manteve-se igual e houve o incremento de um novo tipo de tributo. Este aumento ocorre em uma vintena Etzalcualiztli. O lugar associado a esse aumento no *Humboldt* é Atepec (“No monte de água”), com o governante

<sup>245</sup> Devido a ausência de fólhos, o *Azoyú 2* não possui registros para o período desse governante (correspondente aos fólhos 10 e 11), enquanto o *Azoyú 1* possui alguns registros nos fólhos 30 e 31.

<sup>246</sup> As duas primeiras cargas de mantas possuem listras na horizontal, porém as duas tributações do fólio seguinte que corresponderiam ainda ao mesmo ano estão lisas, e no ano seguinte, 7 movimento, as mantas registradas voltam a ter listras.

Senhor Jaguar-com-diadema-de-turquesa<sup>247</sup>, tanto este lugar quanto seu governante aparecem também no *Azoyú I* (f. 31).

Figura 32 - Variação V - Linha 99 do *Humboldt* f. 6 (fólio 20)<sup>248</sup>



Figura 33 - Variação VI - Linha 103 do *Humboldt* f. 7 (fólio 21)



No ano seguinte, 1512 (ano 7 movimento) ocorre o aumento da variação V para a variação VI que se manterá até 1514 (ano 9 veado). A tributação de variação VI corresponde a: 4 lâminas retangulares, 3 lâminas triangulares, 10 lâminas quadradas, 4 potes de ouro em pó e duas (cargas de) mantas (ver Figura 33). Em relação à tributação anterior, o aumento foi: de  $\frac{1}{3}$  a mais nas lâminas retangulares e nos potes de ouro em pó, 50% a mais nas lâminas

<sup>247</sup> “A mediados de mayo de 1511 se logró la anexión del pueblo de Atepec y su gobernante Ocelote (E99F20) a la provincia de Tlapa. Este evento está bem registrado en el folio 31 del Códice Azoyú 1, el cual nos señala que el nombre completo del gobernante de dicho lugar era Ocelote con Diadema de Turquesa.” GUTIERREZ, 2009, p. 88.

<sup>248</sup> Somente no sexto fólio do *Humboldt* (f. 20 na contagem total) todas as cinco colunas aparecem preenchidas. Como ao longo de 20 fólios foram desenhadas duas colunas não utilizadas, consideramos a possibilidade de que esse códice tenha sido produzido aproximadamente todo de uma vez, e não preenchido aos poucos, já que no intervalo entre 1486 a 1511 não havia necessidade de traçar as colunas D e E (as duas colunas da esquerda), no entanto, essa esquematização foi respeitada em ambos os registros tributários do *Azoyú 2* e do *Humboldt*.

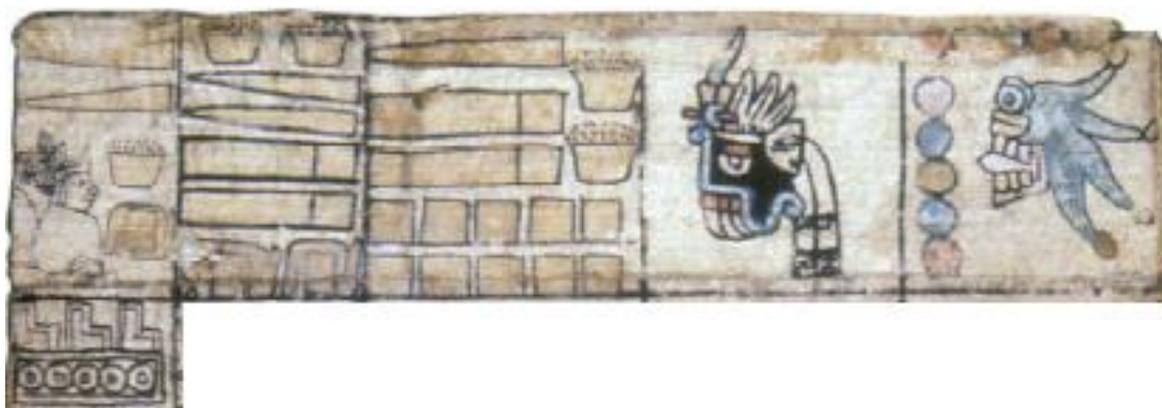
triangulares e nas mantas, e a quantidade de lâminas quadradas continuou igual. Este aumento ocorre em uma vintena Etzalcualiztli.

O topônimo e o personagem que aparecem no *Humboldt*, associados ao aumento da Variação VI, não aparecem no *Azoyú I*, como ocorre com os outros dois casos de topônimos associados aos aumentos V e VII. Gutierrez identifica o lugar como Zacatla ou Zacatipan e o governante como 12 Veado<sup>249</sup>; Vega Sosa também identifica esse lugar como Çacatla (“*Lugar de Hierba*”, “*Yerbazal o Prado*”). Apesar de não aparecer nos códices *Azoyú*, este topônimo aparece nos registros tributários dos mexicas, na *Matrícula* e no *Mendoza*.

Após três anos da tributação VI ocorre um novo aumento em 1515 (ano 10 erva) que irá durar até 1518 (ano 13 veado). A tributação VII corresponde a 4 lâminas retangulares, 5 lâminas triangulares, 10 lâminas quadradas, 5 potes de ouro em pó e três (cargas de) mantas; conforme Figura 34 - Variação VII. Em relação à tributação anterior, o aumento foi de  $\frac{2}{3}$  nas lâminas triangulares, de  $\frac{1}{4}$  nos potes de ouro em pó e de 50% nas cargas de mantas; a quantidade de lâminas de ouro retangulares e quadradas continuou igual. Este aumento ocorre em uma vintena Etzalcualiztli.

Gutierrez identifica o glifo toponímico associado a esse aumento como de Hueycatenango, que corresponderia a Tetenanco, conforme identificado por Vega Sosa, e identifica o governante desse lugar como Senhor Cachorro (Perro), nós o identificamos como Senhor Coelho. Assim como Atepec e seu governante Senhor Jaguar, Tetenanco e o Senhor Coelho também aparecem no *Azoyú I* (f. 31).

Figura 34 - Variação VII - Linha 115 do *Humboldt* f. 9 (fólio 23)



<sup>249</sup> GUTIERREZ, 2009, p.83.

Portanto, das análises dos aumentos das variações V, VI e VII, identificamos que estes aumentos especificamente estão relacionadas a eventos, personagens e lugares que estão registrados no *Humboldt* e no *Azoyú I*, e a partir dos elementos em comum a esses registros, inferimos uma leitura geral para esses aumentos. Em nenhum desses aumentos aparece o glifo de Tenochtitlan, e não há personagens com os atributos de *calpixque*. Com isso, concluímos que, nos registros pictográficos, esses aumentos não parecem estar relacionados a uma demanda ou imposição externa à província; mas são associados ao que identificamos como a incorporação de outras cidades à província de Tlapa, ou seja, a própria expansão político-territorial de Tlapa-Tlachinollan sobre outras cidades aumentaria essa província e a quantidade e mesmo tipos de tributos entregues.

Dos três lugares listados no *Humboldt* e associados à tributação das mantas, Atepec (Atlitepec), Zacatla (Zacatipan ou Çacatla), e Hueycatenango (Tetenanco, Tenanco); dois aparecem nos registros tributários mexicas: Çacatla e Tetenanco. Gutierrez entende que seria um processo de expansão da província com a anexação de novos *altepeme*<sup>250</sup>, e Vega Sosa enfatiza que a representação de atavios mexicas associados a personagens que aparecem no *Azoyú I*, junto a esses três lugares, inclusive o próprio governante de Acocozpan, reforçaria que trata-se de uma dominação mexicana<sup>251</sup>.

### 3.7.3 Tributação no governo do senhor Fogo

O Senhor Fogo (Xiuhtecuhtli) teria governado entre 1517 e 1528 (ano 12 vento a 10 movimento); esse personagem aparece no *Humboldt* logo após a morte do governante Senhor Milho (fólio 25). Assim, quando o Senhor Fogo assume, a tributação é correspondente à variação VII, que se mantém estável durante 1517 e 1518 (todo o ano 12 vento e as três primeiras tributações do ano 13 veado).

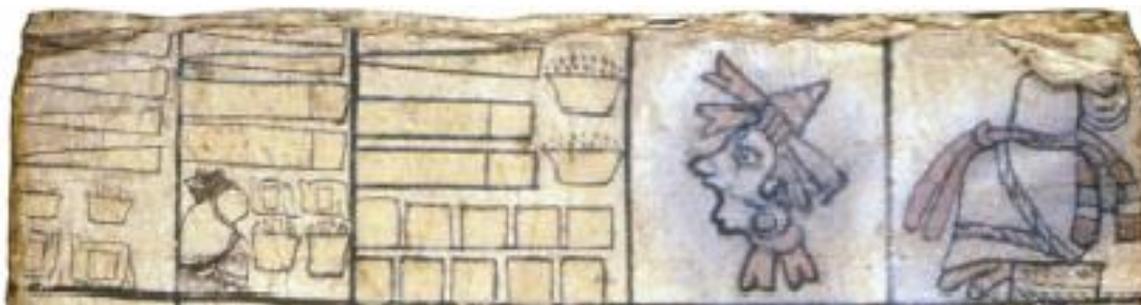
<sup>250</sup> “El tributo de textiles se incrementa al doble durante 1512 (8 Movimiento), derivado de otra conquista y anexión a la provincia.” GUTIERREZ, 2009, p. 83.

<sup>251</sup> Sobre o fólio 31 do *Azoyú 1*, em que aparecem Atepec (ou Atlitepec), Acocozpan e Tetenanco, Vega Sosa diz: “La conquista se representa a través de la presencia de un hombre de guerra con el pelo atado en la parte alta de la cabeza, y la dominación está simbolizada por la diadema real y el asiento con respaldo que usan los gobernantes mexicas. Así se representa al Señor de Acocozpan, por lo que probablemente se trata de un noble de origen mexicana enviado para controlar la región. En cambio, en Atlitepec las designaciones recaen en el Señor Jaguar y el Señor 2 Venado. El gobernante de Atlitepec porta las insignias tradicionales (abanico y bolsa de copal) y también una diadema de turquesa en el glifo de su nombre. En Tetenanco gobierna un Señor Perro y un Señor Águila que portan diadema real. Esto significa que en los tres pueblos existe un dominio mexicana.” VEGA SOSA, 2012, p. 30-31.

### *Aumento da Variação VII para VIII*

Na tributação da variação VIII se mantém a cada entrega a tributação de quatro lâminas retangulares de ouro e dez lâminas quadradas, por sua vez ocorre um aumento de cinco para sete lâminas triangulares, de cinco para seis potes de ouro em pó e de três para quatro cargas de mantas; conforme a Figura 35 - Variação VIII. Este é o único caso de aumento que ocorre em uma vintena Tlacaxipehualiztli, no ano 13 veado (1519), e são realizadas ao todo onze entregas de tributos da Variação VIII, até a vintena Ochpaniztli do ano 3 vento, que corresponderia a agosto de 1521.

Figura 35 - Variação VIII - Linha 130 do *Humboldt* f. 12 (fólio 26)



Assim, o primeiro fator que chama a atenção é que em um curto espaço de tempo, entre 1510 e 1519 ocorrem três alterações seguidas na tributação, enquanto anteriormente havíamos visto intervalos mais duráveis de até 7 anos seguidos sem aumento na tributação. Se considerarmos a diferença entre a tributação IV do ano 1510 e a tributação VIII em 1519 temos uma alteração que corresponde ao dobro de lâminas retangulares (de 8 para 16 anualmente), um aumento de 3,5 vezes nas lâminas triangulares (de 8 para 28), e ao triplo de potes de ouro em pó (de 8 para 24), além da incorporação das mantas, que da primeira entrega em 1511 a 1519 quadruplica (de 4 para 16 cargas anualmente).

Os aumentos das variações II, V, VI e VII<sup>252</sup> ocorreram na vintena Etzalcualiztli, dedicada a Tlaloc, que era a primeira vintena do ano em que se fazia a tributação. Por sua vez, o aumento que passa da variação VII para a variação VIII é o único caso de um aumento de tributação que ocorreu durante o transcurso de um ano e não na primeira tributação do ano

<sup>252</sup> Os aumentos das variações III e IV ocorreram durante os períodos que estariam registrados nos fólhos faltantes.

seguinte, pois o aumento da Variação VIII ocorreu na vintena Tlacaxipehualiztli, última vintena do ano em que ocorria a entrega de tributos.

O registro do aumento da Variação VIII no *Humboldt* está associado à morte de dois personagens, que são representados junto à tributação (ver Figura 35 - Variação VIII): a morte de um *calpixqui*, personagem A130F26, que identificamos como sendo o mesmo que aparecera anteriormente em A86F18 (pois possuem o mesmo glifo antropônimo), de modo que esse personagem poderia ter sido o *calpixqui* entre 1507 e 1518 (anos 2 erva e 13 veado). Outro fardo mortuário é registrado na mesma linha, o personagem D130F26, porém seu glifo antropônimo está muito pequeno e borrado e não conseguimos identificar quem seria este personagem, possivelmente um governante de um dos *altepeme* dominados por Tlapa.

Além da morte de dois personagens, destacamos a expressão facial da figura que representa a vintena de Tlacaxipehualiztli, composta pela cabeça de perfil de um homem usando um chapéu cônico vermelho, que é símbolo do *teotl* Xipe Totec, a quem essa vintena é dedicada. Até então, o rosto deste glifo da vintena aparecia em todos os anos sempre com o olho fechado, no entanto, na representação do único aumento que ocorre fora da vintena habitual, a expressão facial do personagem está diferente das anteriores, com o olho aberto.

Seguindo as datações propostas por Gutierrez para o ano 3 vento, que teria sido de maio de 1521 a maio de 1522, concluímos que o ano 13 veado teria correspondido ao período de maio de 1518 a maio de 1519, de modo que a vintena Tlacaxipehualiztli do ano 13 veado teria correspondido a fevereiro de 1519.

A chegada dos espanhóis à Tlapa é registrada nos códices *Azoyú* e *Humboldt* como um conflito bélico em Cozcatepec, aproximadamente em fevereiro de 1521, no entanto, os tlapanecas continuam tributando aos mexicas por mais dois ciclos, e a tributação só é interrompida em agosto de 1521, coincidindo com a tomada dos espanhóis da cabeceira México-Tenochtilán. É curioso notar que o *Humboldt* possui um último fólio para a tributação de 1522 com as linhas e colunas traçadas, sem estar preenchido.

Assim, das nossas análises da tributação registrada pelos tlapanecas, identificamos que: (1) o intervalo de anos entre um aumento e outro não possui regularidade, há alguns períodos em que a tributação se manteve estável por até 7 anos seguidos, há outros períodos em que a tributação aumentou de um em um ano; (2) ao menos quatro dos aumentos ocorreram em uma vintena Etzalcualiztli e apenas um dos aumentos ocorreu em uma vintena Tlacaxipehualiztli; (3) todas as variações na tributação foram aumentos; (4) nem todos os

aumentos estão associados a algum evento; e (5) ao menos três aumentos na tributação estão associados ao domínio de Tlapa sobre outras cidades da sua província.

Disso, concluímos que os aumentos na tributação não ocorriam por um único e mesmo motivo, havendo aumentos associados ao processo expansionista de Tlapa, de maneira que, podemos apontar a possibilidade de ser do interesse dos mexicas que Tlapa mantivesse seu papel como cabeceira expansionista, que beneficiaria tanto mexicas quanto a própria elite tlapaneca.

### 3.8 O conceito de império

Após apresentarmos nossas análises das representações de poder entre tlapanecas e mexicas, no Capítulo 2, e nossas análises das relações tributárias, no Capítulo 3, neste tópico, temos como objetivo debater o aspecto do poder político mais geral dos mexicas, que entendemos que constituiu um sistema de império. Assim, retomando o que apresentamos anteriormente (ver Tópico 1.4), a Tríplice Aliança adquiriu um controle amplo de territórios justamente por concentrar-se em dominar as cabeceiras regionais, de modo a incorporar províncias tributárias já existentes. Desta maneira, a produção local era tributada num sistema escalonado que ia para a elite do próprio *altepetl* produtor, para a elite da cabeceira da província e, por fim, para a elite da Tríplice Aliança<sup>253</sup>; e as relações de subordinação entre as elites eram marcadas pelo uso da guerra<sup>254</sup>, ainda que combinada ao uso de acordos diplomáticos e matrimônios. Essa composição de relações formava uma superestrutura política controlada por uma elite, neste caso, os mexicas, e esta elite possuía identidade de grupo, não só por compartilharem um idioma, como também um sistema de pensamento e construção de sua origem histórica em comum<sup>255</sup>. A essa estruturação de relações de

---

<sup>253</sup> “El sistema de recaudación era piramidal (...)” BRAVO, Isabel Bueno. El sistema de control en el imperio azteca. *Revista Española de Control Externo*, vol. VI, nº 17, 2004, p. 221.

<sup>254</sup> Entre os mexicas havia a diferenciação entre dois tipos principais de guerra, ainda que intrinsecamente relacionadas entre si: as chamadas guerras floridas, de caráter ritualizado, empreendidas com objetivo central de obter cativos para sacrifício, e as guerras de conquista, de dimensão mais ampla, empreendidas com objetivo de subjugar militarmente outro povo. BRAVO, Isabel Bueno. Las guerras floridas. *Revista de Historia Militar*. nº 106, 2009, pp. 11-34.

<sup>255</sup> “En el México central, las lealtades primordiales se agrupaban alrededor de la devoción a un lugar y un pasado particulares y a una deidad emblemática de ambos. Fueron expresados y mantenidos por un muy determinado y constante delineamiento del propio grupo frente a todos los demás.” CLENDINNEN, Inga. *Aztecas. Una interpretación*. 1998, p. 44.

hierarquia, entre unidades políticas, estabelecidas por meio de conquista bélica com o objetivo de estabelecer uma rede tributária entre elites, neste trabalho, chamamos de império<sup>256</sup>.

Assim, a condução cotidiana da política local ficava com as elites das cabeceiras regionais, e em geral, os mexicas mantinham nas províncias apenas uma organização administrativa centrada no controle de uma tributação estabelecida, pois, entre as funções administrativas do aparato estatal mexica, sob alcance direto do *tlatoani*, estava a organização e controle da arrecadação de tributos<sup>257</sup>. Organizando e intermediando as relações tributárias, entre a província e a cabeceira mexica, havia os cobradores de tributos, os *calpixque* mexicas, responsáveis por controlar a tributação; e em alguns casos, poderiam ser designados para as províncias governadores mexicas (*tlacatectli*), de modo que os níveis de autonomia dos governantes locais em relação ao *tlatoani* mexica poderiam ser distintos, de uma região para outra.

Assim, entendemos que, dentro de uma profusão de locais controlados indiretamente, a forma organizativa e administrativa mexica não obedecia a um padrão pré-definido, e passou por alterações ao longo do século XV, à medida que os mexicas expandiram suas incursões bélicas e entraram em contato com outros grupos, estabelecendo províncias tributárias e influenciando nas relações políticas internas de cada região. Consideramos que essa flexibilidade nos métodos de se relacionar com cada unidade política teria sido um dos mecanismos que permitia aos mexicas influenciar indiretamente uma região não só ampla, como com grande pluralidade linguística e de grupos políticos. Não obstante, a característica de uma administração centralizada de uma rede tributária que incluía dezenas de regiões<sup>258</sup>, é um dos elementos que nos levam a entender que o poder estatal dos governantes e elites das três cidades da Tríplice Aliança adquiriu ao longo do século XV uma estruturação de poder imperial.

Zantwijk destaca que os conceitos europeus de nação e de Estado não existiram como tal na Mesoamérica, mas que encontramos conceitos aproximadamente comparáveis. Para este autor, o uso do termo 'império' não seria o mais adequado, mas ele lista oito conceitos políticos indígenas próprios que nos ajudariam a delinear o que seria o regime mexica: (1) o conceito indígena de governo local comunal, referindo-se à organização em

---

<sup>256</sup> Entre os autores incluídos em nossa bibliografia que utilizam o conceito de império para os domínios da Tríplice Aliança destacamos Frances Berdan, que estuda o sistema tributário mexica, Pedro Carrasco, autor que faz uma extensa análise da estruturação territorial desses domínios e Michael Smith, que estuda tanto as estratégias da estruturação imperial quanto o sistema tributário.

<sup>257</sup> BERDAN, 1992, vol. I, p. 64.

<sup>258</sup> SMITH; SERGHERAERT. The Aztec Empire. 2012, pp. 454, 455.

*calpulli*; (2) o conceito indígena de casa nobre, referindo-se à existência dos *teccalli*; (3) o conceito de *tlahtocayotl*, regime real; (4) o conceito de triplotrono, referindo-se à configuração da Tríplice Aliança; (5) o conceito de senhorio colhua, referindo-se às continuidades étnicas reivindicadas pelo grupo mexica; (6) o conceito do deus patrono; (7) o conceito da dominação econômica-militar e (8) o conceito de integração religiosa cerimonial supra-governamental, referindo-se aos cultos em comum entre diferentes *altepeme* e à realização das guerras floridas<sup>259</sup>. Aqui, entendemos que esses dois últimos conceitos apresentados por Zantwijk, o conceito da dominação econômica-militar e o conceito da integração religiosa cerimonial supra-governamental, são dois aspectos que se inter-relacionavam na configuração de um aparato estatal imperial.

Um dos elementos que Smith comenta que potencializam a expansão mexica, e que consideramos que precisa ser destacado, é a existência de dinâmicas que já vigoravam no Vale do México: os tepanecas de Azcapotzalco já empreendiam processos de domínio e conquista bélica e os mexicas primeiro se inserem nessa dinâmica a serviço dos tepanecas, fazendo com que, quando ascendem em 1428, já estejam em uma posição vantajosa<sup>260</sup>.

Considerando que os próprios mexicas foram durante cerca de um século subjugados a outro povo, os tepanecas, entendemos que o caráter de império que o Estado mexica assumiu não era uma dinâmica política nova, ou inédita, para os povos da Mesoamérica. Não queremos, com isso, generalizar que todos os estados que antecederam os mexicas tenham sido necessariamente imperiais, mas queremos demonstrar que essa estruturação política não era estranha às dinâmicas da Mesoamérica.

Ainda assim, devemos destacar que não localizamos no extenso vocabulário nahuatl uma palavra, termo ou expressão que seja equivalente ao termo império, que aqui adotamos. Outros povos chegaram a cunhar termos próprios para definir suas relações macropolíticas, como os incas com o termo Tahuantinsuyu, utilizado para referir-se à totalidade de seus domínios. Ressaltamos essa questão para delimitar que o conceito de império que estamos aplicando em nossas análises não parte de um conceito equivalente utilizado pelos próprios mexicas, e sim do debate historiográfico que vem sendo produzido pelos estudiosos desse sistema político.

Aqui utilizamos o conceito de império no sentido em que é apresentado por Conrad e Demarest

---

<sup>259</sup> ZANTWIJK, 1990.

<sup>260</sup> SMITH, 1983, pp. 152-153.

Nós definimos um *império* como um estado que abrange um grande território e que incorpora um número de sociedades anteriormente autônomas e culturalmente heterogêneas, uma das quais domina as outras. A sociedade dominante, que alcançou sua posição pela força militar, explora recursos anteriormente controlados pelas sociedades subordinadas. Embora essa definição de império implique algum tipo de estrutura administrativa abrangente, essa estrutura pode assumir várias formas, e pode ser fortemente organizada ou relativamente frouxa. A exploração de povos e territórios conquistados pode ser contínua ou esporádica<sup>261</sup>.

Ainda assim, Conrad e Demarest apontam as fragilidades do império, com constantes revoltas e a necessidade de empreender novas conquistas, decorrente de um processo em que houve uma rápida expansão nos primeiros anos, seguida de dificuldade em sustentar um aparato de Estado cada vez mais oneroso e dificuldade de governar e controlar as províncias; para estes autores, nesse sentido, não seria de fato um império, no sentido usual do termo, por não assimilar nem cultural nem politicamente os povos conquistados, e caracterizam que o imperialismo asteca seria um sistema de conquista sem consolidação<sup>262</sup>.

Para estes autores o principal elemento que garante coesão ao sistema de expansão mexica é a ideologia, que eles definem da seguinte forma

(...) quando nos referimos à ideologia, invariavelmente queremos dizer ideologia *religiosa* - incluindo não apenas a religião formal, mas também as várias crenças, valores e comportamentos metafísicos que estão fora da orientação de instituições religiosas formalizadas ou dogmas. Nesse sentido, uma ideologia é um conjunto de idéias inter-relacionadas que fornece aos membros de um grupo uma justificativa para sua existência. Ele diz aos membros quem eles são e explica suas relações uns com os outros, com pessoas de fora do grupo, com o mundo natural e com o cosmos. Também estabelece regras para agir de acordo com esses relacionamentos. Uma religião formal é um tipo particular de ideologia religiosa, (...) <sup>263</sup>.

---

<sup>261</sup> Tradução nossa. Segue o original: "We define an *empire* as a state encompassing a large territory and incorporating a number of previously autonomous, culturally heterogeneous societies, one of which dominates the others. The dominant society, which has achieved its position by military force, exploits resources formerly controlled by the subordinate societies. While this definition of empire implies some sort of overarching administrative framework, that framework may take various forms, and it may be tightly organized or relatively loose. The exploitation of conquered peoples and territories may be continuous or sporadic." CONRAD e DEMAREST, 1984, p. 5.

<sup>262</sup> CONRAD e DEMAREST, 1984, pp. 50 - 53.

<sup>263</sup> Tradução nossa. Segue o original: "(...) when we refer to ideology we invariably mean *religious* ideology - including not only formal religion, but also the various metaphysical beliefs, values, and behaviors that lie outside of the guidance of formalized religious institutions or dogmas. In this sense an ideology is a set of interrelated ideas that provides the members of a group with a rationale for their existence. It tells the members who they are and explains their relations to one another, to people outside the group, to the natural world, and to the cosmos. It also establishes rules for acting in accordance with those relationships. A formal religion is a particular kind of religious ideology, (...)." CONRAD e DEMAREST, 1984, p. 4-5.

A ideologia que os autores apontam como principal, no caso dos mexicas, é a da necessidade de realização de sacrifícios humanos para Huitzilopochtli para que o universo continue funcionando, mantendo em movimento uma máquina de guerreiros em busca de prestígio. Nesse sentido, entendemos que os autores supervalorizam o culto dos mexicas a um *teotl* específico, e consideramos que é necessário equalizar o peso desta divindade com o de outras, pois os sacrifícios humanos não eram realizados exclusivamente para Huitzilopochtli, senão para diversos *teteo*, sendo cada ritual bastante próprio quanto à maneira como ocorria o sacrifício e os tipos de oferendas que o acompanhavam. Além disso, destacamos que a temporada de caça a cativos para sacrifício ocorria num período particular do ano, em comum acordo com outros povos que participavam das guerras floridas, como Tlaxcala, Cholula e Huexotzingo, também interessados em levar cativos mexicas para seus próprios rituais de sacrifício, e que as guerras de expansão com objetivo de conquistar tributários funcionavam em paralelo às guerras rituais.

Aqui apresentamos como proposta que o que seria central na ideologia mexica seria a ideia de que este grupo tinha por direito fazer outros grupos serem seus tributários, porque sua capital seria o centro dos cinco ramos do universo, para onde deveriam fluir todas as riquezas do mundo conhecido<sup>264</sup>. Essa visão não seria exclusiva dos mexicas, pelo contrário, seria uma concepção típica da cosmovisão mesoamericana, em que cada *altepetl* considerava a si mesmo como o centro dos cinco ramos do universo.

Apesar do termo império ser comumente utilizado para referir-se ao tipo de relações políticas estabelecidas pelos mexicas com os grupos que eles subjogavam, há todo um debate entre os pesquisadores sobre a precisão do conceito de império para referir-se a esse sistema político, pois o conceito de império é aplicável a diferentes sistemas políticos e, portanto, necessitamos delimitar por quais aspectos optamos em utilizá-lo neste trabalho.

Para debater o conceito de império, citaremos dois autores, Michael Smith, da Universidade do Estado do Arizona, e Isabel Bueno Bravo, da Universidade Complutense de Madrid, que diferenciam duas categorias principais de império: os de caráter territorial e os de caráter hegemônico, de maneira que o sistema da Tríplice Aliança se adequa ao tipo de império de caráter hegemônico, conforme abordaremos a seguir.

Se formos comparar dentro dos diferentes sistemas de poder estabelecidos na Mesoamérica, entre os tarascos teria predominado uma estruturação mais centralizada e territorial do que a dos mexicas, sendo estes mais próximos ao conceito de um império

---

<sup>264</sup> Comunicação pessoal Federico Navarrete Linares, 2018. Destacamos que para este autor os mexicas não constituiriam propriamente um império.

territorial; enquanto, entre os maias do período Clássico teriam havido diferentes níveis de centralização, não sendo aplicável utilizarmos o termo império para o tipo de estruturação política desenvolvida pelos maias<sup>265</sup>. Assim, teriam convivido nos mesmos períodos históricos e interagido entre si grupos que adotavam variadas estruturas políticas na Mesoamérica.

Para Michael Smith as unidades políticas na Mesoamérica, tanto os *altepeme* dos nahuas quanto as cidades maias, se constituíam como cidades-estado<sup>266</sup>, ainda que assumissem formas de organização política diferentes. Para Smith e Chase, a definição de um grupo político na Mesoamérica não está necessariamente atrelada à delimitação de um território específico, mas nas relações que são estabelecidas entre o grupo e seu governante, que representa um corpo político, e os mexicas seriam um exemplo disso. Assim, o território não é indispensavelmente a base da identidade política de um grupo na Mesoamérica, por outro lado, para estes autores, os simbolismos religiosos e ritualísticos implementados pelos governantes são fatores mais característicos da delimitação de uma identidade de grupo, expressa inclusive na arquitetura das cidades, que possuía funções políticas e religiosas<sup>267</sup>.

Isabel Bueno Bravo define as diferenças entre um império de tipo territorial e um império de tipo hegemônico:

En general, las sociedades se expanden utilizando la guerra como instrumento político. Pero, dependiendo de los objetivos que pretendan alcanzar así se utilizará, puesto que no será igual apropiarse de un espacio para dominarlo territorial y administrativamente, que pretender extraer un máximo económico a un área que esté bajo nuestra influencia, pero con cierto grado de autonomía política. El primer objetivo deriva en lo que denominamos un imperio territorial y, el segundo en un imperio hegemónico (Clausewitz 1980: 47-59; Hassig 1985: 95-139, 157-165; Luttwak 1976: 4)<sup>268</sup>.

Bueno Bravo, no mesmo artigo de onde extraímos a citação acima, compara os tipos de estruturação política de mexicas e romanos, buscando destacar as semelhanças entre eles que nos permitem afirmar que ambos tratam-se de dois impérios de tipo hegemônico e não territorial. Para estabelecer essa comparação, a autora delimita os seguintes recortes

<sup>265</sup> CHASE, Arlen F., CHASE, Diane Z., e SMITH, Michael E. States and Empires in Ancient Mesoamerica. In: *Ancient Mesoamerica*, 20. Cambridge University Press, 2010. p. 176.

<sup>266</sup> "(...) central Mexico was a politically fragmented, but culturally unified, landscape. Individual city-states warred and competed with one another, while simultaneously interacting peacefully through trade, noble intermarriage, and visiting." Ibidem. p 175.

<sup>267</sup> Ibidem. p. 181.

<sup>268</sup> BUENO BRAVO, Isabel. Roma y México-Tenochtitlan: análisis comparativo y resultados. *Anales del Museo de América* 14. 2006. p. 38.

temporais: o período da dinastia júlio-claudiana para os romanos, no século I, particularmente na relação que se estabeleceu com seus domínios no Oriente, e o período a partir de 1428 com o governo do *tlatoani* Itzcoatl para os mexicas, em sua relação com todas as regiões conquistadas.

Assim, Bueno Bravo comenta estratégias políticas semelhantes adotadas tanto pelos mexicas quanto pelos romanos, por exemplo, no início de suas cidades, ambos buscaram estabelecer relações de parentesco e alianças com os grupos políticos que dominavam suas regiões anteriormente, no caso dos primeiros, os tepanecas, e no caso dos segundos, os etruscos. Nem México-Tenochtitlán nem Roma surgiram já como impérios, pelo contrário, as dinâmicas políticas adquiridas seguiam padrões das regiões em que se encontravam, em que já existiam redes locais de dominação tributária; o aspecto de império será adquirido com o tempo, com a expansão e complexidade do poder exercido.

As características em comum listadas por Bueno Bravo que delimitam o funcionamento de um império de tipo hegemônico são: o recolhimento de tributos centralizado pelo aparato de Estado, com funcionários destacados para essa função; o controle do Estado sobre o comércio a larga distância; na política exterior, a manutenção dos governantes locais nas províncias que ofereciam menor resistência à incorporação às redes tributárias; e o uso da diplomacia e estabelecimento de relações distintas com cada grupo conquistado, considerando seu grau de resistência e as diferenças culturais, criando uma relação política que poderia beneficiar os governantes locais para atrair sua lealdade. Assim, dentre as obrigações dos governantes locais estava manter sua província sob controle, mas não a ponto dela tornar-se uma ameaça ao poder imperial, Bueno Bravo enfatiza essa característica como uma relação mais de colaboradores do que de subjugados. Essa flexibilidade não significava abrir mão de uma política mais dura, no caso de maior resistência local, os governantes poderiam ser substituídos e poderiam se estabelecer forças imperiais permanentes<sup>269</sup>.

A opção de não estabelecer um poder permanente em todas as províncias conquistadas poderia gerar em diferentes momentos rebeliões e levantes, de maneira que os impérios de tipo hegemônico possuem um controle indireto, e, portanto, mais instável<sup>270</sup>. A vantagem principal para o aparato do Estado que geria este tipo de império era a economia de

---

<sup>269</sup> BUENO BRAVO. 2006. pp. 32-33.

<sup>270</sup> *Ibidem*. p. 34.

forças e gastos com deslocamento de guerreiros, ao utilizar as forças locais para manter o sistema tributário em funcionamento<sup>271</sup>.

Muitos autores consideram inadequado definir o poder dos mexicas como imperial porque partem de outros fatores que seriam considerados determinantes, como os domínios cultural, linguístico e/ou religioso. No entanto, nos orientamos neste trabalho por autores que elencam como determinante o domínio econômico, esse sim, presente na incorporação do aparato de Estado mexica das redes tributárias locais e no controle dos mercados.

De fato, se o que buscamos no império mexica for uma imposição cultural ou uma presença arquitetônica, não será possível encontrar, pois o tipo de relação que interessava à elite mexica estabelecer não visava esses objetivos. Isso não diminui a estruturação do Estado como um império, apenas o caracteriza de maneira distinta, conforme demonstramos acima, configurando um império de tipo hegemônico e não territorial.

Portanto, concluímos que o aparato de Estado mexica não possuiu uma forma organizativa única e imutável ao longo do século XV e início do XVI, pois os processos de aliança política com duas outras cidades, substituindo Azcapotzalco como cabeça de Altiplano Central em 1428, seguido de algumas décadas de política expansionista pela via bélica empreendida pelos sucessivos governantes, alteraram as características das relações que os mexicas estabeleciam com os lugares dominados. Esse domínio, em geral, mas não em todas as províncias e cidades, se estabelecia de maneira indireta, por meio do controle de um sistema tributário, e poderia se concretizar de modo a permitir maior ou menor autonomia para as elites locais, de acordo com os interesses dos mexicas nos lugares dominados e o grau de resistência que as elites locais apresentavam a essa incorporação como tributários.

No caso da província de Tlapa, a produção historiográfica apresentada acima e as análises apresentadas nesta pesquisa, apontam que essa foi uma das províncias em que as relações entre mexicas e dominados se deu de maneira a manter a elite local com autonomia, e em que, inclusive, a continuidade da expansão da cabeça local pode, em alguns casos, ter beneficiado os mexicas, ao aumentar a tributação total entregue a eles. Além disso, o domínio tributário dos mexicas sobre os tlapanecas era intermediado pelo compartilhamento de um sistema calendário que organizava uma série de rituais religiosos desses dois grupos.

\*\*\*

---

<sup>271</sup> Ibidem. pp. 38-39.

A seguir, apresentaremos as conclusões gerais do Capítulo 3. Assim, neste capítulo, comparamos os registros tributários em um conjunto de fontes mexicas e um conjunto de fontes tlapanecas, identificando que ambas as fontes registram que os tlapanecas tributavam itens de luxo, ou bens de prestígio, coincidindo os seguintes itens: lâminas de ouro, potes de ouro em pó e mantas. No entanto, há algumas diferenças e ausência de alguns dados entre as fontes: ausência de periodicidade para alguns itens na *Matrícula*, ausência de certos formatos de lâminas de ouro nas fontes mexicas, e ausência de alguns itens nas fontes tlapanecas, como as vestes de guerreiro e as xícaras. De modo que, com relação à periodicidade e às quantidades, a comparação da *Matrícula* com o *Mendoza* não permite afirmarmos números exatos quanto ao que os mexicas registram que seria tributado anualmente.

Também identificamos que a periodicidade, no caso dos tlapanecas, é registrada sistematicamente como quatro tributações por ano que ocorriam em intervalos de 100 dias, 80 dias, 105 dias, e 80 dias, nas vintenas Etzalcualiztli, Ochpaniztli, Panquetzaliztli e Tlacaxipehualiztli. A cada uma dessas vintenas correspondiam celebrações a certos *teteo* (plural de *teotl*), com rituais próprios e muitas vezes a realização de sacrifícios humanos. Além disso, parte da tributação poderia ser destinada não só ao consumo das elites, como também para a realização de oferendas religiosas, como demonstram os vestígios arqueológicos. Com isso, concluímos que, tanto para mexicas quanto para tlapanecas, o sistema calendário organizava conjuntamente aspectos políticos, econômicos e religiosos.

Independente das possíveis diferenças entre as quantidades finais da tributação entre ambos os conjuntos de fontes, o que destacamos como essencial é o processo representado pelos tlapanecas de uma tributação sempre crescente ao longo de 35 anos; em que ocorreram ao todo sete aumentos, que classificamos como oito variações. Ao compararmos a primeira tributação de ouro em 1486 com a última tributação de ouro em 1521, em algumas há um aumento de 4 vezes na quantidade, e em um dos itens um aumento de 7 vezes, já que houve um aumento de 4 para 16 lâminas retangulares, de 12 para 40 lâminas quadradas, de 4 para 28 lâminas triangulares, e de 4 para 24 potes de ouro em pó, entregues anualmente. O aumento na tributação de mantas também é de quatro vezes a quantidade total anual em um intervalo de tempo mais curto, já que a tributação de mantas começa apenas em 1511 e daí até a última tributação em 1521, passa de 4 cargas de mantas para 16 cargas de mantas (ou de 1.600 mantas para 6.400).

A partir do levantamento dos eventos associados nos registros tlapanecas aos aumentos de tributos, analisamos os eventos históricos narrados por mexicas e tlapanecas para o intervalo entre 1486 e 1521, relacionando os processos de expansão da rede tributária mexica e de expansão dos próprios tlapanecas. A partir dessas análises sintetizamos a seguir algumas das conclusões sobre a representação do processo dos aumentos: nem sempre é possível identificar um evento associado aos aumentos; há três conquistas realizadas pelos tlapanecas durante o período de tributação aos mexicas que não resultaram em aumentos na tributação; por sua vez, há três aumentos na tributação que estão associados ao domínio de Tlapa sobre outras cidades da sua província. Portanto, ainda que nem toda conquista resulte em aumento na tributação, algumas conquistas dos tlapanecas são vantajosas para os mexicas.

Com relação ao funcionamento político mais geral do sistema de domínio dos mexicas, concluímos que essa estruturação de relações de hierarquia, entre unidades políticas, estabelecidas por meio de conquista bélica com o objetivo de estabelecer uma rede tributária entre elites pode aqui ser chamada de império. Dentre os elementos que nos levam a concluir que os mexicas estabeleceram um sistema de império, destacamos o alto grau de organização e centralização que o aparato de Estado possuía sobre a tributação, bem como a circulação de produtos nos mercados. O palácio mexica era o grande centralizador das riquezas tributadas, e havia uma ampla burocracia formada por membros da elite que eram funcionários do palácio; dentre esses funcionários, uma das funções que constantemente aparece ao falarmos da tributação é a dos *calpixque*, os cobradores de tributos. Por sua vez, a rápida expansão dos territórios conquistados pelos mexicas ocorreu por terem como método subjugar as cidades que já eram cabeceiras locais e incorporar sistemas tributários regionais completos de uma só vez, utilizando para isso principalmente a via militar.

Portanto, entendemos o estabelecimento de uma rede tributária como o elemento que direcionava e mantinha essas relações de influência política e de subordinação a partir da centralização estatal controlada por algumas elites.

## CONCLUSÕES

Conforme apresentamos anteriormente, esta pesquisa teve por objetivo compreender as representações e narrativas históricas produzidas por mexicas e tlapanecas sobre os acontecimentos políticos e econômicos em que se estabeleceram relações de subordinação tributária entre suas elites. Nossas análises partiram da hipótese inicial de que mexicas e tlapanecas construíram representações históricas diferentes sobre suas relações por basearem-se nos interesses de promover narrativas que destacassem o poderio de suas próprias elites, não simplesmente por serem produzidas por grupos distintos, mas porque no período colonial era importante para as elites indígenas buscarem, perante os espanhóis, legitimar o seu poder político para manterem privilégios. De maneira que, os códices coloniais produzidos por essas elites construíam narrativas históricas sobre seu passado que reafirmavam o poder que detinham no período pré-hispânico. Para compreender essas narrativas, nos propusemos a analisar e comparar as representações de poder nos códices mexicas e tlapanecas; contrastando os registros mexicas e os registros tlapanecas sobre seus governantes, suas conquistas militares, e as relações políticas e tributárias que são registradas por cada um dos grupos.

Das análises dessas representações nos códices, concluímos que tanto a elite mexica quanto a elite tlapaneca, no período colonial, construíram narrativas históricas sobre o período pré-hispânico que destacavam o poderio bélico de seus respectivos *altepeme*, registrando que seus governantes empreenderam muitas incursões bélicas e, também, a realização de sacrifícios humanos em algumas dessas conquistas. Assim, identificamos que nessas narrativas há uma conexão entre a conquista política e a realização de sacrifícios humanos ritualizados, e entendemos que esse é um dos elementos que nos permite inferir que, nessas sociedades, há uma inseparável relação entre o que para nós seriam o poder político e o poder religioso. Outros dois elementos, que analisamos nesses códices, e que reforçam essa conclusão, são a presença de objetos ritualísticos como atributos de poder dos governantes tlapanecas, presentes no *Códice Azoyú I*, e as conexões entre as celebrações ritualísticas das vintenas do calendário e a entrega dos tributos. O que queremos enfatizar é que, segundo nossas análises, mexicas e tlapanecas, ainda que sejam cabeceiras políticas de dimensões distintas, são grupos que compartilham de uma mesma cosmovisão em que o poder político é legitimado pelo poder religioso de seus governantes.

Além disso, entendemos que a compreensão das dinâmicas políticas, nessas sociedades, naturaliza a hierarquização política que estabelece relações assimétricas entre os diversos senhorios. Assim, Tlapa foi subjugada como tributária dos mexicas, em um processo violento que contou com a realização de sacrifícios humanos, mas, ao mesmo tempo, manteve um papel predominante como cabeceira local, subjugando os *altepeme* de sua própria região.

Ainda que as narrativas mexicas enfatizem uma dinâmica política sempre belicista, localizamos nas narrativas tlapanecas registros que se contrapõem a essa perspectiva, destacando um processo de caráter mais diplomático e negociador no primeiro contato entre as duas unidades políticas. Esse elemento reforça as diferenças nas narrativas produzidas por mexicas e por tlapanecas sobre as relações estabelecidas entre si, em que seria relevante para os tlapanecas se mostrarem em relações de negociação com os mexicas, enquanto as narrativas destes suprimiriam relatos desse tipo de relação para enaltecer apenas sua postura beligerante.

Nesta pesquisa, deixamos em aberto muitas questões, principalmente em relação às dinâmicas internas da província tlapaneca e à compreensão das relações que a cabeceira de Tlapa estabelecia com os *altepeme* subordinados. Aqui, apenas iniciamos um debate se haveria uma diferença entre um governo dos senhores, um *téucyotl*, e um governo dos *tlatoque*, um *tlatocáyotl*. Não pudemos nos aprofundar nessa questão, que esperamos retomar em um momento futuro.

Entendendo que a expansão do sistema tributário mexica teria utilizado como um potencializador desse processo o método de incorporar e absorver senhorios com redes tributárias locais já estabelecidas, nesta pesquisa desenvolvemos a hipótese de que, nesse sistema de relações políticas, poderia ser útil para os mexicas a manutenção e o fortalecimento do poderio tlapaneca, desde que limitado ao âmbito regional, como um dos mecanismos que permitia a expansão da influência mexica indiretamente sobre uma série de cidades.

As análises que desenvolvemos sobre os registros tributários dos códices tlapanecas mostram um processo de tributação sempre crescente, e ainda que não seja possível localizar uma única e mesma categoria de eventos que justifiquem esses aumentos nas narrativas históricas, localizamos alguns casos em que os registros de conquistas empreendidas pela expansão do domínio de Tlapa em sua região estão associados ao aumento da tributação aos mexicas. Dessa maneira, em função das representações analisadas, concluímos que a narrativa tlapaneca de suas relações políticas e tributárias com os mexicas é

um caso que confirma a hipótese de que no sistema de domínio mexica haveria o mecanismo de manter autonomia das províncias.

Assim, entendemos que o império mexica conseguiu um processo de expansão rápida justamente por sua flexibilidade nas relações com os poderios locais, crescendo indiretamente ao manter certa autonomia nas cabeceiras das províncias, aproximando-se do conceito de um império de tipo hegemônico. No entanto, nos momentos em que consideravam necessário, os mexicas também poderiam matar os governantes locais, ou estabelecer forças bélicas mais permanentes, como no caso de pontos estratégicos de fronteiras com inimigos.

Concluimos que o Estado mexica assumiu um caráter de império justamente pelo elemento que os registros tributários revelam: a existência de um aparato de Estado centralizando uma rede tributária conquistada pela via bélica. Essa configuração de um império não se impôs necessariamente pelo domínio cultural, pois já havia um sistema de ideias e crenças compartilhadas pelos mexicas e os povos que eram por eles dominados. Também não se impôs necessariamente pela presença da língua nahuatl, pois, o interesse prioritário do domínio, a cobrança de tributos, poderia ocorrer sem essa imposição, bem como, tratavam-se de povos que possuíam, em geral, grande pluralidade linguística.

Portanto, concluimos que o sistema tributário era um dos pilares que sustentavam a estruturação do aparato estatal mexica como um sistema de império, intermediado por uma cosmovisão em comum entre os mexicas e os grupos por eles conquistados. Nesse sistema, os aspectos políticos, religiosos e econômicos estavam intrincadamente relacionados entre si para manter uma ordem social favorável à elite mexica, e que permitia, ainda assim, a manutenção das elites locais, como a elite tlapaneca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Fontes:

- Códice de Azoyú 1* (digitalizado). BRITO, Baltazar (curador do site). INAH & CONACULTA. Disponível em: <http://codices.inah.gob.mx/>
- Códice Azoyú 2*. VEGA SOSA, Constanza; OUDIIK, Michel R. *Códice Azoyú, 2. El señorío de Tlapa-Tlachinollan*. Los documentos de la región de la Montaña, Guerrero / invest. de Constanza Vega Sosa (primeira parte), Michel R. Oudijk (segunda parte); nota edit. de Xavier Noguez. — México: FCE, INAH, UNAM, IIF, 2012.
- Códice de Azoyú 2 - Anverso* (digitalizado). BRITO, Baltazar (curador do site). INAH; CONACULTA. Disponível em: <http://codices.inah.gob.mx/>
- Códice Bodley*. A Painted Chronicle from the Mixtec Highlands, México. Jansen, Maarten; Pérez Jiménez, Gabina Aurora. Oxford: Bodleian Library. 2005.
- Códice Fejérváry-Mayer*. ANDERS, Ferdinand et al. El libro de Tezcatlipoca, señor del tiempo. Libro explicativo del llamado Códice Fejérváry-Mayer. Áustria: ADV; México: FCE, 1994 (Códices Mexicanos VII).
- Códice Humboldt Fragmento 1*. GUTIERREZ, Gerardo. *Códice Humboldt Fragmento 1 Ms. amer. 2 y Códice Azoyú 2 Reverso : Nómina de tributos de Tlapa y su provincia al Imperio Mexicano* / Gerardo Gutiérrez, Viola König, Baltazar Brito. México: CIESAS : Stiftung Preussischer Kulturbesitz, 2009. Volume I (Estudio de la Nómina de Tributos) - Disponível em: [http://www.academia.edu/5049415/Codice\\_Humboldt\\_Fragmento\\_1\\_Ms.\\_amer.\\_2\\_and\\_Codice\\_Azoyu\\_2\\_Reverso\\_Estudio\\_de\\_la\\_Nomina\\_de\\_Tributos\\_de\\_Tlapa\\_y\\_su\\_Provincia\\_al\\_Imperio\\_Mexicano\\_Volume\\_II\\_\(Facsimil\) - Disponível em: https://www.academia.edu/5049460/Facsimil\\_Codice\\_Humboldt\\_Fragmento\\_1\\_Ms.\\_amer.\\_2\\_and\\_Codice\\_Azoyu\\_2\\_Reverso.\\_Codex\\_Azoyu\\_2\\_and\\_Codex\\_Humboldt](http://www.academia.edu/5049415/Codice_Humboldt_Fragmento_1_Ms._amer._2_and_Codice_Azoyu_2_Reverso_Estudio_de_la_Nomina_de_Tributos_de_Tlapa_y_su_Provincia_al_Imperio_Mexicano_Volume_II_(Facsimil) - Disponível em: https://www.academia.edu/5049460/Facsimil_Codice_Humboldt_Fragmento_1_Ms._amer._2_and_Codice_Azoyu_2_Reverso._Codex_Azoyu_2_and_Codex_Humboldt)
- Códice Mendoza*. BERDAN, Frances; ANAWALT, Patrícia (ed.). *Codex Mendoza*. Volume I. Interpretation of Codex Mendoza. Volume II. Description of Codex Mendoza. Volume III. A facsimile reproduction of Codex Mendoza. Volume IV. Pictorial parallel image replicas of Codex Mendoza, with transcriptions and translations of the Spanish commentaries and translations of the Spanish glosses. Berkeley: University of California Press, 1992.
- Códice Mendoza* (digitalizado). BERDAN, Frances; BRITO, Baltazar (curadoria). Imagens em alta resolução cedidas pela Biblioteca Bodleiana, Oxford. Interpretação do código a partir do livro *The essential Codex Mendoza*, Berkeley: University of California Press, 1997. Iconografia INAH, 2014; Arqueología Mexicana, 2014. Disponível em: <http://www.codicemendoza.inah.gob.mx/>
- Códice Selden* (digitalizado). Edição fac-similar disponível para consulta no site da Fundación para el Avance de los Estudios Mesoamericanos (FAMSI): [http://www.famsi.org/spanish/research/pohl/jpcodices/selden/scene\\_by\\_scene.htm](http://www.famsi.org/spanish/research/pohl/jpcodices/selden/scene_by_scene.htm)
- Códice Telleriano-Remensis*. Codex Telleriano Remensis. Ed. Facsimilar, Eloise Quiñones Keber (ed); foreword by Emmanuel Le Roy Ladurie; illustrations by Michel Besson. Austin: University of Texas Press, 1995.
- Historia general de las cosas de Nueva España*. Escrita por Fray Bernardino de Sahagún, franciscano y fundada en la documentación en lengua mexicana recogida por los mismos naturales. La dispuso para la prensa en esta nueva edición, con numeración, anotaciones y apéndices Ángel María Garibay K. 11º edición, 2º reimpressão. México: Editorial Porrúa, 2016.

*Lienzo de Tlapa* (digitalizado). BRITO, Baltazar (curador do site). INAH; CONACULTA. Disponível no site Códices: <http://codices.inah.gob.mx/>  
*Matrícula de tributos* (digitalizado). BRITO, Baltazar (curador do site). INAH; CONACULTA. Disponível no site Códices: <http://codices.inah.gob.mx/>

## 2. Obras de referência:

BERDAN, Frances; SMITH, Michael. *The Post-Classic Mesoamerican World*. Utah: University of Utah Press, 2003.  
 CARRASCO, Pedro. *Estructura político territorial del Imperio tenochca la triple alianza de Tenochtitlan, Tetzaco y Tlacopan*. 1ª ed. México: Colegio de México, Fideicomiso Historia de las Américas, Fondo de Cultura Económica. 1996.  
 DUMBARTON OAKS (vários autores). *Aztec imperial strategies*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, c1996.  
 GUTIERREZ, Gerardo; BRITO, Baltazar. *Codex Azoyú 2: Política y territorio en el señorío de Tlapa-Tlachinollan, siglos XIV- XVI*. México: INAH. 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/17817681/P%C3%B3litica\\_y\\_Territorio\\_en\\_el\\_Se%C3%B1or%C3%ADo\\_de\\_Tlapa\\_Siglo\\_16\\_El\\_C%C3%B3dice\\_Azoy%C3%BA\\_2](https://www.academia.edu/17817681/P%C3%B3litica_y_Territorio_en_el_Se%C3%B1or%C3%ADo_de_Tlapa_Siglo_16_El_C%C3%B3dice_Azoy%C3%BA_2)  
 MOLINA, Alonso de. *Vocabulario en lengua castellana y mexicana y mexicana y castellana*. Estudo preliminar Miguel León Portilla. 6ª edição. México: Editorial Porrúa, 2013 (Biblioteca Porrúa nº. 44).  
 SIMÉON, Rémi. *Diccionario de la lengua nahuatl o mexicana - redactado según los documentos impresos y manuscritos más auténticos y precedido de una introducción*. Tradução de Josefina Oliva Coll. 9ª edição em espanhol. México e Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1992 (Colección América Nuestra, nº. 1).  
 SULLIVAN, Thelma D. *Compendio de la gramática nahuatl*. Prefácio Miguel León-Portilla. 2ª edição. México: IIH – UNAM, 1998 (Serie Cultura Nahuatl – Monografías, 18).  
 WAUCHOPE, Robert; CLINE, Howard F. *Handbook of Middle American Indians*. Austin e Londres: University of Texas Press, vol. 14 e 15.

## 3. Artigos, livros e revistas:

ANDERS, Ferdinand; JANSEN, Maarten; REYES GARCÍA, Luis. *El Libro de Tezcatlipoca, el Señor del Tiempo*. Libro explicativo del llamado Códice Fejerváry-Mayer. ADEVA & FCE, 1994.  
 APOLINAR ANTONIO, Benito, et al. *Vocabulario básico en me'phaa*. SIL - Mexico Electronic Working Papers, 9. 2010. Disponível em: <http://www.sil.org/mexico/workpapers/WP009e-VocabularioMe'phaa-tcf-tpl-tpx-tpc-sut.pdf>  
*Arqueología Mexicana*. Edição temática: El tributo en la economía prehispánica. México: Editorial Raíces - INAH, nov-dic. 2013, Volume XXI, número 124.  
*Arqueología Mexicana*. Edição temática: El oro en Mesoamérica. México: Editorial Raíces - INAH, marzo-abril 2017, Volume XXIV, número 144.  
*Arqueología Mexicana*. Edição especial Códices nº 18: El Tonalámatl de los Pochtecas (Códice Fejerváry-Mayer). México: Editorial Raíces, marzo de 2005.  
 BERDAN, Frances. La organización del tributo en el Imperio Azteca. *Estudios de Cultura Nahuatl*, nº 12. 1976. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn12/174.pdf>

- \_\_\_\_\_ Tres formas de intercambio de la economía azteca. In: Pedro Carrasco y Johanna Broda (eds.). *Economía política e ideología en el México prehispánico*. México, Ed. Nueva Imagem, 1980, pp. 75-95.
- \_\_\_\_\_ *The Aztecs of Central Mexico: an imperial society*. New York Holt, Rinehart & Winston, c1982.
- \_\_\_\_\_ Economic dimensions of precious metals, stones and feathers: the aztec state society. *Estudios de Cultura Nahuatl*, n° 22. 1992: pp. 291-323. Disponible em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn22/391.pdf>
- BRAVO, Isabel Bueno. Objetivos economicos y estrategia militar en el imperio azteca. *Estudios de cultura nahuatl*, n° 44, julio-diciembre 2012, pp. 135 - 163. Disponible em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/ecn/v44/v44a5.pdf>
- \_\_\_\_\_ Las guerras floridas. *Revista de Historia Militar*. Instituto de Historia y Cultura Militar. Ministerio de Defensa. N° 106, 2009, pp. 11-34. Disponible em: <http://www.isabelbueno.es/index.php/component/attachments/download/16>
- \_\_\_\_\_ Roma y México-Tenochtitlan: análisis comparativo y resultados. *Anales del Museo de América* 14. 2006. pp. 27-44.
- \_\_\_\_\_ El sistema de control en el imperio azteca. *Revista Española de Control Externo*, volume VI, n° 17, 2004: pp. 217-242. Disponible em: <http://www.isabelbueno.es/index.php/component/attachments/download/4>
- BRODA, Johanna. Ofrendas mesoamericanas en una perspectiva comparativa. In: *Convocar a los dioses* (J. Broda, coord.). UNAM, 2016, pp. 531-582.
- BROTHERSTON, Gordon. *Feather Crown. The Eighteen Feasts of the Mexica Year*. England: British Museum Research Publication, n° 154. 2005.
- \_\_\_\_\_ Sacerdotes, agricultores, guerreros: un modelo tripartita de historia mesoamericana. *Estudios de cultura nahuatl*, n° 19. México. 1989, pp. 95-106. Disponible em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn19/305.pdf>
- CANTÚ, Félix Ramírez; LOO, Peter Van der. Dos mitos tlapanecos de Malinaltepec. *Tlalocan*, XVII. 2010, pp. 61-82.
- CARRASCO, Pedro. La jerarquía cívico-religiosa de las comunidades mesoamericanas: antecedentes prehispánicos y desarrollo colonial” *American Anthropologist*, vol. 63 (1961); pp. 483-497. Disponible em: [http://www.ciesas.edu.mx/publicaciones/clasicos/00\\_CCA/Articulos\\_CCA/CCA\\_PDF/034\\_CARRASCO\\_La%20jerarquia\\_civico\\_religiosa.pdf](http://www.ciesas.edu.mx/publicaciones/clasicos/00_CCA/Articulos_CCA/CCA_PDF/034_CARRASCO_La%20jerarquia_civico_religiosa.pdf)
- CARRASCO, Pedro; MONJARÁS-RUIZ, Jesús. La estructura interna de la Triple Alianza. *Arqueología mexicana*, jul-ago 1998, volumen IV, n° 32, pp. 42-49.
- CHASE, Arlen F., CHASE, Diane Z., e SMITH, Michael E. States and Empires in Ancient Mesoamerica. In: *Ancient Mesoamerica*, 20. Cambridge University Press, 2010. pp. 175-182.
- CLENDINNEN, Inga. *Aztecas. Una interpretación*. Traducción: Alejandro Usigli. México: Editorial Patria, bajo el sello de Nueva Imagen. 1998.
- CONRAD, Geoffrey W.; DEMAREST, Arthur A. *Religion and empire. The dynamics of Aztec and Inca expansionism*. New York: Cambridge University Press. 1984, reprinted 2005.
- DEHOUE, Daniele. La concepción politico-religiosa de la vida y de la muerte: el caso tlapaneco. In: María del Carmen Valverde, Johannes Neurath y Perig Pitrou (coords.), *La noción de vida en Mesoamérica. Etnoclasificación, teorías de la persona y comunidad*. Centro de Estudios Mesoamericanos y Centroamericanos, Centro de Estudios Mayas/UNAM, México, 2011, p. 289-306. Disponible em:

- [http://www.danieledehouve.com/images/articles/CONCEPCION\\_POLITICO-RELIGIOSA\\_](http://www.danieledehouve.com/images/articles/CONCEPCION_POLITICO-RELIGIOSA_)
- Enciclopedia Guerrerense*. Guerrero Cultural Siglo XXI, A.C. Disponible no site do Museu de Tlapa de Comonfort: <http://museotlappan.tics-tlapa.com/historia-de-tlapa-de-comonfort/>
- FENOGLIO LIMÓN, Fiorella. *Minería en la cultura Chalchihuites. Un modelo para armar*. México: INAH. 2011.
- GARCÍA MARTÍNEZ, Bernardo. El altépetl o pueblo de índios. Expresión básica del cuerpo político mesoamericano. *Arqueología mexicana*, jul-ago 1998, vol. IV, n° 32, pp. 58-65.
- GUTIERREZ, Gerardo. Investigaciones etnohistóricas y arqueológicas en el oriente de Guerrero. Una descripción de los factores y procesos geográficos, políticos y económicos asociados al surgimiento del estado en la región tlapaneca-mixteca-nahua. *Por los caminos del sur... Suplemento 38 del Boletín Diario de Campo*. 2006, pp. 131-139. Disponible em: [https://www.academia.edu/17933494/Surgimiento\\_del\\_Estado\\_en\\_la\\_Regi%C3%B3n\\_Tlapaneca](https://www.academia.edu/17933494/Surgimiento_del_Estado_en_la_Regi%C3%B3n_Tlapaneca)
- \_\_\_\_\_ Negotiating Aztec Tributary Demands in the Tribute Record of Tlapa. In: HIRTH, Kenneth; PILLSBURY, Joanne (eds.). *Merchants, Markets and Exchange in the Pre-Columbian World*. Washington, D.C.: 2013, pp. 141 - 168. Volume based on papers presented at the Pre-Columbian Studies symposium “Merchants, Trade, and Exchange in the Pre-Columbian World,” held at Dumbarton Oaks Research Library and Collection, Washington, D.C., on October 8–9, 2010.
- \_\_\_\_\_ Aztec Battlefields of Eastern Guerrero: An Archaeological and Ethnohistorical Analysis of the Operational theater of the Tlapanec War. In: ANDREW K. SCHERER; JOHN W. VERANO (ed). *Embattled bodies, embattled places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2014. Disponible em: [https://www.academia.edu/6884681/Aztec\\_Battlefields\\_of\\_Eastern\\_Guerrero\\_An\\_Archaeological\\_and\\_Ethnohistorical\\_Analysis\\_of\\_the\\_Operational\\_Theater\\_of\\_the\\_Tlapanec\\_War](https://www.academia.edu/6884681/Aztec_Battlefields_of_Eastern_Guerrero_An_Archaeological_and_Ethnohistorical_Analysis_of_the_Operational_Theater_of_the_Tlapanec_War)
- GUTIERREZ, Gerardo; MEDINA, Constantino. *Toponimia nahuatl en los códices Azoyú 1 y 2: Un estudio crítico de los nombres de lugar de los antiguos señoríos del oriente de Guerrero*. México: CIESAS. 2008. Disponible em: [https://www.academia.edu/5049025/Toponimia\\_Nahuatl\\_en\\_los\\_Codices\\_Azoyu\\_1\\_Azoyu\\_2\\_Palimpsesto\\_de\\_Veinte\\_Mazorcas\\_Lienzo\\_de\\_Chiepetlan\\_1\\_Un\\_Estudio\\_Critico\\_de\\_los\\_nombres\\_de\\_lugar\\_de\\_los\\_antiguos\\_se%C3%B1or%C3%ADos\\_del\\_oriente\\_de\\_Guerrero](https://www.academia.edu/5049025/Toponimia_Nahuatl_en_los_Codices_Azoyu_1_Azoyu_2_Palimpsesto_de_Veinte_Mazorcas_Lienzo_de_Chiepetlan_1_Un_Estudio_Critico_de_los_nombres_de_lugar_de_los_antiguos_se%C3%B1or%C3%ADos_del_oriente_de_Guerrero)
- HASSIG, Ross. La guerra en la antigua Mesoamérica. *Arqueología mexicana*, marzo-abril 2007, volumen XIV, n° 84, pp. 32-40.
- HERRERA MEZA, María del Carmen; LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; BARACS, Rodrigo Martínez. El nombre nahuatl de la Triple Alianza. *Estudios de Cultura Nahuatl*, vol. 46, julio-diciembre de 2013, pp. 7-35.
- LÉON-PORTILLA, Miguel. *Códices: os antigos livros do Novo Mundo*. Santa Catarina: Editora UFSC, 2012.
- \_\_\_\_\_ A Mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina: América Latina Colonial. Volume I*. Tradução Maria Clara Cescato – 2ª ed. 3ª reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. pp. 25-62.

- MANZANILLA, Linda; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México – vol. III – El horizonte Posclásico*. 2ª edição, México: INAH; IIA – UNAM; Miguel Ángel Porrúa, 2001.
- MARTINS, E. H. G. *Produção, usos e transformações das histórias coloniais mexicas (séculos XVI e início do XVII)*. XXIX Simpósio Nacional de História, 2017.
- MOHAR BETANCOURT, Luz María. *La escritura en el México antiguo*. Volumes I e II. México, D.F.: Plaza y Valdés Casa Abierta al Tiempo, Unidad Xochimilco, 1990.
- NAVARRETE LINARES, Federico. *Los libros quemados y los libros sustituidos*. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public\\_html/biblioteca/artigos/fn-a-e-livrosquei.html](http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/artigos/fn-a-e-livrosquei.html)
- OCHOA, Lorenzo. La vara, el abanico y el tiburón: denotación del poder político-religioso en la Costa del Golfo. In: OLIVIER, Guilhem (coord.). *Símbolos de poder en Mesoamérica*. UNAM, 2008. pp. 133-192.
- QUIÑONES KEBER, Eloise. La representación sobre papel del poder entre los mexicas. In: OLIVIER, Guilhem (coord.). *Símbolos de poder en Mesoamérica*. UNAM, 2008. pp. 175-192.
- REYES GARCÍA, Luis; ODENA GÜEMES, Lina. La zona del Altiplano Central en el Posclásico: la etapa chichimeca. In: MANZANILLA, Linda; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México – vol. III – El horizonte Posclásico*. 2ª edição, México: INAH; IIA – UNAM; Miguel Ángel Porrúa, 2001. pp. 237–276.
- RODRÍGUEZ, María Concepción Obregón. La zona del Altiplano central en el Posclásico: la etapa de la Triple Alianza. In: MANZANILLA, Linda; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México – vol. III – El horizonte Posclásico*. 2ª edição, México: INAH; IIA – UNAM; Miguel Ángel Porrúa, 2001. pp. 277-317.
- ROJAS, José Luís. El abastecimiento de Tenochtitlan: un modelo probablemente poco modélico. In: *Reconstruyendo la ciudad maya: el urbanismo en las sociedades antiguas / coord. por Andrés Ciudad Ruiz, María Josefa Iglesias Ponce de León, María del Carmen Martínez Martínez*, 2001. pp. 491 - 501. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=348079>
- ROMERO FRIZZI, María de los Ángeles. Los zapotecos, la escritura y la historia. In: *Escritura zapoteca. 2500 años de historia*. María de los Ángeles Romero Frizzi (coord), México: CIESAS; Miguel Ángel Porrúa; CONACULTA; INAH, 2003. pp. 13-69.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os sistemas mesoamericanos de escritura. In: BERTAZONI, Cristiana; SANTOS, Eduardo Natalino dos; FRANÇA, Leila Maria (org.). *História e arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017. pp. 73 - 96.
- \_\_\_\_\_ As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. *História Unisinos*, 18(2), pp. 218-232, maio-agosto de 2014.
- \_\_\_\_\_ *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.
- \_\_\_\_\_ Os Códices mexicas: Soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, nº 14, 2004. pp. 241–258. Disponível em: [http://200.144.182.130/cema/images/stories/pdf/241\\_a\\_258eduardonatalinodossantos.pdf](http://200.144.182.130/cema/images/stories/pdf/241_a_258eduardonatalinodossantos.pdf)
- \_\_\_\_\_ Usos historiográficos dos códices mixteco-nahuas. *Revista de História*. Departamento de História FFLCH–USP, nº 153. São Paulo, 2005. pp. 69–115. Disponível em: [http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/153/RH-153\\_-\\_Eduardo\\_Natalino\\_dos\\_Santos.pdf](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/153/RH-153_-_Eduardo_Natalino_dos_Santos.pdf)

- \_\_\_\_\_ As tradições históricas indígenas diante da conquista e colonização da América. *Revista de História*, nº 150 (1º - 2004), pp. 157-207. Disponível em: [http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/150/RH\\_150\\_-\\_Eduardo\\_Natalino\\_dos\\_Santos.pdf](http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/150/RH_150_-_Eduardo_Natalino_dos_Santos.pdf)
- SMITH, Michael E. El desarrollo económico y la expansión del Imperio Mexica: una perspectiva sistémica. *Estudios de Cultura Nahuatl*, 16. 1983. pp. 135 - 164. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn16/248.pdf>
- SMITH, Michael E.; SERGHERAERT, Maelle. The Aztec Empire. In: NICHOLS, Deborah L.; POOL, Christopher A. (eds.). *The Oxford Handbook of Mesoamerican Archaeology*. New York: Oxford University Press, 2012. Capítulo 31 - pp. 449-458. Disponível em: [https://www.academia.edu/20020618/\\_The\\_Aztec\\_Empire\\_2012\\_](https://www.academia.edu/20020618/_The_Aztec_Empire_2012_)
- TAUBE, Karl. Teotihuacan and the development of writing in Early Classic Central México. In: HILL BOONE, Elizabeth; URTON, Gary (eds.). *Their way of writing. Scripts, signs, and pictographies in Pre-Columbian America*. Dumbarton Oaks, 2011. pp. 77-109.
- VEGA SOSA, Constanza. Tributación y festivales: Códices Azoyú 2 y Humboldt Fragmento 1. *Estudios de Cultura Nahuatl* 23, 1993. Ponencia presentada en el Simposio sobre Religiones Comparadas, Universidad del Valle de México, Querétaro, diciembre de 1991. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn23/411.pdf>
- VILLELA FLORES, Samuel; JIMÉNEZ GARCÍA, Elizabeth. Paquetes sagrados en Guerrero, ayer y hoy. *Arqueología mexicana*, noviembre-diciembre 2011, volumen XIX, nº 112, pp. 70-75.
- WIESHEU, Walburga. La zona oaxaqueña en el Preclásico. In: MANZANILLA, Linda; LÓPEZ LUJAN, Leonardo (org.) *Historia antigua de México*. Vol I, 2000. pp. 407-425.
- WILLIAMS, Eduardo; WEIGAND, Phil C. Introducción. In: Williams, Eduardo (ed.), *Bienes estratégicos del antiguo occidente de México. Producción e intercambio*. Zamora, El Colegio de Michoacán, 2004, pp. 13-31.
- ZANTWIJK, Rudolf van. El concepto del 'Imperio Azteca' en las fuentes históricas indígenas. *Estudios de Cultura Nahuatl*, 20. 1990. pp. 201 - 211. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn20/339.pdf>

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Glossário de nahuatl

*Acatl*: junco. Um dos vinte signos que nomeiam os dias. Um dos quatro portadores do ano no calendário mexica.

*Amatl*: papel. MOLINA, 2013, p. 5. Papel de origem vegetal de planta de mesmo nome, chamado atualmente de papel amate.

*Amoxtili*: traduzido ao espanhol como livro de escritura. MOLINA, 2013, p. 6.

*Altepetl*, plural *altepeme*: pode ser traduzido por povoado, cidade, estado. SIMÉON, 1992, p. 21.

*Cacahuatl*: cacau.

*Calli*: casa. Um dos vinte signos que nomeiam os dias. Um dos quatro portadores do ano no calendário mexica.

*Calmecac*: escola para membros da elite, que recebiam a educação bélica e sacerdotal. Segundo vocabulário de Ángel María Garibay, *calmecac* seria um locativo (letra “c” final”) de *calmecatl* e significaria “fileira de casas” Ele acrescenta “Nombre de los institutos e educación superior”. SAHAGÚN, 2016, p. 892.

*Calpixcacalli* – “*Casa de los mayordomos. Estancia en que residían estos en el palacio.*” Vocabulário de Ángel María Garibay em SAHAGÚN, 2016, p. 892.

*Calpixcayotl* – “*Mayordomía. Cargo u oficio de los intendentes reales o religiosos.*” Vocabulário de Ángel María Garibay em SAHAGÚN, 2016, p. 892.

*Calpixqui*, plural *calpixque*: traduzido para o espanhol como mayordomo, intendente, administrador. SIMÉON, R. 1992, p. 62. No Vocabulário formulado por Ángel María Garibay aparece “*Guarda casa. Nombre de un funcionario encargado de algunas agencias en el palacio, o en el templo, de la celebración de fiestas, o parte ritual de ellas.*” SAHAGÚN, 2016, p. 892. Guarda casa seria uma tradução etimológica do termo, já que *calpixqui* teria sua origem nas palavras *calli*, casa, e no verbo *pia*, guardar algo. Portanto o *calpixqui* seria o que guarda a casa.

*Calpulli* ou *calpolli*, plural *calpultin*: traduzido ao espanhol como bairro, aldeia. SIMÉON, 1992, pp. 62, 63.

*Cexiuhtica*: significa uma vez por ano, a cada um ano, anualmente. Deriva da combinação das palavras: *ce* que significa um (1), *xiuh* que significa ano, a ligadura *ti* e a terminação *ca* que indica duração. SULLIVAN, 1998, p. 147.

*Chalchihuitl*: jade; pedras de tonalidade verde.

Chichimeca: termo que designava grupos da região da Aridoamérica (norte do México e sul dos EUA), com as seguintes características: nômades, com pouca prática da agricultura, alimentação baseada na caça, e uso de vestimentas de peles de animais.

*Chocolatl*: chocolate. Espécie de bebida produzida na Mesoamérica à base de cacau.

*Copalli*: copal; é uma resina extraída de árvores usada pelos mesoamericanos, entre outras coisas, como incenso. Assim, a bolsa de copal é um objeto para guardar este material.

*Ehecatl*: vento. Deidade do vento. Um dos vinte signos que nomeiam os dias. Um dos quatro portadores do ano no calendário tlapaneca.

Etzalcualiztli: uma das quatro vintenas em que ocorria tributação dos tlapanecas aos mexicas. Celebração dedicada aos tlaloque (entidades da chuva) que ocorria por volta de maio.

*Huauhtli*: amaranto.

*Huipilli*: tipo de veste feminina.

Nahua: grupos indígenas falantes do idioma nahuatl.

Macehuales: é a espanholização da palavra *macehualtin*, plural de *macehualli*.

*Macehualli*, plural *macehualtin*: é traduzido ao espanhol como vassalo, homem do povo, camponês, subordinado. SIMÉON, R. 1992, p. 244.

*Malcalli*: segundo Sahagún, sala do palácio denominada casa dos cativos, onde os cativos feitos em guerra ficavam aguardando serem sacrificados. SAHAGÚN, 2016, p. 450.

*Malinalli*: erva. Um dos vinte signos que nomeiam os dias. Um dos quatro portadores do ano no calendário tlapaneca.

*Mazatl*: veado. Um dos vinte signos que nomeiam os dias. Um dos quatro portadores do ano no calendário tlapaneca.

*Maxtlatl*: é uma peça de roupa masculina que cobre apenas a área genital, espécie de tanga com uma tira de tecido na frente.

Mexica: nome de grupo étnico que habitava a cidade de México-Tenochtitlán localizada em uma ilha no lago Texcoco, no Altiplano Central.

Mixteca: nome de grupo étnico que habitava região de mesmo nome, na parte ocidental do atual estado de Oaxaca.

*Nappoualtica*: significa a cada 80 dias ou a cada 4 vintenas. Deriva da combinação da palavra *nappoualli* que significa 80 (literalmente 4 vintenas ou 4 vezes 20), com a terminação ‘ca’, que associada a nomes de dias e a números indica época ou duração. SULLIVAN, 1998, p. 147. A sílaba intermediária ‘ti’ é uma ligadura entre o substantivo e a terminação, utilizada frequentemente em nahuatl pela questão da sonoridade das palavras. SULLIVAN, 1998, p. 138.

*Nemontemi*: designa os cinco dias vazios que completariam o ciclo do ano solar de 365 dias. Em Simeón, o termo vem da junção das palavras *nen* que significa “em vão” e *temi* que significa “estar repleto”. SIMEÓN, 1992, p. 325.

*Ochpaniztli*: uma das quatro vintenas em que ocorria tributação dos tlapanecas aos mexicas. Celebração dedicada a Teteo innan ou Toci que ocorria por volta de agosto e setembro.

*Ollin*: movimento. Um dos vinte signos que nomeiam os dias. Um dos quatro portadores do ano no calendário tlapaneca.

*Olmeca*: nome de grupo étnico que habitava partes do estado de Veracruz, na costa do Golfo.

*Panquetzaliztli*: uma das quatro vintenas em que ocorria tributação dos tlapanecas aos mexicas. Celebração a Huitzilopochtli que ocorria por volta de novembro.

*Petate*: espanholização da palavra *petlatl* que significa tanto o nome da planta usada para fazer esteiras quanto significa esteira.

*Petlacalco*: segundo Vocabulário de María Garibay, *petlacalco* significa “*en el cofre, en la caja*”. SAHAGÚN, 2016, p. 913. Segundo Sahagún, seria o armazém do palácio onde ficavam guardados os alimentos tributados. SAHAGÚN, 2016, p. 449.

*Pilli*, plural *pipiltin*: traduzido para o espanhol como nobre, senhor, homem de qualidade, fidalgo. Outro significado de *pilli* é filho, e alguns dos termos relacionados com essa mesma raiz aparecem com o significado de ter uma origem nobre. SIMEÓN, 1992, pp. 382- 384, 389.

*Pochtecatl*, plural *pochteca*: mercador.

*Quecholli*: espécie de pássaro.

*Quiyahuitl*: chuva ou aguaceiro. Outras possíveis grafias para a palavra *quiyahuitl* são: *quiauitl*, *quiyauitl*, *quiahuitl* e *qyahuitl*. *Quiauitl* em MOLINA, 2013, p. 90.

*Teccalli*: traduzido ao espanhol como casa real, palácio, tribunal civil. SIMEÓN, 1992, p. 442.

*Tecpatl*: faca, punhal de pedernal (de pedra). Um dos vinte signos que nomeiam os dias. Um dos quatro portadores do ano no calendário mexica.

*Tecutli* ou *teuctli*: traduzido ao espanhol como nobre, fidalgo, senhor, alto personagem, primeiro magistrado de uma cidade. SIMEÓN, 1992, p. 454.

*Tecomate*: espanholização da palavra *tecomatl*.

*Tecomatl*: espécie de xícara para beber chocolate. Nas glosas em castelhano também aparece como “*calabazas*”.

*Telpochcalli*: escola para jovens que ensinava as artes bélicas. O termo vem da junção das palavras *telpochtli* que significa “moço” e *calli* que significa “casa”, literalmente seria a casa dos moços. *Telpochtli* em MOLINA, 2013, p. 97. *Telpochcalli* em SIMÉON, 1992, p. 465.

*Teotl*, plural *teteo*: usualmente traduzido como deus ou deusa. Muitos autores mesoamericanistas têm debatido qual seria o caráter dos *teotl*, propondo o uso de outros termos como divindades, entidades ou potências.

Tepaneca: nome de grupo étnico que habitava a cidade de Azcapotzalco, localizada no entorno do lago Texcoco, no Altiplano Central.

*Tepotzoicpalli*: literalmente assento com encosto. Formado da junção das palavras *tepotztli* que significa costas ou parte traseira e *icpalli* que significa assento. *Teputztl* em MOLINA, 2013, p. 104. *Icpalli* em MOLINA, 2013, p.34. O *tepotzoicpalli* é um tipo de assento feito de fibra de plantas, como a enea, composto de duas peças: uma esteira e um encosto. Seu uso é associado nos códices a governantes e personagens importantes ou com poder político, enquanto o uso apenas da esteira seria de uso mais geral da população.

*Tequiamatl*: termo que reúne as palavras *tequitl*, tributo e *amatl*, livro de papel amate. É importante observar que este termo pode ter surgido já no período colonial. LÉON-PORTILLA, Miguel. *Códices*. 2012, p. 226.

*Tequihua*, plural *tequihuaque*: traduzido ao espanhol como guerreiro valente. SIMEÓN, 1992, p. 512. O termo deriva da junção das palavras *tequitl* que significa tributo e o sufixo possessivo *hua* que significa ‘dono de, o que tem’, portanto o *tequihua* é aquele que tem o tributo, ou seja, tem o direito de recebê-lo. Sufixo *hua* em SULLIVAN, 1998, pp. 33-35.

*Tequio*: é uma corruptela de *tequitl*, ‘tributo’.

*Tequitl*: traduzido ao espanhol como tributo, imposto, trabalho, emprego, funções, cargo, dever, embargo. SIMÉON, R. 1992, pp. 511- 512.

*Tequitlato*: traduzido ao espanhol como “*mandon o merino, o el que tiene cargo de repartir el tributo o el tequio a los macehuales*”. MOLINA, 2013, p. 106.

*Teucyotl*: traduzido ao espanhol como senhorio, aristocracia, tudo concernente à nobreza, aos grandes. SIMÉON, 1992, p. 538.

*Tilmatli*: tipo de manta simples.

*Tlacalaquilli*: traduzido ao espanhol como tributo, imposto, renda. SIMÉON, 1992, pp. 556-557.

Tlacatectli: corruptela do termo *tlacatecutli*.

*Tlacatecutli*: traduzido ao espanhol como senhor, dono, soberano. O termo deriva da junção de ‘*tlacatl*’ que significa homem, pessoa, e ‘*tecutli*’ que significa senhor. SIMEÓN, 1992, p. 560. Na glosa em espanhol no *Códice Mendoza* (f. 17v e 18r) o termo aparece traduzido como “governador”.

Tlacaxipehualiztli: uma das quatro vintenas em que ocorria tributação dos tlapanecas aos mexicas. Celebração dedicada a Xipe Totec que ocorria entre fevereiro e março.

*Tlacuilo*, plural *tlacuiloque*: traduzido ao espanhol como escrivão, ou pintor. MOLINA, 2013, p. 120.

*Tlalpiloni*: traduzido ao espanhol como adorno da cabeça que servia para atar os cabelos. SIMEÓN, 1992, p. 603.

Tlapaneca: nome de grupo étnico que habitava a cidade e senhorio de Tlapa-Tlachinollan.

*Tlapoualamoxtli*: em Molina “*libro de cuentas*”, que deriva da palavra *tlapoualli*, “*cosa numerada y contada, o cosa leyda*”, e da palavra *amoxtli*, que significa livro. MOLINA, 2013, p. 132. Não localizamos o uso desse termo nas fontes, e ele pode ter surgido já no período colonial.

*Tlaquimilolli*: traduzido ao espanhol como recoberto, envolto, atado. SIMEÓN, 1992, p. 648. Refere-se a um tipo de pacote com diversos objetos dentro, envolto por um tecido e atado.

*Tlatoa*: verbo. Falar algo. MOLINA, 2013, p. 140

*Tlatoani*, plural *tlatoque*: traduzido ao espanhol como orador, grande senhor. MOLINA, 2013, p. 140. Governante máximo dos mexicas, nos documentos coloniais costuma ser associado ao termo rei.

*Tlatocayotl*: traduzido ao espanhol como senhorio, estado, reino, coroa, patrimônio; dignidade, grandeza, genealogia; eloquência, o relativo ao orador. SIMEÓN, 1992, p. 674.

*Tlatoloyan*: traduzido ao espanhol como “*lugar de reunión, donde se tratan los negocios.*” SIMEÓN, 1992, p. 679.

*Tlatoque*: traduzido ao espanhol como senhores, caciques ou principais. MOLINA, 2013, p. 142. É o plural de *tlatoani*.

*Tochtli*: coelho. Um dos vinte signos que nomeiam os dias. Um dos quatro portadores do ano no calendário mexica.

Tolteca: os habitantes de uma cidade do início do Pós-clássico chamada Tollan ou Tula. O termo adquiriu o significado de “artesão, artista”, conforme SIMEÓN, 1992, p. 713.

*Tonalli*: termo que designa os vinte signos do calendário, também significa dia e alma. Em Molina está como “*calor del sol, o tiempo de estio*”. MOLINA, 2013, p. 149. Os vinte *tonalli* são: jacaré, vento, casa, lagarto, serpente, morte, veado, coelho, água, cachorro, macaco, erva, junco / cana, jaguar, águia, urubu / abutre, movimento, punhal de pedernal (de pedra), chuva e flor.

*Tonalpohualli*: calendário que nomeia os dias combinando 13 numerais e 20 signos. Termo que vem do verbo *tonalpoa* que significa “adivinhar, predizer; contar as festas segundo calendário mexicano”. *Tonalpoa* em SIMEÓN, 1992, p. 716.

*Totocalli*: literalmente significa casa dos pássaros. Segundo Sahagún era uma sala do palácio além de ficarem guardados vários pássaros, era onde trabalhavam uma série de artesãos do palácio como ferreiros, artífices das plumas, lapidários e pintores. SAHAGÚN, 2016, p. 450.

Xihuitl ou xiutl: ano, cometa, turquesa, folha. SIMEÓN, 1992, p. 770.

*Xiquipilli*: saco, bolsa. Também indica o numeral oito mil.

*Xiuhmolpilli*: ciclo de 52 anos dos calendários mesoamericanos.

Zapoteca: nome de grupo étnico que habitava a região oriental do atual estado de Oaxaca.

## APÊNDICE B - Transcrição dos registros tributários tlapanecas

Aqui devemos destacar que já foram realizadas anteriormente sistematizações e análises desses registros tributários tlapanecas, como no trabalho de Gerardo Gutierrez, Viola König e Baltazar Brito (2009, pp. 91 - 101), que consultamos e incluímos em nossa bibliografia. Dos métodos propostos por estes autores adotamos a forma de nomear os fólhos, as linhas e as células, de modo que ao consultar-se e comparar-se nossas tabelas e as deles seja mais fácil e padronizado localizar as informações para cada período. Porém, a sistematização dos dados que fizemos nesta pesquisa e a sistematização dos autores citados apresentam quatro diferenças relacionadas aos métodos utilizados para trabalhar os dados quantitativos, que explicamos abaixo:

(a) a tabelação dos dados proposta por estes autores preenche as lacunas dos períodos para os quais não há registro (ausência de fólhos correspondentes aos intervalos entre 1489 e 1491, e entre 1499 e 1503), utilizando como método uma projeção média das quantidades tributadas antes e depois das lacunas<sup>272</sup>. Em nossa sistematização de dados, optamos por trabalhar preferencialmente mantendo essas lacunas em aberto, e não uma média como na tabela de Gutierrez;

(b) a tabela destes autores sistematiza os registros tributários tendo como parâmetro o ano correspondente no calendário cristão, considerando que um ano tlapaneca iria de maio a maio, para o ano de 1488, por exemplo, eles contabilizam as quatro entregas de tributos como sendo a última entrega do ano 8 erva e as três primeiras entregas do ano 9 movimento. Em nossa sistematização optamos por manter o ano tlapaneca como ordenador da contabilização, de modo que, para o exemplo acima, contabilizamos as quatro entregas do ano 8 erva (1487 - 1488) em separado das quatro entregas do ano 9 movimento (1488 - 1489);

(c) os autores contabilizam todas as entregas de lâminas de ouro, de diferentes formatos, como um só item, utilizando a seguinte projeção: uma (1) lâmina triangular corresponde a meia ( $\frac{1}{2}$ ) lâmina retangular, e uma (1) lâmina quadrada corresponde a um quinto ( $\frac{1}{5}$ ) da lâmina retangular, de modo que os dados resultantes são balizados pelas lâminas de formato retangular e geram números fracionados, por exemplo, para a primeira tributação registrada no ano 7 veado, os autores indicam que foram tributadas *2,1 tabletas de*

---

<sup>272</sup> “Las cantidades tributadas presentadas en las tablas para esas fojas perdidas se estimaron por prorrateo, con base en los patrones tributarios de las fojas antecedentes y posteriores a las que están extraviadas. El error que emana de este procedimiento es estadísticamente aceptable y se acostumbra en los cálculos económicos y demográficos.” GUTIERREZ, KONIG, BRITO. 2009. p. 91.

oro<sup>273</sup>. Em nossa sistematização optamos por contabilizar cada um dos três formatos de lâminas de ouro separadamente, de modo que para esse mesmo registro do ano 7 veado optamos por contabilizar como sendo: 1 lâmina de ouro retangular, 1 lâmina de ouro triangular e 3 lâminas de ouro quadradas<sup>274</sup>;

(d) nosso objetivo central ao analisar os registros tributários tlapanecas é destacar os momentos em que ocorrem variações, alterações e/ou aumentos na tributação. De modo que, consideramos cada sequência de entregas de tributos em que coincidem exatamente a mesma quantidade e itens registrados configurando uma variação, que indicamos por meio de algarismos romanos (I, II, etc). De modo que temos ao todo 39 entregas de tributações registradas no *Reverso do Azoyú 2*, e 70 tributações registradas no *Humboldt Fragmento 1*. Considerando os registros tributários tlapanecas como um todo, ao longo de um período de 35 anos, há oito variações na tributação, que são nosso foco de análise para entender como esse processo dinâmico e crescente foi registrado e os eventos que as fontes tlapanecas registram que podem ser relacionadas aos aumentos, tema que desenvolvemos no capítulo 3.

Colocadas estas questões relativas a como fizemos a sistematização dos dados, abaixo colocamos a tabela com a sistematização completa e a computação geral dos dados dos registros tributários tlapanecas.

Quadro 6 - Sistematização dos registros tributários tlapanecas

Fólio	Ano tlapaneco	Ano*	Período**	Ouro LR	Ouro LT	Ouro LQ	Ouro PP	Mantas
F-A 8v ou F-T 1	(7 veado)	<b>1487</b>	uma entrega	1	1	3	1	0
F-A 8v ou F-T 1	8 erva		uma entrega	1	1	3	1	0
F-A 9v ou F-T 2	(8 erva)	1487	<b>anual</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>0</b>
F-A 9v ou F-T 2	9 movimento		uma entrega	1	2	6	2	0
	9 movimento	<b>1488</b>	<b>anual</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>24</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
<i>faltante - F3</i>	<i>(10 vento)</i>	<i>1489</i>						
<i>faltante - F3</i>	<i>(11 veado)</i>	<i>1490</i>						
<i>faltante - F4</i>	<i>(12 erva)</i>	<i>1491</i>						

<sup>273</sup> “La cantidad de 2,1 tabletas de oro resulta de la suma de todos los pedazos de oro del segundo renglón: 1 tableta completa, más un pedazo de  $\frac{1}{2}$ , más três pedazos de  $\frac{1}{5}$ . Así:  $2,1 = 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{5}$ ” GUTIERREZ, 2009, nota explicativa 6, p. 92.

<sup>274</sup> Se utilizamos o método destes autores de converter as possíveis frações das lâminas, nossos dados chegam aos mesmos números que eles tabelaram, não havendo portanto divergências de resultado nas quantidades computadas, e sim na forma de apresentar estes dados.

F-A 12v ou F-T 5	(12 erva)	<b>1491</b>	uma entrega	2	1	8	2	0
F-A 12v ou F-T 5	13 movimento		uma entrega	2	1	8	2	0
F-A 12v ou F-T 5	13 movimento	1492	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-A 13v ou F-T 6	14 vento		uma entrega	2	1	8	2	0
F-A 13v ou F-T 6	14 vento	1493	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-A 14v ou F-T 7	2 veado		uma entrega	2	1	8	2	0
F-A 14v ou F-T 7	2 veado	1494	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-A 14v ou F-T 7	3 erva		uma entrega	2	1	8	2	0
F-A 15v ou F-T 8	3 erva	1495	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-A 15v ou F-T 8	4 movimento		uma entrega	2	1	8	2	0
F-A 15v ou F-T 8	4 movimento	1496	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-A 16v ou F-T 9	5 vento		uma entrega	2	1	8	2	0
F-A 16v ou F-T 9	5 vento	1497	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-A 17v ou F-T 10	6 veado		uma entrega	2	1	8	2	0
F-A 17v ou F-T 10	6 veado	<b>1498</b>	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>32</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
<i>faltante - F11</i>	<i>7 erva</i>	<i>1499</i>						
<i>faltante - F11</i>	<i>8 movimento</i>	<i>1500</i>						
<i>faltante - F12</i>	<i>9 vento</i>	<i>1501</i>						
<i>faltante - F13</i>	<i>10 veado</i>	<i>1502</i>						
<i>faltante - F14</i>	<i>11 erva</i>	<i>1503</i>						
<b>F-H 1 ou F-T 15</b>	12 movimento		uma entrega	2	2	10	2	0
F-H 1 ou F-T 15	12 movimento	<b>1504</b>	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-H 1 ou F-T 15	13 vento		uma entrega	2	2	10	2	0
F-H 2 ou F-T 16	13 vento	1505	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-H 2 ou F-T 16	14 veado		uma entrega	2	2	10	2	0
F-H 3 ou F-T 17	14 veado	1506	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-H 3 ou F-T 17	2 erva		uma entrega	2	2	10	2	0
F-H 4 ou F-T 18	2 erva	1507	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-H 4 ou F-T 18	3 movimento		uma entrega	2	2	10	2	0
F-H 4 ou F-T 18	3 movimento	1508	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-H 5 ou F-T 19	4 vento		uma entrega	2	2	10	2	0
F-H 5 ou F-T 19	4 vento	1509	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>0</b>
F-H 5 ou F-T 19	5 veado		uma entrega	2	2	10	2	0
F-H 6 ou F-T 20	5 veado	1510	<b>anual</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>0</b>

F-H 6 ou F-T 20	6 erva		uma entrega	3	2	10	3	1
F-H 7 ou F-T 21	6 erva	1511	anual	12	8	40	12	4
F-H 7 ou F-T 21	7 movimento		uma entrega	4	3	10	4	2
F-H 8 ou F-T 22	7 movimento	1512	anual	16	12	40	16	8
F-H 8 ou F-T 22	8 vento		uma entrega	4	3	10	4	2
F-H 8 ou F-T 22	8 vento	1513	anual	16	12	40	16	8
F-H 9 ou F-T 23	9 veado		uma entrega	4	3	10	4	2
F-H 9 ou F-T 23	9 veado	1514	anual	16	12	40	16	8
F-H 9 ou F-T 23	10 erva		uma entrega	4	5	10	5	3
F-H 10 ou F-T 24	10 erva	1515	anual	16	20	40	20	12
F-H 10 ou F-T 24	11 movimento		uma entrega	4	5	10	5	3
F-H 11 ou F-T 25	11 movimento	1516	anual	16	20	40	20	12
F-H 11 ou F-T 25	12 vento		uma entrega	4	5	10	5	3
F-H 12 ou F-T 26	12 vento	1517	anual	16	20	40	20	12
F-H 12 ou F-T 26	13 veado		uma entrega	4	5	10	5	3
F-H 12 ou F-T 26	13 veado			4	7	10	6	4
F-H 12 ou F-T 26	13 veado	1518	anual	16	22	40	21	13
F-H 13 ou F-T 27	14 erva		uma entrega	4	7	10	6	4
F-H 13 ou F-T 27	14 erva	1519	anual	16	28	40	24	16
F-H 13 ou F-T 27	2 movimento		uma entrega	4	7	10	6	4
F-H 14 ou F-T 28	2 movimento	1520	anual	16	28	40	24	16
F-H 14 ou F-T 28	3 vento		uma entrega	4	7	10	6	4
F-H 15 ou F-T 29	3 vento	1521	anual	8	14	20	12	8
F-H 15 ou F-T 29	4 veado	1522	em branco	vazio	vazio	vazio	vazio	vazio

**Legenda:**

Ouro LR	ouro no formato de lâmina retangular
Ouro LT	ouro no formato de lâmina triangular
Ouro LQ	ouro no formato de lâmina quadrada
Ouro PP	potes com ouro em pó
	aumentos / alterações nas quantidades

**Observações:**

F-A: abreviação de fólho do Reverso do Azoyú 2. F-H: abreviação de fólho do Humboldt. F-T: abreviação de fólho total (sequência geral).

\* Ano correspondente no calendário gregoriano.

\*\* Período: são 4 entregas por ano, assim, registramos primeiro as quantidades de uma única entrega e abaixo o total daquele ano.

O glifo do ano do primeiro tributo entregue não está representado, mas foi na vintena Tlacaxipehualiztli do ano 7 veado.

Deixamos entre parênteses o ano quando ele não está registrado diretamente, mas é continuação do ano registrado no fôlio anterior.

### APÊNDICE C - Toponímia nos códices tlapanecas

Concordamos com a maioria das propostas de identificação de glifos toponímicos feitas pelos autores Vega Sosa e/ou Gutierrez, por isso o Quadro - Toponímia no *Códice Azoyú 1* permite visualizar para cada glifo qual o autor que utilizamos como referência. A lista de identificação dos topônimos do *Códice Azoyú 1* foi baseada nas propostas de Vega Sosa apresentadas nos respectivos livros explicativos do *Códice Azoyú 1* e *Azoyú 2*<sup>275</sup>, sendo que no livro deste último a própria autora revisa alguns dos topônimos propostos para o *Azoyú 1*; e no livro *Toponímia nahuatl en los códices Azoyú 1 y 2*, de Gerardo Gutierrez<sup>276</sup> e Constantino Medina Lima. As propostas de Jiménez foram extraídas do trabalho de Gutierrez (2008).

Quadro 7 - Toponímia no *Códice Azoyú 1*

Localização	Nome que adotamos em nosso trabalho	Identificação proposta por Vega Sosa (1991)	Identificação proposta por Gutierrez (2008)	Identificação proposta por Jiménez
A1.f.4, A1.f.24.2	Tlachinolticpac - Acima do lugar queimado	Tlachinolticpac - El pueblo arriba del pueblo del cerro quemado / tlachinoliztli - quemar los campos, icpac - arriba o encima de	Tlachinolticpac, Tlachinoltic - Encima del campo quemado / tlachinolli teuatl -metáfora para guerra, batalla	Tlachinoltepec
A1.f.8	Monte dividido do pássaro	Tototepec - Lugar de las aves / tototl - pájaro / tepetl - cerro / c - en	Tototepec - En el cerro del pájaro	Teocuitlapa / glifo de cuitlatl
A1.f.9.1, A1.f.10	Teteltipa - Sobre o monte de pedra	Tetzotzoncan ou Tetzotzontepec - Lugar de los que trabajan piedra / tetzotzonqui - lugar de canteros	Teteltipa - Sobre el montículo de piedra / tetl - piedra	Texmelincan ou Tetmelincan
A1.f.9.2	Coapanatoyac - No rio da serpente	Tecuanapan - Río de las fieras / tecuani - fiera	Tecuanapan (Coapanatoyac) - coatl - serpiente, apan - sobre, atoyatl - río	Coapanatoyac (Vélez)

<sup>275</sup> Vega Sosa faz suas propostas de identificação dos glifos toponímicos a partir da análise de outras fontes tlapanecas que não incluímos em nossa pesquisa: o Códice de Cualac, o Lienzo de Aztactepec y Citlaltepec, o Lienzo de Chiepetlán 1 e o Lienzo de Chiepetlán 2, o Lienzo de Totomixtlahuacan e o Códice Veinte Mazorcas. Além disso, Vega Sosa revisa a identificação de topônimos proposta por Toscano, Gerhard, Galarza, Dehouve e Barlow, cruzando esses estudos e as leituras em nahuatl propostas por Peñafiel, Orozco y Berra e Dakin. VEGA SOSA, 1991, pp. 21-32. VEGA SOSA, 2012, pp. 17-23.

<sup>276</sup> Este autor possui um trabalho somente da identificação não só da nomenclatura como dos possíveis sítios arqueológicos correspondentes a cada um desses lugares. Nesse estudo o autor apresenta o embasamento dos vestígios arqueológicos para justificar as nomenclaturas que adota e debate as nomenclaturas já propostas por Vega Sosa e por Jiménez. GUTIERREZ, 2008.

A1.f.17.1	Atzaqualoyan - Lugar da represa	autora não define esse glifo como toponímico	Atzaqualoyan - El lugar donde se tapa el agua o represa / atl - agua, tzaqua - tapar algo, yan - lugar de	Aquilpa - represa
A1.f.17.2, A1.f.20.1	Tlatzala - Na montanha dividida	Caltepemaxalco - Lugar de la casa en el cerro dividido	Tlatzallan - En la grieta entre los cerros, Quebrada de monte entre dos sierras (Colin) / Tlatzala - En la montaña dividida	
A1.f.17.3	Cacalotepeque - No monte dos corvos	Huilotepec - En el cerro de las palomas	Cacalotepeque - En el cerro de los cuervos	
A1.f.18.2, A1.f.19.3	Lugar do campo de milho	Campo de maíz cultivado	Yosonone (em mixteco) - En la llanura de los campos de maíz / Amilyxtlahuacan - Amiltepec - Xilotepec / xilo - maíz / milpa - campo	Xiloixtlahuacan - En la llanura de los jilotes
A1.f.18.1, A1.f.26, A1.f.27	glifo de templo (não consideramos um topônimo)	Vega identifica como sendo Caltitlan - Junto a las casas	autor não considera que seja um glifo toponímico de Caltitlán (p. 65)	
A1.f.19.1	Amamax - Onde se divide a água	Atliztaca - Lugar de la blanca del agua / em 2012 autora propõe que seja Atlimaxac	Atliltac ou Atliztaca - Lugar de aguas blancas - atl - agua, iztac - blanco, can - lugar	Anenecuilco - Donde se tuerce el agua
A1.f.19.2	Tlachco - Lugar do jogo de bola (pelota)	Tlachco - En el juego de pelota	Tlachco - En el juego de pelota / tlachtli - juego de pelota, co - en	
A1.f.20.2	Quecholtenanco - no lugar amurallado de quecholli	Quecholtenanco - En el lugar amurallado de flamencos	Quecholtenango - En el lugar amurallado de quecholli / tenanco - la muralla, quecholli (espécie de ave)	Cacalotenango - En la muralla de cuervo
A1.f.21.1	Totomixtlahuacan - Planície dos caçadores de pássaros	Totomixtlahuacan - Llanura de cazadores de pájaros	Totomixtlahuacan - Llanura de cazadores de pájaros / tototel - pájaro	
A1.f.21.2	Campos de cacau	autora não define esse glifo como toponímico	Campos de cacao / autor apresenta as posibilidades de ser Cacahuatepec ou a atual Azoyú (que possuía uma alta tributação de cacau)	
A1.f.22.1	Petlacala - Lugar dos campos de petate (material para fazer esteiras)	Petlacala - Lugar de las cajas de petate	Petlacala - Lugar de las cajas de petate / poderia ser Acatepec, Acatlán ou Petlacala	Tolinpetlaloya - Donde hay un cañaveral de juncias
A1.f.22.2	Acocozpan - Lugar de canais de água	Oztotzinco - Lugarcito de las cuevas / em 2012 autora propõe que seja	Oztocingo - Lugar de la cueva / oztoc - cueva	Tepeyahualco - Cerro curvo

	amarela	Acocozpan		
A1.f.24.1	Tenochtitlán - Perto do nopal de tunas vermelhas (espécie de planta cactácea)	Tenochtitlan - Cerca del nopal de tunas rojas	Tenochtitlan - Cerca del nopal de tunas rojas / nochtli - nopal de tunas vermelhas, tetl - pedra, titlan - entre	
A1.f.25	Yoallan - Lugar da noite	Yoallan - Lugar de la divinidad de la noche	Yoallan - Lugar de la noche / atualmente Igualita	
A1.f.26	Rio de Amaxac - Lugar onde a água se divide	Atlimaxac ou Atlimexac ou Amaxac - En donde se divide el agua / atl - agua	Atlamalac, Amaxac - En donde de divide el agua / poderia ser Atlamajac, Atlamajacingo del Río ou Atlamalcingo del Monte	
A1.f.28, A1.f.31.1	Atepec - No Monte de água	Atlitepec - En el cerro del agua	Atepec - En el cerro de agua	
A1.f.30.1	Tototepec - Monte dos pássaros	Tototepec - Lugar de las aves	Tototepec - En el cerro del pájaro	
A1.f.30.2	Xipetepec - Monte de Xipe (deidade)	Xipetepec ou Chiepetepec - En el cerro del dios Xipe	Chiepetec - En el cerro de Xipe / autor diferencia de outro topônimo semelhante que é Chiepetlán	
A1.f.31.3, A1.f.38.2	Acocozpan - Lugar de canais de água amarela	Acocozpan - Lugar de canales de agua muy amarilla / apan - canal, costic - amarillo, atl - agua	Acocozpan (Alcozauca) - En el agua muy amarilla ou En las aguas hediondas	Auecatla - abismo de agua muy honda
A1.f.31.2	Tetenanco - Na muralha de pedra	Tetenanco - En el lugar cercado o amurallado de piedras / tetl - piedra	Tetenanco - En la muralla de piedra / posibilidad de ser Hueycatenango	
A1.f.32.1	Rio das pegadas	autora não define esse glifo como toponímico	autor identifica como sendo um rio seco e arenoso que serviu como caminho	
A1.f.32.2	Cozcatepec - Monte dos colares	Tetenanco - En el lugar cercado o amurallado de piedras	Cozcatenango - En la muralla de collares ou Cozcatepec - En el cerro de collares / autor identifica como sendo atualmente Tenango Tepexi / cozcatl - collar	
A1.f.16, A1.f.18.1, A1.f.22.1, A1.f.27, A1.f.38.1	Tlachinollan - Lugar dos campos queimados	Tlachinollan - Lugar de los campos quemados / tlalli - campo / chichinoa - con lumbre para representar el verbo quemar	Tlachinollan - Lugar de los campos quemados ou Tierra arrasada / tlachichinolli es la cosa quemada y tlachinoa es quemar los campos a o conquistada	Tlachinollan

Quadro 8 - Toponímia no Códice Azoyú 2 e Humboldt Fragmento 1<sup>277</sup>

<b>Localização</b>	<b>Nome que adotamos em nosso trabalho</b>
A2.1.1, A2.7.2, A2.16.6	Amamaxac (ou Atlimamaxac) - Onde se divide a água
A2.1.2	Tlachco - Lugar do jogo de bola (pelota)
A2.2, A2.6, A2.14.1, A2.16.7	Yoallan - Lugar da noite
A2.3.2	Petlacala - Lugar dos campos de petate (material para fazer esteiras)
A2.3.3, A2.16.8	Acocozpan - Lugar de canais de água amarela
A2.5.1, A2.17.2	México-Tenochtitlán
A2.5.2	Huilotepec - Monte das pombas
A2.7.1.a	Rio de Amamaxac - Lugar onde a água se divide
A2.7.1.b, A2.16.5	Ichcateopan - Lugar onde está o templo de algodão
A2.12	Cozcatepec - Monte dos colares
A2.15	Campo de algodão
A2.16.1	Totomixtlahuacan - Planície dos caçadores de pássaros
A2.f.16.2	Cuitlapan (proposta de Gutierrez)
A2.16.3	Tetenanco - Na muralha de pedra
A2.f.16.4	Atlixnac (proposta de Gutierrez)
A2.f.8, A2.f.17.1	Tlachinollan - Lugar dos campos queimados
A2.3.1	Tlapa-Tlachinollan
Reverso do Azoyú 2 - B1F1	Tlapa-Tlachinollan
Humboldt - E99 F20	Atepec - No Monte de água
Humboldt - E103 F21	Çacatla (ou Zacatla) - Espécie de erva
Humboldt - E114 F23	Tetenanco - Na muralha de pedra
Humboldt - A138 F 28	Cozcatepec - Monte dos colares

<sup>277</sup> Para a toponímia do Azoyú 2 adotamos quase todos os nomes propostos no livro explicativo de Vega Sosa, com exceção de dois casos em que destacamos que a propostas é de Gutierrez.